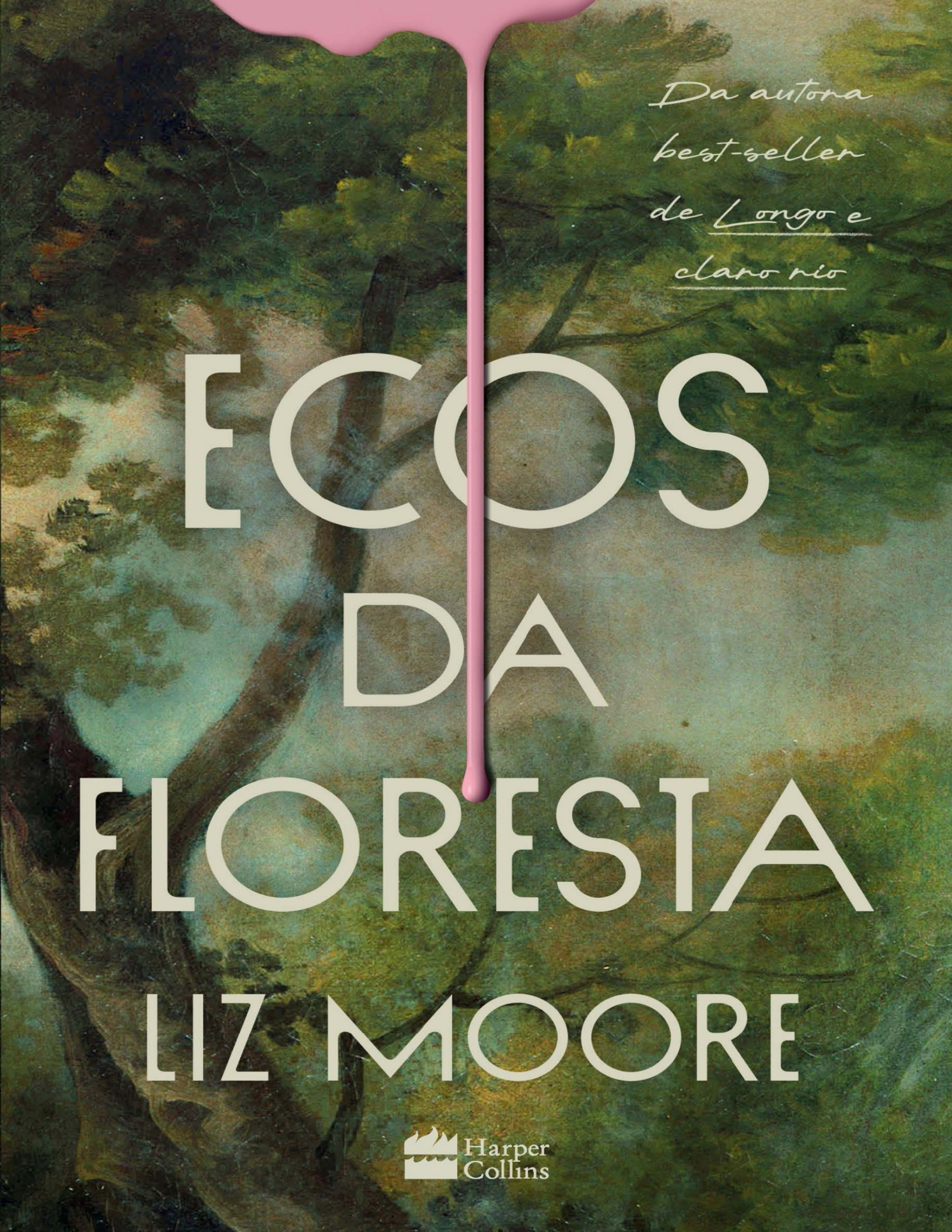

Da autora best-seller de Longo e claro rio
ECOS DA FLORESTA
LIZ MOORE
Harper Collins

ECOS DA FLORESTA

LIZ MOORE

Tradução de Ulisses Teixeira

Harper Collins

Rio de Janeiro, 2026

Copyright © 2024 by Liz Moore, Inc. Todos os direitos reservados.
Copyright da tradução © 2025 por Casa dos Livros Editora LTDA.
Todos os direitos reservados.

Título original: *The God of the Woods*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores do copyright.

Copidesque	Fernanda Marão
Revisão	Thaís Lima, Anna Clara Gonçalves e Cindy Leopoldo
Design de capa	Gracie Han
Imagem da capa	"White Horse in a Wooden Landscape", 1791, de Sawrey Gilpin. Óleo sobre tela. Foto © Christie's Images/Bridgerman Images.
Adaptação de capa	Guilherme Peres
Diagramação	Abreu's System
Produção do e-book	Ranna Studio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moore, Liz
Ecos da floresta / Liz Moore; tradução Ulisses Teixeira. – Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2026.

Título original: The God of the Woods
ISBN: 978-65-5511-885-8

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) I. Título.

25-282953 CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana 813.0872
Bibliotecária responsável: Eliete Marques da Silva – CRB 8/9380

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora Ltda. Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 601A – Centro
Rio de Janeiro/RJ – CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.harpercollins.com.br

Sumário

Dedicatória
Epígrafes
I – Barbara
II – Bear
III – Ao se perder
IV – Visitantes
V – Encontrada
VI – Sobrevivência
VII – Autoconfiança
Agradecimentos
Sobre a autora

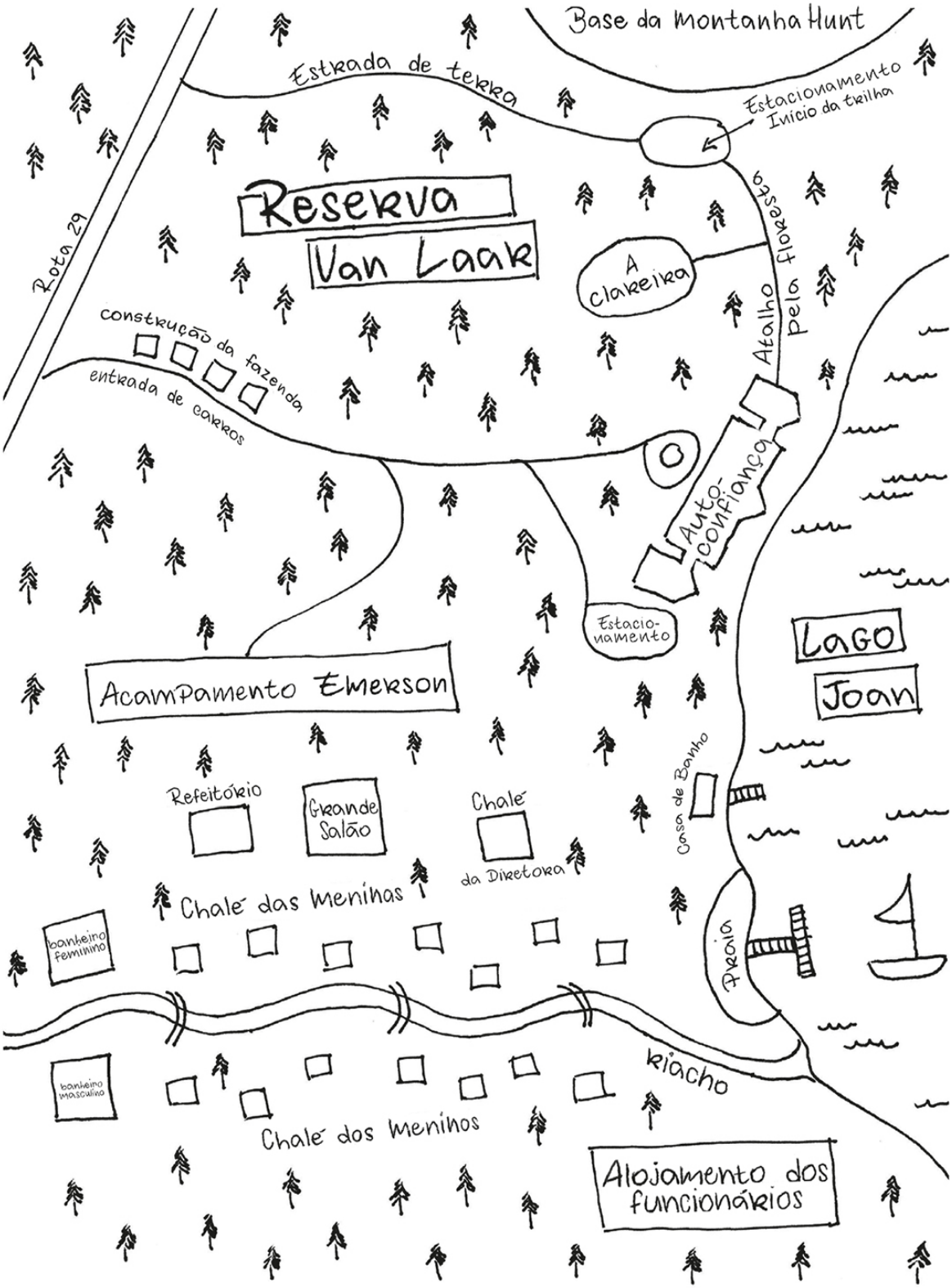
Para minha irmã, Rebecca,
que também conhece essa mata.

Ao chegarem a essa floresta, muitos andarilhos agem com incredulidade quando são informados do perigo que correm ao se aventurarem sozinhos neste passatempo. Mas podem estar certos de que não há dúvidas quanto à realidade desse perigo — o perigo de se perder na floresta. Isso é tudo o que há para temer na floresta Adirondack!

"Perdido em Adirondack: aviso aos visitantes da Floresta do Norte; o que não fazer caso se perca e como não se perder",
New York Times, 16 de março de 1890

Quão rápido, refleti, na natureza o perigo pode ser seguido pela beleza, um formando parte do outro.

Anne LaBastille, *Woodswoman*, 1976


Base da Montanha Hunt
Estrada de terra
Estacionamento
Início da trilha
Reserva
Van Laak
Rota 29
A clareira
Atalho pela floresta
construção da fazenda
entrada de carros
Auto-confiança
Estacio-namento
Lago
Joan
Acampamento Emerson
Refeitório
Grande Salão
Chalé da Diretora
Casa de Banho
Chalé das Meninas
banheiro feminino
Praia
banheiro masculino
riacho
Chalé dos Meninos
Alojamento dos funcionários

I

Barbara

Louise

Agosto de 1975

A cama está vazia.

Louise, a monitora — 23 anos, pequena, voz rouca e alegre —, está de pé, descalça, sobre as tábuas quentes e rústicas do chalé chamado Bálsamo e processa a ausência de um corpo na cama de baixo de um beliche perto da porta. Mais tarde, os dez segundos que se passam entre a observação e a conclusão vão servir como evidência de que o tempo é construído pelo ser humano, que sua velocidade pode ser reduzida ou aumentada na presença da emoção, de componentes químicos no sangue.

A cama está vazia.

A única lanterna do chalé — cuja ausência indica, mesmo durante o dia, que as campistas foram usar as latrinas — está no mesmo lugar, na prateleira ao lado da porta.

Louise dá uma volta devagar, identificando as garotas que consegue ver.

Melissa. Melissa. Jennifer. Michelle. Amy. Caroline. Tracy. Kim.

Oito campistas. Nove camas. Ela conta e conta mais uma vez.

Por fim, quando não consegue mais evitar, permite que um nome surja em sua mente: *Barbara*.

A cama de Barbara está vazia.

Louise fecha os olhos. Ela se imagina retornando, pelo restante da vida, a este lugar e a este momento: uma viajante no tempo solitária, um fantasma que assombra o Bálsamo, desejando que um corpo estivesse onde não há nenhum. Desejando que a própria menina, Barbara, entrasse pela porta e dissesse que estava no banheiro, que tinha se esquecido da regra de levar a lanterna, e pedisse desculpa sem um pingo de hostilidade, como fizera antes.

Mas Louise sabe que Barbara não fará nenhuma dessas coisas. Ela sente, por razões que não consegue articular muito bem, que Barbara desapareceu.

De todas as campistas, pensa Louise. *De todas as campistas que podiam desaparecer.*

Às 6h25, Louise atravessa uma cortina para entrar em um espaço que compartilha com Annabel, a monitora em treinamento. Ela tem dezessete anos, uma bailarina de Chevy Chase, Maryland. Annabel Southworth tem uma idade mais próxima das campistas do que de Louise, mas mantém uma postura firme, insuflando suas palavras com ironia e, em geral, faz de tudo para garantir que todas reconheçam a linha sólida que delimita os treze dos dezessete anos — uma linha concretizada pelas divisórias de compensado que separa a parte principal do chalé do canto reservado às monitoras.

Ela a sacode até acordá-la. Annabel pisca. Põe o cotovelo sobre o rosto de maneira dramática. Volta a dormir.

Louise está se dando conta de uma coisa: o cheiro de cerveja metabolizada. Tinha presumido que vinha do seu próprio corpo — da sua própria pele e boca. Com certeza bebera o suficiente na noite anterior para sentir os efeitos de manhã. Mas ali, acima de Annabel, ela se pergunta se o cheiro, na verdade, estava vindo do lado do quarto que pertencia à colega.

Aquilo a preocupa.

— *Annabel* — sussurra Louise.

Em seu tom de voz, de repente reconhece o som da própria mãe. E, de certa maneira, sente-se como sua mãe, sua mãe má, sua mãe irresponsável, em relação a essa menina.

Annabel abre os olhos. Ela se levanta e faz uma careta de imediato. Então encontra o olhar de Louise e seus olhos se arregalam, o rosto fica pálido.

— Vou vomitar — diz ela, alto demais.

Louise a manda fazer silêncio e pega o primeiro recipiente que alcança: um saco de batatas chips vazio no chão.

Annabel pega o saco. Vomita. Então levanta a cabeça, ofegando e gemendo baixinho.

— Annabel — diz Louise. — Você está de ressaca?

Annabel balança a cabeça em negação. Com medo.

— Acho que eu… — responde ela, e mais uma vez Louise a manda ficar em silêncio, sentando-se na cama da garota, contando até cinco em sua cabeça, do jeito que faz desde que era criancinha. Treinando a si mesma para não reagir.

O queixo de Annabel está tremendo.

— Acho que comi alguma coisa estragada — sussurra ela.

— Você saiu na noite passada? — pergunta Louise. — Annabel?

A garota a encara. Pensando.

— É importante — diz Louise.

Em geral, ela tem paciência com as suas monitoras em treinamento. Louise tem prática em guiá-las pelas suas primeiras ressacas. Não se importa quando aproveitam um pouco as noites de folga. Esse ano ela é a monitora-chefe, e geralmente faz vista grossa a comportamentos que considera inofensivos. Até participa deles quando acha o momento propício. Mas, de resto, mantém a mão de ferro: no início do verão, o primeiro monitor que não conseguiu acordar na hora após uma noite de farra foi proibido de participar das festas seguintes, e aquilo pareceu servir de exemplo suficiente para que ninguém repetisse o erro.

Até aquele momento. Porque, na noite anterior, enquanto Louise estava fora, era a vez de Annabel estar de plantão. E Annabel, pelo visto, não estava.

Louise fecha os olhos. Repassa os eventos da véspera.

Houve um evento na sala comunitária: o baile do fim da temporada, para o qual todos os campistas, monitores e monitores em treinamento deviam comparecer. Ela se lembra de notar, a certa altura, que Annabel tinha sumido — ao menos não a vira por perto —, mas Louise tem certeza de que ela voltara no final do baile.

Porque, às 23 horas, quando Louise fez uma contagem rápida, Annabel estava lá, junto às nove campistas — sim, nove — que

acenaram de forma doce para Louise enquanto desejavam boa-noite. Ela ainda consegue vê-las de costas, caminhando em pequenos grupos na direção do Bálsamo.

Foi a última vez que as viu. Louise, sabendo que Annabel estava no comando, seguiu caminho sozinha.

A seguir, ela tenta visualizar as camas das campistas quando entrou no chalé na ponta dos pés no fim da noite, bem depois do toque de recolher. Isso teria acontecido às… o quê? Duas da manhã? Três? Imagens voltam em fragmentos: a boca aberta de Melissa R., o braço de Amy jogado na direção do chão. Mas a própria Barbara não está em lugar nenhum nessas lembranças. Nem sua ausência.

Uma recordação diferente surge: John Paul, na Clareira, girando os braços, primeiro na direção dela, depois na de Lee Towson. John Paul com seu jeito de menino rico chamando para a briga, brandindo os punhos como se estivesse entrando num ringue. Lee, feroz e impetuoso, ainda vestindo o avental do turno do jantar. Ele derrubou John Paul num instante, deixando-o no chão, piscando distraído para os galhos acima.

Alguma coisa ruim vai acontecer. Sempre acontece quando John Paul desconfia de que ela está enganando ele.

Mas, dessa vez, ela não estava.

Annabel levanta a cabeça, puxando o ar. Põe a mão sobre os olhos.

— Sabe onde Barbara está? — pergunta Louise, indo direto ao assunto.

Não há muito tempo, logo as garotas no outro quarto vão acordar.

Annabel parece confusa.

— Van *Laar* — diz Louise, e então repete, a voz mais baixa. — Nossa campista.

— Não — responde Annabel, e cai deitada na cama.

É nesse momento, claro, que o toque da alvorada vibra nos alto-falantes instalados nas árvores por todo o acampamento — significando que, do outro lado da divisão de madeira compensada, oito garotas de doze e treze anos estão despertando de forma

relutante, dando seus pequenos grunhidos, exalações e suspiros, levantando-se com a ajuda dos cotovelos.

Louise começa a andar de lá para cá.

Annabel, ainda na horizontal, a observa, começando a entender o problema.

— Annabel — diz Louise. — Você precisa ser sincera comigo. Você saiu na noite passada? Depois que as campistas foram dormir?

Ela prende a respiração. Então, solta o ar. Assente. Seus olhos, Louise nota, estão se enchendo de lágrimas.

— Sim, saí — confessa.

Há um tremor infantil em sua voz. Ela quase não se meteu em problemas durante a vida, disso Louise tem certeza. É uma pessoa que, desde o nascimento, foi informada de seu valor no mundo. De como deixa outras pessoas felizes. Ela começa a chorar abertamente, e Louise precisa se esforçar para não revirar os olhos. Do que Annabel tem medo? Não há nenhum risco para ela. Tem apenas dezessete anos. A pior coisa que pode acontecer a Annabel é ser demitida e mandada colina acima para ficar com seus pais ricos — que, na verdade, são amigos dos donos do acampamento. Que por sua vez, neste exato momento, estão com a casa que mantêm na área do acampamento cheia de hóspedes. No entanto, a pior coisa que pode acontecer a Louise — uma *adulta*, pensa, castigando a si mesma —, a pior coisa que pode acontecer é… bem. *Não se afobe*, diz para si mesma. *Apenas foque o agora.*

Ela caminha até a cortina e a puxa de leve. Ao fazer isso, seu olhar cruza com o de Tracy, a companheira de beliche de Barbara, uma menina calada que para no meio da escada, aparentemente notando o problema.

Louise larga a cortina.

— Ela desapareceu? — pergunta Annabel.

Mais uma vez, Louise a manda falar mais baixo.

— Não fale *desapareceu* — responde. — Ela não está na cama.

Louise analisa o quartinho das duas, buscando evidências do comportamento de ambas na noite passada. Ela reúne o que encontra num saco de papel marrom: uma garrafa vazia de cerveja, que bebeu ao voltar da Clareira; a bituca de um baseado, que fumou em algum

momento; e saco de batatas chips cheio de vômito, que manuseia com dois dedos rígidos.

— Tem mais alguma coisa que você não quer que ninguém encontre? — pergunta a Annabel, que balança a cabeça.

Louise fecha o saco de lixo e o amassa, deixando-o mais compacto.

— Escuta — diz ela. — Talvez você precise cuidar das campistas hoje de manhã. Não sei ainda. Se isso acontecer, precisa se livrar deste saco. Basta colocar no compartimento de lixo quando estiverem indo tomar café da manhã. Precisamos nos livrar dessa coisa. Pode fazer isso?

Annabel assente, com o rosto ainda esverdeado.

— Por enquanto, fique aqui. Não saia por um tempo. E não… — Louise hesita, procurando palavras que soam sérias, mas não autoincriminatórias . Ela está, afinal, falando com uma criança. — Apenas ainda não diga nada sobre a noite passada para ninguém. Me deixe pensar em algumas coisas.

Annabel continua quieta.

— Tudo bem? — pergunta Louise.

— Tudo.

Ela vai falar assim que perguntarem, pensa Louise. Vai contar sem hesitar tudo o que aconteceu na noite passada e tudo que sabe a qualquer figura de autoridade. Vai chorar nos ombros da mãe e do pai, que provavelmente nem entendem o poema que escolheram para homenagear ao batizar sua filha, e será consolada por eles, e voltará a fazer suas aulas de balé, e, no ano que vem, entrará na Cassar, ou na Radcliffe, ou na Wellesley após a escola preparatória, e vai casar com o rapaz que seus pais escolheram — eles já tinham alguém em mente, ela confessou — e nunca, nunca vai pensar de novo em Louise Donnadieu, ou o destino que recairá sobre Louise, ou os problemas que Louise terá, pelo resto da vida, toda vez que tentar arrumar um emprego, conseguir uma casa, ajudar a mãe, que no momento já está há sete anos incapacitada ou indisposta para trabalhar. Ajudar seu irmãozinho, que, aos onze anos, nada fizera para merecer a vida que recebera.

Na frente dela, Annabel se engasga e se recupera.

Louise coloca as mãos na cintura. Respira. *Calma*, diz a si mesma.

Ela endireita os ombros. Puxa a cortina. Começa o trabalho de fingir ignorância e surpresa para esse pequeno grupo de meninas que — ela engole a vergonha como um comprimido — a admiram, que frequentemente a procuram em busca de conselhos e proteção.

Louise entra no quarto ao lado. Faz uma varredura nas camas. Franze as sobrancelhas para demonstrar confusão.

— Cadê a Barbara? — pergunta a elas, com a voz nítida.

Tracy

Dois meses antes
Junho de 1975

As campistas aprendem três regras no momento de sua chegada.

A primeira se refere à comida nos chalés e como ela deve ser consumida e guardada (de forma cuidadosa, organizada).

A segunda diz respeito à natação: uma atividade que não deveria, de maneira alguma, ser praticada sozinha.

A terceira — a mais importante, como evidenciada pela forma como era divulgada em letras garrafais e em diversos locais comunitários — era AO SE PERDER, SENTE E GRITE.

Na hora, a advertência pareceu quase engraçada para Tracy. O aviso foi repetido mais tarde, naquela noite, na fogueira de boas-vindas; sua lógica seria explicada. Mas apresentada daquela maneira, naquele momento, de forma direta e sucinta, por um monitor que fez um discurso sem pontuação ou emoção — a frase a fez olhar para o outro lado e engolir uma risada nervosa. AO SE PERDER, SENTE E GRITE. Ela tentou imaginar: sentar-se no lugar em que estava. Abrir a boca. Gritar. *Que barulho sairia dela?*, pensou. Que palavra ou palavras? *Socorro*? *Me ajudem*? Deus me livre — *Por favor, me encontrem*? Era vergonhoso demais pensar naquilo.

Seu pai a pagara para ir.

Foi preciso, após uma semana de negociações que resultaram num impasse de um fim de semana no quarto dela: dinheiro vivo, cem dólares — metade do qual estaria à sua espera quando retornasse.

O que ela queria fazer naquele verão era simples: queria passar o dia inteiro na sala da casa vitoriana em Saratoga Springs que sua família alugava havia uma década a cada temporada de corridas.

Queria fechar as persianas, abrir as janelas, apontar todos os ventiladores da casa na sua direção e se deitar no sofá, levantando-se apenas para preparar lanches elaborados para si mesma. E queria ler: essa era a atividade principal.

Esta tinha sido sua rotina por cinco verões consecutivos. Ela esperava que o verão de 1975 não fosse diferente.

Mas seu pai — que se divorciara de sua mãe havia menos de um ano — conseguira, em sucessão rápida, uma namorada, uma casa de veraneio mais sofisticada e a opinião de que Tracy não deveria ficar deitada durante todo o verão sem nada para fazer. Foi o que ele disse à filha enquanto iam para a casa da mãe dela em Long Island no meio de junho. (Ela percebeu muito bem que ele esperou para revelar seu plano até estarem a mais da metade do caminho para Saratoga.) A verdadeira razão, pensou ela, era se livrar da filha por dois meses. Para que ele e a namorada já mencionada pudessem circular pelo lugar sem ter uma menina mal-humorada de doze anos atazanando. Por que ele lutara tanto para ter a custódia dela durante todo o verão, Tracy se perguntara, se ia simplesmente lhe dar as costas e mandá-la para longe?

Ele nem se deu ao trabalho de levá-la para o Acampamento Emerson. Relegou a tarefa a Donna Romano, a namorada, ainda um nome e um sobrenome para Tracy.

— É dia de corrida — dissera seu pai, quando Tracy o acuara no corredor e implorara para ele ir. — Tenho que ir pra Belmont. O Second Thought vai correr às duas.

O pai era filho de um jóquei, mas cresceu demais para seguir seus passos. Ele se tornara cavaleiro de treino, responsável por condicionar cavalos de corrida, depois treinador e depois proprietário de cavalos, com as circunstâncias de suas vidas mudando a cada empreitada. Quando Tracy nasceu, os três moravam num trailer na entrada da garagem de sua avó materna. Agora moravam numa casa grande com um portão de prata em Hempstead, Nova York. Bem, na verdade, quem morava ali eram Tracy e sua mãe.

— Sobre o que a gente vai *conversar*? — questionou, mas ele apenas balançou a cabeça e colocou duas mãos suplicantes sobre seus ombros.

Ela de repente notou que estava da mesma altura que ele, seu próprio pai. Ela tivera um estirão de crescimento recentemente que a deixara com mais ou menos 1,80 metro, criando uma corcunda quando ficava parada.

— Em teoria, esse lugar é de primeira. Do balacobaco — disse o pai, usando a mesma descrição vergonhosa que usara ao falar de suas intenções pela primeira vez. — Aposto que vai acabar gostando.

Ela se virou para a janela. Através dela, viu Donna Romano ajustando o sutiã e conferindo seu reflexo na janela do carro. Era um Stutz Blackhawk novinho em folha com tapetes felpudos no chão e um motor cujo ronco lembrava a voz do pai. "De linha", dissera ele quando a pegou em Hempstead. Parecia que tudo na vida de seu pai era novo. Casa de veraneio, namorada, filhote de pequinês, carro. Tracy era a única coisa antiga em sua órbita, e mesmo ela estava sendo expulsa.

Acontece que Donna Romano fumava sem parar. Entre tragadas, ela fez perguntas sobre a vida de Tracy, questões que claramente guardara para essa viagem. Quando não estava ocupada respondendo, Tracy dava uma olhada em Donna Romano. Ela era muito bonita. Normalmente, Tracy teria adorado isso. Ela adorava mulheres bonitas. Adorava as garotas mais populares da escola — embora *reverenciava* talvez fosse uma palavra melhor, já que boa parte dela na verdade as odiasse. Ainda assim, era fascinada por elas, talvez devido ao fato de que, fisicamente, elas fossem seu oposto, e por isso pareciam, de alguma maneira, espécimes que ela queria examinar de forma extensiva sob um microscópio. A maioria de suas colegas tinha cabelo longo e liso, dividido ao meio, mas o cabelo de Tracy era cheio, ruivo e indomável. Algumas das suas colegas tinham sardas delicadas, mas as de Tracy eram tão pronunciadas que ela recebera o apelido de Ligue os Pontos, ou LOP para abreviar, por um grupo de garotos da sexta série. Ela precisava usar óculos, tinha um par que nunca usava, e

por isso apertava os olhos com frequência. Certa vez, de maneira casual, seu pai dissera que o corpo de Tracy era como uma ameixa com palitos de dente. A frase era ao mesmo tempo tão cruel e poética que se encaixou nela como um arreio.

A estrada mudou de asfalto para cascalho e depois terra. Casas arruinadas surgiam a cada poucos minutos, os gramados reaproveitados como cemitérios para veículos enferrujados. Era estranho o contraste entre beleza natural e decadência causada pelo homem, e Tracy começou a se perguntar se estavam no caminho certo.

E então, enfim, uma placa apareceu. *Reserva Van Laar*, dizia. As instruções enviadas pelo correio indicavam que aquela era a placa a ser seguida.

— Por que será que eles não colocam o nome do acampamento na placa? — refletiu Donna Romano.

Talvez fosse para que pervertidos não pudessem encontrá-lo, pensou Tracy. Isso com certeza seria o que seu pai teria dito. Contra sua vontade, ouvia com frequência a voz dele como uma espécie de presença que narrava sua vida. Aquele ano — o primeiro do divórcio — foi o período mais longo que ficaram separados.

A verdade é que, quando criança, ela era sua sombra, amava-o sem reservas, seguia-o para todos os lugares, levando cenouras, de mãos abertas, aos focinhos aveludados de seus cavalos favoritos. Embora preferisse morrer a admitir isso, Tracy sentia muita saudade dele e passara a maior parte de seu último ano escolar antecipando um verão ao seu lado.

A estrada de terra se bifurcava. A seta para a direita as direcionou para O ACAMPAMENTO EMERSON: ONDE AMIZADES SÃO FEITAS PARA A VIDA TODA. E então as árvores se abriram para um gramado com vários prédios rústicos de madeira enfileirados. Na frente deles havia um monitor solitário de pé atrás de uma mesa dobrável, na qual um cartaz, enrugado de umidade, dava boas-vindas de forma nada convincente.

O monitor se aproximou do Blackhawk com uma pasta e entregou-a para Donna através da janela. Então ele formalmente anunciou as Três Regras do Acampamento Emerson como um pregoeiro — incluindo a última, a mais importante, uma frase que ecoaria na cabeça de Tracy por dias, por semanas. Pelo resto de sua vida.

Ao se perder, sente e grite.

Tracy teve dificuldade de imaginar quão perdida teria que estar antes daquela opção parecer o certo a ser feito. Sua voz vinha diminuindo continuamente desde o nascimento, de modo que, aos doze anos, ela mal podia ser ouvida.

Muito perdida, decidiu, por fim. Profunda e irreversivelmente perdida.

— Você ficará no Bálsamo — disse o rapaz, interrompendo seus pensamentos. Ele estendeu um longo braço para a direita. Donna Romano pisou no acelerador, e o Blackhawk seguiu em frente.

Alice

Junho de 1975

Os últimos pais estavam indo embora.

Do solário da casa no topo da colina, Alice observava os carros passando, com os limpadores de para-brisa ligados, em lento desfile.

O Acampamento Emerson ficava a quase um quilômetro de distância, mas a casa principal da Reserva — Autoconfiança, como era chamada — fora construída no cume da montanha, e de lá ela podia ver tudo ao redor: a leste, o lago Joan; a oeste, a longa entrada de veículos que levava à estrada para a cidade; ao sul, o Acampamento Emerson; ao norte, a floresta. A montanha Hunt e suas colinas.

Ela estava parada ali havia duas horas. Noventa e um carros tinham passado até aquele momento. Dentro de todos eles tinha um ou dois pais, deixando uma ou algumas crianças para trás.

Aquele era um ritual de Alice desde que se casara com Peter van Laar, 23 anos antes. Desde seus dezoito anos, a cada primeiro dia de acampamento, ela ficava parada naquela janela na frente da Autoconfiança, observando, às vezes com uma criança nos braços, às vezes sozinha. Ela gostava de imaginar as famílias nos carros. Gostava de inventar nomes e problemas para elas.

O último carro desapareceu de vista. Alice se endireitou. Olhou para o relógio às suas costas: 16h45. Sua contagem regressiva diária estava em andamento: às cinco da tarde poderia tomar uma das pílulas que o dr. Lewis havia prescrito para seus nervos. Uma era a dose recomendada — embora duas não fossem lhe fazer mal "em dias muito ruins". Com isso, o dr. Lewis queria dizer os dias em que ela pensava muito em Bear.

Duas, então.

Um baque no corredor: a batida da aldrava de ferro na porta da frente. Era T.J.

Naquela manhã, Alice enviara um recado à diretora solicitando uma reunião.

Ela tirou do bolso o pequeno frasco de vidro. Mastigou os dois comprimidos quinze minutos antes.

Então fechou os olhos, ensaiando em sua mente as palavras que usaria.

É a Barbara, ela diria. *Ela gostaria de ir para o acampamento.*

Já fazia cinco anos que T.J. Hewitt era a diretora do Acampamento Emerson. Ela não queria aquele trabalho; seu pai, Vic, ela insistira, era perfeitamente capaz de continuar no cargo que havia desempenhado de forma belíssima por décadas.

No entanto, a enfermidade de Vic — primeiro física, depois mental — tornou-se impossível de ignorar no verão de 1970, quando ele assustou vários campistas gritando coisas sem sentido no primeiro dia da temporada. Na frente dos pais, ainda por cima. Os pais, indignados, foram até a casa principal para reclamar. E Peter exonerou Vic na mesma hora, assegurando aos responsáveis que ele supervisionaria pessoalmente a temporada até que um substituto adequado fosse encontrado.

Eles procuraram por um substituto por pouco tempo até Peter sugerir que T.J. assumisse as antigas funções do pai. Alice fora contra. Ela era jovem e mulher. Quem já tinha ouvido falar de uma zeladora? Mas Peter insistira. Encontrariam alguém para substituí-la em algum momento, dissera ele.

Até aquele momento, não tinham encontrado. Ninguém que tivesse a aprovação de Peter. E então, como acontecera com seu pai, T.J. ocupava os dois papéis: o de zeladora da Reserva no outono, no inverno e na primavera, e diretora do acampamento no verão. Ela ainda morava no chalé em que crescera, que também servia como escritório da diretora do acampamento e casa de repouso de Vic Hewitt durante a maior parte do ano.

Na soleira do cômodo, T.J. pigarreou. Parecia desconfortável e infeliz; embora, justiça seja feita, ela assumisse aquela expressão sempre que

estava no interior de um prédio. A floresta era seu domínio.

— Olá, T.J. — disse Alice, e T.J. assentiu, evitando um tratamento direto.

Desde que a conhecera, T.J. nunca a chamara pelo nome. Havia uma arrogância nela que Alice sempre achou irritante. Não era assim com Peter, pensou; pelo contrário, com Peter ela era atenciosa. — Sente-se.

Alice então a observou dar uma volta completa, procurando um lugar que transmitisse o mínimo de comprometimento, a maior sensação de pressa. Ela enfim se acomodou num pufe. Sentou-se bem na beirada. Cotovelos nos joelhos. Cabeça baixa.

Os cabelos estavam curtos, cortados recentemente em formato de tigela. Estavam tão tortos e errados que Alice imaginou que T.J. devia ter feito o serviço ela mesma. Era difícil conciliar a mulher sentada diante dela com a garota que conhecera 23 anos antes, quando pisou pela primeira vez naquele local: três anos de idade, sempre em movimento, seguindo o pai de um lugar para outro. Ela era *Tessie Jo* na época, um nome enfeitado, um nome para uma boneca, uma vaca ou algum tipo de artista, completamente inapropriado para uma criança tão estoica. Aos dezesseis anos ela adotara um nome mais andrógino, mas mantivera o cabelo numa trança grossa por mais uma década. Até aquele momento.

— Como vai? — perguntou Alice.

Ela pegou uma bala de menta da tigela ao seu lado, que as empregadas mantinham abastecida. As rosas eram as melhores.

— Tô bem — respondeu T.J., com aquele sotaque.

Aquele *sotaque*. Alice estava na região há mais de duas décadas e ainda o achava difícil de escutar.

— Seu pai está bem?

— Bem o suficiente.

— Algum problema com as instalações este ano?

— Não — disse T.J., então deu um tapa em algo invisível na parte de trás do pescoço. Depois, deu uma olhada na mão.

— Vou direto ao assunto — disse Alice. — Imagino que o sr. V. já tenha falado com você, não? — Ela fez uma pausa, esperando a resposta de T.J., porque, na verdade, não fazia ideia se Peter tinha

falado com a moça. Desde quinta-feira, quando ele partira para Albany, não tinha notícias do marido. Tudo o que sabia era que Barbara ainda estava em casa.

T.J. balançou a cabeça. Não.

Alice soltou o ar. Claro, pensou — claro que Peter não tinha falado nada. Afinal, ela sempre podia contar com a promessa de que ele se esquivaria de cada um de seus deveres, que falharia com ela — falharia com Barbara — todas as vezes, que estaria ausente de suas vidas quando se tornassem difíceis. O que significava que, nos últimos tempos — do jeito que a garota estava agindo — ele quase nunca estava em casa, e em geral não anunciava suas partidas. Seus retornos eram igualmente silenciosos.

T.J. se mexeu e endireitou as costas.

— Bem — disse Alice, forçando-se a falar de forma alegre, leve. — Então isso será novidade para você. Nós decidimos (Barbara havia decidido) que gostaríamos que nossa filha fosse ao acampamento este ano.

Ela sorriu de leve, como se estivesse dando uma boa notícia.

Sabia que T.J. não gostaria daquilo. Era uma das razões pelas quais adiara tanto dar a notícia. Por gerações, houve uma divisão estrita entre a família Van Laar — banqueiros de Albany, amantes da vida ao ar livre, mas sossegados — e seu acampamento, que sempre foi território dos Hewitt. Primeiro Vic. Agora, sua filha. Também havia o fato de que T.J. gostava que as coisas fossem feitas de uma maneira particular, em uma ordem particular. Ela ficaria irritada, Alice imaginou, com um pedido tão tardio.

Mas, por um instante, algo passou pelo semblante de T.J. que Alice não conseguiu identificar. Tristeza? Raiva? Ela não olhava diretamente para Alice. Desde que entrara na sala, a moça fixou o olhar para a direita da cabeça dela.

T.J. balançou a cabeça uma segunda vez.

— Desculpe — disse ela. — Não dá.

Alice a encarou.

Havia tanta confiança, tanta determinação, na voz de T.J. Hewitt. Como se ela tivesse o direito de ter uma opinião sobre tudo isso, pensou Alice. Como se ela fosse a chefe, e não a funcionária.

Alice inspirou. A menta em sua boca já tinha se dissolvido completamente. Ela pegou outra bala da tigela e a mordeu antes de responder.

— Significaria muito para nós — falou. — Sei que você é próxima de Barbara. Tenho certeza de que notou que ela tem tido… dificuldades. Anda agressiva. Achamos que seria bom para ela fazer novos amigos.

Bem, era o que Alice achava, pelo menos. Peter não tinha certeza. Mas havia tantos motivos para deixá-la ir… entre eles, ela não estaria em casa durante a festa. A primeira que dariam em catorze anos. Iam celebrar os cem anos da Reserva, duas dúzias de amigos e parentes se hospedariam com eles por uma semana em agosto. Na última vez que receberam convidados para jantar em Albany, Barbara saíra do quarto apenas uma vez. Ela estava usando uma espécie de… fantasia, na verdade: os cabelos tingidos de uma cor horrível, os olhos com um delineador preto forte. A prima de Peter, Garland, caiu na gargalhada, o que fez Barbara recuar e bateu a porta. Ela manteve a cor dos cabelos e o delineador desde então, apesar das advertências de Alice.

Se Barbara fosse ao acampamento, eles não teriam que se preocupar com isso dessa vez.

T.J. olhou para o chão.

— Você já contou a ela? — perguntou a moça.

— Sobre o acampamento? — disse Alice. — Foi ela quem pediu para ir.

— Não — disse T.J. — Sobre o que vai acontecer no outono.

Alice fez uma pausa. Balançou a cabeça.

— Vou contar a ela no final do verão. — Então, num instante de inspiração: — Vou contar no final da temporada no acampamento.

— A temporada está em andamento — disse T.J., daquele jeito dela.

— Acabou de começar.

— Os chalés estão lotados.

Uma lenta incredulidade começou a crescer no peito de Alice, e, ainda assim, ela sentia que algo a silenciava, pois não conseguia acessar suas reservas mais profundas de raiva, aquelas que usava com Peter quando realmente precisava ser ouvida.

O remédio, ela se lembrou. Os comprimidos estavam exercendo sua influência, afrouxando os nós em seus ombros, enviando uma onda de alívio pela frente e as costas, uma cachoeira cálida e calma. *Foco*, disse a si mesma.

Alice observou os objetos no cômodo ao seu redor: um truque que o dr. Lewis lhe ensinara. *Relógio de pêndulo. Plantas crescendo. Piso de solário com ladrilhos de pedra.*

Ela voltou a falar, tomando cuidado com a forma como articulava. Sua língua era uma lesma gorda em sua boca.

— Você conhece Barbara tão bem — disse Alice. Melhor do que eu, pensou, contra sua vontade. — Sabe que isso fará bem a ela.

Mas T.J. já estava de pé, se preparando para ir embora. Se tivesse um chapéu, ela o teria colocado na cabeça.

Um verão inteiro, pensou Alice. Um verão inteiro sem Barbara, sem suas malcriações, sem seus chiliques, sem as horas que passava chorando alto, perturbando os empregados. Todos eles fingindo educadamente não ouvir. Mas ouviam, cada um deles, e Alice também. Como seria agradável ter esses meses só para ela, enquanto a filha estivesse longe, mas segura, colina abaixo. Ocupada. Contente.

— É melhor eu voltar — disse T.J.

Alice sorriu. O remédio estava fazendo ela baixar a guarda. Havia palavras em sua garganta que normalmente prendia com os dentes. Ela fez isso durante a maior parte de sua vida, com Peter, com todo mundo. Em geral, Alice era talentosa na arte de ficar calada.

Mas não naquele dia.

— Não é de fato uma escolha sua — falou Alice. — Tem que acontecer.

— Ou o quê? — disse T.J., de forma abrupta.

Alto demais, pensou Alice. Por que todo mundo precisava falar tão alto, o tempo todo?

Silêncio: era tudo o que ela queria.

Alice abriu a boca. Nenhuma palavra saiu.

Um minuto se passou, ou talvez cinco. Ela sentiu o sono chegando. Sabia que deveria estar envergonhada por sua postura, pela maneira como sua cabeça estava inclinada para o lado — mas essa emoção

também era inacessível, abstrata, algo que entendia conceitualmente, mas que não conseguia alcançar.

— Foi ideia do sr. Van Laar — disse Alice, por fim. — É o que ele quer.

Um último recurso. Era vergonhoso ter que usá-lo. Era vergonhoso, pensou, que suas próprias palavras não tivessem peso naquela casa.

T.J. olhou para ela. Decidindo se deveria acreditar em Alice ou não. E então sua expressão mudou para a resignação.

— Tá bom. Vamos colocar um beliche no Bálsamo. Ela vai começar amanhã.

Sem mais perguntas, T.J. saiu da sala. Saiu da casa.

Se Bear estivesse aqui.

Alice interrompeu o pensamento. O dr. Lewis tinha avisado que ela não deveria se entregar a essas fantasias. Cada vez que sua mente se voltava para algo parecido, ela deveria se reconectar com a realidade. E, ainda assim, a visão veio com força: se Bear estivesse aqui, ele seguiria T.J. porta afora. Ela fechou os olhos, permitindo-se — só por um instante — lembrar de seu filho, vibrante, encantador, seguindo T.J. Hewitt por todo o terreno. *Tessie, Tessie*. Sua voz alta e doce, do outro lado de uma fina cortina entre o mundo dela e o dele. Ela podia ouvi-la facilmente.

Na chaise, Alice virou a cabeça para observar pela parede envidraçada do solário. T.J., indo embora, parou no gramado, tirou algo do bolso, colocou a mão na boca. Cuspiu. *Mascar*, era como os homens chamavam aquilo. Um hábito nojento.

Alice espreitou as costas de T.J. Hewitt até a moça sumir de vista. Sua forma era alta, magra e graciosa, e refletiu, não pela primeira vez, que ela poderia ter sido bonita.

Aquele era o verdadeiro pecado, pensou Alice. A maneira como ela havia arruinado sua aparência.

O som de passos chamou sua atenção. Pesados e lentos: Barbara.

Provavelmente indo para a cozinha. Seu lugar favorito nos últimos tempos. Ela fez uma careta.

No dia anterior, Alice pedira à nova cozinheira — cujo nome não conseguia lembrar — para parar de dar comida a Barbara com tanta frequência. Para inventar desculpas se fosse preciso. Mas a garota podia ser muito manipuladora, Alice sabia, e ela tinha pouca fé na capacidade da cozinheira de lidar com a filha.

Ela foi até a soleira da cozinha e parou ali, tentando ficar em silêncio.

Lá estava Barbara, é claro, olhando para o conteúdo da despensa, de costas para o cômodo. Ela usava short e camiseta, e Alice notou, com uma espécie de aversão, que sua bunda antes insubstancial estava redonda, e suas pernas eram pernas de mulher. Atrás de Barbara, a cozinheira chamou a atenção de Alice. Levantou as mãos, como se não pudesse fazer nada.

Alice não gostava de avaliar o corpo da filha dessa maneira. Ela entendia que era pouco gentil; e, ainda assim, também acreditava que parte do dever de uma mãe era ser a primeira e melhor crítica da filha; fortalecê-la durante a infância para que, na fase adulta, ela pudesse suportar com graça todo ataque ou insulto lançado em sua direção. Esse era o método que sua própria mãe usara com ela. Alice não tinha gostado na época, mas agora entendia.

— Barbara — chamou, e sua filha deu um pulo, e então se virou, com um pedaço de pão debaixo do braço.

Por um instante apenas, Alice sentiu ternura pela menina. Ela sempre foi assustadiça, desde criança, o único bebê na Terra que não gostava de brincar de esconde-esconde, que chorava quando levava um susto, mesmo que fosse de brincadeira.

— O jantar é às 19h30.

Com calma, Barbara colocou o pão no balcão e começou a cortá-lo.

— Você me escutou? — perguntou Alice.

Barbara assentiu. Pegou a manteiga. Espalhou sobre o pão. Manteve a cabeça abaixada. Dessa posição, era possível ver um centímetro de cabelos louros em sua nuca; o restante ainda era aquele preto terrível e opaco. O rosto dela, pelo menos, era bonito. Nenhuma tintura ruim poderia mudar isso.

A cozinheira observava tudo, inútil. Ela era uma coisinha minúscula, talvez 25 anos, casada, a julgar pelo anel simples no dedo.

Alice suspirou. Não havia sentido em dizer nada — não naquele dia. Barbara ficaria fora pelo resto do verão. Que mal havia em deixá-la se deliciar com mais um pouco de pão, manteiga e geleia?

— Acabei de falar com T.J. — disse Alice, e finalmente a garota olhou para cima.

Ali, enfim, estava a versão de Barbara que ela amava. Algum sinal de animação no rosto e nos olhos.

— E? — perguntou Barbara.

— Ela disse que você pode começar no acampamento amanhã.

Triunfo. Barbara olhou rápido para baixo, mas Alice podia ver que ela estava se esforçando para manter a boca reta, impedindo um sorriso.

— Vou mandar alguém fazer suas malas — disse Alice.

Seria bom, pensou Alice. Aquilo seria bom. Passar um tempo longe uma da outra. As coisas melhorariam assim.

Tracy

Junho de 1975

Assim, Tracy aprendeu, era o Acampamento Emerson:

Três prédios formavam a extremidade mais ao norte, próxima da casa principal na colina. Um era o refeitório, onde faziam suas refeições; o próximo era um prédio chamado Grande Salão, que continha uma enfermaria, duas salas pequenas que podiam ser usadas para atividades em dias chuvosos e uma sala grande comunitária que era usada sobretudo para bailes e apresentações que exigiam um palco. O terceiro prédio no pequeno aglomerado era o Chalé da Diretora. Os únicos campistas que já tinham visto o interior do Chalé da Diretora eram os que tinham se metido em problema.

Ao sul das propriedades ficava o restante do acampamento. Perto do lago, a leste, havia uma pequena faixa de areia e uma casa de barcos. Um longo prédio chamado Alojamento dos Funcionários ficava na fronteira sul do terreno — era onde os funcionários da cozinha e outros colaboradores sazonais residiam. Ao norte dele, havia catorze chalés — sete para meninos, sete para meninas — dispostos em duas linhas nos lados opostos de um riacho que podia ser atravessado por pequenas pontes aqui e ali. Cada um tinha o nome de uma árvore ou flor de Adirondack.

O chalé de Tracy, Bálsamo, era iluminado por dentro por lâmpadas amarelas quentes que pendiam do teto. À noite, as mesmas lâmpadas convocavam um exército de insetos através das telas esfarrapadas nas janelas.

O chalé era mobiliado com oito camas de solteiro, quatro de cada lado do cômodo. Pequenos baús de madeira ficavam aos pés das camas. As paredes eram de madeira crua, assim como o teto, marcadas com nomes, datas e referências enigmáticas deixadas por gerações e gerações de campistas.

O mais surpreendente é que, numa das paredes do chalé, havia uma lareira. Mais tarde, ainda naquele verão, Tracy soube que os chalés originalmente tinham sido usados ao longo dos anos por amigos de antigas gerações dos Van Laar em curtas viagens de caça. Porém, desde a fundação do Acampamento Emerson, as lareiras não eram usadas, exceto por morcegos que vez ou outra colonizavam as chaminés e então precisavam ser realocados.

* * *

No primeiro dia, depois que as mães — e Donna Romano — foram embora, a monitora e a monitora em treinamento organizaram as campistas num círculo para fazerem exercícios e brincadeiras a fim de se conhecerem melhor.

Foi durante esses exercícios que ficou claro para Tracy que todas as outras garotas do seu chalé já se conheciam havia anos. Elas trocavam bordões e gestos como se estivessem jogando bola, rindo de vez em quando por razões que Tracy não conseguia entender bem. *Piadas internas*, pensou — um termo que a aterrorizava pela insinuação de que qualquer indivíduo que não as entendesse era, por definição, um estranho.

A outra revelação que surgiu desses exercícios foi que havia uma hierarquia entre suas companheiras de chalé.

No topo, é claro, estavam Louise e Annabel, a monitora e a monitora em treinamento. Ambas eram bonitas de maneiras diferentes. Louise, aos 23 anos, parecia já ser uma mulher. Ela era baixinha, bem mais do que Tracy, com cabelos longos e escuros, assim como as sobrancelhas, e porte de atleta. Ela também era — uma palavra que Tracy aprendera no início daquele ano — *boazuda*. Annabel tinha dezessete anos, era alta, esbelta, loura, uma dançarina de balé que se movia com toda a segurança de alguém cuja família nunca teve que se preocupar em pagar uma conta. Tracy amou as duas de imediato. Teve o estranho desejo de deixá-las bem pequenas, como miniaturas, de levá-las para passear e brincar com elas como se fossem bonecas.

Em seguida, vinham as campistas do Bálsamo, cujo status variava das duas Melissas — claramente as líderes, ginastas loiras, elegantes e de personalidade forte do Upper East Side, em Manhattan — até uma garota chamada Kim, que tinha o hábito de falar muito sobre assuntos com os quais parecia que ninguém se importava.

Por último vinha Tracy, cuja altura, ela acreditava, já estava atraindo os olhares das outras. Ao ser solicitada a se apresentar, a garota descobriu ter ficado completamente sem voz. Uma lenta resignação se instalou: era assim que seria seu verão. Ela ficaria sozinha. Não falaria com ninguém. Passaria despercebida, escondendo-se atrás dos livros sempre que possível. Ficando fora de tudo. Sem ser notada.

Ela retirou os últimos pertences da mala. De seus artigos de toalete, Tracy tirou os óculos novos que lhe haviam sido prescritos naquele ano; colocou-os no fundo da única gaveta que lhe fora designada. Seria melhor, pensou, não ver nada de forma muito clara naquele verão.

De repente, ela estava piscando com força. Chorar naquele momento seria catastrófico, mas, ainda assim, a decepção de tudo aquilo pesava bastante sobre seus ombros. Porque sempre havia uma parte dela — apesar de sua compreensão, cultivada ao longo de anos com tais decepções, sobre onde ela se encaixava em qualquer hierarquia social —, sempre havia uma parte de si que esperava que isso mudasse na próxima oportunidade. Que algum garoto ou garota gracioso ou graciosa e ágil teria a paciência e a perspicácia para escolher Tracy numa multidão e notar uma de suas qualidades, as quais ela quase nunca se permitia enumerar: seu senso de humor, ou sua habilidade de desenhar, ou sua habilidade para cantar, ou sua lealdade, ou sua devoção a qualquer um que demonstrasse um mínimo de interesse.

Puxando a camiseta pequena demais do uniforme para baixo, sobre o short também pequeno demais, soltou o ar que estava segurando, liberando por completo a esperança que tinha para aquele verão.

Naquela noite, ao redor da fogueira de boas-vindas, Tracy testemunhou uma série de canções e rituais estranhos sendo realizados no fundo de um anfiteatro natural, uma pequena colina que descia até uma área de terra sem grama. Na colina, grandes troncos rachados serviam como bancos rústicos, dispostos com um corredor no meio. Mal dava para enxergar o lago escuro.

Havia certa energia no ar: hormônios adolescentes, olhares de soslaio, reparando quem havia mudado no último ano e de que maneira. Não eram apenas os campistas, mas os monitores também. Por toda parte, eles se aproximavam uns dos outros, cochichando ao pé do ouvido, fazendo gestos que Tracy não conseguia entender. Cada um, ela aprenderia, era uma celebridade à sua maneira; os campistas se esforçavam para recolher informações sobre eles — vida familiar, perspectivas românticas e decepções amorosas — e então espalhar avidamente o que descobriam como sussurros na escuridão.

No palco, as apresentações continuavam. Vários monitores realizaram um ritual que envolvia o corte de um tronco; anúncios foram feitos sobre novas políticas, instalações, eventos.

Então vieram os esquetes. O primeiro — uma encenação dramática da regra que havia causado tanto impacto em Tracy quando chegara — envolvia um monitor grandalhão imitando a voz e o andar de uma criança pequena, caminhando em volta da fogueira para ilustrar sua confusão.

— Pensei que sabia para onde estava indo — disse o monitor, projetando a voz com desenvoltura —, mas descobri que não sabia!

Uma monitora avançou para incitar o grupo.

— O que Calvin deve fazer? — perguntou ela, fingindo seriedade.

A garota colocou as mãos nas bochechas.

Ao se perder, gritaram os campistas, em coro, *sente e grite*!

— Socorro! — gritou Calvin. — Preciso de ajuda!

Ele deu uma olhada num relógio invisível e continuou:

— Um minuto se passou, então acho que devo gritar de novo!

Eles explicaram a razão daquilo tudo: tentar sair sozinho da floresta poderia levar à desorientação, poderia arrastar até mesmo um lenhador experiente para a floresta de Adirondack. A mata era densa,

com vegetação rasteira espessa; quando a trilha não estava mais à vista, tudo parecia igual.

— Sessenta e cinco por cento das pessoas — disse Calvin — estão a menos de cinco metros de uma trilha quando começam a se sentir perdidas.

Tracy ouviu, fascinada. Ela imaginou a atração da floresta, o cheiro frio e sombrio, o veludo do musgo na rocha — e então a percepção gradual de que havia perdido o rumo. O lento horror de aceitar sua situação.

Entre os esquetes, os monitores homens brincavam com brutalidade entre si e com seus pupilos. Também chamavam as meninas do outro lado do semicírculo, provocando: *Kevin acha que você é uma gatinha!*

Então uma mulher alta e magra caminhou direto para o centro de tudo. Ela ficou em pé na frente do fogo, recortada pelas chamas, de uma forma que Tracy sempre imaginou Ichabod Crane.

Todos ficaram em silêncio.

— Bem-vindos — disse a mulher.

Então se apresentou aos recém-chegados: ela era a diretora do acampamento, T.J., e todos podiam chamá-la assim.

Era difícil identificar sua idade. Sob alguns ângulos, ela parecia jovem — na casa dos vinte anos, talvez —, mas sua voz tinha uma autoridade grave, algo que Tracy não estava acostumada a ouvir em mulheres tão novas. Todos silenciaram e a escutaram, inclusive os mesmos monitores barulhentos, que não tinham se calado antes.

A mulher, T.J., pegou um pedaço de papel que parecia ter lembretes.

Ela os examinou, um por um.

Ela enfatizou e explicou as mesmas regras de antes. E falou de algumas outras, uma delas avisando que qualquer campista pego fora do seu chalé após o toque de recolher receberia uma advertência e trabalharia na cozinha por duas noites. Uma segunda infração levaria à expulsão do acampamento.

Ela então fez uma pausa e olhou para cima.

Os galhos de pinheiro estavam iluminados de laranja pelo fogo. Além deles, Tracy nunca tinha visto um céu tão escuro e tão cheio de

estrelas.

— Mais uma coisa — disse T.J. — Devido à preocupação de alguns pais, a Viagem de Sobrevivência deste ano será um pouco diferente.

Um gemido coletivo.

T.J. levantou a mão.

— Escutem — disse ela. — Vocês ainda estarão sozinhos, em grupos. Todos serão responsáveis pela própria segurança. A única diferença é que terão um monitor por perto durante as três noites. Mas ele vai ficar a cerca de cem metros de distância, a menos que haja uma emergência que vocês não consigam resolver sozinhos.

Silêncio. E então uma voz solitária — masculina — vaiou alto. O restante do grupo riu.

Tracy esperou, prendendo a respiração, para ver o que T.J. faria. Ela não parecia alguém que tinha um grande estoque de paciência. Mas sorriu.

— Eu também não gostei — disse ela. — Acreditem.

Naquela noite, depois do apagar das luzes, Tracy ficou deitada na cama, olhando para a escuridão, ouvindo primeiro o silêncio e depois o som baixo da conversa em sussurros e risos.

Ela estava sozinha. E continuaria assim. Sua única tarefa, disse a si mesma, era sobreviver ao verão.

Louise

Junho de 1975

Na escuridão, Louise prendeu a respiração, escutando. Do outro lado da divisória, pequenos fungados úmidos. Alguém chorando e tentando esconder. Isso acontecia em todas as temporadas, na primeira noite.

Louise sentou-se na cama. Passou na ponta dos pés por Annabel. Abriu a cortina. Examinou o quarto, observando uma campista por vez.

Tracy.

Lá estavam os olhos de Tracy, brilhando ao luar, encarando-a de volta.

Lá fora, nos degraus do alpendre, Tracy se sentou ao lado de Louise, tentando se aquecer. Ela enfiou a camisola sobre os joelhos e enrolou os braços em volta deles. Daquele jeito, Louise pensou, ela parecia uma criança grande de seis anos.

A menina fungou de novo.

— Quer conversar? — perguntou Louise.

Aquela era sua fala de abertura padrão, uma que havia desenvolvido ao longo de quatro verões, que não deixava espaço para uma resposta insistente de que estava tudo bem.

A garota deu de ombros. Envergonhada.

Mais cedo, no jantar, e depois na fogueira, Tracy sentara-se no fundo, e não dissera uma palavra. O olhar sempre baixo. Ao retornar para o chalé, lera um livro enquanto as outras meninas conversavam, gritavam e corriam caoticamente pelo cômodo, ricocheteando em todas as superfícies feito elétrons. Havia um tipo particular de comportamento entre as meninas de doze e treze anos, sobretudo quando não estavam na presença de garotos: era ao mesmo tempo

repugnante e inocente, obsceno e ingênuo. Quando não era usado para o mal — quando ninguém era um alvo —, esse jeitinho encantava Louise. Da parede, ela as observava em silêncio, com carinho, relembrando como fora aquele momento da vida que era como uma respiração antes da fala, uma última pausa gentil antes de alguma grande revelação.

— Alguém falou alguma coisa para você? — perguntou Louise à garota, delicadamente. — Você está chateada?

Tracy negou, balançando a cabeça.

— Fiquei assustada — respondeu ela.

De forma quase imperceptível, ela se aproximou de Louise, que estendeu o braço, abraçando a menina o máximo que pôde.

— Com o quê?

— A gente estava contando histórias — disse a garota.

Havia *pathos* naquela frase. *A gente*, pensou Louise. Não *elas*. Uma tentativa melancólica de inclusão.

— Sobre o quê?

Ela fez uma pausa. Sob o luar, Louise só conseguia distinguir o contorno do rosto da garota.

Ela falou alguma coisa, tão baixo que Louise não conseguiu entender. Inclinou a cabeça para o lado.

— *Slitter* — sussurrou a menina, e então olhou ao redor, com medo de quem mais poderia ter ouvido.

Óbvio que era Slitter.

Louise quase sorriu de alívio. Aquela era uma das histórias que passavam de geração em geração de campistas, às vezes como uma brincadeira, às vezes como um aviso. O quanto cada campista acreditava em sua veracidade muitas vezes não ficava claro. Alguns as contavam com um sorriso, felizes em incutir medo nos demais; outros as contavam trêmulos, querendo se livrar do conhecimento horrível que haviam adquirido. T.J. até abordara a questão no treinamento daquele ano: os menorzinhos, ela dissera, ficavam com medo demais. Vamos acabar com as histórias de terror, por favor.

Havia várias que se encaixavam no pedido: Velho Jones, o fantasma de um guia de Adirondack que sacudia as janelas dos chalés à noite; Mary Medonha, supostamente a esposa abandonada de um ancestral dos Van Laar.

Mas Slitter — ou Jacob Sluiter, a verdadeira grafia de seu nome — não era um fantasma. Era um homem que, até onde Louise sabia, ainda estava vivo. E continuava assombrando a imaginação de seus campistas, ano após ano. As histórias sobre ele — e sua suposta conexão com a Reserva Van Laar — eram as mais persistentes de todas as que ela ouvira.

— Não precisa se preocupar com Slitter — disse Louise. — Ele está na cadeia. A cerca de trezentos quilômetros de distância.

Mas Tracy balançou a cabeça.

— Não está, não — falou a menina. — Ele escapou.

— Acho que não.

— Escapou, sim — afirmou Tracy. — Foi T.J. quem falou. Ela contou para um dos monitores do Abeto. E o monitor contou ao monitor em treinamento, que contou para a Caroline.

Louise fez uma pausa, cética. Para começar, se aquilo fosse verdade, T.J. teria lhe contado primeiro. Não teria? A menos que não tivesse tido a oportunidade.

Louise sorriu para a garota.

— Mesmo se for verdade — disse ela —, ele teria um longo caminho a percorrer antes de chegar a esta área. E não vejo por que iria querer vir para cá.

— Eu ouvi as histórias que elas contaram — falou Tracy. Ela abraçou os joelhos com mais força. — As outras garotas.

— Essas histórias são muito antigas — disse Louise. — Não significa que sejam verdadeiras.

Tracy não se convencia. Balançou a cabeça, implorando para que a monitora a ouvisse.

— *Elas estavam falando sobre o garoto* — sussurrou.

Louise ficou em silêncio.

Ela sabia que garoto. Não havia necessidade de dizer o nome dele.

Louise

Dois meses depois
Agosto de 1975

Louise está correndo.

Na maior parte dos dias, esse movimento — pernas pulsando, braços pulsando, cabeça e pescoço retos — parece certo para ela: seu estado natural. As corridas diárias que faz no terreno da Reserva são os únicos momentos da vida em que Louise está completamente à vontade, quando suas preocupações, mesmo que por apenas um momento, ficam para trás. Ela era velocista no Ensino Médio, mas gosta mais de correr grandes distâncias. Em corridas longas, pensa em seu corpo como mãe de seu cérebro — ou do jeito que uma mãe deveria ser. Do jeito que as mães de outras pessoas são.

A corrida de hoje é diferente.

Hoje, Louise corre freneticamente, sem prestar atenção. Ela tropeça. Endireita-se. Ignora um monitor que a chama do outro lado do gramado.

— Tudo bem, dane-se! — diz o monitor, bem-humorado, alheio ao que estava acontecendo. Louise não olha para trás.

Ela já procurou por Barbara nos seguintes lugares: latrinas, refeitório, sala comunitária, praia. Já verificou a enfermaria e a casa de barcos. Foi até a casa principal, onde uma empregada solidária fez uma ronda nos corredores por dez minutos enquanto Louise esperava do lado de fora. Mas Barbara não esteve em nenhum desses lugares, e ninguém com quem ela falou a viu esta manhã.

Quando chega ao Chalé da Diretora, bate à porta. Espera trinta segundos. Bate novamente.

Louise sabe que ela está em casa. T.J. é uma mulher que segue rigorosamente sua rotina, cujas manhãs são sempre as mesmas. Às 6h30, ela transmite o toque da alvorada no sistema de som,

sinalizando aos campistas que chegou o momento de acordar e tomar banho. E às 8h05 vai até o refeitório, pegando o fim do café da manhã, inspecionando as fileiras.

Louise olha para o relógio: 6h40. Em vinte minutos, os campistas irão para o refeitório para tomar café da manhã.

Ainda sem resposta. Ela coloca a palma da mão na maçaneta da porta. Abaixa-a. Exceto nas cabines dos banheiros, não há fechaduras no Acampamento Emerson. Ainda assim, parece errado entrar no Chalé da Diretora (a casa na qual T.J. mora o ano todo, na qual ela cresceu) sem um convite, apesar do fato de Louise conhecer T.J. de uma forma que parece diferente dos outros monitores. Compartilha uma história com ela que mantém escondida de todos os outros no local.

Por fim, Louise abre a porta. Ela tem que fazer isso.

— Olá? — diz.

Entra na sala de estar com painéis de madeira, que também serve como escritório do acampamento. Há uma escrivaninha diante de uma janela na parede da frente com duas cadeiras pequenas do outro lado, um lugar permanente para os campistas que precisam de uma conversa.

Louise passou horas e horas neste cômodo. Em certa ocasião, toda uma semana fria de janeiro.

Ela escuta. A casa cheira a T.J.: a cânfora e o alcatrão do seu repelente caseiro; por baixo, o ferro e o almíscar de seu suor.

Então ouve o chuveiro ligado nos fundos da casa.

Louise coloca a mão no rosto, limpando o suor da testa, do lábio superior. Não sabe o que fazer. Esperar T.J. terminar o banho parece inapropriado. Pegar o telefone e ligar para alguém sem a orientação de T.J. parece igualmente errado. Para quem ela ligaria? Para a polícia? Para o corpo de bombeiros voluntários? Deus me livre — para os próprios Van Laar? Ela vê o telefone do outro lado da sala, na mesa de T.J., o único nas dependências do acampamento. O outro nas redondezas fica na casa principal. Autoconfiança.

Na ponta dos pés, Louise percorre o corredor em direção ao banheiro. A porta está aberta. As roupas de T.J. estão largadas no chão.

Ela para do lado de fora. Será que deveria gritar mais alto?

Tarde demais: um rangido metálico alto, uma torneira se fechando. O chuveiro desliga. De repente, a cortina se abre, e lá está T.J.: os cabelos curtos e molhados, o torso magro, os seios pequenos e o bronzeado de trabalhador que ela ostenta durante todo o verão.

Louise dá meia-volta, mas é tarde demais. As duas já trocaram olhares.

— Desculpe — diz Louise, ao mesmo tempo em que T.J. solta um grito.

— Caramba, Louise — fala T.J., depois de recuperar o fôlego.

— Desculpe — repete.

Ela volta pelo corredor, ainda pedindo desculpas.

Às suas costas, ouve T.J. abrindo gavetas.

— O que está fazendo aqui? — pergunta T.J.

Louise limpa a garganta.

— É sobre Barbara Van Laar — diz ela.

— O que aconteceu?

— Ela não estava no beliche esta manhã.

Pelo que pareceu um minuto: silêncio.

Então os passos de T.J. no corredor. Ela chega na sala, vestida.

— Ela tem uma companheira de beliche, certo? Ela notou Barbara saindo?

— Ela disse que não ouviu nada. Dormiu a noite toda.

Louise sabe que há uma boa chance de T.J. considerá-la responsável. Porque o trabalho de um monitor é ouvir coisas: as palavras cruéis ditas por um campista para outro. Um estrondo de trovão a distância: todos para fora do lago.

A porta mosquiteiro — o mais importante. A porta mosquiteiro abrindo-se à noite.

Louise espera que T.J. diga alguma coisa. Qualquer coisa. Por fim, ela fala:

— Mas você estava no chalé ontem à noite — diz T.J. — Você e Annabel. Certo?

Se Louise hesita, é apenas para respirar. Esperava por essa pergunta. Está preparada.

— Sim — responde rapidamente.

— Você tem certeza? — diz T.J. — Você e Annabel.

— Nós duas — fala Louise.

Ela não é muito de mentir, mas tem prática nisso. Ao longo de sua vida, precisou mentir com certa frequência. Uma questão de sobrevivência. Ainda assim, nunca é bom, sobretudo quando mente para alguém que respeita. Alguém como T.J. Hewitt — a quem confessou, em várias ocasiões, coisas que nunca disse a outra alma. Mentir para ela dá a Louise uma sensação de mal-estar.

Se T.J. percebe alguma coisa, não revela nada. Em vez disso, desvia sua atenção de Louise para o sistema de som que ocupa a parte de cima e de baixo de sua mesa.

Ela atravessa o cômodo a passos largos. Pega o microfone. Liga o sistema.

— Atenção monitores-chefe de todos os chalés — diz ela. — Por favor, encaminhem-se à diretoria. Monitores em treinamento, vocês estão no comando esta manhã.

Ela desliga o sistema e vira as costas para Louise por um momento. Sem se virar, pergunta:

— Você o viu esta semana?

Ela está falando de John Paul. Louise sabe disso sem precisar perguntar.

Pela segunda vez esta manhã, ela mente para T.J.

— Não.

Tracy

Junho de 1975

A chegada de Barbara van Laar ao Acampamento Emerson foi recebida sobretudo com silêncio. Houve silêncio enquanto o carro preto dos Van Laar, conduzido por um motorista, atravessava devagar a entrada da garagem e depois o gramado; silêncio enquanto a própria garota, Barbara, percorreu a distância de quase um quilômetro da casa principal a pé, aparentemente se recusando a viajar ao lado dos próprios pertences.

Ela apareceu às 8h05, quando o café da manhã estava terminando. Saudou sem sorrir os campistas que saíam do refeitório, que esbarravam uns nos outros enquanto tentavam dar uma olhada na menina. Ela usava roupas que muitos deles nunca tinham visto: short jeans cortado de um jeito que mal cobria a bunda, meia-calça preta com rasgos que pareciam intencionais, coturnos escuros e uma camiseta com uma palavra que nenhum deles conseguiu entender, mas que presumiam ser algo rude. O cabelo tingido de preto e despenteado era curto, cortado na altura do maxilar; os lábios estavam pintados de vermelho e os olhos contornados em carvão. O mais surpreendente eram os rebites prateados — mais de um — que adornavam cada lóbulo da orelha, junto com o que parecia ser uma coleira de cachorro em volta do pescoço e duas pulseiras de couro preto nos pulsos.

A caminhada inaugural de Barbara pelo gramado seria discutida por meses: era a primeira vez que os campistas a viam em pessoa, embora ela fosse assunto de comentários há anos. A maior parte da conversa se concentrava em sua aparência e vestimenta, que eram, para a maioria do Acampamento Emerson, um choque. Os únicos campistas que sabiam o que aquilo significava eram os moradores de Manhattan, que usavam uma palavra que o restante deles nunca tinha ouvido.

Punk.

Qualquer outro campista que chegasse com as roupas de Barbara teria ido na mesma hora para o fundo da cadeia social, recebido com incredulidade ou ignorado por completo. Mas Barbara van Laar era interessante demais para ser ignorada, sua história pessoal muito intrigante e complexa. Embora ninguém tivesse dito isso em voz alta, o objetivo de todo campista era fazer amizade com ela.

Na próxima vez que avistaram Barbara, ela estava sendo conduzida por Louise em direção à pequena praia do lago Joan, onde os ocupantes de vários chalés, incluindo o de Tracy, esperavam para fazer seus testes de natação. Sem as roupas com que havia chegado, Barbara parecia mais jovem.

Um longo píer de metal, em formato de T e aquecido pelo sol, projetava-se da praia. O instrutor de natação, um Atlas alto e louro chamado Mitchell, levou os ocupantes do primeiro chalé até o fim dele.

— Quando eu disser três — falou Mitchell.

E então, no três, os campistas mais jovens do chalé Abeto mergulharam na água, gritando quando emergiram.

— Regra número um — explicou Mitchell. — Não grite, a menos que esteja em perigo.

Tracy estava parada próxima ao grupo, desconfortável em seu traje de banho, uma toalha firmemente enrolada em volta da cintura. Ela estava no acampamento havia menos de 24 horas, mas não deixou de notar que as outras campistas do Bálsamo — de forma consciente ou inconsciente — sempre ficavam distantes dela.

A essa altura, Barbara e Louise já tinham chegado ao fim do cais.

— Mitch — disse Louise, e então repetiu, mais alto. — Posso atrapalhar você por um segundo?

Todos se viraram para olhar.

— Esta é Barbara — disse Louise. — Ela vai ficar com a gente no Bálsamo nesta temporada.

Ela gesticulou na direção do grupo de Tracy.

— Aquelas garotas ali são suas companheiras de chalé. Acenem, Bálsamo.

Elas acenaram, obedientes. Barbara levantou uma das mãos e então abriu caminho entre os campistas, parando de maneira precisa na brecha ao lado de Tracy. Então olhou para a frente, em direção ao lago — fingindo, aparentemente, que não era o foco de todos por perto.

Pela visão periférica, Tracy podia ver que Barbara não era exatamente *bonita*, mas havia algo atraente nela, algo de confiante e maduro. Ela estava de pé com as mãos na cintura, os pés um pouco separados, muito quieta, a postura reta. Sem se mexer ou se curvar. Aquilo fez Tracy se endireitar.

Antes de Tracy conseguir desviar o olhar, Barbara virou a cabeça bruscamente na direção dela, encontrando seu olhar. Mas não havia aborrecimento ou nojo registrados em seu rosto. Não, na fração de segundo em que elas travaram os olhos, Barbara pareceu se divertir.

— Bálsamo — disse Mitchell. — Estão prontas?

Tracy removeu a toalha com relutância.

Mitchell contou até três, e o grupo delas mergulhou.

O objetivo era nadar até uma boia a cinquenta metros de distância e voltar. Enquanto nadavam, Mitchell as observaria, avaliando suas braçadas e velocidade, fazendo anotações.

Tracy era uma boa nadadora: anos de aulas na ACM providenciaram isso. Se tivesse se esforçado ao máximo, poderia ter chegado antes. Mas não teria sido a primeira. Esse título pertencia a Barbara, que nadou de forma tão graciosa e veloz que já estava se secando antes que a segunda colocada tocasse no píer.

— Ei, você foi bem rápida — afirmou Mitchell, impressionado.

Barbara não respondeu. Ela se secou, toda séria. Penteou para trás os cabelos e a franja que estavam grudados nas laterais do rosto.

No almoço, Tracy foi para a ponta da mesa, como tinha feito em todas as refeições do Acampamento Emerson até aquele momento. E, como sempre, o restante das meninas se agrupou longe dela. Mas um momento depois, para a surpresa de Tracy, Barbara van Laar colocou

sua bandeja bem na frente dela e se sentou. Na mesma hora, a atenção da mesa mudou.

Estava usando o batom vermelho novamente — ou a garota o havia contrabandeado, ou exceções especiais já estavam sendo feitas para ela —, e a boca brilhante enquanto mordiscava e mastigava sua comida funcionava, aos olhos de Tracy, como uma isca de pesca.

— O quê? — perguntou Barbara, a primeira palavra que Tracy a ouviu dizer. Sua voz era baixa; por trás dela havia a mesma nota de diversão que Tracy notara em seu olhar mais cedo.

— Eu gosto do seu… — disse Tracy, e então fechou a boca.

Não seja estranha, falou para si mesma.

— Meu o quê? — perguntou Barbara.

Tracy hesitou.

— Meu batom? Pode pegar emprestado.

— A gente tem permissão de usar isso?

— A gente *não* tem permissão? — indagou Barbara.

Tracy pensou naquilo.

— Acho que só podemos usar nas festas — respondeu ela. — Foi o que nos disseram na orientação.

Barbara deu de ombros.

— Eu não estava na orientação — falou. — Se alguém quiser me dizer alguma coisa, é só falar.

— Por que você perdeu a orientação?

— Meus pais — disse Barbara. — Eles se esqueceram de me inscrever a tempo.

Tracy assentiu. Ela se identificava com aquilo: a sensação de ser esquecida. À sua direita, podia sentir o restante do Bálsamo se inclinando na direção delas, tentando ouvir o que estavam conversando.

Aquele — seu segundo dia completo no acampamento — marcou o início do que se tornaria a rotina normal.

Todos os dias acordavam às 6h30 com o toque da alvorada pulsando dos alto-falantes.

Tomavam banho.

Às sete, iam ao refeitório para tomar café da manhã; às 8h30, se reuniam ao redor do mastro para o hasteamento da bandeira e a assembleia de abertura.

Depois disso, tinham aulas de natação, primeira atividade eletiva, almoço, segunda atividade eletiva, período livre, jantar e, em geral, algum programa noturno.

Duas vezes por semana, no lugar de uma das eletivas, tinham Aulas de Sobrevivência com a própria T.J. Hewitt. Nelas aprendiam a construir abrigos, procurar comida e fazer lanças para pescar. Aprendiam a encontrar ou tornar a água potável e construir armadilhas para animais pequenos, que também aprendiam a esfolar e cozinhar.

Essas aulas eram o coração do Acampamento Emerson: a razão pela qual ele foi fundado, disseram aos campistas. Elas também eram um treinamento importante para uma tradição que ocorria no final de cada verão — aquela pela qual o Acampamento Emerson era famoso.

O nome original da tradição era Viagem Solitária. Nos primeiros anos do Acampamento Emerson, quando Peter van Laar I ainda reinava na casa no topo da colina, todos os campistas eram enviados para a floresta sozinhos por três noites, com nada além de sua inteligência para mantê-los vivos. Nenhum campista havia morrido, mas histórias de crianças desidratadas, emaciadas e cambaleantes saindo da floresta foram passadas de geração em geração ao longo das décadas. Na época de Tracy no Acampamento Emerson, a Viagem Solitária havia se tornado a Viagem de Sobrevivência. Graças à intervenção de uma nova geração de pais preocupados, os campistas agora eram enviados em pequenos grupos. E naquele ano, como T.J. havia explicado, esses pequenos grupos seriam acompanhados por um monitor.

Para essas aulas, os campistas eram divididos não por chalés, mas por Grupos de Sobrevivência — sendo que cada um consistia em aproximadamente doze campistas. Os grupos eram cuidadosamente montados para incluir no máximo dois campistas de cada chalé ou faixa etária, de forma que os campistas mais velhos orientassem os mais jovens.

O Grupo de Sobrevivência de Tracy se reuniu pela primeira vez no quarto dia de acampamento. Eles foram instruídos de que deveriam se encontrar no mastro da bandeira, onde T.J. Hewitt estaria esperando por eles. E lá estava ela quando os campistas chegaram: silenciosa e com aparência hostil, visivelmente sem disposição para bater papo ou jogar conversa fora.

Tracy ficou agradavelmente surpresa ao descobrir que seu grupo incluía Barbara van Laar, que assentiu para ela quando seus olhos se encontraram, mas, fora isso, permaneceu tão silenciosa quanto a instrutora.

A última pessoa a chegar foi um garoto de catorze anos, talvez. Um dos campistas mais velhos. Tracy corou na mesma hora. Aquele garoto, pensou ela, era o mais lindo que já tinha visto na vida.

Ele era alto e usava um colar de conchas no pescoço; a pele, apesar de ainda estarem no começo do verão, já havia adquirido o tipo de bronzeado que Tracy jamais conseguiria ter. O cabelo era longo — quase até os ombros — e ele usava sandálias huarache, embora elas tivessem saído de moda vários verões antes. Como o restante dos campistas, ele usava um uniforme; mas seus acessórios convenceram Tracy de que suas roupas do dia a dia eram meio hippies, uma moda que ela associava à década anterior.

— Tracy? — perguntou uma voz. T.J. Hewitt estava olhando para sua prancheta, fazendo a chamada. — Tracy não está aqui? — disse ela, o lápis pronto para riscar o nome.

— Aqui — disse a menina rapidamente, forçando-se a desviar o olhar do garoto em questão, que estava em pé à sua frente no pequeno grupo ao redor do mastro da bandeira.

Ao fazer isso, ela chamou a atenção de Barbara van Laar, que arqueou as sobrancelhas para cima e para baixo. Seu rosto queimou.

— Muito bem — disse T.J. — Estão todos aqui.

Então T.J. partiu abruptamente na direção da floresta, onde os campistas passaram a próxima hora aprendendo a se orientar. Depois desse período, todos entenderam os conceitos básicos com uma bússola ou com o sol.

Se as duas técnicas falhassem, concluiu T.J., o mais importante era não entrar em pânico.

Como bônus, ela perguntou: quem sabia a origem da palavra?

— De qual palavra? — perguntou alguém.

— *Pânico* — respondeu T.J.

Mas ninguém levantou a mão.

Ela explicou. Vinha do deus grego Pã: o deus das florestas. Ele gostava de enganar as pessoas, confundi-las e desorientá-las até que perdessem o rumo e a sanidade.

Entrar em pânico, disse T.J., era fazer da floresta uma inimiga. Ficar calmo era ser amigo dela.

Quando a aula terminou, Tracy saiu numa caminhada lenta de volta para o chalé. Ela se movia num torpor lânguido, enfeitiçada pelas palavras de T.J. e por Lowell Cargill — que ela descobriu ser o nome do garoto. Estava tão distraída, na verdade, que não percebeu que tinha companhia até que estivessem na metade do caminho para o Bálsamo.

Quando enfim olhou para a esquerda, viu que Barbara van Laar acompanhava seu ritmo, observando-a com uma espécie de meio-sorriso no rosto.

— O quê? — disse Tracy, pronta para ser provocada.

Barbara balançou a cabeça.

— Nada.

Tracy olhou para a frente. Estava interessada em Barbara da mesma forma que todo mundo no Acampamento Emerson parecia estar. Mas tinha certeza de que não podia oferecer nada a ela: nenhuma história em seu passado, nenhum prestígio social. Seus pais eram divorciados, sim, mas os pais de muitas outras garotas também eram. Não conseguia imaginar por que Barbara iria querer falar com ela. E ainda assim lá estava Barbara van Laar, caminhando bem ao seu lado, pulando na ponta dos pés, batendo palmas de vez em quando e balançando os braços à sua frente, como se estivesse marcando o tempo de uma música na cabeça.

— Ele é bonitinho — disse Barbara, depois de caminharem em silêncio por um tempo. — Você não acha?

— Quem? — perguntou Tracy.

Barbara riu. Revirou os olhos. Prendeu o cabelo atrás das orelhas.

— Você sabe quem — falou Barbara. — Mas se não quer conversar, tá tudo bem.

Eu quero, pensou Tracy. Mas as palavras, como sempre, a deixaram na mão.

Em sua segunda noite no Acampamento Emerson, ela ouvira — por acaso — algo que não entendera muito bem. Era, ela acreditava, sobre Barbara.

Ela estava acompanhando duas de suas colegas de chalé de volta das latrinas.

— Não é horrível? — sussurrou Caroline. — Ser uma… *substituta* do seu irmão mais velho.

Tracy arregalou os olhos na escuridão. Que coisa realmente terrível de se dizer, pensou ela. E Amy deve ter concordado, porque disse, num tom que beirava o choque:

— *Caroline*.

— O quê? — falou Caroline, mais ousada. — Só estou dizendo o que penso.

— *Você* acha que ele é bonitinho? — indagou Tracy.

Foi a melhor pergunta em que conseguiu pensar. E Barbara deu de ombros.

— Imagino que sim — respondeu. — Se você gosta de um tipo mais artístico.

— De que tipo você gosta? — perguntou Tracy.

— Não sei — falou Barbara. — Não penso muito mais nessas coisas.

Tracy assentiu. Ela não tinha certeza do que Barbara queria dizer, e estava envergonhada demais para perguntar.

— É que estou namorando — disse Barbara.

Uma explicação. Então não houve tempo para falar mais nada, pois as duas já tinham chegado ao alpendre do chalé.

Louise

Dois meses depois
Agosto de 1975

Às sete horas da manhã, inicia-se a busca por Barbara.

Enquanto esperam os monitores chegarem, obedecendo o pedido propagado pelos alto-falantes, T.J. se senta em sua sala de estar, num sofá marrom de dois lugares tão velho que tem uma curva no meio. Ela mantém a cabeça baixa. Imaginando, sem dúvida, uma cena em particular: revelar aos Van Laar que a filha deles desapareceu enquanto estava sob seus cuidados.

Louise fica de pé ali perto, sem jeito — sentindo, de alguma forma, que não seria certo se sentar. Que ela não merece isso.

— Como ela estava se comportando? — pergunta T.J. — Ela estava feliz?

— Ah — diz Louise. — Sim, acho que estava. Está. Todo mundo gosta dela. Admira ela.

— Barbara nunca falou nada que fez você pensar que ela poderia fugir?

Louise balança a cabeça.

A verdade é — e Louise não sabe como dizer aquilo — que Barbara nunca aparentou realmente precisar dela ou venerá-la como as outras garotas. Para Louise, ela é quase como uma igual. Elas se gostam, mas não são próximas; nos últimos dois meses, Barbara nunca compartilhou um segredo ou procurou se aconselhar sobre uma amizade ou paixonite — algo que acontece pelo menos uma vez por estação, geralmente mais, com todas as outras campistas que orientou.

— De quem ela é próxima? — pergunta T.J., lendo sua mente.

— Da colega de chalé. Tracy.

T.J. faz uma pausa, pensando.

— Elas formaram uma dupla na Viagem de Sobrevivência. Dividiram a barraca.

Louise assente.

— Deveríamos encontrar Tracy. Precisamos falar com ela também.

Uma batida na porta. Os primeiros monitores chegando.

Pela janela da frente, Louise vê grupos de monitores em treinamento e campistas indo devagar em direção ao refeitório para o café da manhã, arrastando os pés enquanto se esforçam para dar uma olhada no que está acontecendo lá dentro. Todos de alguma forma sabem que há algo errado.

São catorze chalés, portanto catorze monitores, o que significa que a sala fica lotada quando todos chegam. T.J. sobe no assento do pequeno sofá em que estava sentada para ter uma visão melhor. Então, começa.

— Barbara van Laar não estava em seu chalé esta manhã. — Não há necessidade de dizer *Uma campista do Bálsamo* ou *A campista de Louise*. Todos ali sabem quem ela é. — Em um instante, vou designar um local para cada um de vocês. Vamos nos espalhar pela área e fazer uma busca rápida. Ver se conseguimos encontrá-la nós mesmos. Não há por que assustar a família sem necessidade. Mas, primeiro, me digam: tem algo que eu precise saber?

Os monitores ficam em silêncio. Eles se mexem um pouco, olhando ao redor para ver se algum deles vai falar.

— Aconteceu alguma coisa durante a noite? — pergunta T.J.

Este é o momento, Louise sabe, em que qualquer um dos monitores pode dedurá-la — dizer que talvez tenha visto Annabel na floresta na noite anterior, bêbada; contar algo sobre as saídas noturnas de Louise para se encontrar com outros monitores. Mas ninguém fala nada. Todos, Louise sabe, estão esperando que aquilo seja um mal-entendido com uma solução fácil.

T.J. tenta uma abordagem diferente.

— Alguém sabe de algum… relacionamento que Barbara possa ter formado enquanto esteve aqui?

— Um dos meus campistas *gostava* dela — diz um monitor chamado Davey, um sujeito legal de óculos que certa vez escreveu uma música chamada "Louise" e a tocou na frente de um grupo na Clareira quando todos estavam bêbados. Ninguém falou disso desde então.

— Você acha que eles estavam juntos? — pergunta T.J.

Davey balança a cabeça.

— Não, acho que ele só gosta dela. Encheram o saco dele por causa disso. Mas sei que ele a convidou para o baile de ontem à noite. E que Barbara recusou.

T.J. assente.

— Vou falar com ele depois. Mais alguém?

Silêncio.

— Tudo bem — fala T.J. E compartilha o plano com eles.

A própria T.J., depois de falar com o campista de Davey, irá até a casa principal, Autoconfiança, para fazer uma busca completa — além da que Louise já fez. O restante recebe tarefas que abrangem o acampamento e seus arredores. Sete dos monitores foram enviados a chalés e construções; os outros sete, à floresta próxima. Todos foram instruídos a soprar os apitos que mantêm em volta do pescoço desde o início da temporada num padrão de dois sopros três vezes — T.J. demonstra em seu apito, silenciosamente — se Barbara for localizada.

E se virem alguma outra coisa — uma pista ou algo suspeito —, devem dar quatro sopros duas vezes. E T.J., sozinha, irá até eles.

— Alguma pergunta? — questiona T.J.

Um monitor chamado Sam levanta a mão. Ele é novo. Acabou de terminar o Ensino Médio e vai para a faculdade no outono, o que o torna um dos monitores mais jovens do local.

— O irmão dela era campista? — pergunta ele. — O garoto Van Laar?

Um silêncio chocado. Louise não sabe por quê, mas há um pacto universal no Acampamento Emerson de que qualquer comentário sobre Bear van Laar só pode ser feito aos cochichos. E que nunca se

deve mencionar o menino a T.J., que o conhecia, e, dizem, era próxima dele.

Louise é provavelmente a única conselheira que se lembra bem do desaparecimento de Bear. Ela tinha nove anos, era apenas um ano mais velha que ele quando aconteceu. Ela não o conhecia, mas se lembra de cada morador de Shattuck — sua cidade natal, a oito quilômetros da Reserva Van Laar, e a origem de toda a sua equipe — participando da busca.

A expressão de T.J. muda por um instante. Algo que Louise não consegue identificar passa por seu rosto. Ela teme que seja raiva. Prepara-se para o impacto. T.J. quase nunca levanta a voz, mas quando o faz, é assustador.

Em vez disso, diz gentilmente:

— Não, não… Bear nunca foi um campista aqui.

Alguns dos conselheiros olham para Sam, que parece confuso. Sem entender o que fez.

— Muito bem — diz T.J. — Vamos andando.

Louise foi designada para o Alojamento dos Funcionários.

No caminho, passa pela trilha que leva ao lago. Decide, por instinto, segui-la.

Eis o lago Joan: batizado, assim lhe disseram, em homenagem à esposa de um colono inglês. Louise examina a margem oposta, observando o movimento; e, enquanto olha, coloca em ordem suas preocupações.

A mais urgente é Barbara van Laar, para onde a garota foi e se está segura.

Em seguida, vem a preocupação com John Paul e onde ele está neste momento, e o quão provável é que ele a procure. Para puni-la de alguma forma, como fez no passado.

Depois, há a preocupação de ser demitida. A preocupação de onde vai morar, se isso acontecer.

De volta a Shattuck, pensa ela. Para a casa em que cresceu. De volta à mãe — cujo comportamento se tornou, nos últimos anos, insustentável — e o irmão mais novo, Jesse, de onze anos, a quem

Louise ama como se fosse o próprio filho, cuja doçura não suportará por muito mais tempo os ataques constantes da mãe em seus piores momentos. Ultimamente, Jesse tem mostrado sinais preocupantes de dificuldade de aprendizado na escola, e essa é a quarta preocupação de Louise. Ela com frequência sonha em resgatá-lo, levá-lo para morar com ela, criá-lo sozinha: uma meta que espera realizar antes que mais um ano se passe.

Se perder esse emprego, Louise não teria outra opção a não ser voltar para a casa em Shattuck — apesar do fato de que toda a sua vida, até aquele momento, consistiu numa tentativa após outra de escapar.

Enquanto crescia, ela tentou se afastar e ficar de fora da politicagem adolescente que dominava a vida no colégio. Mas todo o tempo, sem querer, ela se via envolvida em situações complicadas, e enfim se resignou à ideia de que, num lugar tão pequeno quanto Shattuck, ninguém tinha permissão para ser invisível. Como todos os outros na cidade, ela tinha certas coisas a seu favor e certas desvantagens. Tinha a vantagem do atletismo e a desvantagem da pobreza extrema. Tinha a vantagem da inteligência e a desvantagem de uma mãe que estava sempre bêbada. No entanto, foi sua beleza incomum que a destacou, que a levou a um lugar de notoriedade social sem seu consentimento, que causou uma espécie de inquietação ao seu redor da qual ela, em geral, não queria fazer parte.

Se alguém se desse ao trabalho de lhe perguntar, naquela época, o que ela queria, Louise teria dito: ouvir música, sobretudo Zeppelin e Dead, mas também Procol Harum, Joan Baez e Joni Mitchell; ver George McGovern eleito algum dia (uma vez que Bobby Kennedy estava morto e enterrado); ter um trabalho que fizesse diferença no mundo; conhecer um bom homem que a levasse a sério; viajar pelo país e pelo planeta. Mas ninguém lhe perguntou, então manteve esses desejos em segredo, escrevendo-os apenas em diários, trazendo-os à tona sempre que um aniversário, um poço ou uma estrela cadente lhe apresentava uma oportunidade formal de torná-los conhecidos ao universo.

Enquanto esperava que esses desejos se realizassem, ela se concentrou nos estudos. Foi premiada e celebrada pela escola, onde

foi a oradora da turma na formatura. Conseguiu uma bolsa integral para a Union College, com alguma ajuda de um monitor educacional cujo irmão trabalhava em admissões. Mas, na Union, encontrou dificuldades. Mal conseguia pagar pelos livros. No final do primeiro ano, abandonou o curso.

A única coisa duradoura que saiu de sua educação foi um namorado — John Paul McLellan — um ano acima dela, um estudante de filosofia que cresceu em Manhattan. Ele era diferente dos garotos com quem ela crescera, e, embora muitas meninas gostassem dele, era apaixonado apenas por Louise, um fato que revelou aos amigos duas semanas depois de ela ter chegado ao campus, como se estivesse tomando posse de algo. Os amigos dele a contaram numa festa, apontando para o outro lado da sala: *Ele está apaixonado por você*. E lá estava John Paul, encostado numa parede com os braços cruzados, rindo de algo que alguém estava dizendo. Bonito de uma forma discreta. Ele usava óculos, o que Louise interpretou como um sinal exagerado de responsabilidade e inteligência.

Quando Louise desistiu da faculdade, ele sugeriu que ela aceitasse um emprego no acampamento de verão de seus padrinhos.

— Acampamento Emerson. Algumas horas subindo a Northway, na Reserva Van Laar.

Louise olhou para ele, assustada.

— Eu sei — respondeu.

Que John Paul nunca tivesse mencionado antes sua conexão com a Reserva — apesar do fato de Louise falar com certa frequência do lugar onde crescera — não deveria tê-la surpreendido. Ele não fazia muitas alusões à família; o que Louise sabia, havia recolhido de comentários casuais de John Paul e de fofocas que tinha ouvido. Ela sabia que o pai de John Paul era muito católico, que era de uma família rica e havia fundado um escritório de advocacia em Manhattan; sabia que os McLellan eram considerados amigos próximos da família Bouvier. Ainda assim, o fato de o próprio John Paul não ter feito a conexão entre Shattuck — a apenas alguns quilômetros da Reserva — e a casa de veraneio de seus padrinhos era,

para Louise, uma evidência de que ele ouvia bem pouco qualquer coisa que ela dizia.

Porque para Louise — para todos os moradores de Shattuck — a Reserva Van Laar ocupava um lugar central em suas vidas, que era ao mesmo tempo reconhecido e ressentido. Após o fechamento da fábrica de papel de Shattuck, que foi, por três gerações, a principal fonte de empregos da cidade, a Reserva, com seu acampamento de verão, funcionava como uma espécie de indústria. Fornecia trabalho decente em período integral ou parcial para duas dúzias de moradores da cidade durante todo o ano; no verão, com o acampamento aberto, esse número triplicava.

Não escapou a Louise que, desse contingente, ninguém era monitor, uma posição aparentemente reservada para ex-campistas ricos, estudantes universitários que queriam um trabalho de férias que também fosse divertido. Enquanto isso, todos os funcionários da Reserva que Louise conhecia de Shattuck ocupavam papéis que exigiam suas mãos, seus corpos.

Assim, quando John Paul sugeriu que ela se candidatasse a esse emprego em particular, Louise tentou expressar sua preocupação de uma forma que fizesse sentido para ele, que não provocasse o aborrecimento que John Paul frequentemente demonstrava quando ela questionava suas ideias, mas — como sempre — ele a ignorou. Era praticamente parente dos Van Laar, John Paul a lembrou. O sr. Van Laar era seu padrinho. Seus pais trabalhavam juntos: os Van Laar como fundadores do banco que havia financiado toda Albany e grande parte da cidade de Nova York, e os McLellan, como seus representantes legais. Um dia, John Paul disse, ele assumiria o banco para ambas as famílias. John Paul poderia facilmente conseguir um emprego para Louise no acampamento, falou. Tudo o que tinha que fazer era pedir.

Isso já fazia quatro anos. Ela trabalhara no Acampamento Emerson todos os verões desde então. Apesar da conexão de John Paul com a família, Louise nunca conheceu os Van Laar pessoalmente. Eles funcionam como uma presença distante numa colina ao norte, celebridades locais frequentemente avistadas sobre as quais as crianças e os monitores do Acampamento Emerson especulam e fofocam. Nas

outras três estações do ano, Louise trabalha no Garnet Hill Lodge, um resort no sopé da montanha Gore, entretendo os filhos dos hóspedes, que passam seus dias esquiando ou fazendo trilhas e a maioria das noites bebendo em um lounge enfumaçado e sofisticado. Durante todo esse período, ela, de alguma forma, manteve um relacionamento com John Paul — que enfim concluiu seu curso na Union, embora tenha levado seis anos e dois reitores indulgentes para isso. Quando se encontravam, era na cidade de Schenectady durante os semestres de John Paul na faculdade, ou no Garnet Hill Lodge, ou, nas férias, na Reserva Van Laar, onde ele ficava com os pais por alguns fins de semana a cada temporada. No primeiro desses fins de semana, ela cometeu o erro de sugerir que ele tentasse levá-la escondida até a Autoconfiança, para dormir numa cama de verdade por uma noite. Em resposta, ele olhou para Louise como se ela fosse uma idiota.

— Eles são meus anfitriões — disse John Paul. — Eu nunca faria algo tão rude.

Sendo assim, eles fizeram, e ainda fazem, sexo desconfortável no carro dele, no estacionamento adjacente à Autoconfiança; ou, às vezes, pressionados contra uma árvore na mata; ou, outras vezes, em cima de agulhas de pinheiro no chão da floresta. É Louise quem se lembra de levar uma toalha.

Esporadicamente, com certa autocensura, Louise se pergunta por que ficou com John Paul todo esse tempo. O que, afinal, os dois ainda têm em comum? A cada ano, ela se sente mais e mais distante da pessoa que era quando se conheceram. De fato, vez ou outra, Louise fica chocada ao se lembrar de que já foi uma estudante universitária. Hoje pensa em seu ano na Union quase com vergonha: outra vida, uma insensatez juvenil, uma perda de tempo.

Quando se permite ser honesta, a resposta é enjoativamente óbvia: Louise ficou com John Paul porque ele representa a possibilidade de uma vida melhor. Para ela e para seu irmão Jesse.

Eles estão noivos, Louise lembra a si mesma. Até vão comprar uma aliança assim que John Paul conseguir um emprego. Um dia, ela diz a si mesma, eles terão uma casa. Terão uma cama confortável. Uma cama grande, com muitos travesseiros. Terão dois filhos. Terão quatro quartos, e o quarto extra será para Jesse, que ela levará para morar

com eles enquanto ele ainda for jovem o suficiente para que isso altere de maneira significativa a trajetória de sua vida, para impedi-lo de ficar nervoso, deprimido ou submerso na névoa de cerveja que aflige de forma permanente a maioria dos garotos com quem ela cresceu.

Para ter esse futuro, ela está preparada para esperar. Porque, após a formatura de John Paul na Union e antes de ele se juntar aos negócios da família, um trabalho que fará "pelo resto da vida" — uma frase dita sempre com um suspiro —, John Paul decidiu tirar um ano para viajar, visitar amigos em lugares tão distantes quanto Los Angeles e Viena, e tão perto de Louise quanto a casa dos Van Laar no topo da colina.

De fato: desde a semana anterior, John Paul está com a família na Autoconfiança, para uma comemoração há muito planejada do centésimo aniversário da Reserva. Com certa vergonha, Louise se permitiu esperar ansiosamente pela visita dele. Talvez, pensou, a ocasião especial — e a duração da estadia — significassem que ela enfim seria convidada para a Autoconfiança, apresentada aos esquivos Van Laar, que Louise só vislumbrara de passagem, enquanto a família passava em seus carros escuros. Talvez, em seu único dia de folga, fosse convidada para a casa principal para um coquetel ou jantar. Apresentada formalmente aos Van Laar e seus convidados como noiva de John Paul.

Mas nada disso aconteceu. Como de costume, Louise o viu apenas duas vezes: uma vez em seu primeiro dia no local, quando ele saiu embriagado de um coquetel, desceu o gramado da mansão e beijou Louise na frente de suas campistas; e então de novo na noite anterior, na Clareira com Lee Towson, depois que ela quase desacreditou que se encontrariam.

Ela com certeza não viu a família de John Paul — a mãe, o pai e a irmã —, que, todas as três vezes que encontraram Louise, se apresentaram novamente, com um distanciamento educado. Eles parecem acreditar que ele encontrará uma pessoa mais adequada para se casar quando chegar a hora certa. No passado, ela conseguia se assegurar de que John Paul tinha uma opinião própria sobre o assunto, quase a ponto de ser uma falha; ele afirmou várias vezes que

uma das coisas que gostava em Louise é que ela não é como as outras garotas com quem namorou antes. Garotas que sua família aprovou.

Mas depois da noite anterior, pode ver que a crença dos McLellan pode estar correta. E um sentimento de humilhação recai sobre ela. Quatro anos inteiros perdidos num desejo por um futuro que não era para ser.

Na margem do lago Joan, um pato grasna, causando arrepios em sua espinha. Louise, despertada de seus pensamentos, volta a andar.

Pelo seu relógio são 7h10. Isso, para Louise, é um alívio: significa que o Alojamento dos Funcionários estará em grande parte vazio, já que a maioria dos indivíduos que ocupam o local são trabalhadores da cozinha ou membros da equipe de manutenção, e todos acordam e saem antes do toque da alvorada. Louise é amiga de muitos deles; conhece alguns de Shattuck.

Mas entre eles há alguém que ela não quer ver.

Lee Towson chegou no início do verão e imediatamente causou comoção. Ele foi contratado para trabalhar no refeitório, preparando ingredientes e lavando pratos. Não é comum que os membros da equipe se misturem com os monitores, mas Lee chamou a atenção na mesma hora. Ele é bonito e alto, com olhos de cílios grossos e cabelo na altura dos ombros, que mantém preso num rabo de cavalo curto. O rapaz dá a impressão de velocidade e leveza. Certa vez, enquanto esperava na fila para pegar uma bandeja, Louise o viu fazendo malabarismos com utensílios no fundo da cozinha. Quando percebeu que ela estava observando, ele se atrapalhou e deixou tudo cair. Fez uma careta. Riu de si mesmo com ela.

Ela não foi a única a notá-lo, é óbvio; todos os monitores notaram, homens e mulheres. No início do verão, Lee Towson recebeu um convite — uma ordem — para se juntar aos monitores na Clareira, e, desde então, tem sido uma presença constante por lá. Dizem que ele cresceu em Queensbury, não muito longe do acampamento; outro garoto que ela conhece de Shattuck o chamou de primo. Dizem que ele trafica um pouco aqui e ali. Outros comentários sobre ele

envolvem uma temporada como ajudante de circo itinerante, um tempo na prisão por posse de substâncias controladas e uma fama de mulherengo. Mas Louise desconfia de fofocas de forma implícita, já que ela mesma foi alvo de muitos rumores falsos.

Nos últimos dois meses, Lee e Louise se envolveram em flertes leves sempre que se viam. Na Clareira, as piadas entre eles logo se transformavam em gargalhadas, com Louise se dobrando, incapaz de respirar. Pequenos toques transitando entre o amigável e um pouco além. O calor da mão dele em suas costas, em seu ombro; uma vez, brevemente — depois de várias cervejas — numa linha reta para baixo, de onde estava no ombro até onde parou, nas costelas, logo abaixo do seio direito: uma lembrança que desperta um tipo de desejo que ela quase nunca sentiu na vida. Ela imagina o corpo dele sob as roupas. Ela o imagina olhando para seu corpo nu e então estendendo a mão para tocá-la.

Esse desejo, na verdade, foi o que a fez sair do chalé na noite anterior.

Louise repassa sem parar os eventos da noite na cabeça: primeiro suas campistas, todas as nove, dormindo quando saiu. Ou fingindo estar dormindo, como de costume. Isso teria sido às, o quê, dez e meia da noite? Umas onze? Ela não tem certeza. Annabel também estava na cama, lendo.

Annabel, que devia estar no comando.

A próxima coisa que Louise recorda: o ar quente da noite, úmido por causa de uma tempestade mais cedo; a caminhada até a Clareira — uma pequena área sem árvores logo depois da orla da floresta, um lugar onde gerações de monitores espalharam um monte de troncos rachados e que deixaram preparado para uma fogueira, transformando-o num clube ao ar livre para frequentar depois do toque de recolher —; os galhos de pinheiro, inchados pela chuva, que a encharcavam quando ela roçava neles; a música baixa do violão de Lee Towson; a fumaça fraca da fogueira. Então a nuca de Lee enquanto ele se curvava sobre o instrumento, depois o rosto de Lee enquanto Louise contornava o fogo, conforme ele olhava ansiosamente para ela, descalço, o cabelo preso atrás das orelhas.

“Onde está todo mundo?”, disse Louise, ou “Pra onde todo mundo foi?”, ou algo bobo assim.

Os dois sabiam por que estavam ali.

Louise se acomodou num toco perto da fogueira, longe de Lee. Ao fazer isso, percebeu onde John Paul estava em relação a ambos: a apenas alguns metros, num dos muitos quartos de hóspedes que ela nunca tinha visto na Autoconfiança. Era a última noite dele lá. Depois do primeiro dia em que descera a colina para cumprimentá-la, John Paul nunca mais tinha voltado. Todas as noites, depois que suas discípulas iam dormir, ela o esperava na varanda do Bálsamo. Na quarta noite, Louise ficou brava. Na quinta, resignada. Na noite anterior — a sexta em que John Paul estava no local, a quinta em que não foi até ela —, se sentiu indiferente.

Foi nesta noite que caminhou até a Clareira, onde Lee Towson estava esperando — aparentemente por ela. E foi nesta noite que John Paul decidiu, enfim, procurar por Louise.

Como ele encontrara os dois na Clareira, Louise ainda não sabia. Talvez tenha escutado o violão ou visto a pequena fogueira que ele havia acendido. De qualquer forma, num certo momento, Louise o avistou parado entre duas árvores, uma aparição que a assustou tanto que ela gritou e apertou o peito, respirando com dificuldade.

— John Paul — disse Louise. — Você me deu um susto.

Ela estava preparada para fazer pouco caso, dando um sorriso, quando Lee se virou e John Paul saiu cambaleando da floresta em sua direção. Ele estava, Louise percebeu, bêbado de novo. Havia uma careta de raiva em seu rosto, e ele gingou primeiro para um lado e depois para o outro. Lee, ágil, levantou-se rapidamente para encará-lo.

Por um momento, ninguém falou nada.

E então eles estavam um em cima do outro. John Paul, o agressor, foi o primeiro a cair. Com dois golpes rápidos, Lee o derrubou. Ele olhou para Louise, quase pedindo desculpas, enquanto John Paul estava imóvel aos seus pés. Os óculos de John Paul caíram de seu rosto e foram parar ao lado dele, no chão. Os olhos estavam abertos e desfocados. Ele piscou devagar.

— Namorado? — perguntou Lee.

— Noivo — respondeu Louise, se arrependendo na mesma hora.

Louise nunca havia mencionado John Paul para Lee, embora imaginasse que ele tinha ouvido falar que ela namorasse alguém.

— Você precisa de ajuda com ele? — perguntou Lee.

— Não.

— Vou esperar aqui. Para garantir que ele está bem. Melhor você voltar.

John Paul estava dando pequenos gemidos, virando a cabeça para a direita e para a esquerda. A princípio, parecia estar rindo, mas então Louise entendeu que o som era uma tosse. Ele se sentou lentamente, balançou a cabeça como um cachorro, mandando sangue do nariz para todas as direções. Ele tateou e encontrou os óculos, que pareciam tortos. O olho direito também estava prejudicado de alguma forma.

Quando conseguiu se levantar, apontou um dedo na direção dela.

— Puta — falou.

A palavra era quieta, direta. Louise já tinha sido chamada assim na vida. Uma ou duas vezes pela própria mãe. Em geral, não a perturbava. Mas na frente de Lee Towson, doía.

— Sim, claro — disse ela, ou algo assim. — Tá bem. O que você quiser.

Uma risadinha desdenhosa, um murmúrio, um revirar de olhos. As mesmas coisas que ela dizia e fazia sempre que a chamavam de algum termo ofensivo. Ela não lembra muito bem. Qualquer coisa para mostrar que não se importa.

Na noite anterior, funcionou. John Paul olhou fixamente para ela e então recuou, primeiro andando depois trotando. De volta à Autoconfiança. De volta à mãe, ao pai e à irmã, que não sabem o nome de Louise.

Ao seu lado, Lee Towson se mexeu.

— Bem — disse ele. — Acho que vou indo.

Louise queria impedi-lo de partir, mas a vergonha não permitiu que ela falasse.

Então Louise ficou sozinha.

O Alojamento dos Funcionários é a única construção de dois andares do Acampamento Emerson. Fica às margens do lago Joan, logo ao sul do riacho e dos chalés dos meninos. Louise nunca esteve lá dentro.

Ela sobe os degraus para o interior. À sua direita, é recebida por um longo corredor e uma fileira de portas, algumas abertas, outras fechadas.

— Olá? — chama ela.

Silêncio.

Louise começa a andar pelo corredor. Para em cada porta aberta, dando uma olhada lá dentro. Bate às portas fechadas; abre essas também. Alguns cômodos estão arrumados, outros são caóticos. Em todos, ela detecta o cheiro de homens: desodorante, loção pós-barba e, por baixo dessas armadilhas, suor, merda e sêmen.

Louise está quase terminando de verificar o segundo andar quando ouve o barulho de alguém subindo a escada.

Ela fica tensa. Sente medo sem saber exatamente por quê. Ela confia em todos que trabalham neste acampamento. Gosta da maioria das pessoas também, com exceção de alguns monitores que parecem mais interessados em festas do que em trabalhar.

— Olá? — repete Louise, e enfim recebe uma resposta.

— Oi — diz Lee Towson, surgindo da escada. — Oi.

Ele está sem camisa e bronzeado. O cabelo dourado está um pouco úmido. Como sempre, ela aprecia sua forma física por um instante. Ele é o único homem para quem já olhou dessa forma — a maneira como Louise imagina que ela mesma é avaliada pelos outros.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta Louise. — Não está na hora do café da manhã?

— O que *você* está fazendo aqui?

— Uma campista minha desapareceu — fala Louise. — Estamos vasculhando o terreno.

— Qual? Não… — diz Lee, mas não termina a frase.

— Barbara.

— Merda.

Louise assente. E então, de repente, sem aviso, seu rosto se enruga, seus ombros se erguem. Ela solta um suspiro trêmulo.

— Ah, não — diz Lee, em alarme genuíno.

Ele se aproxima, coloca os braços ao seu redor. Ela vira a bochecha, pressiona-a contra o peito nu dele. Lee é muito mais alto do que ela — a maioria dos homens é —, e Louise se sente envolvida de uma forma que em geral a deixa nervosa. Mas dessa vez é diferente: ela se sente segura. Mesmo chorando, está ciente de seu corpo ficando mais leve, pressionando-se contra ele.

Este é um dos poucos prazeres puros que Louise conhece na vida: a sensação quase sobrenatural de tocar o corpo de outro ser humano com o próprio corpo de uma forma que, pela primeira vez, transcende a amizade. Esses são os momentos da vida em que Louise sentiu mais intensamente a natureza animal de sua humanidade e, portanto, foram os mais reconfortantes. Ser um humano é algo complexo e, muitas vezes, doloroso; ser um animal é reconfortante, simples e bom.

Depois de um momento, ambos dão um passo para trás.

— Cadê sua camisa? — diz Louise, e ele sorri.

— Acidente com xarope de bordo — responde Lee.

Ele estende o braço, mostrando a camiseta de algodão amassada que estava segurando. Então começa a andar pelo corredor e para diante de uma porta.

— Tenho que continuar procurando — diz Louise.

— Só preciso de uma camiseta limpa — fala Lee. — Então ajudo você.

— Não precisam de você na cozinha?

— O café da manhã está pronto. Vão se virar.

Ele abre a porta do que deve ser seu quarto. Ela o segue. Lee acena para a cama à direita — bem arrumada, Louise percebe — e diz para ela se sentar. Ele joga a camiseta manchada num cesto. Veste uma nova.

— Como está seu noivo hoje? — diz Lee, sem olhar para ela. Louise consegue ouvir uma certa ênfase na palavra. Um tom risonho por baixo.

— Não sei — responde. — Não falei com ele.

Lee levanta uma sobrancelha.

— Deve estar envergonhado — confessa Louise. — Talvez com um olho roxo.

Com isso, Lee sorri. Olha para o chão, fingindo remorso.

— Desculpe.

— Não precisa pedir desculpas. Ele mereceu.

Lee hesita, decidindo se deve falar algo.

— Sabe, a gente se conhece. Eu e ele, quero dizer.

Louise não sabia. Lee vê isso em seu rosto. Dá de ombros, desculpando-se.

— Como assim?

Lee limpa a garganta. Desvia o olhar.

— Receio — diz ele — que não possa responder diretamente a essa pergunta. Por causa da confidencialidade do cliente.

Ela entende o que aquilo significa. Quer perguntar: *O que ele estava comprando de você?* Tudo bem se fosse um pouco de maconha. Psicodélicos estão fora de questão — John Paul não tem interesse neles. É da cocaína que ela tem medo. Essa é a droga que John Paul mais gosta, e também a que, após um episódio particularmente ruim entre os dois, ele jurou que nunca mais usaria.

Mas ela não vai perguntar a Lee. É humilhante demais.

— Vocês estão juntos há muito tempo? — pergunta ele.

— Quatro anos — responde Louise.

— Vai mesmo se casar?

Isso a pega desprevenida.

— Talvez.

— Sabe — diz Lee —, você deveria aprontar um pouco antes de se casar. Meu conselho.

Ele olha para Louise com malícia, sua intenção nua e crua. Ela sente um baque de desejo no estômago.

— Preciso ir — diz, envergonhada, de repente, por estar tão distraída.

— Tem certeza de que não quer ajuda? Para encontrar Barbara?

Louise hesita. Ela quer ajuda.

— Não acho que T.J. gostaria disso — responde.

E de alguma forma sabe que é verdade.

Ele assente.

— Vai ficar tudo bem, Louise. Ela provavelmente só fugiu — diz Lee. — Vão encontrá-la em breve. Ou ela vai voltar. Você não acha?

Louise pensa nisso. É o que quer acreditar.

— Você deve ter razão — fala.

Alice

Agosto de 1975

O telefone está tocando em algum lugar da casa.

Alice abre um dos olhos. Então o fecha. O sol já nasceu; a casa está ficando quente.

— Alguém atende esse telefone — pede sem convicção.

Sua garganta está seca. A pele também. Uma pulsação familiar começa em suas têmporas.

Cadê todo mundo? São oito da manhã, de acordo com o relógio na parede. Certamente alguém da equipe deveria estar lá para atender ao telefone. Alice fecha os olhos.

Uma batida à porta.

Se o comportamento deles na noite anterior servisse como indicação, todos os hóspedes na casa vão estar tão mal quanto ela. Até Peter, que se orgulha de sua abstinência — que julga a esposa, contando cada copo que ela toma —, até ele estava animado, contando histórias longas de seu jeito formal e estranho, tropeçando num canto virado do carpete, xingando-o enquanto seguia caminho.

As batidas na porta param.

Ela vira a cabeça para a janela. E vê, caminhando pelo gramado na direção do acampamento, T.J. Hewitt — a fonte das batidas urgentes, imagina Alice.

Barbara, pensa. Barbara sem dúvida fez algo errado, algo tão grave que nem mesmo T.J. — sua maior aliada — conseguiu ignorar. Desde o nascimento de Barbara, T.J. cuida da menina a cada verão como um cão de guarda, uma companheira fiel, sempre de prontidão, sempre por perto. Deveria ser como da família.

Mas ela não era.

Pela janela, Alice observa T.J. desaparecer de vista e volta a fechar os olhos.

Por um tempo, ela entra e sai de um sonho, sentindo-se presa em seu corpo na cama. No sonho, T.J. usa um sling que ela realmente fez no passado com corda e uma cortina, algo que havia criado para levar consigo a então bebê Barbara em trilhas. As duas eram uma visão: a adolescente T.J. toda magricela e carrancuda; o rosto redondo de bebê de Barbara sob seu queixo, olhando para o mundo.

Aonde você vai?, pergunta Alice, no sonho. *Encontrar Bear*, responde T.J.

Os olhos de Alice abrem de repente.

Completamente desperta, ela se levanta.

O quarto de Alice fica em frente ao quarto maior, onde, é claro, Peter dorme. Ela também já dormiu lá. Agora não mais.

Passa pela porta dele arrastando os pés. Está ligeiramente aberta, e ela desvia os olhos.

No corredor, passa pelo quarto de Barbara, ocupado no momento por Marnie McLellan, John Paul Sênior e a filha de Nancy. Passa — *não ignore* — pelo quarto de Bear, outrora decorado com as armadilhas da infância, todo azul, todo bagunçado, calções de banho e toalhas molhados eternamente empilhados no chão. Já faz tempo que foi remodelado. Esta semana, está ocupado pelos Southworth.

Um corredor curto e cheio de janelas conecta à ala sul da casa, onde ficam os quartos, com a sala principal no centro. Quando Alice o atravessa, algo do lado de fora chama sua atenção.

Dois veículos se aproximam, movendo-se devagar pela entrada, fazendo uma curva em direção ao Acampamento Emerson. Um deles é o único caminhão de bombeiros de Shattuck, propriedade do único corpo de bombeiros voluntários num raio de trinta quilômetros. O outro é um Dodge amarelo e azul: uma viatura da polícia estadual.

Alice faz uma pausa, hipnotizada, lembrando-se de outro dia.

Na sala principal, o telefone começa a tocar de novo.

— Sra. Van Laar? — diz o homem ao telefone. — Sra. Van Laar?

Ele é, revela a Alice, um sargento da polícia estadual.

— Tenho uma notícia difícil para lhe dar.

Alice, com o fone na mão, observa o ambiente.

O que você vê?, perguntaria o dr. Lewis em momentos como esse.

Vidro no chão, pensa ela. Danos da festa da noite anterior. Um quadro torto na parede. Vidro no chão, e um quadro torto na parede, e uma garrafa de vinho caída, e uma grande mancha de vinho no tapete.

Alice respira.

O que mais?, diria o dr. Lewis. Ela quase consegue ouvi-lo falando isso.

Ela olha pela janela. O dia está ensolarado, pensa Alice. O dia está ensolarado, e a luz reflete na água, e um empregado, no jardim, está arrancando ervas daninhas.

— Sra. Van Laar — diz o homem ao telefone. Em sua voz, há um tom amedrontado. — Sra. Van Laar, lamento informar que sua filha desapareceu.

Quais cheiros você sente?, perguntaria o dr. Lewis.

— Alô? — fala o homem ao telefone. — Sra. Van Laar, uma equipe está a caminho. Alô?

Sinto cheiro de álcool velho, pensa ela. Sinto cheiro de fumaça rançosa de charutos e cigarros. Por baixo de tudo, um cheiro cítrico — o polidor de madeira usado nos móveis.

— Alô? Sra. Van Laar?

E o que escuta?, perguntaria o dr. Lewis.

— Sra. Van Laar?

Ouço o som de discagem, pensa Alice. Ela põe o fone no gancho. O som vai embora.

E agora?, diria o dr. Lewis.

Alice fecha os olhos. Se ela se esforçar — se o vento soprar na direção certa —, de vez em quando consegue ouvir as vozes das crianças do Acampamento Emerson.

De vez em quando, até consegue ouvir a voz de Bear.

Quais gostos você sente?, perguntaria o dr. Lewis.

Não sinto gosto de nada.

Concentre-se em seus sentidos. Ancore-se ao mundo. Quais gostos você sente?

Nenhum, pensa Alice. Não sinto gosto nenhum.

Pelas portas de correr de vidro que levam ao gramado à beira do lago, alguém entra na sala principal. É uma das duas jovens faxineiras que eles contrataram da cidade, apenas para a semana da festa. Ela para na soleira, segurando um esfregão e um balde, avaliando os danos: os piores até o momento. Ainda não notou Alice, e, por essa razão, permite registrar em seu rosto o desdém que claramente sente, murmurando algo em voz baixa. *Nojento*, talvez, ou *merda*. *Simplesmente inacreditável*.

— Bom dia — fala Alice, e a menina fica em posição de sentido, parecendo culpada.

— Bom dia, senhora — diz ela, colocando o esfregão e o balde no chão.

Depois, começa a recuar para a ala norte, provavelmente para buscar mais suprimentos.

— Você não ouviu o telefone? — pergunta Alice. — Ou a batida na porta?

— Não, senhora — responde a menina. — Eu estava lá atrás, pendurando a roupa no varal.

* * *

Relutante, Alice começa a agir. Ela atravessa o corredor em direção ao quarto em que Peter está dormindo. Escancara a porta, dizendo a si mesma que não tem medo do que — ou de quem — verá lá dentro.

Mas apenas Peter está na cama, dormindo profundamente, um cotovelo dobrado sobre a testa, como se para bloquear a luz. Ela não o via assim — adormecido, ou numa cama, ou mesmo deitado — fazia um ano. Mais.

Diz o nome dele em voz alta. Uma, duas vezes.

— O quê? — murmura Peter, por fim.

— É Barbara — diz Alice. — Ela desapareceu.

Alice

Dois meses antes
Junho de 1975

Após a partida de Barbara para o Acampamento Emerson, Alice levou quase uma semana para notar o cadeado na porta do quarto da filha. O quarto dela ficava em outra ala da casa; Alice não tinha motivo para passar por lá.

Porém, depois de seis dias sentada no solário, ou deitada na cama, ela enfim começou a se sentir solitária. Peter também não estava em casa; estava em Manhattan, provavelmente, embora ela nunca soubesse ao certo. E, na ausência da filha e do marido, a casa ficou silenciosa.

E então, naquela manhã, com o tédio a impulsionando para fora da cadeira, Alice decidiu dar uma volta.

Em pouco tempo ela estava do lado de fora do quarto da filha, segurando o cadeado, impressionada com a ousadia de Barbara. Ela com certeza sabia que Peter ficaria muito bravo ao voltar de viagem e encontrar o batente da porta danificado pelos parafusos que seguravam o cadeado no lugar. Mais do que isso, ele ficaria bravo com o que o ato insinuava: que Barbara tinha algum direito à privacidade depois do comportamento que vinha apresentando nos últimos tempos.

A fechadura, Alice sabia, teria que ser removida. O batente da porta teria que ser cuidadosamente consertado: isso era certo. Peter notava tudo na casa.

Um dos jardineiros resolveu rapidamente a questão do cadeado. E ainda prometeu chamar um carpinteiro habilidoso que ele conhecia e que poderia consertar ou substituir a madeira danificada.

— Obrigada — disse Alice, distraída.

Mas já estava dispensando o homem.

Ela não queria que ninguém a observasse abrindo a porta.

Alice sentiu o cheiro antes de ver: tinta fresca.

Ali, ocupando uma parede inteira — a maior do quarto — havia algum tipo de… *mural*, supôs Alice, embora aquela palavra fosse digna demais para descrever as imagens terríveis que pairavam sobre a cama de Barbara.

O motivo principal eram bandeiras. Uma britânica. Uma americana de cabeça para baixo. E então alfinetes de segurança, machados, algemas, facas.

Num canto superior, um sol e uma lua com rostos humanos sorriam e franziam a testa para Alice.

Então, pensou ela, era isso que Barbara estava fazendo atrás da porta que manteve fechada durante a maior parte de junho. Tocando seus discos horrorosos e pintando esse mural horroroso.

Ela também fizera isso em Albany. Pintara as paredes de seu quarto quando tinha dez anos — mas, pelo menos naquele caso, tivera a decência, o bom senso, de pedir permissão a Peter. Apenas um mural inofensivo: sol, nuvens, montanhas e o que parecia ser o lago Joan.

Este, no entanto, era perturbador.

Uma onda de emoções conflitantes surgiu dentro de Alice. Uma era medo: seria um inferno quando Peter visse aquilo. Mas havia outra emoção. E enfim ela percebeu, com uma pontada de dor, que era inveja. Nunca na vida Alice sentira a liberdade de fazer algo assim. Simplesmente decidir — *Vou pintar um mural hoje* — e então seguir com o projeto.

Todos os suprimentos usados para manter a casa ficavam num pequeno cômodo ao lado da adega. Lá, Alice procurou em prateleiras de tinta a cor que havia escolhido, quando Barbara nasceu, para o quarto que seria dela na Autoconfiança.

Lá estava: rosa-bebê.

Um lindo tom de rosa-claro.

Retornando à cena do crime de Barbara com um rolo e um balde nas mãos, Alice começou a trabalhar.

Quando Peter retornasse de onde quer que estivesse, não haveria vestígio algum do mural ou do cadeado.

Tracy

Junho de 1975

A primeira semana das Aulas de Sobrevivência foi sobre se orientar na mata. A segunda semana seria sobre se manter aquecido e abrigado.

T.J. Hewitt levou o grupo a um lugar tranquilo na floresta. Então parou, mãos na cintura, um pé em cima de uma raiz.

— O que vocês veem? — perguntou.

Silêncio.

Então uma menina mais nova levantou a mão.

— Árvores?

Risadas baixinhas do grupo; a garota corou. Sua intenção não era de que a resposta fosse engraçada.

Mas T.J. foi em frente.

— Muito bem — falou. — O que mais?

Rochas, disseram. *Um pedregulho. Folhas. Agulhas de pinheiro. Terra. Galhos.*

T.J. assentiu.

— Tudo isso pode ser usado numa emergência para manter você aquecido. A floresta tem seus perigos, mas também é generosa.

Ela se virou de repente e caminhou três metros na direção de uma das menores árvores que havia nas proximidades.

— Isto — disse ela — é um abeto-balsâmico. É uma das árvores mais densas por perto, com uma folhagem bonita e espessa, e também uma das mais jovens. Estão vendo como ela é mais baixa do que as vizinhas? Isso significa que seus galhos formarão um abrigo agradável na chuva ou na neve, ou mesmo no frio.

T.J. demonstrou: angulou seu corpo longo sob os galhos mais baixos da árvore, acomodando-se ao redor do tronco.

— Eu poderia ficar aqui durante uma tempestade — disse T.J. — Mas, se quisesse ficar mais tempo, teria que ser criativa.

E ela continuou a aula, discutindo como construir paredes improvisadas, enviando os campistas em diferentes direções para localizar galhos de coníferas caídos.

Tracy não prestava muita atenção. Os borrachudos estavam em plena atividade, e todas as pessoas próximas agitavam as mãos na frente dos rostos com crescente desespero. Além disso, duas figuras extremamente chamativas atraíam seu olhar: Barbara van Laar, à esquerda, e Lowell Cargill, diante dela.

Lowell balançava para a direita e para a esquerda, braços cruzados na cintura, ouvindo com atenção e respeito cada palavra de T.J., aparentemente imune a mosquitos, calor e tédio.

Isso o tornava ainda mais atraente.

Naquela noite, Tracy se sentou na cama com seu diário nas mãos, escrevendo. Era assim que passava o tempo nas noites em que não tinham outra atividade programada.

A maioria de suas companheiras de chalé escolhera fazer uma coisa diferente. Até as luzes se apagarem às dez da noite, tinham permissão de andar de chalé em chalé, desde que permanecessem nas varandas. Em geral, iam para a varanda do Pinheiro, o chalé do outro lado do riacho, onde os meninos mais velhos ficavam alojados.

A única outra campista que também ficou para trás foi Barbara — que, em várias ocasiões na semana anterior, tentara puxar assunto com Tracy. Mas ela sempre se atrapalhava, a língua presa, incapaz de produzir respostas apropriadas.

Era por isso que, naquela noite, Tracy escrevia frases e perguntas em seu diário. Algo que pudesse ler em voz alta para Barbara: aquilo parecia melhor do que entrar sem roteiro numa conversa.

— Barbara — disse Tracy.

Do beliche acima, uma agitação.

— Sim? — respondeu Barbara.

— Estava me perguntando se você está gostando do acampamento.

Uma pausa.

— Ah — disse Barbara. — É legal, acho.

— Qual é sua parte favorita? — indagou Tracy.

— A comida — respondeu Barbara, inabalável. — Gosto de poder comer o quanto quiser.

A próxima fala do roteiro dizia: *Que interessante. Eu gosto de estar próxima à natureza*. Mas a resposta de Barbara foi tão sincera e refletiu suas emoções de forma tão precisa, que Tracy falou:

— Eu também.

Antes que ela pudesse continuar, a cabeça de Barbara apareceu do beliche de cima. Tracy fechou o diário com força, mas tarde demais.

— Você está me entrevistando? — perguntou Barbara, sorrindo.

— Não — disse Tracy, balançando forte a cabeça. — Estava escrevendo outra coisa.

Pensativa, Barbara olhou para ela por um momento.

— Posso descer?

Tracy assentiu e foi para a direita, e Barbara desceu do beliche com agilidade, ignorando a escada em favor de uma barra fixa. Ela conseguiu fazer isso segurando uma revista que Tracy não reconheceu. Depois que Barbara se acomodou ao seu lado, Tracy deu uma olhada na capa: *Creem*, dizia, em letras vermelhas e arredondadas. E, abaixo da palavra, havia uma foto de uma mulher com roupas semelhantes às de Barbara quando chegou ao acampamento.

Com toda a natação que praticavam diariamente, o preto do cabelo de Barbara havia desbotado. Sem a tintura e o batom vermelho, ela parecia mais nova.

— Sobre o que é? — perguntou Tracy, apontando para a revista.

Barbara olhou para a *Creem*.

— Música — respondeu, pronunciando a palavra com verdadeira reverência.

Então olhou para Tracy.

— Sabe — disse ela —, estou aqui há uma semana e acho que é a primeira vez que você fala.

— Não é verdade.

— Não, quero dizer, que você *conversa*. Mas só quando outra pessoa fala com você primeiro. Você é muito tímida, não é?

Tracy pensou um pouco. Ela não era sempre tímida, dependia do contexto; com sua mãe e as amigas dela, podia ser ousada e

barulhenta. Além disso, Tracy tinha um talento secreto: sabia cantar. Ela era uma cantora de contralto vistosa, uma cantora de chuveiro; no carro, harmonizava com a mãe, que frequentemente elogiava a filha pelo timbre de sua voz.

— Uma jovem Patsy Cline — dizia sua mãe, cujo gosto, cultivado numa vida anterior como amazona em rodeios de terceira categoria na Nova Inglaterra, tendia para a música country.

Mas essa faceta da personalidade de Tracy — a maneira como se comportava diante das mulheres adultas que amava e em quem confiava — era muito difícil de explicar, de forma que não falou nada.

— Você não deveria ser tímida — disse Barbara. — Você é mais interessante do que todo mundo neste acampamento. Dá para ver. Aposto que tem alguns segredos.

Ela tinha? Na verdade, não. Porém, mais uma vez, esse equívoco parecia estar trabalhando a seu favor, e então disse:

— Talvez.

— Viu, eu sabia — disse Barbara. — Percebi logo de cara.

As duas ficaram em silêncio. E então, do lado de fora: o som de acordes distantes de violão. Barbara levantou o rosto, encantada.

— Vamos — disse ela.

— Para onde?

— Vamos. Somos sempre as únicas que ficamos aqui. Vamos lá fora.

Um instante depois, Tracy estava trotando para acompanhar Barbara, que caminhava rapidamente na direção da música cada vez mais alta.

Virando uma esquina, eles ficaram cara a cara com uma pequena multidão que se reunira na varanda do Pinheiro. Todas as suas companheiras de chalé estavam lá, junto a duas dúzias de outros campistas. E no meio da multidão estava Lowell Cargill — era ele tocando o violão.

Tracy deu um passo para trás, corando. Lowell cantava uma música que ela conhecia — uma de que sua mãe gostava. “You Were on My Mind”, de Ian & Sylvia. Ela conhecia a letra toda. Teve que se segurar para não cantarolar.

E, no meio de tanta gente — aquilo foi imaginação dela? —, ela captou o olhar de Lowell Cargill e se forçou a *sustentá-lo, sustentá-lo*, e não desviar o olhar até que ele o fizesse.

* * *

Elas ficaram até a cantoria acabar. Depois do pôr do sol e na escuridão. Quando, enfim, fizeram o anúncio de que todos os campistas deveriam retornar para seus chalés, Barbara e Tracy caminharam lado a lado, em silêncio, ambas sob o encanto da música, do ar frio da noite, dos vaga-lumes.

— Estava sentindo falta disso — disse Barbara.

— Do quê?

— Música.

Então, Barbara parou de andar, e Tracy ficou ao lado dela.

— Quero te pedir um favor — falou Barbara.

— Diga.

— Vou sair do chalé algumas noites. Depois que todo mundo dormir.

Tracy esperou. Estava confusa. A pergunta natural a ser feita seria *Por quê?*, mas o tom da voz de Barbara lhe deu a impressão de que não adiantaria questionar.

— Só de vez em quando. Não vai ser sempre. De qualquer forma, você acha que consegue manter isso entre nós?

Tracy assentiu devagar.

— Além disso — continuou —, você se importaria se eu ficasse na cama de baixo? Vai ser mais fácil se eu não tiver que usar a escada toda vez.

Isso fez Tracy hesitar. A cama de cima suportaria seu peso? Mas ela não conseguiu levantar a questão, então disse que tudo bem.

— Vou dizer que tenho medo de altura ou algo assim — falou Barbara, sorrindo. — Se alguém perguntar por que trocamos.

Nas duas semanas seguintes, ficou evidente que Barbara mentira ao menos sobre uma coisa: suas excursões noturnas, de fato, aconteciam

todas as noites. Às dez da noite, todas as meninas do chalé iam para a cama, e Louise e Annabel apagavam as luzes. Tracy não conseguia ver nada por trinta segundos, e então as formas mais fracas começavam a surgir: móveis, janelas e as silhuetas de suas companheiras de acampamento — iluminadas, ela percebeu, apenas pelas estrelas brilhantes acima da terra clara do Acampamento Emerson.

Num certo ponto, quando nenhum movimento podia ser ouvido em todo o chalé, Tracy sentia a cama se mover muito de leve, a respiração de Barbara mudava, e em seguida ouvia seus passos, suaves como os de um gato, e a garota abria a porta de tela, prendendo a respiração, e a fechava atrás de si, igualmente silenciosa. O mais leve rangido da dobradiça, e ela não estava mais lá.

Tracy nunca estava acordada quando Barbara retornava, então não sabia quanto tempo ela ficava fora. Comentou em voz alta, certa vez, que Barbara devia estar muito cansada. Em resposta, Barbara insistiu que era uma pessoa que quase não precisava dormir, e seu comportamento energético a cada dia provava a Tracy que ela dizia a verdade.

Se mais alguém no chalé sabia desse hábito rotineiro, não falou nada. Ninguém perguntou, e Barbara não explicou nada — a princípio.

Jacob

Junho de 1975

A ideia veio num sonho. *Jacob Manco*, uma voz lhe disse, e ele acordou em sua cela com a frase se repetindo sem parar. *Jacob Manco. Jacob Manco*. Era uma provocação? Tinha uma semelhança passageira com a voz de seu pai, e soava como algo que ele poderia ter dito.

Foi apenas na hora do almoço — observando um homem que não conhecia arrastar o peso morto de sua perna pelo chão do refeitório do presídio — que Jacob entendeu de repente o significado da frase.

— Vírgula — disse ele em voz alta. — Vírgula.

E Harold Debicki, ao seu lado, perguntou do que ele estava falando.

Jacob, manque, pensou ele. Mas não disse isso em voz alta.

Na manhã seguinte, quando o guarda veio fazer a ronda matinal, Jacob estava deitado na cama, imóvel. Ele faria mais do que mancar. Ficaria paralisado.

— Levante-se, Sluiter — disse o guarda.

— Não consigo — argumentou Jacob. — Não consigo mover as pernas.

Ele disse isso com calma; exagerar, pensou, levantaria suspeitas. Repetiu a frase com a mesma voz calma para todos que encontrou naquele dia, e todos os dias depois disso: *Não consigo mover as pernas*.

Foi necessário um pouco de prática, mas, depois de algum tempo, Jacob realmente começou a acreditar. Para ir de um lugar para o outro, ele se arrastava pelo chão, mesmo quando não acreditava que estava sendo observado.

Ele nunca foi querido em Dannemora, mas depois de várias semanas assim, até mesmo seus algozes mais cruéis o defendiam junto aos guardas.

Não é certo, era o consenso. Precisava ser analisado por um médico.

Só se permitia mover as pernas à noite, já deitado. Nessa hora, com o cuidado de esperar até ouvir os roncos suaves de seu companheiro de cela, ele movia as pernas como se estivesse andando de bicicleta e levantava-as alternadamente, condicionando-as para não perderem força.

Depois de algumas semanas, foi transferido para Fishkill, uma prisão de segurança mínima, quatro horas ao sul.

Depois de alguns meses, escapou.

Desde então, ele se dirigia ao norte, seguindo o Hudson em linha reta.

Como destino, tinha apenas uma ideia: sua terra ancestral, a área Sluiter, o lugar ao qual seu avô o levava para acampar. Ali havia um pequeno conjunto de cavernas naturais que oferecia abrigo fácil; dentro de uma delas, os dois dormiam lado a lado, e seu avô, um contador de histórias nato e o único adulto que já havia sido gentil com ele, contou a Jacob a história de sua gente.

As cavernas ficavam perto de uma área povoada, e, portanto, Jacob sabia que seria perigoso visitá-las. Mas ele não conseguia prever quanto tempo ainda teria de liberdade ou de vida — e então o sentimento ou a loucura o levavam adiante.

Ele viajava ao luar ou à luz de postes, por estradas secundárias. Na maior parte das noites, encontrava uma casa para entrar sem precisar arrombar nada: uma janela escancarada, uma porta fácil de abrir. Em sua maioria, eram casas de ricos, chalés de verão com vista para o rio. Lá dentro, pegava apenas o necessário, sem fazer barulho algum, tentando não acordar ninguém. Apenas uma vez chegou perto de ter um problema: quando a dona de uma das casas atravessou a cozinha usando seu roupão de banho, movendo-se tão silenciosamente em direção ao banheiro que ele não a ouviu se aproximar.

Por um minuto inteiro ele prendeu a respiração enquanto ela fazia suas necessidades. Ele não se escondeu; ficou parado no meio do piso de linóleo, braços esticados, pernas relaxadas. Segurava uma faca que havia furtado de uma casa anterior. Se fosse visto ali no escuro, ele levantaria um dedo em direção aos lábios. Diria à mulher que gritar colocaria a família dela em perigo. Ele teria que matá-la, isso era certo, uma questão de necessidade; mas os outros, supondo que houvesse outros, seriam poupados.

A mulher deu descarga. Lavou as mãos. Abriu a porta do banheiro e apagou a luz. Saiu de lá e seguiu pelo corredor, provavelmente para o quarto dela.

Em nenhum momento olhou na direção dele.

Durante o dia, escondido pelas árvores, Jacob dormia no chão mais macio que conseguia encontrar.

Era verão. Havia chovido um pouco. Na única noite em que choveu, ele ficou dentro da casa em que entrara, sentado à mesa da cozinha, atento com todos os sentidos qualquer movimento na casa. Quando a chuva parou, saiu para o ar fresco e novo.

Seu pai, que não se orgulhava nem um pouco do filho, talvez pudesse ter sentido orgulho dele por uma coisa: sua engenhosidade, sua capacidade de se virar com o que a natureza e os ricos forneciam.

Ele vinha de uma longa linhagem de homens engenhosos. Seu tataravô e seus *tataratios* foram madeireiros cujo trabalho foi ameaçado pela primeira vez por causa das reclamações de Verplanck Colvin sobre a exploração madeireira nas montanhas Adirondack. Sentindo o perigo, eles venderam suas terras — e foram sábios em fazê-lo. Duas décadas depois, o governador Roswell Flower fundou a Reserva Adirondack. *Para sempre selvagem* era o termo sentimental que impedia qualquer exploração madeireira posterior na terra — até mesmo na própria propriedade. Em um instante, a área Sluiter — aqueles acres e acres que os ancestrais de Jacob haviam comprado por uma pechincha, sonhando com boa sorte e segurança financeira para as gerações futuras — foi despojada de sua lucratividade pelo governo.

Assim, seus ancestrais foram trabalhar com outras atividades: turismo para alguns, guiando visitantes ricos da cidade; trabalho em fábricas para outros, manufaturando camisas e papel em cidades como Corinth e Troy. Alguns — entre eles seu avô e seu pai — foram trabalhar com construção e serviços gerais. E o engraçado é que nunca lhes faltou trabalho. O governo não via problemas se os ricos decidiam limpar a terra para construir suas casas colossais. Eram só as pessoas comuns — pessoas como os Sluiter — que eram impedidas de exercer sua antiga função, que tinham a tarefa de manter a terra imaculada para o deleite dos Roosevelt e Rockefeller do mundo.

Portanto, quando Jacob entrava nessas casas todas as noites — roubando comida de suas despensas e geladeiras cheias, afanando roupas — fazia isso com uma certa dose de prazer. Uma ou duas vezes, em casas realmente vazias, chegou até a tomar um banho.

Jacob não tinha certeza de quantos dias haviam se passado desde sua fuga. Ele sabia, por uma matéria de primeira página num jornal que repousava numa mesa de cozinha, que estava sendo procurado.

Também sabia que o território ao norte para onde estava indo era ainda mais remoto.

Isso significava duas coisas: que seria mais difícil encontrá-lo.

E que ele teria que ser mais engenhoso.

II

Bear

Alice

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Alice Ward, dezessete anos e meio, manteve os olhos bem fechados no caminho para a Grand Central. Era cacoete: algo que ela fazia desde que conseguia lembrar. Aquilo a acalmava, permitia que imaginasse, mesmo que por um instante, que estava sozinha no mundo. Fazia isso apenas quando acreditava que ninguém estivesse olhando. Dessa vez, estava enganada.

— Alice — disse sua irmã, Delphine, a mais velha das duas. — Você está dormindo?

Alice abriu os olhos.

Três semanas antes, no salão de baile do Waldorf-Astoria, ela havia debutado. Seguindo a tradição, seu primeiro príncipe tinha sido um cadete de West Point cujo nome ela já tinha esquecido. Seu segundo príncipe deveria ter sido Stuart Parker, um garoto desagradável que ela conhecia desde que nascera, mas — milagre dos milagres — ele pegou sarampo um dia antes do evento. Foi Delphine quem sugeriu o substituto de última hora: um amigo de faculdade de seu marido George. Alguém que por acaso estava hospedado na casa deles em Manhattan para se encontrar com um cliente.

O nome dele, disse Delphine, era Peter van Laar. E sim: ele tinha um smoking.

A mãe de Alice ficou entusiasmada. Seu pai nem tanto.

— Van Laar — disse ele. — Conhecemos os Van Laar?

Eles conheciam, sua mãe lhe assegurou. Os Van Laar de Albany. (Em seu tom havia um quê de concessão: Sim, Albany. Ainda.)

Banqueiros, pensou a sra. Ward. Conservacionistas. Um Roosevelt fora muito próximo do avô dele.

— Quantos anos ele tem? — perguntou Alice.

— Ah, a idade de George — respondeu Delphine, fazendo um gesto no ar, como se algo tão trivial como a *idade* não importasse num homem.

A resposta, Alice descobriu mais tarde, era 29 anos.

Depois de uma semana, um envelope chegou pelo correio. Estava endereçado à *Srta. Ward e acompanhante*, e dentro dele havia um convite para a casa de verão de Peter van Laar nas montanhas Adirondack — aquela sobre a qual ele havia falado, com surpreendente ternura, enquanto estava sentado ao lado de Alice no jantar.

Espero muito que possa vir, escreveu Peter, com mão firme. *Gostei muito de conhecer você.*

E lá estavam elas, Alice e Delphine, na plataforma da Grand Central, aguardando para embarcar. Era estranho, na verdade, estarem lado a lado assim; as duas não passavam tanto tempo juntas desde que eram bem pequenas.

Delphine era cinco anos mais velha e doze centímetros mais alta que Alice. Tocava piano de forma brilhante. Nunca parecia tímida. Tinha um ar intelectual e se interessava por política, duas características que a faziam se destacar do restante da família Ward, cujos principais tópicos de conversa na mesa de jantar tendiam para a fofoca. Num determinado momento, Delphine apresentou aos pais a ideia de se candidatar a Barnard ou Radcliffe, uma ideia da qual seu pai havia zombado, embora, em Brearley, ela tivesse sido a primeira da classe.

Alice, por sua vez, mal havia se formado.

Delphine estava com 22 anos e era casada com George Barlow. Foi uma união por amor, mas que quase não aconteceu, devido à crença do pai de que George, apesar de sua linhagem indiscutível, era um *excêntrico*. Logo ela estaria esperando um bebê. Alice podia ver o

futuro de Delphine claramente traçado à frente delas; era o próprio destino que ela não conseguia imaginar. Quando tentou, viu algo nebuloso e indistinto que fez seu estômago embrulhar.

* * *

Em North Creek, elas foram recebidas por um carro incomum dirigido por um homenzinho ruivo vestindo roupas de veludo cotelê, as mãos sem luvas segurando um cartão com os dizeres *Srta. Ward*.

O motorista, desconfortavelmente conversador, fez perguntas que horrorizaram Alice em sua intimidade. De onde elas tinham vindo, ele queria saber. Eram casadas? Trabalhavam? Ela olhou de soslaio para Delphine, esperando para ver se diria alguma coisa, mas a irmã estava em paz. Entretida, até. Ela respondeu a todas as perguntas e fez algumas em troca.

— Quem vai hospedar vocês na Reserva? — perguntou o motorista.

Alice esperou Delphine responder, mas, em vez disso, a irmã falou:

— Pode falar, Alice.

— Peter van Laar — disse Alice.

— Pai ou filho? — perguntou o motorista.

E sem esperar por uma resposta, ele expôs em detalhes a reputação do filho na cidade — que não era ótima, como foi possível perceber —, a *frieza* sendo a principal crítica, o que não incomodou tanto Alice. Ela gostava do frio. Ela se dava melhor com pessoas que tinham movimentos e falas suaves. Na verdade — embora tivesse ficado nervosa ao conhecê-lo na Junior Assembly, com medo de que a diferença de idade a deixasse sem assunto —, o que Alice notou e apreciou de imediato em Peter van Laar foi sua quietude. Sua altura e os olhos azuis firmes. A impressão que ele dava de que estava no controle.

Eles dançaram juntos três vezes. Quatro, se contasse uma volta pela metade no final da festa, quando foram interrompidos por um parente querendo se despedir.

A cada rotação, ele a segurava mais perto. Ele era muito bonito. E cheirava, lembrou Alice, à floresta.

— A casa tem uma história interessante — disse o motorista.

A estrada estava ficando sinuosa, e o estômago de Alice começava a revirar. Ela encostou a cabeça na janela.

— Fantasmas? — perguntou Delphine, alegremente, mas o motorista balançou a cabeça.

— Nada disso. Ela veio da Suíça. A casa toda, *inteirinha*. Eles chamam de *chalet*. — E ele fez um pequeno som que era algo parecido com uma risada.

— Fascinante — disse Delphine.

— Cada parte dela. A família trouxe de navio. Construiu de novo aqui. Isso foi há quase oitenta anos. Imagine a senhora o trabalho que deu. Eles fizeram uma estrada só para transportar a madeira. Dúzias de cavalos para puxar a carga. Ainda se fala sobre isso na cidade. Cada homem e menino em Shattuck com mais de nove anos de idade foi contratado pelos Van Laar para montar tudo de novo.

— Consegue imaginar, Alice? — perguntou Delphine, e Alice beliscou as costas de uma das mãos, desejando que o conteúdo de seu estômago permanecesse no lugar.

— Adivinhe como eles chamaram o lugar — falou o motorista.

Ele esperou.

— A casa, quero dizer. Adivinhe como aquela velha família batizou a casa — disse ele.

— Me dê um minuto. Estou pensando — disse Delphine, séria. E então respondeu: — Manderley.

— Não — disse o motorista. — Autoconfiança. *Autoconfiança!* — Ele deu um tapa no joelho.

Nenhuma delas respondeu; Alice porque não entendeu qual era a graça, e Delphine, presumivelmente, porque estava processando a piada.

— Não foram os Van Laar que transportaram a madeira — falou o motorista, prestativo.

— Isso *é* engraçado — disse Delphine, embora Alice percebesse que, por fim, também a irmã se sentia desconfortável. As duas eram hóspedes dos Van Laar.

— Você está bem, senhorita? — perguntou o motorista a Alice, notando, talvez pelo espelho retrovisor, o tom esverdeado do rosto dela.

Estava bem, disse a ele. Ótima.

— Fixe o olhar na janela da frente. Tente abrir um pouco sua janela — disse o motorista.

Mas Alice não tinha levado um lenço, e seu cabelo voou sem controle sobre seu rosto no momento em que abaixou o vidro.

Então fechou a janela.

Alice manteve os olhos fechados até sentir o carro diminuir a velocidade, ouvir a estrada abaixo deles mudar de asfalto para terra. Ela os abriu e descobriu que tinham chegado a uma longa estrada particular. À sua esquerda havia uma série de construções de fazenda em pleno funcionamento: um estábulo, um silo, um matadouro. Uma mulher e uma criança na frente deles, olhando, sem acenar.

E então, enfim, a Reserva: fileiras de pinheiros altos que mergulhavam a terra em sombras, um gramado inclinado sem árvores. No topo do gramado deveria estar, ela supôs, a casa que o motorista havia descrito.

Autoconfiança, dizia uma pequena placa pela qual passaram. A casa em si era colossal. A estrutura central tinha três andares de altura, construída com toras rústicas. Delicados entalhes de madeira desciam de seu telhado saliente e enfeitavam as venezianas que emolduravam grandes janelas. Duas alas brotavam das laterais; um pórtico cobria a entrada. Havia muitos jardins, todos cheios de flores projetadas para parecerem selvagens. Construções menores se espalhavam ao redor da casa, uma delas uma espécie de versão em miniatura da propriedade.

— Minha nossa — disse Delphine.

O mais chocante, pensou Alice, era o quanto a casa estava distante de qualquer outra coisa. Todo o trabalho necessário para construir aquilo no meio da floresta. Os Van Laar tinham colocado a casa no topo de uma elevação no terreno, de modo que tudo perto da

Autoconfiança também estava abaixo dela. Como o Olimpo, pensou Alice, a quem tais referências em geral não ocorriam.

O motorista avançou devagar até o carro tocar a grama e então parou. Foi só então que ela notou Peter, parado como um cervo na sombra projetada pela casa. Esperando.

Ele deu um passo à frente. Era ainda mais alto do que ela se lembrava. Parecia mais velho também. Havia um toque de prata em seus cabelos, iluminados brilhantemente pelo sol enquanto atravessava o gramado.

O motorista saiu do carro. Elas esperaram um pouco até perceberem que ele não abriria as portas.

Peter estava chegando perto, e o estômago embrulhado de Alice explodiu em nervos pulsantes e turbulentos que ameaçavam fazer seus dentes baterem.

O que diriam um ao outro?, perguntou-se ela. O que havia para dizer a um homem adulto? Durante seus anos de escola, ela convivera apenas com garotas. Lembrou-se de que dançar com Peter fora bom; o salão de baile do Waldorf estava escuro e barulhento e havia pouca necessidade de conversa. Mas ali, em plena luz do dia — tudo era diferente.

Delphine a resgatou.

— Que viagem — falou a ele, feliz, saindo do carro. — Achei que nunca chegaríamos.

Ao seu redor, o cheiro da seiva no sol. Além dele, água fresca: o lago.

Peter sorriu, com as mãos nos bolsos e o olhar fixo nos sapatos.

— Estou feliz que estejam aqui — declarou.

E estendeu as duas mãos para pegar as malas, que o motorista entregou com alegria.

Ele caminhou ao lado de Delphine enquanto se aproximavam da casa. Foi a Delphine que se dirigiu quando perguntou sobre o clima na cidade, sobre as atividades de que elas gostavam. Alice seguiu atrás deles, sentindo-se cada vez mais infantil.

— Vocês já visitaram essas montanhas antes? — perguntou ele, e Delphine respondeu que sim, uma vez, quando eram muito pequenas.

— Você se lembra, Coelhota? — perguntou ela a Alice, que ficou vermelha ao ouvir o apelido.

Peter se virou ligeiramente, esperando a resposta. A verdade é que ela não se lembrava, mas admitir aquilo a faria parecer ainda mais jovem em comparação à irmã. Resolveu dizer que sim.

— Vocês sabem dos mosquitos, então — disse Peter.

— O quê, estes? — disse Delphine, abanando a mão no ar, afastando o pequeno enxame que se reunira ao redor de suas cabeças.

— Sim — disse Peter. — Borrachudos. Em geral, eles já desapareceram nessa época do ano, mas este ano junho foi frio. Acho que eles queriam conhecer vocês — disse ele e, por fim, olhou direto para Alice, sorrindo. Seus dentes eram brilhantes. Uma sensação gélida desceu da garganta dela para o abdômen.

Ela sorriu de volta: um ato de bravura.

Foi então que uma flecha passou voando, a oito centímetros de seu nariz, acertando a casca de uma árvore próxima.

Alice congelou.

Peter empalideceu.

Delphine, sem saber o que tinha acabado de acontecer, virou-se para eles, sorrindo agradavelmente.

Por um momento, ninguém falou nada. Então uma criança pequena chegou correndo em direção a eles, gritando suas desculpas, muito perto das lágrimas.

— Ah, não, ah, não — falou o menino. — Eu acertei alguém?

Era um campista, explicou Peter, depois de confortar o garoto, adverti-lo e mandá-lo embora.

— Um campista… de que acampamento? — perguntou Delphine.

Peter respirou fundo, como se estivesse se preparando para contar uma história bem longa. E então, pensando melhor, disse que falaria disso no jantar.

— Lembrem-me disso, se eu esquecer — disse Peter.

Todas as janelas da casa estavam abertas. Ventiladores giravam devagar em cada cômodo. O lugar todo cheirava a madeira cortada, como algo recém-construído. Elas foram levadas aos seus quartos por um indivíduo chamado Hewitt, que parecia servir como mordomo, mas cuja aspereza e traje lhe davam um ar de caubói. Ele usava chapéu dentro da casa. Era silencioso, magro e tinha quarenta e poucos anos. Qualquer idade acima de 25 parecia intercambiável para Alice naquele momento. Ela se perguntou — ainda se perguntava — quem mais estaria na casa. Especulara com Delphine no trem.

— Os pais de Peter? — disse ela, e Delphine deu de ombros. Talvez.

— Peter… mora com eles, você acha? Em Albany?

Delphine pensou um pouco.

— George tinha um apartamento — respondeu. — Antes de nos casarmos, quero dizer. Mas era do pai dele, na verdade.

— Você foi lá?

Delphine sorriu.

— Sim — disse ela.

Foi só depois Alice entendeu a insinuação da irmã.

O quarto que deram para ela era enorme e dava para o lago. Tinha uma cama de dossel com uma colcha de retalhos e um espelho de corpo inteiro no qual ela se inspecionou, colocando as duas mãos nas bochechas e pressionando-as (naquela época, Alice acreditava que seu rosto era muito cheio), imaginando como Peter julgava sua aparência. Muitos diziam que ela era bonita — mais bonita que Delphine, na verdade, seu único triunfo sobre a irmã. Mas ela se considerava burra, e tinha quase certeza de que os outros eram da mesma opinião. E sem graça. Não ter humor, pensava, era ainda pior do que não ter inteligência.

Uma batida na porta a assustou tanto que ela deu um grito.

Ela a abriu, ainda respirando com dificuldade.

Era Hewitt, o mordomo — o *ajudante*, corrigiu-se Alice. Com aquelas roupas, ele não era nada parecido com o mordomo dos Ward na cidade.

— A família está tomando coquetéis no gramado — disse ele. — A senhorita pode participar, se quiser.

— Obrigada — respondeu Alice, e só então percebeu, espiando por trás da perna de Hewitt, uma menininha de olhos brilhantes e uma trança fina. — Bem, e quem é essa? — perguntou, e foi a primeira vez que Hewitt sorriu.

— Essa é Tessie Jo — falou ele.

A garota sorriu, enterrando o rosto no tecido da perna da calça de Hewitt.

A frente da casa era, na verdade, a parte de trás dela: a margem do lago. A água parecia fria e confortável ao mesmo tempo, o tipo de água que continha bolsões quentes, fontes escondidas.

Quatro adultos em cadeiras de espaldar alto estavam sentados em uma pequena faixa de areia, de costas para ela. Alice não sabia, a princípio, quem estava ali; então ouviu a risada da irmã, encantadora e calorosa, uma risada que era frequentemente comentada pelos outros. Delphine havia colocado um chapéu que Alice nunca tinha visto antes e estava sentada ao lado de Peter. Olhando de trás, o grupo parecia formado por dois casais; apenas a quinta cadeira vazia dizia o contrário. Na frente deles, a garotinha — Tessie Jo — corria de um lado para o outro na praia, parando de vez em quando para fazer montinhos de areia molhada.

Peter avistou Alice antes de qualquer outra pessoa e levantou-se formalmente da cadeira.

— Srta. Ward — disse ele.

Ela se aproximou, tentando parecer despreocupada. Mas voltou a se sentir mal ao fingir.

Um dos outros membros do grupo também se levantou, e Alice o reconheceu como o pai de Peter. Só podia ser: era a versão de cabelos brancos do filho, igualmente magro, bem-cuidado e severo.

— Srta. Ward — disse o mais velho. — Estamos felizes em conhecê-la.

Alice já tinha alcançado o grupo e virou as costas para o lago, encarando a casa e todos os presentes, parada de maneira desajeitada

no meio do pequeno arco de cadeiras, como se estivesse prestes a começar a cantar. O que, ela se perguntou, Peter poderia ter dito sobre ela? Peter, que a encontrara apenas uma noite?

A mãe de Peter — supôs Alice — permaneceu sentada, assim como Delphine. A mãe parecia mais jovem que o pai, porém mais em desalinho, uns quinze quilos mais pesada, usando um vestido que — pensou Alice antes que pudesse se conter — não favorecia sua silhueta. Ela sorriu de forma abstrata na direção de Alice.

Peter deu um passo à frente.

— Achou suas acomodações confortáveis? — perguntou ele.

Alice se surpreendeu com o jeito rígido como ele falou, como se estivessem em outra época. Seus amigos na cidade eram descontraídos e irreverentes, pessoas que ficavam encantadas com escândalos. A educação, acreditavam eles, era reservada aos que ocupavam posições inferiores, as pessoas que os serviam de alguma forma.

— Muito confortáveis — respondeu Alice. — Obrigada.

Foi melhor para ela no jantar. O vinho estava ajudando Alice, que só tinha ficado bêbada duas vezes na vida. Ela não apreciava o gosto do álcool ou como fazia seu corpo se sentir. Mas gostava da forma como dava ao ambiente um brilho quente e reconfortante. Delphine conduziu a conversa e, pela primeira vez, Alice estava grata pela vivacidade da irmã, mesmo que isso enfatizasse essa falta em si mesma.

A conversa foi da história das montanhas Adirondack para a operação diária da fazenda na estrada: uma paixão especial dos Van Laar mais velhos. Então os borrachudos — sempre eles — e, por fim, perguntas gentis sobre a vida delas na cidade, sua educação, suas atividades.

— E como está o velho George Barlow? — perguntou o sr. Van Laar entre garfadas. — Não o vejo desde os tempos de faculdade de Peter. Sempre achei ele engraçado.

Em sua voz havia um certo desdém, e Alice olhou para Delphine para ver se ela ficaria ofendida. Mas, em vez disso, ela sorriu.

— Ele ainda é engraçado — disse sua irmã.

— Está gostando do trabalho?

— Dos estudos, o senhor quer dizer — falou Delphine, e o sr. Van Laar ergueu uma sobrancelha.

— Decerto que não. Na idade dele?

— Ah, sim — disse Delphine, de forma conspiratória. — Ele abandonou os negócios da família para cursar Ornitologia na Universidade Columbia.

Havia um brilho em seu olhar quando ela deu a notícia — aquela tinha sido a fofoca da última temporada em Manhattan, repetida várias vezes pela cidade como o final de uma piada. *Ornitologia!* Se havia uma coisa que Alice respeitava em sua irmã era que ela tinha feito uma escolha ousada ao selecionar o homem que se tornaria seu marido. George Barlow — embora pertencesse a uma família rica — não era de forma alguma um par óbvio para Delphine. Ele nem era muito bonito; era magro e franzino, com um maxilar prognata e sobrancelhas escuras que estavam constantemente franzidas. Ainda assim, sua irmã o amava: isso era evidente para Alice.

— Tinha certeza de que sabia disso, pai — disse Peter. — Causou um rebuliço.

Em sua voz, Alice também detectou humor.

— Eu diria que sim — falou o sr. Van Laar. Ele deu mais uma garfada e mastigou pensativamente. — Sabe, achava que Cornell era o lugar para estudar pássaros.

— E é — disse Delphine. — Mas não podíamos deixar Manhattan, então Columbia teve que servir.

— Ele está tirando boas notas?

— É o melhor da turma — informou Delphine.

Foi quando a conversa esfriou. O som de talheres batendo em pratos podia ser ouvido por toda a sala.

Delphine disse:

— Gostaria de saber mais sobre o acampamento de verão.

Peter e seu pai trocaram olhares. Então Peter começou.

Na década de 1870, quando as montanhas Adirondack ainda eram um destino de férias incipiente para os habitantes da Nova Inglaterra,

o primeiro Peter Van Laar veio de Massachusetts e se apaixonou pelo lugar.

Ele retornou várias vezes para conduzir pesquisas. Por fim — com a ajuda de um guia local habilidoso —, selecionou o terreno no qual a Autoconfiança seria construída.

Alice notou que a versão da história dos Van Laar era diferente da do motorista. O povo de Shattuck não foi muito mencionado. Na versão deles, Peter I — pronunciado, no léxico dos Van Laar, como *Peter Um* — carregou a madeira em fardos com as próprias mãos, subiu em escadas altas, supervisionou pessoalmente a chegada de cada parte da estrutura original da Suíça e se certificou de que ela fosse remontada corretamente. Logo abaixo da estrada, uma fazenda foi construída para garantir que nenhum hóspede jamais ficasse sem os confortos de casa.

Peter I era conhecido por ser excêntrico.

— O último Van Laar — disse Peter III — que poderia ser descrito assim. — Ele sorriu. E continuou: seu antepassado foi travesso, brincalhão e infantilmente exuberante até o dia de sua morte, amado e odiado em igual medida pelos sócios. O assunto de colunas de fofocas. O homem de dezenas de amantes.

Quando Peter I anunciou a ideia de criar um acampamento de verão, aquilo não foi recebido com surpresa — mas com muita diversão, até mesmo escárnio, por seus semelhantes sociais.

Ainda assim, Peter I perseverou. Ele dedicou a essa causa um grupo de edificações que havia construído originalmente como chalés de caça. Já na casa dos oitenta anos, sem poder participar de atividades físicas com tanto vigor quanto antes, contratou um grupo de moradores de Shattuck para construir o restante das estruturas necessárias no local. Seu sonho era ensinar gerações de crianças sobre a importância da conservação, da administração responsável da terra. Ele deu ao acampamento o nome de seu escritor e pensador favorito, outro grande defensor da vida ao ar livre. O homem que, aliás, também havia escrito o ensaio que deu nome à casa principal. O Acampamento Emerson funcionava por uma temporada de oito semanas a cada verão, contou Peter III. No início, seus pupilos eram poucos. Mas depois de várias temporadas bem-sucedidas — e

operando com prejuízo —, a reputação do acampamento cresceu. Em uma década, o Acampamento Emerson se tornou um destino procurado pelos filhos de famílias abastadas da Nova Inglaterra e de Manhattan. Hoje, a maioria dos participantes eram filhos de amigos e conhecidos dos Van Laar.

Delphine bateu palmas, encantada.

— Ah, parece mesmo que ele era incrível — disse ela. — O primeiro Peter. Adorei a história toda. E você, Alice?

— Também — respondeu Alice.

— Você frequentou o acampamento? — questionou Delphine, e Peter balançou a cabeça rapidamente.

— O Acampamento Emerson? Deus, não — disse ele, como se ela tivesse perguntado algo estranho.

* * *

Do outro lado da mesa, de frente a Alice, a sra. Van Laar tinha pouco a dizer. Ela estava sentada de forma agradável e tranquila em seu vestido largo e fora de moda, com o batom ligeiramente borrado. Sorria de vez em quando para Alice, e comia seu jantar com verdadeiro prazer, fechando os olhos enquanto mastigava.

Em certo ponto, Alice percebeu que nem ela, nem a sra. Van Laar tinham dito uma palavra na última hora, e ninguém pareceu notar ou se importar. Então teve a repentina percepção de que era um bem sendo avaliado para compra pelos dois homens na mesa, com Delphine como leiloeira. Que quanto menos ela falasse, melhor. A noção de que alguma decisão já havia sido tomada em seu nome começou a se acomodar em seus ombros no final da refeição.

Não era desagradável.

De fato, isso a deixou retornar ao seu estado preferido: uma indisponibilidade sonhadora, um ar cultivado de mistério que esperava que pudesse mascarar a falta de intelecto aceita como um fato sobre si mesma.

De vez em quando, via Peter van Laar olhando para ela. Mais e mais, se permitia encontrar seus olhos. Seu pulso acelerava. Ela era

uma criança.

Ela se fazia três perguntas. Conseguiria ficar longe da cidade? Conseguiria morar ali, na floresta, por um período a cada ano? Conseguiria se casar com um homem como Peter?

Sua mãe conhecia seu pai desde a infância, mas não muito bem; ela se casara aos dezoito anos, o que aconteceu pouco depois do primeiro encontro deles.

A irmã dela e George Barlow se conheciam havia dois meses quando ficaram noivos.

Alice olhou pela janela, em direção ao lago. Havia algo hipnotizante nele — algo encantado. Eram oito da noite, mas era verão, e a última luz do dia brilhava de maneira poderosa na água. Janelas altas voltadas para o leste deixavam entrar uma brisa morna e calma. Os pinheiros do lado de fora estavam parados, observando-a, aguardando sua resposta.

Sim, sim e sim, pensou ela. Todas as respostas seriam sim, se ele lhe fizesse essas perguntas.

* * *

Ele perguntou. Em setembro do mesmo ano, após mais duas visitas à cidade — a segunda vez com seus pais —, Peter Van Laar havia pedido a mão de Alice em casamento, com a aprovação do pai dela.

Ele havia escolhido um anel de seu tesouro ancestral.

Peter foi com a mãe dela para redimensioná-lo e comprou um segundo anel também, algo novo da Van Cleef & Arpels, e uma pulseira riviera para combinar.

Ela aceitou, grata por ter algo decidido sobre sua vida, mas sem saber o que fazer a seguir.

Seu vestido de noiva era de cetim duchese com saia rodada e decote coração. Ela se casou na catedral de São João, em Manhattan, dois dias após seu aniversário de dezoito anos, com uma recepção no Pierre.

Não houve madrinhas. Ela nunca teve amigas próximas. E naquela época, ter uma dama de honra — como Delphine teria sido — não era

considerado correto.

Não houve lua de mel. Apenas uma viagem para Albany, para uma casa que ela nunca tinha visto antes, uma mansão ecoante com pisos de mármore frios e janelas que chacoalhavam no inverno.

Nove meses depois — e um mês prematuro —, Peter IV nasceu. Ele era chamado de Bear, porque seu nome de batismo já era muito usado entre os Van Laar, e porque era gordinho, e porque seu cabelo lembrava a todos que os tocavam o couro de algum filhote de animal.

Quantas horas ela passou olhando para ele? Os cabelos sedosos. O peso dele em seu peito, enquanto ela cochilava no quarto da casa de Albany ou no solário da Autoconfiança. O peso quente e frágil de seu filho. Ela imaginava os ossos dentro dele, suspendendo o restante de seu corpo em uma arquitetura cuidadosa; os pulmões em miniatura que levantavam e abaixavam as costas; os pequenos membros que se contraíam quando o bebê se acomodava em sono profundo; todo o corpo infantil de alguma forma uma impossibilidade em escala, em cheiro, em composição e na maneira como induzia uma espécie de calma nela, uma calma que — a convicção recaiu sobre Alice certo dia como uma bigorna — ela nunca mais sentiria na vida.

Alice

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Quando Alice tentava ser objetiva, conseguia reconhecer que, no começo, eles tiveram um ou dois anos muito bons.

Antes e depois do nascimento de Bear, ela foi tratada por Peter como a criança que era. Isso significava, é claro, que ele ria dela; mas seus olhos eram calorosos, e Peter, às vezes, colocava a mão afetuosamente em sua cabeça quando Alice demonstrava o que o marido chamava de sua *falta de bom senso*, e suspirava, como se contemplasse a magnitude de tudo que ainda faltava lhe ensinar. Ela não se importava; sentia-se protegida, o que — naquela época — era o que acreditava precisar.

Porém, em algum momento, a reação de Peter aos erros dela começou a se transformar de diversão em aborrecimento. Quando tinha dezoito anos e estava aprendendo a ser anfitriã de um jantar, Peter sorria enquanto gentilmente corrigia erros nos cartões que marcavam os lugares ou vetava flores copos-de-leite na mesa; cinco anos depois, ele franzia a testa e, vez ou outra, gritava.

A única coisa com a qual sempre concordavam era o valor do filho deles, a quem Alice amou de forma imediata e intensa. Peter, ela sabia, amava o menino também — mas seu amor às vezes lhe parecia um investimento, algo a ser dado sob a condição de que houvesse um retorno mais tarde.

Eles não teriam mais filhos, dissera Peter; um menino era o suficiente. A insinuação, entendeu Alice, era que ter mais de um menino complicaria as coisas quando se tratasse de passar o banco para a frente. Por quatro gerações seguidas, houve apenas um menino. Apenas um Peter van Laar. De vez em quando, Alice tinha a sensação de que o nascimento imediato de um menino — e um menino tão

bom, por sinal — era a única coisa que ela já tinha feito que agradava ao marido.

Os meses de verão na Autoconfiança eram quando os três ficavam mais juntos. Lá, Peter ensinou o filho a velejar, cavalgar, jogar xadrez e atirar em pombos de argila no céu. Ele era um bom professor — paciente, até —, uma qualidade que lhe faltava em outras áreas da vida. De longe, Alice observava, satisfeita, sentindo algo como amor puro por seu marido pela primeira vez no casamento.

O fato de Bear ser bom em tudo a que se dedicava física e mentalmente ajudava. Ele era bom com números; começou a ler cedo. Era um menino grande e alto como o pai — um alívio para Alice, que temia que Bear herdasse sua baixa estatura.

Apesar desses dons, não havia arrogância nele; Bear não tinha um pingo do desprezo que seu pai demonstrava de tempos em tempos. Cumprimentava todos que encontrava com um sorriso, aprendia o nome dos funcionários que trabalhavam na casa e no terreno, não importava a posição. Dessa forma, ele a lembrava de alguém que Alice não conseguia definir, até perceber com um sobressalto certo dia que era sua própria irmã, Delphine.

Tessie Jo, a filha do zelador, exercia um fascínio especial sobre ele; quatro anos mais velha, ela o tratava com gentileza e o adorava. Em troca, ele a seguia para todos os lugares, chamando pela menina, *Tessie, Tessie*. Peter e Alice brincavam que Bear estava apaixonado pela garota. Uma das poucas brincadeiras que tinham juntos.

Durante as outras três estações do ano, Peter trabalhava arduamente, com frequência permanecendo no escritório até as oito ou nove horas da noite. Muitas vezes em Manhattan, para reuniões com clientes em potencial.

Em Albany, Alice teria se sentido sozinha, se não fosse por seu filho. Ela não tinha com quem conversar. Era péssima em conversas.

Sobre esse último ponto, Peter concordava. Ele dizia isso sempre, com naturalidade, do jeito que dizia tudo, como se não tivesse opinião alguma, apenas fatos.

— A questão, Alice — disse ele —, é que você é chata em festas. Uma ou duas bebidas iriam ajudá-la a se divertir mais.

Alice tinha vinte anos quando Peter falou isso pela primeira vez. Ela estava segurando Bear, com dois anos, nos braços. Abriu a boca para responder, mas nenhuma palavra saiu. Seu marido muitas vezes a criticava, sempre como se a estivesse aconselhando. E a questão era: em geral, ela concordava com ele. Ela *era* chata em festas. Não sabia nada sobre os acontecimentos recentes. Não viajara muito e não tinha hobbies. Não era brilhante e espirituosa como a irmã. Às vezes, tinha pensamentos desagradáveis sobre os outros, mas nunca dominou a arte de expressá-los de uma forma inteligente e travessa: em outras palavras, não era habilidosa nem quando se tratava de fofocar. O que mais pensava no mundo nos últimos tempos era em Bear e seu amor avassalador pelo filho. De vez em quando, Alice sentia que se tornar mãe havia revelado a ela a existência de outra dimensão ou outro sentido.

— E coloque esse garoto no chão — disse Peter. — Ele parece uma craca de tão grudado em você.

Ele estendeu a mão para Bear, que se afastou, enterrando a cabeça no ombro de Alice, agarrando-se cada vez mais forte a ela.

Normalmente, quando Peter lhe dava algum tipo de conselho, ela o aceitava. E Alice descobriu que Peter tinha opiniões sobre a maior parte das facetas de sua aparência e personalidade. Era melhor usar vestidos que cobrissem os ombros, porque seus ombros não eram sua melhor característica. Ela deveria usar os saltos mais altos que pudesse, devido à diferença de altura entre eles. Não deveria apertar as mãos de homens quando os conhecesse, mas inclinar a cabeça na direção deles. Peter parecia para Alice tanto um treinador quanto um marido: sempre buscando ensiná-la, melhorá-la, elevá-la ao seu nível. Ela não o culpava por isso; antes de Peter, tivera pouca orientação. E decidiu pensar no marido como uma espécie de mentor.

E assim, antes de jantares com clientes, Alice começou a beber um copo de conhaque em casa. Ela o fazia na frente de Peter, que não a acompanhava. Por um tempo funcionou: sentia-se instantaneamente

mais madura, mais sofisticada, mais capaz de participar das conversas entre as esposas do outro lado da mesa, que eram uma ou duas décadas mais velhas e olhavam para Alice com uma expressão que oscilava entre pena e desprezo.

Por vários anos, beber foi isso: uma tarefa que ela levava a cabo quando necessário. Alice não bebia quando não estava de serviço, quando não havia nada social em sua agenda.

Em certo ponto — ela não tinha certeza de quando ou como —, o hábito começou a evoluir. E uma nova rotina foi estabelecida: uma taça de vinho, em casa, à noite. Às vezes, duas. Mais do que isso quando precisava sair. Quando saíam juntos: martínis, manhattans ou gimlets.

Pronto, era isso, pensou ela; vinho em casa, coquetéis fora de casa. Seu momento favorito de cada dia era uma taça de vinho com seu filho por perto: seu amor por ele nunca pareceu mais urgente.

Decidiu que poderia viver com essa quantidade de bebida. Parecia razoável e responsável. Alice confiaria em Peter para lhe dizer quando tinha passado do limite.

Ela poderia ter continuado com aquela quantidade de bebida, e tudo teria ficado bem. Foi George Barlow, no final, quem mudou as coisas.

Carl

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Já eram dezenove horas quando o telefone tocou no quartel dos bombeiros, acordando Carl Stoddard num susto. Ele tinha adormecido num catre depois de um longo dia no sol. No segundo toque, ele se levantou e piscou. No terceiro, estava em ação, erguendo o fone com a mesma trepidação que sempre sentia ao atender ao telefone. Ele não gostava de falar em geral; falar ao telefone era pior.

— Carl Stoddard? — perguntou a voz do outro lado da linha.

Era Marcy Thibault, a operadora local, cujos anos de experiência lhe deram a incrível habilidade de reconhecer vozes.

— Quais são as más notícias? — disse Carl.

Era sua resposta padrão. Uma fala roteirizada.

— Alguém da Reserva Van Laar está na linha querendo falar com você — disse Marcy.

— É mesmo?

Aquilo era estranho. Nunca, em toda a sua vida, Carl — que trabalhava como jardineiro na Reserva — fora contatado diretamente por seus empregadores.

Talvez tivesse esquecido alguma coisa lá. Ou talvez tivesse feito algo errado. Peter van Laar era um homem de opiniões fortes, e o paisagismo era uma de suas maiores preocupações. Todo ano, os Van Laar davam uma festa que durava uma semana em julho — o Adeus aos Borrachudos, como eles chamavam, em comemoração à mudança sazonal que fazia com que a praga sumisse da área —, e o sr. V. queria que tudo ficasse perfeito.

— Como me encontraram aqui? — perguntou Carl.

Seu coração batia rápido. Ele era um sujeito alto, de barba loira, corpulento, quarenta anos naquele verão, jogador de futebol

americano na juventude. Mas também era tímido, sensível a mudanças no clima e às emoções de terceiros, e não gostava de conflitos. Nunca gostou. A jardinagem era uma vocação que lhe caía bem.

— Eles não encontraram — disse Marcy. — Não sabem que é você quem está aí.

Naquele ano, havia quatro homens no corpo de bombeiros voluntários de Shattuck. Além de Carl, havia Dick Shattuck, o dono da mercearia; Bob Alcott, o professor de História de uma escola próxima; e Bob Lewis, desempregado na maior parte do tempo.

Juntos, uma década antes, eles construíram a equipe do zero, aprendendo o ofício com corporações de combate a incêndio de cidades vizinhas, arrecadando dinheiro para comprar equipamento em barracas de doação que montavam no Natal e no Quatro de Julho. Depois que ganharam botas de bombeiro, coletavam dinheiro nelas.

Alugaram uma garagem velha e a converteram num posto de bombeiros com uma cama e uma cozinha. Fizeram com que a esposa de Dick, Georgette, cujo talento artístico adornava anualmente as vitrines do mercado, pintasse uma placa.

Economizaram por quatro anos até conseguirem comprar um veículo adequado — assim, em julho de 1961, tudo estava em operação. Um caminhão, mangueiras e, na cidade, quatro hidrantes próximos ao único cruzamento de Shattuck com um sinal de trânsito. Os voluntários eram bem treinados. Considerava-se que cada um deles, exceto Bob Lewis, tinha uma atitude positiva.

Não era coincidência que Carl estivesse de serviço na noite de 10 de julho de 1961: ele gostava de ficar no quartel dos bombeiros. Inscrevia-se para turnos noturnos sempre que podia. Era o único lugar, além de seu carro, onde Carl se sentia sozinho de verdade. No posto, não tinha nada para ele fazer além de ler, sonhar acordado, ou, às vezes, dormir, e só muito ocasionalmente atender ao telefone.

Demorou alguns segundos para Marcy Thibault transferi-lo. E, quando por fim ele ouviu uma voz, não era a de um membro da equipe de funcionários, mas do próprio Peter van Laar — a quem Carl

cumprimentava sempre que se cruzavam na Reserva, mas com quem havia falado talvez duas vezes na vida. Van Laar era conhecido por seus funcionários e sócios como um homem severo e intolerante, mais calado do que a esposa, porém mais cruel. Aparentava não ter interesse algum em conversar com quem trabalhava para ele, exceto nos níveis mais altos; e, mesmo com os funcionários no topo da hierarquia da equipe — o zelador, a governanta —, falava apenas secamente. Havia nele um olhar lupino, uma magreza que sugeria fome.

— Alô? Corpo de bombeiros? — disse Van Laar, após ser conectado.

O tom de sua voz fez Carl aprumar a coluna e pôr a mão na mesa.

— Sim — respondeu Carl —, aqui é Carl Stoddard do Corpo de Bombeiros Voluntários de Shattuck.

Por um momento, ele pensou em lembrar o sr. V. da conexão entre os dois. Mas a urgência silenciosa na voz do homem o dissuadiu.

Houve silêncio na linha. Então veio um barulho que Carl entendeu, depois de um momento, ser o som de Van Laar engolindo repetidamente.

— Sr. Van Laar? — falou Carl. — Está tudo bem?

— Parece que meu filho desapareceu — disse Van Laar, por fim.

— Bear? — falou Carl, sem pensar.

Fechou os olhos. Levou a mão à testa. Era complicado demais explicar como e por que ele sabia o apelido do garoto Van Laar. Mas ele sabia; todos sabiam, todos os que trabalhavam na casa e na Reserva. Eles o conheciam desde pequeno. Todo mês de maio ele voltava para a Reserva mais alto e mais falante. Aquele era seu oitavo ano: sempre sorrindo, sempre assobiando, patrulhando o local como um vigia, amigável com a equipe — o oposto do pai tempestuoso. Um bom lenhador, interessado nas mesmas coisas pelas quais Carl se interessava quando menino. Viver no mato, sobrevivência, esse tipo de coisa. Naquele verão em especial eles estavam bem próximos: na semana anterior, Carl tinha ensinado o garoto a reconhecer qual madeira era boa para uma fogueira. *Solta, leve e seca*, dissera ele. *Quase mole*. E demonstrou o que queria dizer, deslizando uma

pequena faca ao longo de uma tábua de cedro. Enfiando a unha do polegar nela.

Pouco antes de Carl sair do trabalho, na verdade, ele tinha visto Bear: o menino estava amarrando os sapatos na base da porta da Autoconfiança. Ele se levantou e acenou quando Carl passou por ele em sua picape, e Carl retribuiu o gesto.

Se Van Laar ficara curioso sobre o fato de Carl conhecer seu filho, não perguntou. Em vez disso, para seu desânimo, ele soltou um lamento desprotegido e selvagem, e Carl — um pai, um pai de três crianças que já foi pai de quatro — identificou um sentimento que teve o azar de conhecer bem.

— Não se preocupe — disse Carl. — Não se preocupe, sr. V. Nós o encontraremos.

Em cinco minutos, Carl estava com os outros três voluntários na linha.

Em vinte, estavam no caminhão, acelerando pela escuridão crescente, em direção à Reserva.

Carl

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Era quase noite quando os quatro voluntários chegaram. O veículo deles — um caminhão de bombeiro International Harvester que tinham comprado barato pouco antes da brigada de Schenectady aposentá-lo — estava tendo um problema naquele mês com o silenciador, e ele rugiu quando chegaram na entrada.

Antes de partirem, Carl contou aos outros o que sabia — o que não era muito, na verdade. A conversa com o sr. Van Laar tinha sido breve.

— O garoto Van Laar desapareceu — disse Carl a eles. — Saiu hoje de tarde para dar uma caminhada pela montanha com o avô. No caminho para o início da trilha, deu meia-volta porque tinha esquecido o canivete no quarto. Nunca mais se juntou ao velho.

— A que distância da casa ele estava quando voltou? — perguntou Bob Lewis.

— Não sei — respondeu Carl.

— Quanto tempo Van Laar esperou antes de ir procurar pelo neto? — indagou Bob Alcott.

— Não sei.

— O que o garoto queria com o canivete? — questionou Dick Shattuck.

— Não sei — disse Carl, fracamente. — Acho que saberemos mais quando chegarmos lá.

Foi então que uma lembrança surgiu com força em sua mente: algo que o menino havia dito de passagem sobre o avô, mas que Carl havia ignorado.

O caminhão parou no final do caminho de entrada. Dick Shattuck desligou o motor.

Então só ficou o silêncio. Por toda a Reserva, um grande silêncio.

Carl, que estava no banco de trás, não sabia o que esperava ouvir — passos, talvez, gritos ou choro; o apelido carinhoso do menino, *Bear*, sendo repetido sem parar —, mas certamente não esperava silêncio.

Ele se levantou dolorosamente. Desceu do caminhão com um baque. Tinha engordado quase trinta quilos nos últimos anos, o que o deixava mais lento. Sua esposa estava preocupada.

Atrás dele, seus três companheiros fizeram o mesmo.

À frente, uma forma no gramado se moveu. Era um humano, Carl percebeu; ele viu em seguida que era Vic Hewitt, o zelador. O chefe de Carl.

Apenas a silhueta de Vic era visível, por causa da luz baixa que vinha de dentro da casa. Ele era alto e largo e tinha o estranho hábito de ficar de pé com os braços esticados ao lado do corpo, estranhamente formal, um soldado em posição de sentido.

Esperava por eles.

Carl só estivera dentro da casa principal uma vez, cinco anos antes, quando foi contratado. Naquele dia, tinha entrado pela porta da cozinha; lá dentro, a governanta havia servido limonada e biscoitos enquanto ele conversava com seu futuro chefe.

— É um trabalho difícil — falou Hewitt. — Não vou mentir para você. Muita terra, pouca equipe. E é para o ano todo também, não só no verão.

Carl assentiu, mas não conseguia se concentrar. Foi sorte ter ouvido falar do emprego por um primo que conhecia o último jardineiro, que havia se aposentado. Carl não tinha muita experiência com jardinagem, mas tinha um cartão de biblioteca. Teria aceitado qualquer emprego que lhe fosse oferecido. Estava sem dinheiro e com o filho doente. Carl tinha trabalhado na fábrica de papel até recentemente, quando ela fechara, deixando sessenta e poucos homens sem seus empregos de toda vida.

— Eu gosto de trabalhar — disse Carl.

Ele estava com fome: pensou em pegar um dos biscoitos, uma coisa marrom rendada que parecia mais decorativa do que nutritiva. Por fim, decidiu não se servir. Hewitt não tinha pegado nenhum.

— Você entende de flores e coisas do tipo? — perguntou Hewitt.

— Ah, sim — respondeu Carl. — Eu cresci numa fazenda.

— Mas e flores? — questionou Hewitt, desconfiado.

Novamente, Carl assentiu.

— Minha mãe cultivava flores. Até ganhou concurso na feira do condado.

O último comentário não era inteiramente verdadeiro: sua mãe, ainda viva, *participava* dos concursos todo ano, e *todo ano* reclamava que não tinha conseguido se classificar.

— Ela me ensinou tudo o que sabia — disse Carl.

Seu tom, ele percebeu, beirava o desespero.

— Você é primo de Joe Stoddard, não é? — disse Hewitt.

Carl assentiu.

Hewitt bateu na mesa com o nó dos dedos e disse que o trabalho era dele, se Carl quisesse.

Ele queria.

Mais tarde, Carl descobriu que seu primo Joe havia contado a Hewitt que seu filho estava internado no hospital de Albany, um fato que nem ele nem Vic Hewitt jamais comentaram. Em 1961, Carl já estava trabalhando lá havia meia década, cinco anos de aprendizado rápido que só naquele ano estava produzindo os resultados desejados. Foi um milagre, francamente, que ele não tivesse sido demitido por Hewitt ou pelo próprio sr. Van Laar — embora Carl suspeitasse que Hewitt às vezes assumia a culpa quando o patrão reclamava.

Foi Vic Hewitt quem os cumprimentou enquanto caminhavam pelo gramado em sua direção.

Ele levantou uma das mãos sem dizer nada. Deixou-a cair novamente ao seu lado.

— Vocês já estão sabendo, imagino — falou, quando estavam mais perto.

Ele assentiu para Carl. Apertou as mãos dos outros.

Carl olhou de soslaio para Dick Shattuck, que em geral falava por eles. Mas Dick apenas retribuiu o olhar.

Ocorreu a Carl então que por trabalhar ali os outros esperavam que ele assumisse a liderança, e essa percepção o deixou angustiado. Ele nunca gostou de liderar nada nem ninguém. Nem mesmo no colégio: Carl rejeitara a oferta de seu treinador de torná-lo capitão do time de futebol americano.

— Quais são as últimas notícias? — perguntou Carl, após uma pausa, porque não conseguia pensar em mais nada para dizer.

— Não há nenhuma — respondeu Hewitt. — O garoto continua desaparecido. Procurei na floresta por cinco horas.

Ele encolheu os ombros. Olhou para o chão.

Vic era um homem estoico e um guia habilidoso. O mundo exterior o percebia como durão a ponto de ser feroz. A evidência visual disso estava em sua orelha direita — dizia-se que ele tinha perdido o lóbulo por obra de um urso-negro com quem lutara e derrubara. Mas Carl sabia que ele também era pai. Tinha uma menina, Tessie Jo, de doze ou treze anos, uma moleca criada pelo pai e que era quase sua gêmea, trabalhando lado a lado com ele sempre que não estava na escola. Carl sabia que Vic estava pensando nela — assim como Carl estava pensando nos próprios filhos. Imaginando-os perdidos, no meio da noite, no mato e molhados por causa de uma tempestade. Lembrando-se de Scotty respirando fundo na cama do hospital com lençóis brancos.

Vic Hewitt se virou e olhou por cima do ombro, além da casa, em direção à entrada da floresta.

— Agora, vejam bem — falou ele. — Lá dentro, as coisas estão ruins. A sra. V. está fora de si. Toda a família está, e os convidados também. Sigam com cuidado, é o que estou dizendo. Não precisam preocupá-los ainda mais.

Com isso, ele os conduziu sem mais palavras em direção à casa, em direção à grande porta principal — pela qual Carl nunca, em todos os seus anos trabalhando ali, havia passado.

Alice

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Na família Van Laar, o planejamento para o evento de uma semana Adeus aos Borrachudos começava no final de maio.

A primeira coisa a ser feita era determinar a lista de convidados. A casa principal, com seus dez quartos, podia acomodar dezesseis pessoas confortavelmente. As dependências poderiam abrigar mais dezoito. Algumas decisões eram simples: os McLellan eram participantes regulares, assim como os amigos mais próximos e sócios da família Van Laar por duas gerações e os Barlow — o amigo de Peter, George, e a irmã de Alice, Delphine. Os pais de Alice também eram convidados — embora Peter tenha deixado bem claro que a inclusão dos Ward era um favor que concedia à esposa. Depois, vinham mais amigos da faculdade de Peter, e então os empresários que Peter estava cotando como clientes do banco, que variavam a cada ano e em geral eram retirados da lista assim que fechavam negócio. Por fim, havia celebridades menores que Peter conhecera de alguma forma no interior do estado, convidadas sobretudo para entretenimento. Esses convidados "extras" eram limitados principalmente a mulheres bonitas e inofensivas ou homens muito engraçados, pessoas que iam sozinhas e dormiam nas dependências.

Depois que os convidados eram selecionados e os quartos atribuídos, as outras coisas eram resolvidas. Encomendavam-se flores. Uma dupla local de violino e dulcimer era contratada, junto a um animador para a quadrilha que acontecia no meio da semana. A Reserva, que já tivera uma fazenda própria antes de carros e caminhões serem coisas do cotidiano, também dependia de produtores locais para fornecer comida por uma semana para os cerca de trinta convidados que chegavam à casa.

Em geral essas festas de uma semana transcorriam sem problemas, impulsionadas pelo planejamento cuidadoso de Peter e pela adesão de Alice às instruções dele.

No entanto, o ano do quinto aniversário de Bear trouxe consigo um desafio: George Barlow, cunhado de Alice e bom amigo de Peter, morreu inesperadamente em junho — um ataque cardíaco — deixando sua irmã Delphine desolada e também em aberto se deviam convidá-la ou não.

Alice vivia um conflito. A verdade era que ela não tinha sido tão atenciosa com a irmã quanto poderia ter sido após a morte do marido. Elas moravam a quatro horas de diferença. Alice tinha um filho; Delphine, não. Por anos, suas únicas visitas prolongadas tinham ocorrido durante o Adeus aos Borrachudos; mas Alice entrava em pânico só de pensar que a primeira correspondência entre elas desde o funeral seria um convite para uma aventura alegre de uma semana.

Peter zombou quando ela expressou essa preocupação.

— Bobagem — disse ele. — Vai fazer bem a Delphine. Distraí-la um pouco. Além disso, ela é uma pessoa inteligente. Tenho certeza de que consegue decidir por si mesma se aceita vir ou não.

Alice sentiu certo desprezo nas palavras que ele escolhera. *Inteligência* era uma qualidade que Peter valorizava muito: uma que, ela tinha certeza, ele não atribuiria à própria esposa.

Delphine acabou aceitando o convite. “Com prazer”, escreveu em sua resposta.

Alice ficou aliviada. Talvez, pensou, aquela fosse uma oportunidade de se reconectar com a irmã. De se desculpar pelos anos de ausência. De recomeçar do zero com Delphine, a quem Alice admirava tanto quando criança que ela era quase um tipo de celebridade. Ambas agora eram mulheres adultas, pensou, talvez pudessem ser amigas.

Na sexta-feira, o dia em que os primeiros convidados chegariam, Alice se vestiu com cuidado. Então atravessou o corredor e foi até o solário,

onde ficou diante da janela, se preparando para seus deveres como anfitriã.

Ela se virou para uma pequena mesa de bar, pronta para executar seu ritual. Pegou um copo. Serviu-se de um pouco de conhaque — que era, na verdade, um tipo de vinho, raciocinou.

Ela o levou aos lábios.

Às suas costas, um movimento rápido chamou sua atenção, e viu Vic Hewitt saindo da sala.

— Vic? — disse ela, e ele se virou, envergonhado, com o chapéu de pesca nas mãos. — Não sabia que você estava aqui.

Ele assentiu. Era a única pessoa no local que falava menos do que Alice. Peter o descrevia como simplório, mas incomparável quando se tratava de cuidar da terra. Ele usava barba. Era o último de uma longa linhagem de guias de Adirondack, sendo o mais famoso, mencionado nominalmente no guia que deu início à indústria do turismo no Parque. O primeiro Peter van Laar contratou Vic quando ele era apenas um garoto de uns dezesseis anos. No início, era para liderar suas expedições de caça de verão, depois para cuidar do local e, por fim, quando a ideia do Acampamento Emerson surgiu na mente de Peter I, foi contratado para administrá-lo também. Como todos os outros que trabalhavam para os Van Laar, Vic Hewitt desempenhava muitos papéis, e o fazia sem reclamar.

Naquele momento, porém, Vic parecia nervoso.

— Você está bem? — perguntou Alice, lidando com o leve constrangimento de ter sido pega bebendo sozinha.

Vic assentiu.

— Só estou revisando os planos — disse ele. — Para ter certeza de que deixei tudo pronto.

E Alice de repente entendeu. O Adeus aos Borrachudos era a única semana de cada verão em que ele ficava longe da direção do acampamento. Durante os festejos, Vic era o encarregado de liderar várias expedições de caça e pesca, obrigado a conversar com grupos de forasteiros. Vic, imaginou Alice, era como ela. Preferia ficar sozinho ou com sua filha, Tessie Jo.

Alice se virou para a mesa do bar. Serviu um segundo copo.

— Aqui — disse ela. — Isso vai ajudar.

Ele sorriu. Baixou a cabeça. Aceitou a bebida.
De fora, veio o som repentino de pneus no cascalho.
O Adeus aos Borrachudos tinha começado.

Delphine apareceu no sábado, um dia após o restante dos convidados. Sua chegada, no início da tarde, foi recebida com um silêncio fúnebre. Os outros convidados murmuraram suas condolências uma segunda e uma terceira vez, perguntando como ela estava. Em uma hora, porém, a multidão havia retomado a atividade do dia: Vic Hewitt montara alvos na praia, e os convidados — homens e mulheres — atiravam flechas na parte sul da floresta.

A coisa estranha, a coisa constrangedora, era o que fazer com uma mulher solteira que não estava lá para ser bonita ou para entreter. As bailarinas e atrizes estavam lá por sua aparência ou por sua ousadia, pelo frisson sexual que emprestavam à festa. De uma maneira um tanto estranha, Alice nunca se sentira insegura na presença delas. Não acreditava que algum hóspede já tivesse dormido com elas; acreditava que os rapazes e as moças que iam à Autoconfiança todo ano dormiam uns com os outros, e uma parte secreta dela os aplaudia por isso. Alice se perguntava, às vezes, como seria experimentar alguém diferente de seu marido — o único homem que ela já conhecera.

Delphine, no final, foi amplamente ignorada, exceto pelos próprios pais, ao lado dos quais ela se sentava durante as refeições.

Quando George Barlow estava vivo, eles se bastavam. Formavam o casal mais feliz que Alice já conhecera; tinham o mesmo senso de humor e as mesmas excentricidades. Depois de se casar, Delphine parou de se importar tanto com sua aparência, preferindo conforto à elegância. Usava calças na maior parte do tempo — calças nada lisonjeiras, aliás. Mas George elogiava sua aparência — não apenas para Delphine, mas para as pessoas ao redor. Era comum Alice os pegar trocando olhares durante as refeições, fosse com ternura ou diversão.

Com a partida de George, no entanto, as peculiaridades de Delphine logo perderam o charme que um dia tiveram. Além disso, na ausência do falecido marido, ela tinha perdido o alvo para o qual suas

observações e conversas eram direcionadas; e aparentemente também havia perdido a habilidade de filtrar pensamentos.

Por exemplo, quando perguntaram como estava após a morte do marido, Delphine foi franca:

— Horrível — disse ela. — Não durmo mais.

Como, Alice se perguntara, uma pessoa poderia lidar com esse tipo de franqueza? Que resposta poderia ser dada?

Viúva tão jovem — e sem filhos —, Delphine de alguma forma voltara à infância. Esse sentimento era intensificado pelo fato de que ela passava praticamente o tempo todo com as crianças da propriedade: com seu sobrinho Bear, mas também com os McLellan e com Tessie Jo Hewitt — com nove anos naquele verão — de quem Delphine parecia gostar bastante. Ela os ensinou a jogar cartas, a apostar com palitos de dente. Ela os levava em caminhadas e explicava os nomes dos pássaros; sempre carregando os binóculos de George em volta do pescoço, e os passando para as crianças espiarem um toutinegra, um chapim ou um falcão; e, às vezes, quando achava que ninguém estava olhando, embalava os binóculos ternamente em seus braços cruzados, como se fossem seu falecido marido.

Uma ou duas vezes, Alice tentou se aproximar para conversar, mas Delphine sempre se esquivava, dispensando a irmã com um gesto.

— Sei que você está ocupada — dizia Delphine. — Vá ajudar Peter. Está tudo bem mesmo, Coelhota.

E Alice obedecia, deixando-a para trás, sentindo, ao fazê-lo, uma sensação de alívio e culpa.

Era verdade que aqueles dias eram estruturados de maneira precisa: um fato sobre o qual os amigos mais antigos de Peter o provocavam. Frank McLellan, Howie Southworth, Merrill Williams e — antes — George Barlow. Eles, Alice sabia, eram as únicas pessoas que tinham permissão para isso, e ela valorizava essa parte das reuniões anuais, gostava de ouvir aqueles homens articularem de forma engraçada e cortante o que tornava seu marido tão difícil. “Como você *consegue*, Alice?”, perguntavam frequentemente a ela, e Alice ria com eles, tonta

e aliviada, confiante de que as partes de Peter que às vezes chegavam a assustá-la… bem, não eram tão ruins, afinal.

A primeira refeição do dia era às dez e meia da manhã. Peter preferia comer muito mais cedo, orgulhando-se de precisar de pouco sono, mas anos de experiência lhe ensinaram que hóspedes que ficavam acordados até as três da manhã bebendo tinham pouca chance de aparecer para o café da manhã às sete.

Depois do café, chovesse ou fizesse sol, havia uma atividade organizada ao ar livre, sempre uma competição de algum tipo. Caminhadas viravam corridas; excursões de pesca viravam derbies. No final da semana, o casal com a maior pontuação receberia, com grande pompa e circunstância, um troféu, que eram instruídos a levar de volta no ano seguinte. Os McLellan, católicos esportivos de Manhattan, eram o casal a ser vencido. Para o desgosto de Peter, eles tinham ganhado dez vezes.

Para Alice, a coisa toda era só mais uma maneira de decepcionar o marido. Sua habilidade atlética até era boa, mas a pressão da competição a levava a fracassar, e o olhar frustrado de Peter sobre ela fazia com que suas mãos se atrapalhassem com o que quer estivesse segurando.

Era um alívio, portanto, quando a atividade diária terminava e um lanche era servido, depois do qual as pessoas se retiravam para seus quartos para descansar e trocar de roupa antes do coquetel no gramado, que começava — precisamente — às dezessete horas.

Dali em diante, as noites ficavam cada vez mais barulhentas. Jantar às dezenove; depois jogos de salão ao redor de uma fogueira ou lareira, a depender da chuva.

Com os jogos de salão vinha mais competição, mais oportunidade de ganhar pontos. E aqueles jogos, pensava Alice, eram ainda piores do que os ao ar livre. Uma ou duas vezes — durante as charadas, por exemplo — ela sentira os olhos se encherem de lágrimas quentes enquanto Peter gritava palpites e então ordenava: *Pelo amor de Deus, Alice, tente algo diferente!*

O pior de todos era um jogo terrível chamado Dicionário, que envolvia uma edição colossal do dicionário Oxford dos anos 1930. A premissa era que o líder da rodada encontrasse no dicionário uma

palavra obscura que achasse que ninguém conhecia. *Arméu* tinha sido uma delas. *Pisgar-se*. *Azêmola*. O líder escrevia a definição verdadeira num pedaço de papel; todos os outros escreviam uma definição inventada; e então cada pedaço de papel era passado de volta ao líder da rodada, que embaralhava as anotações e lia as definições em voz alta. Depois, todos votavam em qual achavam ser a certa, com o vencedor sendo o participante cuja definição recebeu mais votos.

Alice era simplesmente péssima nesse jogo.

Ela não tinha, na opinião dela, criatividade alguma, e, portanto, suas definições eram sempre as mesmas: *um pássaro da América do Sul*, uma de suas favoritas, ou *rir alegremente*, se suspeitasse de que tinha um verbo nas mãos. Pior do que isso: quando chegava sua vez de ser a líder, ela nunca conseguia encontrar uma palavra desconhecida por todos. Daquela vez, sentiu a descrença ao seu redor quando propôs a palavra *peleja*, que também pronunciara errado, e que — quando ouviu a pronúncia correta de um Peter irritado e envergonhado — percebeu que até ela conhecia.

No extremo oposto do espectro de Alice estava Delphine, que — apesar de ter até mesmo a chance de se candidatar à faculdade negada — parecia conhecer tanto o significado de cada palavra quanto sua etimologia, que explicava sem perceber a indisposição dos outros convidados. Ela vetou palavras repetidas vezes, confessando alegremente que as conhecia. Na quinta vez que isso aconteceu, as pessoas reclamaram. Na décima vez, um silêncio educado. E por fim, a expressão de Delphine mudou: enfim tinha entendido o erro social que estava cometendo.

Eles estavam no meio de outra rodada quando perceberam que Delphine tinha se retirado para dormir.

— Onde está Delphine? — perguntou Katherine Southworth, e Howie Southworth respondeu:

— Ela pisgou-se.

Todos riram alto e por muito tempo.

— Até mais ver — disse Merrill Williams, que era o mais bêbado de todos, e então, depois de o mandarem calar a boca, falou mais alto ainda, colocando as mãos em concha em torno dos lábios. — Até! Mais! Ver!

Alguns convidados se engasgaram. E então mais risadas, abafadas dessa vez.

— Williams — disse Peter, com modéstia. — Já chega.

Merrill revirou os olhos, levantou-se da cadeira e saiu cambaleando pela porta, em direção ao gramado.

Por fim, o jogo acabou.

Por um segundo, Alice pensou em ir atrás da irmã. Mas aquele momento — quando os jogos acabavam e os convidados faziam o que queriam — era sempre seu favorito. Era o único instante em que ela se sentia livre do peso do julgamento de Peter. Suficientemente embriagada, sentia-se caridosa e calorosa, e podia olhar ao redor para conferir a bela casa que possuíam, assim como através de suas janelas para a bela terra que possuíam, e podia se esgueirar pelo corredor silencioso e entrar no quarto silencioso onde seu lindo filho estava dormindo e dar-lhe um beijo, e podia sentir, realmente sentir, como era sortuda por ter aquela vida. Suas bênçãos nunca ficavam mais evidentes para ela do que naquelas primeiras horas da madrugada, quando os convidados eram livres para fazer o que quisessem.

Em vez de ir até a irmã, como sabia que deveria ter feito, Alice foi na direção do quarto do filho, passando na ponta dos pés por vários hóspedes apagados no sofá e desviando dos *artistas residentes* — esse era o nome tolo que Peter dava a eles — que corriam para a praia no escuro para se despir e dar um mergulho.

Mas, ao atravessar o corredor, ela foi detida pelo som de alguém chorando baixinho. Alice congelou, ouvindo. Os barulhos, percebeu, vinham do quarto de Delphine.

Ela estava bêbada o suficiente para se sentir corajosa, então deitou-se no chão do corredor e espiou por baixo da fresta da porta, e lá viu sua irmã, sentada na beirada da cama, a cabeça baixa. Delphine tremia com os soluços, tentando abafá-los com as mãos.

Alice ficou de pé, horrorizada. Delphine provavelmente ouvira as risadas, e presumira que era o alvo. Talvez Delphine também estivesse envergonhada, pensou Alice, pelo motivo oposto ao dela. Por saber demais, em vez de saber de menos. Para uma mulher, nenhuma das

duas opções era uma maneira aceitável de ser. Em um momento de bravura, Alice bateu na porta bem baixinho e, como não obteve resposta, girou a maçaneta.

Delphine olhou para cima, assustada. Ela usava uma longa camisola branca, e seus cabelos escuros estavam caídos sobre o rosto; isso lhe dava um aspecto fantasmagórico.

— Você está bem? — perguntou Alice.

Delphine olhou para ela por mais um momento, depois enxugou o rosto com a manga e deu tapinhas na cama ao lado dela.

— Venha cá — disse, vendo que a irmã hesitava.

Alice obedeceu, caminhando devagar até a cama, sentando-se ao lado da irmã. Elas não ficavam tão próximas uma da outra sozinhas desde que eram adolescentes.

— Sinto muito, Delphine — disse Alice, e então, vergonhosamente, soluçou.

— Por quê, querida?

— Eles não foram muito gentis — respondeu Alice.

— Ah, *isso* — falou Delphine. — Não dou a mínima. — Ela fez um gesto como se estivesse espantando uma mosca. — Indivíduos como aqueles buscam um alvo coletivo quase automaticamente. Indivíduos da nossa classe, quero dizer. Fomos criados para isso. Fazemos isso desde que nascemos.

Ela fez uma pausa.

— Bem, alguns de nós fazem.

Delphine pegou um copo d'água em sua mesa de cabeceira. Bebeu. E então, como se estivesse lendo a mente de Alice, passou-o para a irmã, que o pegou em suas mãos e o esvaziou, agradecida.

— Por que você estava chorando? — perguntou Alice, quando terminou.

— George — respondeu Delphine. — Estou sempre chorando por George. Foi por causa dele que aceitei o convite para vir. Pensei que estar neste lugar me ajudaria a me sentir próxima dele.

Alice assentiu. Soluçou mais uma vez.

— Me dê isso — disse Delphine, e Alice lhe entregou o copo. Delphine se levantou e desapareceu do cômodo por um momento, e

então retornou com mais água. — Beba. Vai agradecer a si mesma pela manhã.

Alice fez como foi instruída. Às vezes, ela sentia que sua vida inteira era ou seguir ordens de quem estava acima dela ou dá-las a quem estava abaixo. Somente com o filho ela tinha uma conexão que existia fora de qualquer hierarquia de autoridade. Ela simplesmente o amava, sem condição ou complexidade. E acreditava que o menino a amava da mesma forma.

— Está funcionando? — perguntou à Delphine, quando terminou.

— O quê?

— Estar aqui faz você se sentir mais próxima de George?

— Não — respondeu Delphine, e riu outra vez. — Na verdade, não.

Então ela olhou para Alice com mais atenção do que nunca.

— Você está feliz aqui, Coelhota?

Alice se mexeu.

— Claro.

— Quero dizer, realmente feliz. Sei que você ama o Bear, e ele é um amor. Claro que você o ama. Mas e Peter? Ele trata você bem?

Alice assentiu em silêncio.

— Claro — disse, só que mais baixo dessa vez.

Delphine suspirou.

— Eu sempre me senti culpada, sabe — falou ela. — De certa forma, sinto que fui eu quem te impeliu para ele. Mas desde então me preocupo se isso não tem sido demais para você. George e eu achamos que ele cuidaria de você. Mas não tenho mais certeza se vocês combinam.

Alice se irritou.

— O que quer dizer com isso?

— Só que ele pode ser muito inflexível, Coelhota. E você é tão boa. Espero que o enfrente, ao menos de vez em quando. Espero que também esteja conseguindo o que quer da vida.

Não chore, pensou Alice. Chorar significaria não passar nesse teste que sua irmã mais velha estava aplicando. *Não chore.*

Foi inútil. Lágrimas vieram aos seus olhos e transbordaram.

— Ah, Alice — disse Delphine.

Ela tentou segurar uma das mãos da irmã, mas Alice a afastou. Queria ir embora. Queria se levantar e sair dali. Estava errada em sentir pena de Delphine. Ela tinha se lembrado bem naquele momento como sua irmã podia ser direta ao ponto da crueldade.

— Escute — prosseguiu Deplhine. — A melhor parte de ser casada com George Barlow por uma década foi aprender que não tem problema não fazer tudo o que é esperado de você o tempo inteiro. Essa é uma noção que tem sido muito libertadora para mim. A maneira como fomos criadas… a maneira como nossos pais nos criaram, quero dizer… nos treinou para pensar que nossa tarefa é ser absolutamente *perfeitas* em tudo o que fazemos. Mas não é, Coelhota. Entendeu? Podemos ter nossos próprios pensamentos, nossas próprias vidas interiores. Podemos fazer o que quisermos, se aprendermos a não nos importar tanto com o que os outros pensam.

O desconforto de Alice estava aumentando. Uma luz se acendeu nos olhos da irmã; ela pareceu, para Alice, um pouco louca.

Mesmo assim, Delphine continuou.

— Uma coisa interessante sobre George — disse ela — é que tinha acordado para esse fato fazia muito tempo: a ideia de que as pessoas são livres para fazer o que quiserem na vida e danem-se as expectativas… e ainda assim ele nunca deixou que isso rompesse a amizade com seu antigo grupo. As pessoas que estão lá, quero dizer. — Ela inclinou a cabeça na direção da sala principal. — Desde que ele morreu — falou Delphine —, tenho tentado ser mais como ele nesse aspecto: estar aberta a todos os tipos de gente. Até a *eles*.

Mais gargalhadas distantes. Alice bebeu de seu copo.

— Às vezes — continuou Delphine —, eu me pego meio que estudando-os, em vez de me envolver com eles como uma amiga faria. Como George sempre fez. É uma tendência terrível que tenho. Você sabia que me matriculei no programa de Antropologia de Barnard? As aulas começam no outono. É a única coisa que está me mantendo viva. Estou pensando em finalmente conseguir meu diploma.

Então Delphine se virou para ela.

— Alice, você já pensou em fazer faculdade?

— Ah — disse Alice. — Não, não. Tenho que cuidar de Bear.

— Mas quantos anos ele tem? Cinco? Ele não vai para a escola no outono?

— Sim — respondeu Alice, de forma relutante. — Mas então terei que… cuidar da casa.

— Você deveria pensar melhor — falou Delphine. — Você é mais inteligente do que as pessoas acreditam. Sempre foi boa em Matemática, eu me lembro.

Alice pensou nas palavras da irmã por um momento, sem saber o que fazer com elas. Tentou se lembrar se já tinha recebido um elogio que não fosse relacionado à sua aparência ou ao seu traje.

— Posso perguntar uma coisa? — disse Delphine.

Antes que Alice respondesse, ela se aventurou:

— Você já pensou que talvez ter nascido em berço de ouro tenha nos tolhido?

Alice empalideceu.

— Não estou insinuando nada com isso — falou Delphine. — É que… ultimamente tenho me perguntado se ter todas as necessidades materiais atendidas desde o nascimento foi positivo. Tenho a impressão de que resultou em alguma ausência de anseio ou esforço. A *busca*, como gosto de chamar. Quando os pais ou avós já buscaram e conquistaram, o que resta para as gerações subsequentes?

Ela parou, olhando para longe, pensando.

— Essa — disse ela — é a expectativa que mais quero desafiar.

Alice estava congelada. Não tinha ideia do que dizer. Falar sobre dinheiro era contrário a todas as instruções que já havia recebido na vida. Parecia quase um pecado. Um longo silêncio se seguiu, até que Delphine enfim o quebrou.

— De qualquer forma, pense nisso, Coelhota — disse ela. — A questão da faculdade, quero dizer. George tem… teve… um amigo muito bom que leciona em Vassar. Qual é a distância entre Vassar e Albany?

Mas Alice balançou a cabeça.

— Peter não ia gostar — retrucou.

A verdade era que ela também não ia gostar. Mas sentiu de repente que não queria decepcionar Delphine, que não queria que a impressão que ela tinha de Alice, naquele momento, fosse esvaziada.

Delphine fez uma pausa antes de perguntar:

— Por que não?

— Bem, ele tem muitas ideias sobre o que eu devo fazer todos os dias — disse Alice. — Ele não acreditaria que eu teria tempo para fazer uma faculdade também.

Delphine assentiu.

— E se você insistisse?

Alice quase riu. A ideia de insistir em qualquer coisa, quando se tratava de Peter, era inimaginável. Não era exatamente medo do marido, embora tenha havido um ou dois incidentes alarmantes. Era mais porque ela tinha passado a se enxergar quase exclusivamente através dos olhos dele, e, portanto, ser bem-vista por ele era a maneira mais fácil de alcançar algum tipo de bem-estar.

— Eu não insistiria — respondeu ela, simplesmente.

— Sabe — disse Delphine —, Peter sempre me pareceu alguém que mais ladra do que morde.

Delphine sorriu.

— Mas você é adulta — falou Delphine. — E conhece Peter melhor do que eu.

Quando Alice saiu do quarto da irmã eram quase três da manhã, e sons de ronco ecoavam pela casa. Ela se sentia sóbria. Andou na ponta dos pés, evitando as tábuas do assoalho mais barulhentas. Passando pelo quarto de Bear, ela abriu a porta para enfim observar sua forma adormecida, e então seguiu para o quarto que dividia com Peter.

Lá dentro, encontrou o marido acordado.

Ele estava deitado de costas, com as mãos atrás da cabeça, seu tronco fino e nu delineado pelo luar.

Ele virou a cabeça devagar na direção dela, mas não disse nada.

Alice se despiu sem jeito diante dele, sentindo seu olhar avaliador, apesar da escuridão. Ela já tinha notado que a comida e a bebida da festa de uma semana estavam se tornando visíveis em sua cintura, e pensou em não comer nada no dia seguinte — não até o jantar, pelo menos.

Ela vestiu a camisola e deitou-se na cama, ao lado do marido.

— Onde você estava? — perguntou ele.

— No quarto de Bear — respondeu ela, automaticamente. — Ele estava inquieto.

Alice não sabia o porquê, mas parecia perigoso contar a verdade ao marido.

Por um longo tempo, Peter ficou em silêncio, e ela pensou que talvez ele tivesse voltado a dormir.

Mas então ele se virou, e a expressão em seu rosto era fria.

— Você está mentindo — disse Peter. — Eu dei uma olhada no quarto de Bear. Procurei você por toda parte.

Ele se apoiou sobre um cotovelo, de repente, tensa.

— Onde você estava? — perguntou outra vez.

Em sua voz, ela reconheceu perigo.

— Eu fui ao quarto de Bear — disse ela. — Duas vezes. Mas também fui ao quarto de Delphine.

Peter fez uma pausa, aparentemente pego de surpresa. Sabia que aquela não era a resposta que ele esperava. Quando eles eram recém-casados, cometeu um erro terrível em uma dessas festas, uma vez que ficara bêbada demais para entender o que estava acontecendo. Seu erro, Alice entendeu, foi beber demais. O restante foi culpa de outra pessoa. Um antigo amigo de Peter, que não era mais convidado para nada.

— Por que raios estava no quarto de Delphine?

— Para ver como ela estava — disse Alice. — Eu a ouvi chorando. E Merrill falou aquela coisa horrível.

Peter ficou em silêncio por um momento. Então voltou a se deitar e a conversa terminou.

Alice fechou os olhos. Ela imaginou o rosto gentil de Delphine, os cabelos escuros, a postura ereta. O bem-estar e a confiança que emanavam de sua pessoa, apesar da perda recente.

Peter voltou a falar:

— Sei que ela é sua irmã, Alice. E lamento dizer isso, mas eu ficaria longe de Delphine. Ela sempre me pareceu manipuladora.

As palavras repercutiram de maneira pesada no quarto vazio.

— Todos nós nos preocupamos que George mudaria quando eles se casassem — disse Peter. — E sabe de uma coisa? Ele mudou.

Depois disso, os dois ficaram em silêncio.

Carl

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Na sala principal da Autoconfiança, Vic Hewitt estava cuidando do fogo na lareira de pedra que ocupava o centro do cômodo. Uma dúzia de pessoas estava de pé ou sentada ao redor dela; ninguém falava. A idade ali variava de vinte a oitenta anos. Além dos próprios Van Laar, as únicas outras pessoas que Carl de fato reconheceu foram os pais da jovem sra. Van Laar, que vieram da cidade. A filha deles — a mãe de Bear — não estava. Levada para a cama, talvez. Chorando em algum quarto. A esposa de Carl ficou assim nas últimas semanas de Scotty. E depois por um ano inteiro.

Todos na sala pareciam ter acabado de voltar de uma ronda de horas na floresta. Os rostos estavam atordoados, cansados e sujos; as roupas estavam rígidas, recém-secas pelo fogo após a chuva que havia caído mais cedo.

Um silêncio nauseado tomou conta da sala. Era a realidade se instalando. Ele conseguia imaginá-los no início da busca, no começo da tarde, à luz do dia: risos nervosos e embriagados enquanto vasculhavam o terreno, certos de que encontrariam o menino, gritando por ele na chuva, esperançosos de que Bear estivesse pregando uma peça, esperançosos de que, na hora do coquetel, estariam contando a história da busca enquanto bebiam.

Carl conseguia imaginar esse estado de espírito mudando.

Deviam ter ligado antes, pensou Carl. Essa era a verdade, embora não tivesse sido dita por nenhum dos quatro voluntários enquanto se dirigiam à Reserva. Vic Hewitt, pelo menos, devia saber. Os quatro voluntários tinham habilidades básicas de rastreamento, e o irmão de Dick, Ronald, tinha uma cadela, Jennie, que era boa farejadora. Mas não encontraram Ronald, então partiram sem o animal. Entre a

tempestade e o fato de o chão ter sido muito pisoteado, tanto rastros quanto cheiros seriam mais difíceis de identificar no dia seguinte. Por que Hewitt não ligara?

Nenhum dos doze ocupantes da sala se levantou quando chegaram. Foi somente quando Vic Hewitt falou que notaram a presença deles.

— O pessoal do corpo de bombeiros chegou — disse, dirigindo-se ao sr. Van Laar mais jovem. — Caso queira falar com eles.

Na cozinha, longe da multidão, o sr. Van Laar mais velho e o mais novo encararam os voluntários. Foi então que Carl se lembrou de seu chapéu, uma coisa mole de feltro que a esposa lhe dera vários aniversários atrás. Ele o arrancou da cabeça e acariciou seus cabelos e barba, alisando-os.

Como ninguém tinha se manifestado, ele falou:

— Bem. — Carl olhava para o chão enquanto falava, incapaz de sustentar o olhar de qualquer pessoa. — Então. Quando foi a última vez que o senhor viu o garoto?

— Às três da tarde — respondeu o Van Laar mais velho.

— E ele estava… fazendo trilha?

— Você já sabe disso — disse o Van Laar mais jovem. — Nós nos falamos ao telefone.

Havia impaciência em sua voz. Ocorreu a Carl que ele talvez acreditasse que os bombeiros iriam entrar na floresta naquela noite. Se fizessem isso, não iriam longe; tinham levado uma lanterna comum e uma de cabeça, sendo que esta estava sem pilhas, se Carl não estivesse enganado. Talvez houvesse mais equipamentos espalhados pela propriedade, mas, ainda assim… A polícia estadual, com seus dólares arrecadados dos contribuintes, teria que ser chamada para fazer algum progresso.

— O senhor se importaria de repetir a informação para os outros? — perguntou Carl. — Caso eu tenha me esquecido de alguma coisa quando contei a eles.

— Nós dois fazíamos uma trilha, sim — disse o Van Laar mais velho. — Bear estava implorando para fazer uma. Saímos de casa por

volta das três da tarde. Caminhamos pela floresta… há um atalho, com cerca de quatrocentos metros, que conecta a casa ao início da trilha no sopé da Hunt. Mas assim que chegamos no início da trilha, Bear disse que tinha esquecido o canivete. Ele queria voltar para pegá-lo.

— Como assim? — perguntou Dick Shattuck, aparentemente sem conseguir ficar quieto por mais tempo. Carl ficou aliviado.

— Ele disse que queria me mostrar algo — disse o homem mais velho. — Não sei o que era.

Por um momento, Carl sentiu-se tonto. Lenha, pensou. *Solta, leve e mole*. Ele queria mostrar ao avô como saber qual madeira era boa para fazer fogo, pensou Carl. *Eu o ensinei a fazer isso*. Ele tinha, de fato, ensinado muitas coisas ao menino: como assobiar com uma tampa de bolota. Como entalhar uma cabeça de coruja, de urso e de raposa. Como saber quando a chuva estava chegando. As mesmas coisas que tinha ensinado ao seu próprio Scotty.

— E você disse que tudo bem — falou Shattuck, incitando o avô do menino.

— Sim — respondeu o sr. Van Laar. — Eu estava impaciente. Mas disse que sim.

— Você o viu voltando para casa — falou Shattuck.

— Sim.

— Quando o perdeu de vista?

O Van Laar mais velho pensou um pouco.

— Quase imediatamente — disse ele. — Tem uma curva — Van Laar demonstrou com a mão — a cerca de trinta metros do início da trilha, de volta na direção da casa. Eu observei Bear até chegar a esse ponto, e então ele virou à esquerda e desapareceu.

— Como é o início da trilha? — perguntou Shattuck.

Carl sabia. Ele próprio já tinha estado lá várias vezes com Bear, que tinha recebido permissão dos pais para ir até o sopé da montanha sempre que quisesse, mas não mais do que isso. O início era uma curva no final de uma estrada de terra que levava à Rota 29, a principal estrada pavimentada para a cidade. A montanha Hunt, devido ao seu tamanho pequeno, não estava entre os picos mais

populares das Adirondack, mas, quando o tempo estava bom, em geral havia meia dúzia de carros estacionados aqui e ali no local.

— Como assim? — perguntou o avô.

— Quero dizer… é um lugar movimentado?

— Normalmente não — respondeu.

— E hoje? O senhor acha que havia outras pessoas na montanha?

— Não saberia dizer — respondeu o homem mais velho. — Não havia carros estacionados lá, mas não fui até a montanha. Fiquei parado na trilha, esperando por Bear, até que começou a chover.

Então todos ficaram em silêncio. Um silêncio desconfortável.

Carl observava Bob Lewis. Dos quatro, ele era o cínico, o pessimista. Ele tinha um lado paranoico que às vezes o fazia tirar conclusões precipitadas sobre pessoas ruins e motivos questionáveis. Por duas vezes, quando a causa do incêndio não podia ser facilmente explicada, defendeu a tese de incêndio criminoso. (Até então, não havia ocorrido nenhum caso real de incêndio criminoso em Shattuck — pelo menos não sob a supervisão deles.)

Como previsto, Bob L. falou.

— Por que foi fazer uma trilha durante uma tempestade? — perguntou ele ao Van Laar mais velho.

A questão foi abrupta. Lewis se moderou.

— Se não se importa que eu pergunte, senhor.

— A tempestade foi repentina — disse o sr. Van Laar. — Veio do nada. O céu estava limpo quando saímos de casa. O sol brilhava. Nem um pingo de umidade no ar. E então… — O homem se interrompeu

Dick Shattuck pigarreou.

— Sr. V. — falou —, quanto tempo diria que esperou por Bear no início da trilha depois que ele saiu?

— Difícil dizer — informou o velho Van Laar. — Quinze minutos, talvez. Vinte. Não verifiquei o relógio de bolso quando ele saiu, mas olhei quando a chuva começou. Isso foi às 15h35. Foi quando perdi a paciência e voltei sozinho. O caminho é curto. Como eu disse. Ele não deveria ter demorado tanto tempo.

A conversa continuou, mas Carl permaneceu em silêncio. Calculando. O sr. Van Laar dissera que Bear tinha saído para uma caminhada com seu avô às três da tarde. Carl tinha saído do trabalho naquele dia às 15h30. Foi quando viu o garoto abaixado na frente da casa, amarrando o sapato, prestes a sair para algum lugar.

Se estivesse fazendo as contas corretamente, era possível que ele, Carl Stoddard, tivesse sido a última pessoa a ver o garoto antes de desaparecer.

Pensou em compartilhar a informação. Mas decidiu ficar de boca calada, pelo menos naquele momento.

Os dois Van Laar apoiaram o peso no balcão atrás deles ao mesmo tempo, subitamente exaustos. Em geral, eles se moviam como um par. Mesma altura, mesmos olhos, mesmos movimentos fluidos e constantes. Havia uma qualidade atlética neles que Carl não associava a pessoas ricas. Certa vez, viu Peter III jogando uma partida improvisada de beisebol no gramado durante o Adeus aos Borrachudos de outro ano. Ele havia rebatido uma bola para fora de vista e então corrido ao redor das bases improvisadas num galope casual que escondia o que Carl, com a experiência de seus dias de futebol americano, imediatamente entendeu ser uma impressionante reserva de velocidade.

— Alguém o viu depois disso? Alguém além do senhor, quero dizer — falou Shattuck.

— Ninguém que eu saiba — respondeu o Van Laar mais velho.

— O senhor acha que ele conseguiu chegar em casa?

— Não está claro — disse o Van Laar mais novo. O pai do garoto. — Ninguém o viu, mas muitos convidados estavam descansando naquele horário. Ou do lado de fora, suponho.

Carl engoliu em seco. Ele queria falar. Dizer: *Eu o vi. Ele estava amarrando o sapato. Eram 15h30*. Mas ele sabia o que mudaria no momento em que revelasse aquilo.

Shattuck continuou a perguntar, e o momento passou.

— Quem o senhor acredita que estava dentro da casa?

O jovem Van Laar assentiu.

— Eu — disse ele. — Minha esposa. Alguns hóspedes, como falei. E também membros da equipe.

— E quando começaram a procurar por Bear?

Os dois Van Laar se entreolharam.

Então o mais novo falou.

— Papai me encontrou em casa. Por volta de 15h45. Eu estava descansando em meu quarto. Ele me disse que não conseguia encontrar Bear.

Ao dizer o nome, sua voz se elevou.

Carl desviou o olhar, com medo do homem começar a chorar.

— E depois? — disse Shattuck, de forma mais gentil.

— Saímos, nós dois, na chuva — disse o mais velho. — Não queríamos alarmar ninguém ainda. Começamos… a chamar por ele. Por Bear. E suponho que as pessoas nos ouviram. Aos poucos, um grupo se formou. Nós nos espalhamos. Vagamos pela floresta por um tempo. Nós nos dividimos em grupos menores. Um grupo foi até a Hunt, até o topo da montanha. Outro desceu até a praia para caminhar ao longo da costa. Um terceiro vasculhou o Acampamento Emerson, todos os chalés, cada edifício. Éramos vinte procurando ou algo assim. No total, passamos cerca de três horas procurando. Ficamos completamente ensopados nesse meio-tempo.

Os quatro voluntários assentiram.

— Quando contou à mãe do garoto? — perguntou Bob Lewis.

Mais uma vez, a pergunta pareceu errada, abrupta demais, o assunto muito delicado.

Foi o Van Laar mais jovem quem respondeu.

— Ela nos ouviu — disse ele. — Saiu da casa — continuou, a voz tensa.

Carl tinha parado de olhar na direção dos Van Laar. Se chorasse…

Por fim, ele se permitiu trazer à tona, nauseado, a lembrança que ameaçava emergir fazia horas. Era de Bear no verão passado, pequeno e forte, sentado num toco ao lado de Carl enquanto ele plantava flores no chão. O garoto estava entalhando, satisfeito, algo de sua própria criação. Então, ouvindo uma voz masculina baixa chamando por ele, parou e enrijeceu.

Carl olhou para ele. Observou-o por um momento, esperando que ele respondesse.

O menino não respondeu.

— É seu pai chamando? — perguntou Carl, gentilmente.

Mais uma vez, veio a voz:

— *Bear van Laar! Peter Quatro!*

Bear balançou a cabeça.

— É o meu avô — respondeu. E então, tão baixo que quase não pôde ser ouvido: — Não gosto muito dele.

Com isso, derrubou sua pequena faca, deu um suspiro pesado e a colocou no bolso. Ele se levantou, os ombros encurvados, e caminhou na direção da Autoconfiança.

Eram 20h45. O sol já tinha se posto. Eles passaram pela sala sombria, que tinha esvaziado um pouco desde que haviam chegado, e saíram da casa até o gramado, a terra encharcada, chapinhando a cada passo. A lua estava muito cheia naquela noite, tão brilhante que lançava sombras tênues no rastro deles. Os quatro bombeiros e Vic Hewitt caminharam para o norte, na direção da trilha em meio à floresta que o menino e seu avô teriam feito juntos naquele dia.

— Sabe o que ele estava vestindo? — perguntou Bob Alcott a Hewitt.

— Uma bermuda, pelo que me lembro — respondeu Hewitt. — E uma camisa vermelha, acho. De manga curta. Pelo menos era isso que estava vestindo quando o vi esta manhã.

— Calças compridas — falou Carl, por reflexo.

Ele se lembrava bem disso. O garoto tinha dobrado as calças para amarrar os sapatos.

Uma pausa.

— É? — disse Hewitt.

— Acho que sim.

— Por quê?

— Acho que… o vi. Na frente da casa. Pouco antes de eu sair.

Vic Hewitt olhou para ele com firmeza.

— Que horas seriam isso?

— Umas 15h30.

Todos eles olharam em direção à floresta.

— Carl — disse Vic. — Alguma razão para não ter nos contado isso antes?

Carl pensou.

— Só me ocorreu agora — falou ele.

* * *

Shattuck, carregando a única lanterna que encontraram no caminhão, balançou-a para a frente e para trás na linha das árvores na borda do gramado. A cada varredura, a densidade da floresta se destacava. Partes dela pareciam matagais. Impenetráveis. A única clareira era a entrada para a trilha em questão. O último lugar em que sabiam que Bear tinha estado.

— Devemos gritar? — perguntou Carl.

Hewitt hesitou.

— Acho que não — falou, por fim. — Não obtive resposta o dia todo. Odeio deixar a família ainda mais agitada. Deixe-os descansar um pouco.

Shattuck assentiu. Mirou a lanterna na direção da trilha e então voltou o facho para a casa antes de falar, de forma comedida.

— Vejam bem — disse ele. — Nós quatro podemos entrar na floresta e balançar nossa única lanterna por um tempo. Ver se encontramos algum rastro. Ou podemos voltar para a casa e tentar encontrar mais algumas lanternas. E até fazer com que todos se espalhem de novo. Mas considerando a quantidade de pessoas que você já colocou para procurar, acho que seria melhor trazer um cachorro antes que o cheiro do garoto desapareça completamente, não?

Vic Hewitt assentiu. Ele não encarava Shattuck nos olhos, apenas observava a floresta.

— Se quer saber minha opinião — disse Shattuck —, acho que seria bom chamar a polícia. Mas só se quiser saber minha opinião.

Era o que Carl pensava também. O que todos eles pensavam, sem dúvida.

Hewitt não respondeu. Ele estava escutando.

— Vic? — disse Shattuck. — Tudo bem?

Um movimento repentino na floresta. O farfalhar frenético de um animal aprisionado. Da área de terreno limpo em direção à montanha surgiu uma pequena figura, correndo a toda velocidade.

Por um momento, todos ficaram esperançosos.

Mas não era Bear. Era uma garota, Carl percebeu. Shattuck girou a luz na direção dela. Seu rosto estava branco e em pânico, sua boca aberta numa espécie de lamento silencioso. As roupas estavam úmidas; o cabelo emaranhado no topo da cabeça, a longa trança uma corda encharcada que pendia pesadamente sobre um ombro e se estendia sobre o peito.

— Que porra… — disse Hewitt, baixo, e só então Carl percebeu quem era.

Hewitt caminhou rapidamente na direção de sua filha, Tessie Jo.

O restante permaneceu no lugar.

Carl

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Tessie Jo foi levada — boca aberta, olhos fechados — para os braços do pai, primeiro para a sala e depois para o corredor, onde uma das empregadas preparou um banho para ela enquanto, em um quarto próximo, seu pai a acalmava.

Os poucos convidados restantes se dispersaram. Os voluntários — Carl na liderança — se desculparam e retornaram ao gramado, onde ficaram de pé, mãos nos bolsos, pensando no que fazer.

Bob L. falou primeiro.

— Vocês acham que ela viu alguma coisa?

— Vamos torcer para que sim — disse Shattuck.

Mas Carl tinha uma opinião diferente.

— Eles eram amigos — comentou ele. — Bons amigos. Bear a seguia por toda parte. Admirava a menina. Tinha uma quedinha por ela, talvez.

Os outros três o encararam.

— Talvez ela só esteja chateada porque ele sumiu — disse Carl.

E isso, de fato, foi o que Vic Hewitt lhes disse quando voltou caminhando pelo corredor: a garota estava em choque. Estava cansada, com frio e faminta, andando pela floresta sem comer ou beber nada desde aquela tarde, quando Bear foi dado como desaparecido. Estava com medo de perder o amigo — um dos poucos amigos que tinha, segundo Vic —, acrescentando que ela nunca se dera bem com as crianças de sua pequena escola. Darla McCray alimentou Tessie Jo com uma sopa e ela foi levada para a cama, ainda tremendo. A esperança era de que não ficasse doente.

Os quatro homens receberam essa informação e assentiram. Então Vic disse a eles que deveriam ir para casa dormir um pouco. Ele

assumiria a responsabilidade de ficar de guarda durante a noite. No dia seguinte, os cinco, e a polícia estadual, começariam de novo. Com cães, dessa vez.

Quando o caminhão saiu da garagem, viram Vic na luz fraca que emanava da Autoconfiança. Ele estava caminhando em direção ao galpão de lenha. Vic faria uma fogueira para sua vigília solitária, pensou Carl. Talvez o fogo ou a fumaça atraíssem o menino de volta para a casa.

Até aquele ponto, Carl tinha resistido a um sentimento que pairava nos cantos da consciência. Mas da parte de trás do caminhão, ele observou as luzes da Autoconfiança se apagarem uma a uma, e enfim se permitiu pensar: se aquele fosse o *seu* filho, perdido na floresta fria durante a noite — talvez ferido — bem, ele ainda estaria lá fora procurando-o. Chamando o nome de Bear até seu corpo não aguentar.

Em casa, Maryanne ainda estava acordada. Estava sentada à mesa da cozinha, jogando Paciência. Ela jogava quase todas as noites desde que Scotty morrera; dizia que ajudava a esvaziar sua mente antes de dormir.

— Teve sorte? — perguntou a Carl, sem se virar.

Suas costas estavam retas, tensas.

— Não — respondeu o marido. — A busca vai ser ampliada amanhã. Levaremos a cadela de Ron Shattuck. — E então ele fez uma pausa, pensativo.

Carl ainda não havia contado a ninguém o que Bear dissera sobre o avô. A maneira como a postura do menino mudara ao ouvir seu nome sendo chamado naquela voz severa. Por um momento, pensou em contar a Maryanne. Mas ultimamente ele não conseguia prever as reações dela a nada do que ele dizia. Qualquer coisinha errada a deixava com raiva — a emoção que Maryanne mais expressava nos últimos tempos, como se toda a sua tristeza desde a morte de Scotty precisasse ser substituída por algo. No entanto, ela falou primeiro:

— Eu também vou.

— Para a Reserva? — perguntou Carl.

— Sim.

Carl fez uma pausa. Sua deferência aos Van Laar era tão arraigada que sua primeira reação foi se perguntar se ela seria bem-vinda no local. Então ele caiu em si; com certeza os Van Laar iriam querer o máximo de ajuda possível.

— Tem certeza? — indagou ele.

Maryanne assentiu. Colocou um sete em cima de um oito.

— Minha mãe vai cuidar das meninas. Já pedi para ela.

— Tudo bem — disse Carl. Ainda hesitante. Ele enfim decidiu-se pelo único assunto que geralmente sabia ser seguro: — Como elas estão?

Maryanne sorriu, acenando uma das mãos.

— Ah, tudo bem. Jeannie está chateada com uma nota que tirou. Margaret está chateada com um garoto. Antonia está chateada com uma amiga. — Ela se virou, e, por um momento, o marido viu um vislumbre de humor nos olhos da esposa. — Eu ficaria mais preocupada se todas estivessem bem.

Uma onda de calor surgiu dentro dele. Carl teve o instinto de ir até ela, sua esposa bonita e de costas retas, colocar as mãos em seus braços, e ficar ali por um tempo. Eles quase nunca se tocavam. Não faziam amor havia um ano; na última vez que acontecera, Maryanne chorou de forma tão violenta quando acabou que Carl prometera a si mesmo que nunca mais se aproximaria dela. Não até que fosse convidado, pelo menos, e até aquele momento não tinha acontecido. Então, naquela noite, não foi até ela, mas pigarreou e subiu as escadas até o banheiro, onde tomou banho antes de ir para a cama. Uma ou duas horas se passariam, ele sabia, e então Maryanne entraria no quarto em silêncio, já vestida com suas roupas de dormir, e se deitaria ao lado dele, e nenhuma parte de seus corpos se tocaria.

No início da manhã, ele acordou com o cheiro do café da manhã.

Sua sogra já estava sentada à mesa, uma xícara de café na mão. Com exceção das botas, Maryanne se vestira com as roupas de igreja, seu traje de professora da escola dominical — vestido azul, chapéu clochê — que normalmente seria estranho para um dia de trabalho na floresta. Mas estava indo para território dos Van Laar, e aquelas roupas, na mente de Maryanne, eram um sinal de respeito.

Às seis da manhã, Carl ligou para o quartel dos bombeiros para avisar Bob L. que ele iria com seu carro, devido à decisão de Maryanne de ir.

— Ah, tudo bem — disse Bob L. — Pelo visto, todas as esposas decidiram ir. — Havia um tom de reclamação em sua voz.

A decisão das esposas de acompanhar os maridos serviu como um prenúncio, mas o escopo completo do esforço voluntário só se tornou aparente com a chegada de Carl à Reserva.

No gramado estava o que poderia ser a maioria dos cidadãos adultos de Shattuck: várias centenas de pessoas esperando por instruções. Ron estava lá com sua cadela, Jennie; vários outros cães também estavam no local, guiados por homens que Carl não reconheceu.

Perto da casa havia quatro viaturas com as janelas abertas.

E bem no topo da colina, parados diante da entrada da Autoconfiança, estavam os Peter van Laar mais velho e mais jovem. À direita deles estava Vic Hewitt, falando com os policiais.

Carl, observando a cena com Maryanne ao seu lado, hesitou por um instante. Na noite anterior, os quatro voluntários do corpo de bombeiros pareciam estar no comando; mas pelo jeito eles haviam sido depostos. Ele examinou a multidão até ver Dick Shattuck, parecendo igualmente inseguro pela primeira vez na vida. Sua esposa também estava ao seu lado — uma mulher magra chamada Georgette, a quem Maryanne chamava de arrogante desde os tempos em que todos estavam na escola primária juntos.

Maryanne começou a emitir pequenos ruídos de pigarro, e Carl interpretou isso como se ela quisesse que ele assumisse o comando de alguma forma. Então Carl caminhou, Maryanne em seu encalço, na direção de onde percebeu estar a ação. Ao se movimentar, chamou a atenção dos Bobs e de Dick Shattuck; eles seguiram atrás.

Quando chegaram ao grupo de homens parados em frente à Autoconfiança, ninguém deu atenção.

Com alguma apreensão, Carl falou:

— Bom dia. — Isso provocou olhares surpresos de vários policiais e uma pausa da parte de Vic.

— Senhores, este é Carl Stoddard — disse Hewitt. — Ele trabalha aqui como zelador e bombeiro voluntário da região. Carl, esses homens são da polícia estadual. Eles vão nos ajudar na busca.

— Aconteceu alguma coisa durante a noite? — perguntou Carl, e Vic fez que não.

— Acendi uma fogueira da melhor maneira que pude — respondeu Hewitt. — Apesar da umidade. Fiquei acordado a noite toda. Acho que cochilei um pouco de vez em quando.

— Nenhum sinal — disse Carl, inutilmente.

Hewitt balançou a cabeça.

— Eu estava dizendo — falou ele — que o mais importante é não danificar nenhum rastro que possa ter sido deixado. Ou cheiros. Mais do que já foram, quero dizer. Vamos deixar os homens com cães saírem primeiro, para ter uma boa vantagem. Enquanto estiverem procurando, vou dividir o restante da multidão e ensiná-los a avançar pela floresta. O que procurar.

Os policiais assentiram, ouvindo. Era interessante, pensou Carl, que nenhum deles reivindicasse alguma autoridade ali; todos pareciam reconhecer seu lugar, como subordinados à família que comandava a operação e a Vic. Era verdade também que os Hewitt eram conhecidos havia gerações como os melhores guias da região, e acreditava-se que Vic tinha um talento especial para isso. Alguns dos policiais eram rapazes locais que sem dúvida conheciam sua reputação.

De repente, então, Vic Hewitt se virou e foi embora, deixando Carl e os outros bombeiros sozinhos com os policiais, que se fecharam para formar um círculo.

Bob L., que nunca tinha vergonha de reclamar, foi o primeiro a fazê-lo.

— É como se nem estivéssemos aqui.

Os homens com os cães seguiram primeiro, como planejado.

Dez minutos depois, o restante da multidão partiu, alguns em veículos, para os locais que lhes foram designados por Vic Hewitt. Os quatro bombeiros e suas esposas receberam a tarefa de vasculhar uma área de aproximadamente 2,5 quilômetros quadrados de floresta no

lado oposto da Rota 29; eles dirigiram até o local em questão e pararam perto das árvores.

O objetivo, dissera Vic — elevando a voz o máximo que podia para se dirigir a todos —, era formar uma fileira de pessoas, uniformemente espaçadas, e marchar para a frente de maneira coletiva. "Mantenham os olhos no chão", dissera Vic. Movam eles da esquerda para a direita. Procurem por cores incomuns, depressões estranhas na vegetação rasteira. A cada trinta segundos ou mais, chamem pelo garoto.

Pelo visto, aquela era a parte mais difícil para Carl. Para todos os homens.

Eles não estavam acostumados a levantar a voz de tal maneira, a chamar o nome de uma pessoa sem parar.

No entanto, as mulheres estavam mais dispostas a fazê-lo; e então foram suas vozes que ecoaram pela floresta. Todas elas eram mães. Todas elas regularmente deixavam de lado seu senso inato de decoro para chamar seus filhos aos gritos de forma descontrolada.

Ao redor da Reserva, era possível ouvir muitas pessoas fazendo o mesmo, o nome do menino ressoando como um eco.

Uma hora se passou. Duas, três. O dia não estava quente, mas Carl percebeu que transpirava mesmo assim. Algo no nome de Bear sendo chamado incomodava sua consciência, acelerava seus batimentos cardíacos, desencadeava a mesma lembrança que estava oscilando do lado de fora de sua mente desde a tarde do dia anterior.

— *Bear van Laar* — gritou o avô do garoto.

E Bear deu um pulo, assustado, triste por deixar a companhia de Carl.

Um pé na frente do outro. O estalar do chão da floresta com agulhas de pinheiro. Se Carl estivesse sozinho, teria tirado a camisa. Ele se esforçou para se concentrar no chão, como lhe disseram para fazer — como sabia fazer. Mas a paisagem começava a ficar borrada diante dele. Carl tomou um gole de água do cantil que pendia de seu pescoço.

Maryanne geralmente notava essas coisas. Ela logo percebia quando o marido ou uma das crianças estava doente, nervoso ou desanimado. Mas naquele dia Maryanne estava completamente focada

na tarefa de procurar por Bear. No começo, ela tinha amarrado o vestido em um nó acima dos joelhos. Depois começou a erguer as pernas em passos altos enquanto chamava pelo menino.

De repente, Carl tropeçou e caiu no chão. A corrente inteira de pessoas parou.

Ele sentia uma espécie de dor no estômago e no peito, algo firme como uma torção. Não conseguia falar.

O nome que seus companheiros gritavam mudou. *Carl*, diziam eles. *Carl. Carl.*

Foi a última coisa que ele ouviu antes de perder a consciência.

III

Ao se perder

Tracy

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 |
Julho de 1975 | Agosto de 1975

Ela tinha medo de usar aquela palavra, até mesmo de pensar nela, mas, às vezes, Tracy sentia como se estivesse se apaixonando por Barbara van Laar.

Estava fascinada pelos detalhes do rosto e do corpo de Barbara, os olhos — com cílios longos e sempre sonolentos —, e o formato de suas pernas fortes, e as unhas que ela roía até não sobrar mais nada, e os pelos bem claros de seus antebraços e suas coxas, que pareciam fios de ouro à luz do sol e que enfatizavam o preto artificial de seus cabelos. Se alguma vez ela percebia Tracy olhando — o que deve ter acontecido —, não falava nada, apenas sorria vagamente em sua direção, como se estivesse acostumada a receber olhares assim.

Mais importante: Barbara foi a primeira amiga que teve que parecia gostar de Tracy tanto quanto Tracy gostava dela. Para início de conversa, Barbara tinha dito que a achava engraçada: ela com frequência ria alto das coisas que Tracy falava, atraindo olhares interessados das pessoas ao redor. Ela também dissera a Tracy que a achava inteligente. Barbara nutria um desdém pelo que era convencional, mas sem desdenhar de quem era convencional. Na verdade, era a pessoa menos crítica que Tracy já conhecera.

A posição de Barbara no Acampamento Emerson era interessante: ela tinha o glamour de uma forasteira, sendo aquele seu primeiro verão no acampamento, e ainda assim tinha informações privilegiadas que o restante dos campistas nunca poderia ter. Ela frequentava o local fora da temporada; tinha visto o interior de armários, salas dos fundos e cozinhas que eram proibidas para outros campistas.

O mais intrigante é que ela era aparentemente bem próxima de T.J. Hewitt, a diretora do acampamento, que era essencialmente um mistério para todos os outros campistas. Sim, ela os liderava em aulas de atividades ao ar livre, mas, mesmo assim, era séria e reservada. As únicas coisas que Tracy sabia sobre sua vida pessoal se concentravam em sua história no local. Ela era filha do antigo diretor de longa data do acampamento, Vic Hewitt, agora um velho que morava numa pequena fazenda na entrada da Autoconfiança. Diziam que ele tinha alguma doença. Fora esse fato, não sabiam nada sobre T.J.; os conselheiros a reverenciavam, nunca fofocavam sobre ela. Ela parecia mais uma mascote do que uma pessoa viva: alguém a ser muito respeitado, mas com quem nunca se falava diretamente.

Portanto, na primeira vez que Tracy passou por T.J. enquanto caminhava com Barbara, ela ficou surpresa ao ouvir sua nova amiga chamar a diretora com alegria.

— O que está acontecendo? — perguntou Barbara.

Ao contrário de todos os outros no local, T.J. não usava uniforme. Em vez disso, usava shorts — veludo cotelê ou jeans — e uma camiseta ou uma camisa de flanela xadrez, meias altas e botas Danner marrons, amarradas firmemente até o topo. Em sua cabeça, havia um penteado tão risivelmente torto que em qualquer outra pessoa teria ficado ridículo. Mas em T.J. o corte parecia simplesmente indicar uma falta de preocupação com questões terrenas. Funcionava como a tonsura de um monge, separando-a dos leigos no acampamento.

Ela estava ajoelhada diante de uma das pequenas pontes que atravessavam o riacho que separava os chalés dos meninos dos das meninas, martelando uma fileira de pregos com uma velocidade assustadora. Então olhou para cima e franziu a testa.

— Onde vocês deveriam estar? — questionou ela.

— Não consigo lembrar! — respondeu Barbara. Provocando. Ela se virou para Tracy. — Você consegue, Tracy?

— Almoço — falou Tracy, rapidamente. — Estamos indo almoçar.

— Ah, é isso mesmo. Desculpe, T.J., sou nova aqui.

Barbara sorriu, T.J. não. Mas estava claro que ela lutava contra um sorriso.

— Sai da minha frente — disse ela, e, erguendo o martelo no ar novamente, voltou a trabalhar.

Elas continuaram seu caminho. Em um certo ponto, Barbara notou a expressão de Tracy: olhos arregalados, esperando por uma explicação.

— O que foi? — perguntou.

Tracy olhou para trás.

— Ah, T.J.? — disse Barbara. — É inofensiva. Não sei por que todo mundo fica tão intimidado por ela.

— O que T.J. faz no resto do ano? — perguntou Tracy.

— Cuida do pai dela. Cuida do terreno. Vem ficar comigo em Albany quando meus pais precisam ir a algum lugar.

Tracy a encarou.

— Ela… *toma conta* de você?

Tracy não conseguia imaginar. Os silêncios longos, pensou, seriam insuportáveis.

Barbara riu.

— Eu não chamaria assim. Ela só me faz companhia, garante que eu fique longe de problemas. Os Hewitt são como se fossem da família.

Tracy deu de ombros.

— Se você diz.

Quando Tracy não estava com Barbara, ela tentava aprender sobre a amiga. Para começar, estava ficando cada vez mais curiosa sobre sua história. Se suas companheiras de chalé sabiam tudo sobre o desaparecimento do irmão de Barbara, a chegada dela havia causado uma espécie de silêncio respeitoso sobre o assunto.

Somente uma vez Tracy teve acesso a algo substancial.

No meio do verão, ela estava voltando do banheiro durante um intervalo quando encontrou Lowell Cargill, o outro objeto de sua afeição, sentado a uma mesa de piquenique. Seu rosto estava obscurecido por um jornal.

Acima da dobra, a data: *13 de julho de 1975*. Abaixo da data, o rosto de um homem encarava o leitor: de óculos, calvo, sério. Este, ela

verificou pela legenda, era Jacob Sluiter — conhecido pelos campistas como *Slitter*. Ela tinha ouvido alguma coisa sussurrada sobre ele no escuro, sabia que havia alguma conexão entre Slitter e Bear van Laar; mas os detalhes até aquele ponto haviam lhe escapado.

Tão despreocupadamente quanto possível, ela se sentou em uma mesa diferente, de frente para o jornal. Apertou os olhos na direção do artigo, tentando entender os detalhes. Em momentos como aqueles, arrependia-se de não usar os óculos. ARMADO E PERIGOSO, dizia a manchete. E, abaixo dela, palavras como "testemunhas" e "viram".

— Preocupada?

Tracy se encolheu.

Lowell Cargill olhava para ela por cima do jornal.

— Aqui diz que ele pode estar vindo para o norte, em direção aos seus antigos campos de caça — falou Lowell, casualmente.

O rapaz dobrou o jornal. Cruzou uma perna sobre a outra, tornozelo no joelho.

Então, vendo o rosto de Tracy, acrescentou:

— Não precisa ter medo. Ele estava em Fishkill quando fugiu. Se estiver a pé, ainda não teria chegado a esta área. E aposto que eles vão encontrá-lo antes que chegue aqui.

Ele fez uma pausa.

— A menos que tenha conseguido uma carona — falou, incerto. — Mas quem iria dar uma carona para ele?

— Onde você conseguiu esse jornal? — perguntou Tracy.

— No refeitório — respondeu Lowell. — Eles vendem jornais lá todos os dias. Só que a maioria das pessoas não está interessada.

Eu estou, pensou Tracy. Em casa, ela gostava de ler o jornal com a mãe. E via o fato de ele ler jornal como mais uma evidência de sua compatibilidade com Lowell Cargill: uma qualidade que ela considerava incomum para um garoto da idade dele.

De repente, Lowell se aprumou e esticou os braços no ar, revelando um pedaço de seu abdômen que a deixou arrepiada.

— Pode ficar com este, se quiser — disse Lowell. — Já terminei.

Ela pegou o jornal em suas mãos — sabendo, sem sombra de dúvida, que o guardaria em seu baú pelo restante da temporada, uma espécie de relíquia sagrada, santificada pelo toque de Lowell Cargill.

O sistema de som começou a funcionar, anunciando o fim do intervalo, e Lowell se levantou.

Então, como se lembrasse de algo, ele se virou.

— Ei — falou. — Barbara falou que você canta bem. Quer cantar comigo algum dia?

Tracy sentiu todo o sangue de sua cabeça drenar.

Lowell franziu a testa.

— Tudo bem se não quiser — disse ele. — Foi só uma ideia. Estou tentando aprender a harmonizar.

Ele começou a andar.

Tracy observou as costas dele, amaldiçoando a si mesma por sua covardia. E então, quando ele estava a dez passos de distância, ela se forçou a falar.

— Eu quero — falou ela.

E então repetiu, mais alto.

— Ótimo — disse Lowell. — Eu procuro você.

Em sua cama de cima, depois do jantar e antes de as luzes se apagarem, Tracy dobrou a primeira página do jornal *The Saratogian* num pequeno quadrado e leu o artigo.

Com a reportagem, ela aprendeu a história completa de Jacob Sluiter. Ele era, leu Tracy, um assassino notório que havia assombrado o Parque Adirondack pouco mais de uma década antes. Sluiter tinha sido acusado e processado por onze assassinatos, todos ocorridos entre 1960 e 1964, ano em que finalmente foi preso. A maioria ocorrera em acampamentos ou chalés remotos. As vítimas — casais, às vezes mulheres solteiras — foram amarradas e esfaqueadas; nenhuma arma de fogo foi usada. O que ajudou Sluiter a escapar da captura por tanto tempo foi sua profunda habilidade de trabalhar com madeira, forjada ao longo de uma infância pobre passada na zona rural. Ele conseguia fazer armadilhas e pescar com grande habilidade. Durante cada um dos quatro invernos em que esteve foragido, Sluiter mudou de chalé desocupado para chalé desocupado, roubando alimentos enlatados e outras provisões deixadas para trás pelas pessoas no verão; de maio a setembro, quando a região ficava mais

populosa e os donos retornavam para seus chalés, ele acampou na mata. Ele poderia ter continuado assim para sempre se não fosse por um golpe de azar: um chalé que ele supôs estar vazio para o inverno era, na verdade, na propriedade em que seus donos realizavam sua celebração anual de Natal. Ao parar diante da casa, o dono avistou fogo na lareira. Antes que Sluiter pudesse pegar sua arma, o dono estava lá dentro, em cima dele.

Jacob Sluiter foi amarrado a uma cadeira enquanto as autoridades eram chamadas. Em 23 de dezembro de 1964, foi finalmente capturado.

Ele não confessou nada. Manteve sua declaração de inocência, apesar das evidências que o condenavam de forma irreversível: objetos de vítimas entre seus pertences; suas impressões digitais em todas as cenas de crime; depoimentos de dois irmãos sobre tendências sádicas; e, por fim, uma identificação visual positiva de um sobrevivente de uma tentativa de homicídio. Ainda assim, Sluiter negou tudo. Sua falta de transparência, escreveu o repórter, levou à especulação de que Sluiter talvez seja responsável por ainda mais homicídios do que aqueles dos quais foi acusado. Certos casos envolvendo pessoas desaparecidas durante uma trilha, antes consideradas simplesmente perdidas, foram reabertos.

Incluindo o de Bear van Laar?, perguntou-se Tracy. Esse tinha sido o comentário assustador que ela tinha ouvido em sua primeira noite no acampamento.

O artigo continuava: dez anos após a captura e condenação de Jacob Sluiter — prisão perpétua, sem liberdade condicional —, ele fingiu estar doente para forçar uma transferência para uma prisão de segurança mínima. E três semanas antes Jacob Sluiter escapara daquela prisão, mais de trezentos quilômetros ao sul do Acampamento Emerson. A edição do jornal que ela tinha em mãos tinha sido publicada em sua quarta semana de fuga; a manchete relatava um possível avistamento perto de Schoharie, Nova York.

Ao lado do artigo havia um diagrama, uma espécie de mapa que mostrava a localização dos assassinatos conhecidos de Sluiter e também de sua apreensão. Tracy não pôde deixar de notar dois dos vários pontos de referência que incluídos no mapa. Um era a cidade de

Shattuck, a pouco mais de quinze quilômetros do Acampamento Emerson. E o outro era a própria Reserva Van Laar. Tracy usou os dedos e a chave para avaliar a distância de onde estavam até onde a prisão de Sluiter havia ocorrido. Trinta quilômetros, quarenta no máximo. Ela traçou um caminho do Acampamento Emerson até o local onde Sluiter tinha sido preso e até o assassinato mais próximo, também a trinta ou quarenta quilômetros de distância, e com isso delineou um triângulo isósceles perfeito, uma seta apontando para o leste com o Acampamento Emerson como ponta.

Tracy

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 |
Julho de 1975 | Agosto de 1975

Lowell Cargill, descobriu-se, não estava apenas de conversa. Uma semana excruciante se passou, e então ele chegou na varanda do Bálsamo — estojo de violão na mão — e bateu na porta. Uma das Melissas atendeu, confusa. Quando ele perguntou por Tracy, a boca da menina se abriu ainda mais.

A sugestão de Lowell foi que fossem ao anfiteatro para praticar, e foi assim que Tracy se viu seguindo-o silenciosamente pelo acampamento. Tentou e não conseguiu pensar em algo para dizer a ele. Mas Lowell parecia confortável em ficar calado — pelo menos até chegarem ao seu destino. Então ele se sentou em um toco de madeira e abriu o estojo do violão.

Uma coisa que Tracy tinha notado na primeira vez que ouvira Lowell cantar foi que ele não demonstrava nenhuma vergonha — realmente *cantava*, às vezes fechando os olhos, como se bloqueasse o resto do mundo.

Naquele dia não foi diferente. Começou a mesma música de Ian & Sylvia que havia cantado no outro dia — uma que Tracy conhecia.

Encarando Lowell, Tracy enfrentava um conflito: uma grande parte de si lutava para não cair em risadinhas histéricas, e começou a cravar as unhas nas palmas das mãos para se segurar. Mas outra parte dela achou a paixão de Lowell inspiradora, até atraente. O rosto sincero, belamente esculpido, movendo-se de maneira agitada: foi talvez a coisa mais erótica que Tracy, aos doze anos, já havia testemunhado.

— Certo — disse, ao terminar de cantar. — Agora vou ensinar a música para você.

— Eu já sei — falou Tracy.

Eles ensaiaram por uma hora, com Tracy ensinando-o, dessa vez, a segurar sua nota enquanto ela mantinha a dela. De repente, sentiu falta da mãe — uma atleta, uma amazona, moleca e direta; alta, com cabelos ruivos e sardas como Tracy. Ela comia de maneira desleixada, curvada sobre o prato, ria alto e andava mexendo muito os joelhos e os cotovelos, os membros soltos, tilintando enquanto caminhava, seu andar lembrando Tracy de alguma forma o de uma marionete. Seus únicos momentos graciosos eram sobre um cavalo. No ano seguinte ao divórcio dos pais, a maior parte de sua raiva tinha sido direcionada à mãe — cuja proximidade a tornava um alvo mais fácil. Mas naquele momento, em sua mente, Tracy a agradecia por uma coisa: tê-la ensinado a harmonizar.

Naquela noite, Tracy flutuou de volta para o chalé como um fantasma. Ao entrar, foi recebida pelo olhar inquisitivo de Barbara, que provavelmente sabia para onde tinha ido.

Ela se sentou ao lado da amiga na cama de baixo do beliche e olhou para o chão.

— O que aconteceu? — sussurrou.

Em voz baixa, Tracy lhe contou.

Foi a primeira vez na vida que sentiu que tinha uma história realmente boa para contar. Uma na qual ela — Tracy Jewell — era a protagonista, a mocinha. Barbara, ao seu lado, assentia sabiamente enquanto escutava.

— Ele disse que queria se encontrar de novo? — perguntou Barbara.

— Sim — respondeu Tracy.

Barbara pensou.

— Bem, ele gosta de você — disse ela. — Isso é óbvio.

Era estranho, mas Tracy sabia que ela estava certa. Não havia dúvida: Lowell Cargill gostava dela.

— O que eu faço agora? — perguntou Tracy.

Ela deu de ombros.

— Depende de quanta experiência ele tem — disse Barbara. — Talvez te convide para o baile. Ou talvez, da próxima vez que tocarem

juntos, ele tente algo com você.

Tentar *o quê*, perguntou-se Tracy — embora parte dela soubesse.

— Você não está com medo, está? — indagou Barbara.

— Não — disse Tracy. — Não estou com medo.

Ela estava petrificada.

Um longo silêncio se seguiu.

— Você ouve música de vez em quando? — perguntou Barbara.

Ela ouvia — mas não confessaria a Barbara que tipo de música. Ela ouvia as músicas de sua mãe ou bandas e garotos que podiam ser encontrados na capa da *Tiger Beat*.

Barbara continuou sem esperar uma resposta.

— Beijar alguém… alguém que você *quer* beijar… é como morar dentro da melhor música que você já ouviu. É a mesma sensação.

Mais tarde, deitada em sua cama, Tracy pegou seu diário e enumerou tudo que sabia sobre sexo.

Quais partes da anatomia estavam envolvidas: isso estava no topo da lista.

O que realmente acontecia entre essas partes: ela conhecia os detalhes técnicos, mas não conseguia entender a mecânica.

Ela virou o rosto para a janela: a lua estava quase cheia.

Essa foi a última coisa que ela se lembrou de ter visto antes de serem acordadas, de manhã, pelo som de uma buzina.

— *Viagem de sobrevivência* — sussurrou uma das Melissas.

Ao redor de Tracy, as campistas do Bálsamo se puseram em movimento.

Barbara, no beliche de baixo, foi a primeira a se vestir e sair do chalé.

Tracy

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | **Agosto de 1975**

Tracy sabe há uma hora que Barbara está desaparecida. Até o momento, não precisou mentir.

Fizeram-lhe duas perguntas várias vezes. *Você sabe onde ela está? Você a ouviu sair?* Para ambas, Tracy respondeu com segurança: *Não.*

Com os monitores afastados realizando a busca, os monitores em treinamento foram encarregados de manter a rotina do local. Na caminhada até o refeitório, formula um plano. Ela se deixa ficar para trás, então se abaixa atrás de um prédio. Espera, respirando, até não poder ver mais as companheiras de chalé.

Ela precisa ir a um lugar. Acha que será uma viagem rápida, só uma travessura — para ver se consegue descartar o lugar para onde acredita que Barbara possa ter ido. Ela faz uma promessa a si mesma: se não encontrar Barbara lá, confessará às autoridades tudo que sabe.

Não é uma decisão que ela toma levianamente. Porque Barbara a fez jurar segredo. E o fato de ter confiado a Tracy — *Tracy!* — um segredo tão importante a faz detestar quebrar a confiança de Barbara.

Ela sabe para onde Barbara vai todas as noites.

Embora Barbara não tenha contado nada a Tracy sobre seu namorado, ela lhe contou uma vez sobre o local do encontro deles: um chalé no pico da montanha Hunt, anteriormente ocupado por uma série de homens cujo trabalho era ficar de olho em incêndios florestais na área ao redor. Ao lado do chalé há uma torre que oferece uma vista ainda melhor. Ambas as estruturas estão desocupadas nos últimos tempos devido à escassez de pessoal. Mas ambas são convenientes

como abrigos das intempéries. Ou como lugares para se encontrar em segredo.

— À *noite*? — sussurrou Tracy, incrédula.

Barbara riu.

— Sabe quantas vezes eu já subi aquela montanha? — disse ela. — Eu poderia fazer isso dormindo.

— Mas quanto tempo leva para chegar lá? E como você *enxerga*?

— Meia hora. Eu corro. E levo isso.

Barbara olhou ao redor. Então enfiou a mão entre o topo do colchão e a estrutura da cama, pegando uma lanterna, uma lanterna dela, aparentemente, e não a que era usada nas visitas ao banheiro durante a noite.

A teoria de Tracy é que Barbara talvez tenha adormecido lá; e quer descartar essa possibilidade. Ela acredita que consegue subir e descer a montanha Hunt em uma hora e meia. Estará de volta a tempo para sua atividade matinal — quem sabe com notícias de Barbara ou talvez até mesmo com a própria Barbara. Tracy sabe que vai se meter em encrenca, mas não se importa. A garota é a única razão pela qual ela gosta do acampamento, de qualquer forma.

De trás do Alojamento dos Funcionários, ela parte, determinada, em direção à floresta mais próxima: a floresta mais densa que fica entre o Acampamento Emerson e a Rota 29, na esperança de não ser vista em seu caminho.

Sem sorte: em vinte segundos, ela vê Lee Towson, um dos cozinheiros. Muito bonito. Dizem que é amigo de Louise.

Ele está carregando dois sacos de lixo e, enquanto anda, movimenta os pés, do calcanhar aos dedos, com tanto cuidado que não faz barulho algum. Tracy pula, assustada, quando o vê, e o movimento atrai o olhar do jovem.

Por um momento, eles ficam de pé e se encaram. Então Tracy leva um dedo aos lábios, uma expressão suplicante no rosto, e Lee assente e continua seu caminho.

Agosto nas montanhas Adirondack não parece agosto para Tracy. Em Long Island, imagina, estaria bem quente. Ali, na floresta, é agradável. Parece impossível ficar com sede: ela sente o próprio ar cheio de água fria, aveludado na pele. Tracy caminha, revigorada, tomando cuidado para ficar dentro da linha das árvores, sem entrar muito na floresta. Ela tenta manter as construções do Acampamento Emerson visíveis à sua direita.

Cinco minutos se passam dessa maneira, e então para de repente. Lá na frente, está a entrada de veículos que se estende da Rota 29 até a Autoconfiança. Ela terá que atravessá-la para continuar, mas não pode: uma fila lenta de carros de polícia está passando por ela. Ela fica parada na floresta escura, esperando.

Passam quatro carros, depois cinco.

Tracy espia por trás de uma árvore até que seja seguro atravessar. Então entra na floresta ao norte.

Não há mais estrada a seguir.

À sua direita, uma longa faixa de floresta se estende em direção à Autoconfiança; à sua esquerda, a mata se estende em direção à Rota 29. Ela consegue ver o pico da montanha Hunt em meio ao topo de algumas árvores próximas. Se andar em linha reta, chegará lá em dez minutos.

O tempo passa. O caminho forma um pequeno vale, e ela perde a visão da montanha; mas diz a si mesma que, se mantiver o sol à direita, tudo ficará bem. O problema é que está ficando difícil localizar o sol. A própria floresta vai se tornando mais espessa, fechada. A vegetação rasteira, esparsa perto da entrada de veículos, tornou-se quase intransitável em alguns lugares. Já tem cortes nas canelas e panturrilhas.

Mais à frente, Tracy consegue ver o caminho subindo novamente, e isso a tranquiliza: faz sentido que haja uma inclinação ao se aproximar da montanha Hunt. Em breve, com certeza vai avistar o pico de novo.

Ela nem levou um relógio. Depois vai entender como foi tola, o quanto desrespeitou aquela floresta — por pensar que poderia entrar

ali de forma tão arrogante, sem relógio ou bússola, sem calças compridas ou mesmo água, desconsiderando tudo que T.J. Hewitt meticulosamente ensinara a eles ao longo do verão. Mas, com quase treze anos, Tracy oscila entre a autodepreciação e o excesso de confiança. Não há meio-termo.

Tracy começa a contar em sua cabeça para determinar quanto tempo se passou. Conta os segundos de acordo com as batidas de seu coração *et cetera*, até que pelo menos dez minutos se passaram sem nenhuma visão da montanha Hunt e nenhuma visão do sol.

Só então Tracy se permite reconhecer o que fez. O grande erro que cometeu.

Ela se senta — tarde demais. Já tinha andado muito. Na verdade, já faz quase um quilômetro que está perdida.

Mas se senta mesmo assim, ouvindo em sua mente a voz daquele monitor, o que a recebeu, a primeira pessoa que falou com ela naquele lugar.

Ela grita.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Judyta Luptack, nascida e criada em Schenectady, por muitos anos nunca foi a primeira em nada. Em sua própria família ela era a terceira, atrás de dois irmãos, à frente de outro. Academicamente, em geral ficava no meio. Quando, na aula de educação física, era convidada para uma corrida, ficava entre os primeiros. Mas nunca ganhava.

Portanto, quando o *Times Union* publicou o artigo, ele foi recebido com um sentimento pouco familiar. Era orgulho? Não exatamente. Era mais surpresa.

"Primeira turma de policiais estaduais femininas do país se forma em Albany", dizia a manchete. E lá embaixo havia uma foto das quatro: Cindy, Linda, Niecy e ela — *Judyta Luptack, 21*, dizia a legenda.

O pai de Judyta se virou para a mãe dela.

— Bem, se um deles tinha que aparecer no jornal — disse ele —, fico feliz que tenha sido por isso.

E foi tudo o que todos disseram sobre o assunto, exceto seu irmão Leonard, que começou a se referir a ela como *Primeira da Nação*, em vez de seu nome de batismo.

Cinco anos se passaram desde então, e Judy — agora com 26 anos — tem se saído bem. A cada ano, supera os padrões estabelecidos para si. Faz bons relatórios e boas prisões. É uma pessoa determinada, não uma lesma. (De acordo com seu antigo sargento, todos os policiais se enquadram numa dessas duas categorias.) E no ano anterior, após um trabalho particularmente impressionante, foi indicada para o Bureau

de Investigação Criminal do Estado de Nova York, tornando-a a primeira investigadora mulher do estado.

* * *

A Primeira da Nação, tendo completado recentemente seus meses de treinamento obrigatório com o Departamento de Investigação Criminal, está no carro com um investigador sênior na New York State Thruway. Ele se chama Denny Hayes, e pelo jeito — sem nunca mencionar isso de forma direta — resolveu por si mesmo que é mentor de Judy. Como tal, o homem a acompanhou em todos os dias úteis nas últimas duas semanas. Judy sabe que não é a única investigadora nova ali. Mas todos os outros são, é claro, homens.

No banco do passageiro, Judy cruza e descruza as pernas, sem saber como demonstrar melhor uma natureza completamente assexual. (Ela não é, na verdade, assexual; mas entende que ser considerada como tal seria conveniente em sua área de atuação.) Pelo menos agora pode usar calça todos os dias.

Ao lado dela, Denny Hayes assobia. Ele assobia muito. Ela reconhece o tipo: quarenta e poucos anos, pai, ex-atleta, alguém que era muito querido no Ensino Médio.

— A Reserva Van Laar — diz Denny, entre assobios. — Isso vai ser interessante.

Naquela manhã, eles estavam se dirigindo a Long Lake para conduzir interrogatórios relacionados a um caso de furto quando um chamado veio pelo rádio: uma menina de treze anos havia desaparecido num lugar remoto nas montanhas perto da pequena cidade de Shattuck. O carro deles era o mais próximo da cidade, então eles seriam os primeiros investigadores do Departamento de Investigação Criminal a chegar ao local.

— Você conhece a família Van Laar? — pergunta Denny.

Ela já ouviu falar deles, diz. (Judy não ouviu.)

— Lembra-se de uma notícia sobre um garoto que desapareceu nas montanhas? Doze ou catorze anos atrás — diz Hayes.

Judy provavelmente ainda era criança. Mas, às vezes, lembrar as pessoas que ela ainda é bastante jovem parece ofendê-las, e então responde:

— Sim, acho que sim.

— Bem, o interessante é que eles pegaram o cara que matou aquele garotinho. Um sujeito doente. Então, outra criança desaparece do mesmo lugar. Mas o assassino está morto. Quem fez isso dessa vez? — Ele olha para Judy e pisca, como se estivesse contando uma piada.

* * *

A paisagem que eles atravessam se torna cada vez mais rural. Com sua nomeação para o Departamento de Investigação Criminal, Judy foi transferida para a Tropa B, sediada nas Adirondack em Ray Brook. Isso seria ótimo — preferível, até —, não fosse pelo fato de que Judy, mesmo após duas semanas em sua nova posição, ainda morasse com os pais em Schenectady; o que significa um deslocamento diário que beira o impossível.

São duas horas da casa dela até Ray Brook. Mas a transferência era a única maneira de começar como investigadora, ela explicou — diversas vezes — aos pais. Um dia, em breve, ela os convencerá de que é melhor encontrar um lugar para si, mais perto do trabalho; mas nenhum dos irmãos de Judy se mudou antes do casamento, portanto, por enquanto, acha melhor deixar quieto. Por catorze dias, então, ela tem programado o alarme para as quatro da manhã e lidado com as reclamações dos irmãos quando o sinal tocara.

— Chegamos — diz Hayes.

Eles passam por uma longa entrada de veículos. À esquerda, há um grupo de antigas construções de fazenda, aparentemente em desuso. Um gramado inclinado surge, e de repente eles estão diante de uma casa que parece ter saído de um de seus livros de história da escola.

Ela consegue sentir o olhar de soslaio de Hayes sobre si quando os dois param. Analisando-a.

O que Hayes não sabe é que Judy está acostumada a ficar perto de pessoas ricas. Aos doze anos, ela começou a trabalhar — primeiro de

forma extraoficial e depois oficial — no Iroquois Golf Club, onde seu pai ainda é chefe da equipe de zeladoria. Ela lavou pratos, depois limpou mesas, depois passou a servir mesas. Até hoje ela às vezes recebe uma ligação de Chick Janowicz, o gerente-geral, para cobrir um turno quando alguém está doente. E todo mês de dezembro Judy trabalha na elaborada festa de Natal por dinheiro. Todos na família Luptack trabalham: até mesmo sua mãe.

Hayes estaciona o carro no gramado num ângulo estranho. Alguns policiais locais já estão por ali. Quatro veículos da EnCon também estão presentes, mas desocupados: guardas florestais, provavelmente já na mata, conduzindo uma busca inicial.

Hayes os observa por um momento. Então pergunta:

— Qual é o seu palpite?

Judy olha para ele.

— Tente adivinhar. Sobre o que aconteceu com a garota.

— Ah — diz Judy. — Não sei dizer.

— Meu palpite é que ela fugiu — fala Hayes. — Nessa idade, garotas desaparecidas quase sempre são fugitivas.

Judy fica em silêncio.

— Ela deve estar pedindo carona numa estrada secundária enquanto a gente fala. Só espero que a gente a encontre antes de algum cara mau — diz Hayes.

Então, sem esperar por Judy, ele sai do carro e vai na direção do policial mais próximo, um homem corpulento com sobrancelhas cor de areia, e estende a mão para cumprimentá-lo. Judy hesita. Sai também, gira num círculo lento, observando a casa, o lago do outro lado, a floresta ao redor. Ao sul, há algum tipo de organização, uma escola ou acampamento para crianças: ela consegue ouvir gritos agudos e risadas vindas daquela direção.

Quando Denny Hayes retorna, ele repassa os fatos.

A menina desaparecida é a filha dos Van Laar, diz ele. Uma garota de treze anos da mesma família cujo filho desapareceu mais de uma década antes.

O nome dela, diz Hayes, é Barbara van Laar; ela estava no acampamento e foi vista pela última vez dormindo num beliche em seu chalé na noite anterior.

As breves declarações que os policiais obtiveram não renderam teorias ou pistas. Todos parecem surpresos com o desaparecimento dela. Ninguém tem ideia de onde ela foi.

Para complicar tudo, diz Hayes, está o fato de que *outra* campista desapareceu: a colega de beliche de Barbara, uma garota chamada Tracy Jewell, que não tem conexão alguma com a família. A menina foi vista pela última vez apenas algumas horas antes, a caminho do chalé até o refeitório para tomar o café da manhã. Seus pais foram alertados e estão a caminho.

À luz dos desaparecimentos, todos os campistas estão reunidos no Grande Salão, com dois policiais designados no local. Os pais estão sendo chamados, um após o outro, e instruídos a vir buscar os filhos. Mas como são 91 famílias e apenas dois telefones, o processo está levando muito tempo. Enquanto isso, ninguém tem permissão para entrar ou sair do Grande Salão sem mostrar a identidade. Se necessário, todos os campistas cujos pais não puderem vir ao Acampamento Emerson hoje dormirão no salão durante a noite.

— Sabe que a família é contra? — pergunta Hayes.

— Contra o quê?

— Que os pais venham buscar os campistas. Duas crianças desaparecidas, dois incidentes separados. Uma delas a própria filha. E eles considerando terminar a temporada. Por não querer causar nenhum alarme desnecessário.

Judy pensou que ficaria na sombra de Hayes pelo restante do dia, mas ela rapidamente descobre que o plano dele é se separar, obter depoimentos longe um do outro. Assim, é possível cobrir mais território.

— Você pode levar pessoas para dentro do carro e conduzir os depoimentos lá — diz ele. — Para ter privacidade. — Então Hayes aponta para o acampamento. — Vê aquela construção ao longe? Longa e plana? O policial com quem falei disse que há um bom lugar lá para tomar os depoimentos. Disse que os pais da garota Van Laar já estão lá. É onde estarei, se precisar de mim.

Ele se vira para ela. Dá uma piscadela.

— Mas você não vai precisar de mim. Certo?

— Claro — diz Judy.

Hayes dá um tapinha em suas costas. Ela já está ficando muito cansada do toque casual dos homens ao seu redor, mesmo quando — como no caso de Hayes — parece mais paternal do que lascivo. Ele inclina a cabeça em direção a ela.

— Escute, querida — diz ele, num sussurro. — Vou cuidar da parte difícil. Os amigos e monitores da garota Van Laar. Os pais… se tem alguém para ficarmos de olho, são eles. Você fica responsável pelas pessoas aqui na casa. Os jogadores menores, sabe o que quero dizer? Não fique nervosa.

Ela quer, muito, dar um passo para o lado. Afastar-se dele. Em vez disso, assente.

— Você lembra o que fazer? Você se lembra do seu treinamento?

Judy assente.

— Boa sorte — diz Hayes, e desce a colina em direção ao acampamento de verão.

Do lado de fora da casa chamada Autoconfiança, Judy Luptack contempla a aldrava de ferro, em forma de borrachudo. Ela levanta e abaixa seu tórax três vezes, sentindo-se estranhamente enjoada em tocá-lo.

Depois de um momento, uma mulher vem até a porta. Uma empregada, talvez.

A mulher a observa por um momento antes de falar.

— Posso ajudar?

Judy fala em voz alta, pela primeira vez, as palavras que foi treinada para dizer:

— Sou a investigadora Judyta Luptack. Estou aqui para ajudar na busca por Barbara van Laar.

Dentro da sala, uma dúzia de pessoas está de pé e sentadas em pequenos grupos. Eles não são como as pessoas ricas que ela conheceu no seu trabalho no clube de golfe — eram geralmente homens e

mulheres mais velhos que se vestiam com roupas formais e sentavam-se muito eretos em suas cadeiras.

As pessoas naquela sala, por outro lado, estão esparramadas em pijamas e robes. Judy tem a sensação de que elas não estão com pressa de se trocar. Duas mulheres usam camisolas de seda, e, através delas, a investigadora consegue ver distintamente o contorno de seus seios. Duas jovens — mais ajudantes contratadas — andam em silêncio pelo cômodo coletando os restos de uma festa.

Judy olha para seu bloco de notas, ocupando-se, preparando-se para sua primeira abordagem.

Ela já decidiu quem será: um homem mais velho que mais se aproxima do estilo de um dos membros do Iroquois Golf Club. Ele tem cabelos brancos, é alto e está sentado num banco baixo perto da porta, amarrando um par de botas de caminhada resistentes. Ao lado dele está uma mulher que pode ser sua esposa.

Judy caminha em direção a eles, para diante dos dois, limpa a garganta. A sala está muito silenciosa. As conversas pararam.

O casal não a ouve ou não se importa.

— Com licença, senhor? — fala Judy, que de repente se sente transportada de volta ao seu trabalho no clube.

Devagar, o homem olha para cima.

— Posso lhe fazer algumas perguntas? — diz ela.

Jacob

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Ao amanhecer, caminhando dentro da linha de árvores que margeia a Northway, Jacob chegou a um riacho e sentiu o desejo inexplicável de segui-lo até seu início. Alguma lembrança tinha sido despertada, algo que parecia quase ancestral: ele conhecia aquele riacho, embora não soubesse como.

Jacob não acredita em nenhum deus, exceto si mesmo. Ele é supersticioso, porém inclinado a apoiar a ideia de que coincidências não existem, que quando alguém encontra o inesperado ou o estranho é importante ficar alguns minutos a mais considerando o *porquê*.

Por que, perguntou-se Jacob, ele tinha encontrado aquele riacho no meio de sua jornada para o norte? Por que lhe parecia tão familiar? Na luz quase turva, considerou suas opções: era hora de dormir, mas o riacho o puxava com força para dentro da floresta. Que mal havia, pensou, em segui-lo por um tempo?

Tiveram início, então, algumas horas de caminhada, vadeamento e às vezes leve afundamento no chão pantanoso. Seus sapatos ficaram enlameados, encharcados; ele teria que trocá-los pelos de um estranho assim que pudesse.

A floresta estava ficando mais rala: em meio às últimas árvores restantes diante dele, Jacob podia ver uma estrada do condado cruzando seu caminho. O riacho que seguia desapareceu num bueiro.

Ele esperou um pouco e então — quando viu que não vinha carro algum — atravessou a estrada correndo, encontrou o bueiro do outro lado e continuou.

Ali, bem na frente: uma série de pequenos chalés, um ao lado do outro, afastando-se em duas fileiras que emolduravam o pequeno riacho. Aqui e ali, pequenas pontes o cruzavam. À sua esquerda, construções maiores; além de tudo, uma colina.

Num instante, ele entendeu por que se sentia atraído pela água e por que a havia seguido até ali.

Jacob já estivera naquele lugar.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Judy Luptack, depois de pedir alguns minutos do tempo do cavalheiro à sua frente, está esperando por uma resposta.

Ela recomeça.

— Sou a investigadora Luptack. Estou aqui para ajudar a encontrar a Barbara. Posso…

— Acho que não — diz o homem. E vira as costas para ela. Olha pela janela, em direção às árvores.

Por um momento, Judy fica congelada, sem saber o que fazer. Velhos instintos a instruem a ceder àquele homem a quem poderia ter servido no clube de golfe. Novos instintos dizem para ela ser direta.

— Senhor? — diz ela. — Só vai levar um minuto. São apenas algumas perguntas.

— Vou esperar seu sargento — fala o homem. — Não gosto de me repetir.

— Não há… — diz Judy.

Sargento não é a palavra para quem está acima dela no Departamento de Investigação Criminal: é *investigador sênior*. Mas Judy não tem vontade de contar a Denny Hayes, que ocupa esse papel, que ela já está falhando.

Em vez disso, apenas diz:

— Por favor.

Ao ouvir o pedido — a humilhação em sua voz —, os ombros do homem caem de leve. Ele a observa.

— Muito bem — diz ele. — Rápido.

— Podemos ir para o meu carro.

— Podemos ir para a cozinha — diz ele.

A cozinha é enorme. O casal de idosos está sentado em frente a ela a uma mesa grande. O marido, braços e pernas cruzados, se inclina para trás na cadeira.

Judy aperta o bloco nas mãos. Ela não quer colocá-lo na mesa, não quer que nenhum dos dois o leia de cabeça para baixo.

— Nome? — pergunta ela.

— Peter Wallingford van Laar Segundo — responde o homem.

— Data de nascimento?

O homem levanta uma sobrancelha.

— Vinte e três de fevereiro de 1898.

Judy anota esses fatos no bloco pautado. E acrescenta: *Comportamento: tenso*.

— Qual é sua relação com a vítima? — pergunta Judy.

— Vítima?

— Com a srta. Van Laar — diz Judy.

— Eu agradeceria se parasse de se referir à minha neta como vítima — diz o homem.

Judy cora. Ele tem razão.

— Mas eis sua resposta, de qualquer forma — diz o sr. Van Laar. — Sou o avô dela. Esta é a avó — continua ele, apontando para a esposa com um meneio da cabeça. — Sra. Helen van Laar. Data de nascimento: 3 de maio de 1898.

Judy também anota esses fatos obedientemente.

Então ela faz uma pausa, esperando seu treinamento começar a funcionar.

— Podem me contar sobre o dia de vocês? Que horas acordaram, o que fizeram depois disso?

O homem dá um suspiro. É o tipo de indivíduo de quem a desaprovação irradia de forma quase autônoma. Ele cruza as mãos sobre a mesa.

— Senhorita… — diz ele.

— Luptack.

Investigadora Luptack, pensa Judy.

— Srta. Luptack, você parece ser bem jovem — diz o sr. Van Laar. Sua esposa olha para ele rapidamente. — Deve ter… vinte anos? Vinte e dois?

Ele espera. *Vinte e seis*, pensa Judy. Mas não diz nada.

— Aposto que não faz esse trabalho há muito tempo — diz o sr. Van Laar. — Permita-me ajudá-la.

— Peter… — diz a esposa (a primeira palavra que ela fala), mas seu marido estende uma das mãos em sua direção, e ela se cala.

— Nossa neta fugiu — fala ele. — Sei disso porque ela ameaça fugir quase todos os dias há dois anos. "Apaziguar Barbara", "Não aborrecer Barbara", tornou-se praticamente o único tópico de conversa na casa do meu filho. Ela é uma garota de treze anos agindo do jeito que a maioria das garotas de treze anos age. Só que pior.

Ele faz uma pausa. Tosse.

— Nossos passos esta manhã não são uma peça importante do quebra-cabeça que está tentando resolver. O que você e seu pessoal precisam fazer é enviar um grande grupo de busca para aquela floresta. Porque ela é o único perigo para Barbara neste momento, além da própria Barbara.

Ele se levanta de repente, então olha para a esposa, esperando que faça o mesmo. Timidamente, ela faz.

— Agora — diz o sr. Van Laar. — É para lá que estou indo, com alguns cães. É para lá que estava indo quando você me deteve. Anote isso no seu caderninho. Caso algum dos seus superiores esteja me procurando.

Ele sai da sala. A esposa olha para Judy por um momento antes de segui-lo, sua expressão inescrutável.

— Senhor — fala Judy.

A palavra sai antes que ela saiba o que vai dizer em seguida.

Ele para.

— O quê?

— É que… em vista do desaparecimento do seu neto — diz Judy —, parece que deveríamos tratar Barbara com o mesmo cuidado.

A expressão do homem muda por completo. Ele estava irritado; agora está furioso. Ele abre a boca para falar, e Judy se lembra de um animal mostrando os dentes.

— Não fale do meu neto — diz o sr. Van Laar. — Nem mencione o nome dele.

Ele sai. Sua esposa o segue.

Judy se senta por um momento, sozinha, na cozinha enorme. Parece que houve uma festa na noite anterior. Recipientes de comida estão abertos no balcão, coisas que deveriam estar refrigeradas. Saladas frias, sobremesas com chocolate.

Judy olha para seu bloco de notas. Ela risca a palavra *tenso*.

Hostil, escreve.

Uma pilha de talheres na pia, precariamente dispostos, se desfaz de repente, e o barulho ricocheteia fortemente pelas paredes.

Judy nem treme. O barulho das cozinhas em geral a conforta.

Ela está pensando na reação desproporcional do sr. Van Laar à menção ao seu neto. O ódio em seus olhos, o brilho de seus dentes amarelados. Ela tinha visto a mesma expressão em outra pessoa.

Então ela se lembra: a sra. Charles Hanover. Em uma festa de Natal no clube de golfe, vários anos antes, Judy caminhava por um corredor tranquilo e, depois de uma curva, deu de cara com a sra. Hanover metodicamente vasculhando os bolsos dos casacos de pele no vestiário. De vez em quando, ela tirava algo, examinava e colocava na própria bolsa. Judy observou, atordoada, até que a sra. Hanover se virou e encontrou seu olhar. Então ela sorriu, pegou seu casaco, vestiu-o e saiu.

Judy correu para a cozinha procurando Chick Janowicz, o gerente-geral, que passou as mãos nas bochechas e ficou olhando para o chão por alguns segundos. Então ele assentiu e partiu, resignado com seu destino.

Da cozinha, Judy ouviu os uivos de indignação por todo o corredor. Então a porta de vaivém se abriu e lá estavam os Hanover, a esposa na liderança, um dedo irritado apontando na direção de Judy, a expressão em seu rosto exatamente a mesma do sr. Van Laar quando escutou a menção ao neto.

— Você não tem ideia do que viu — falou a sra. Hanover a Judy. — Sua…

— Paulette — disse o marido em tom de advertência.

O sr. Janowicz teve que ameaçar chamar a polícia para que a sra. Hanover concordasse em mostrar o conteúdo de sua bolsa. Dentro dela havia cinco carteiras e duas cigarreiras. Embora os Hanover

tenham sido banidos do clube, Paulette Hanover nunca foi denunciada à polícia.

Pessoas ricas, pensou Judy — ela pensava assim naquela época, e ainda pensa da mesma forma — geralmente ficam mais furiosas quando sentem que estão prestes a ser responsabilizadas pelos próprios erros.

Tracy

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Ela descobre, naquele dia, a resposta para a pergunta que tinha desde o início do acampamento.

O que os campistas deveriam gritar quando estivessem perdidos? As instruções deles não davam essa resposta.

Acontece que Tracy grita: ESTOU PERDIDA!

Ela grita sem parar, numa espécie de canto histérico; e então, lembrando que deve conservar a voz, faz pausas em intervalos maiores.

A princípio, gritando essa frase ridícula, ela ferve de ódio e constrangimento, certa de que está a apenas um passo da orla da floresta, certa de que algum campista de dez anos a qualquer momento virá vagando em seu uniforme, olhando para ela com desprezo, apontando na direção do acampamento. Ainda assim, Tracy continua a gritar, resignada com seu destino. Melhor acabar logo com isso, pensa.

Ela já está com sede há algum tempo. E está ficando com fome. Isso por si só a convence de que talvez tenha passado tempo demais. A luz ao redor dela está ficando mais fraca? Impossível, pensa. Ela tinha saído de manhã bem cedo. Mas o tempo parece se mover de forma estranha na floresta. Ela entrou numa realidade diferente da que conhecia.

— Estou perdida! — grita Tracy, de novo e de novo.

O mundo ao seu redor é borrado e verde. Ela se amaldiçoa por sua vaidade, por ser orgulhosa demais para usar os óculos que lhe foram prescritos naquele ano.

Isso não é mais uma aventura. O medo real por fim se instala, e ela grita sem palavras. Não diz mais "estou perdida" ou "socorro": apenas grita, emitindo uivos guturais primitivos que são pontuados, de vez em quando, com "mãe, pai" — uma surpresa para ela. Tracy pensa em si mesma como independente, mesmo na sua idade. Mas lá está ela, com sede, com fome, chorando, gritando por seus pais, que nem falam mais um com o outro.

Depois de um tempo assim, Tracy congela no meio de um uivo para ouvir com todo o seu corpo. Ela prende a respiração. Escuta o que parece ser passos.

Ela espera um pouco.

— Olá?

Por um momento, nada; e então ouve o barulho novamente.

— Olá?

Tracy se levanta. Ela se vira lentamente. Percebe, enfim, um rosto espiando-a de trás de uma árvore.

Então alguém aparece.

Louise

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Atrás do palco do Grande Salão há três camarins improvisados, um vestário e uma porta que leva para o lado de fora. Por enquanto, os policiais estaduais que chegaram primeiro à cena fizeram de todo o salão seu posto de comando, com a área dos bastidores aparentemente servindo como salas de interrogatório.

Dentro do primeiro camarim — o menor —, Louise está sentada sozinha numa cadeira de vinil.

Uma hora antes, sua monitora em treinamento — tendo notado abruptamente a ausência de mais uma campista delas — correu com os olhos arregalados pelo terreno do acampamento, gritando por Louise, e encontrando-a caminhando de volta para o Chalé da Diretora, vinda do Alojamento dos Funcionários.

— Tracy também desapareceu! — avisou Annabel, sem fôlego.

Um policial próximo perguntou:

— Quem?

Em pouco tempo, as duas estavam sendo conduzidas por um grupo de policiais em direção ao Grande Salão.

O tempo todo, naquela caminhada, Louise tentou chamar a atenção de Annabel. *Lembre-se*, queria dizer com o olhar. *Lembre-se de sua promessa*.

Mas Annabel não olhou para ela.

Annabel está no camarim ao lado do de Louise. Através da parede fina que as separa, Louise ouve sons abafados que pensa serem soluços.

Ela também ouve a voz raivosa de outra mulher e um homem: o casal Southworth, supõe ela. Os pais de Annabel. Hóspedes, esta semana, dos Van Laar.

Uma leve batida na porta de Louise, que se abre antes que ela responda.

Um homem entra, quarenta e poucos, ficando careca. Ele para e a encara por um momento, como se percebesse algo. Não está de uniforme: usa uma camisa Oxford amarela, de mangas curtas, com uma gravata vermelha. Ele carrega o paletó marrom sobre o cotovelo.

— Louise Donnadieu?

Ela assente.

O homem sorri. Ele é magro, sem músculos.

— Você se lembra de mim? — pergunta.

Só então Louise olha com mais atenção para seu rosto, o que, ela percebe, lhe faz lembrar de algo.

— Denny Hayes — diz ele. — Eu morava em Shattuck. Conheço sua mãe.

— Ah. Sr. Hayes.

Ele levanta uma das mãos, balançando a cabeça.

— Por favor. Me chame de Denny. Agora você é uma mulher adulta, não é mesmo?

As palavras a chocam, embora sejam tecnicamente verdadeiras, supõe Louise.

— Como ela está? — pergunta Denny Hayes.

— Quem?

— Sua mãe.

Louise faz uma pausa.

— Tudo bem, acho. Nós não conversamos muito.

Ele assente uma vez. Está tão pronto quanto ela para mudar de assunto.

Se Louise não estava enganada, Denny Hayes foi um dos vários homens que frequentava sua casa depois que seu pai foi embora. Ela olha para a mão dele. Percebe a aliança. Se era casado naquela época, não sabia — mas não seria surpresa.

Nada do que sua mãe fez ou faz a surpreende. Nem mesmo quando ela engravidou de Jesse quando Louise tinha onze anos. Nem

mesmo quando confessou que não sabia ao certo quem era o pai.

Deus, pensa Louise, por favor, não permita que esse homem seja o pai de Jesse.

— E você? — pergunta Denny. — É casada ou algo assim? Tem filhos?

— Não — responde Louise. — Só trabalho.

— Eu tenho dois — diz Denny. — Um menino e uma menina. O terceiro está a caminho. Mudei de Shattuck há sete anos, quando fui promovido. Moro em North Elba, agora. Perto do trabalho.

Louise assente.

— Posso me sentar? — indaga Denny.

O camarim é pequeno e iluminado, e as únicas duas cadeiras ali ficam lado a lado. Os dois angulam os joelhos de forma desajeitada em direção ao outro. Perto demais para o gosto de Louise. No espelho, ela o observa tateando o bolso do peito em busca de um bloco de notas e uma caneta.

— Então — diz Denny. — Você é a monitora dela. A garota Van Laar?

Louise assente.

— Tem ideia de onde ela pode ter ido?

— Não — diz Louise, com calma.

Denny olha para ela.

— A moça lá fora — fala ele, dando uma olhada nas suas anotações — T.J.? Uma mulher de cabelo curto?

— A diretora — esclarece Louise.

— Isso. Ela disse que você foi a primeira a reportar o desaparecimento de Barbara. É verdade?

Louise assente.

Denny a observa por um tempo. Pensando se deve falar alguma coisa.

— Você não percebeu nada? — pergunta ele. — Não ouviu a porta ou algo parecido?

Louise sente um aperto na garganta — embora ela não possa estar prestes a chorar, pensa. Não consegue se lembrar da última vez que chorou.

— Você passou a noite no chalé? — questiona Denny.

Louise abre a boca para responder, mas nenhum som sai dela.

Denny então coloca o bloco de notas de lado. Repousa a caneta gentilmente em cima dele.

— Olha — diz ele. — Eu realmente não deveria dar nenhum tipo de orientação aqui. Mas para uma velha amiga, darei.

Ele se inclina para a frente, abaixa a voz.

— Você não quer se meter em problemas — diz ele. — Não quer dizer nada que não possa retirar depois. Porque, se mentir, isso será um problema para você mais tarde.

Louise o encara. O investigador está a centímetros do rosto dela. Seu bigode parece úmido.

— Tem uma garota na salinha ao lado — diz ele. — Ela trabalha com você, acho. Vou falar com ela depois. Se vocês duas contarem histórias diferentes… bem, isso não vai ser nada bom. Vai levantar dúvidas.

— Entendo — fala Louise.

— Você era uma garota legal quando te conheci — diz Denny. — Sempre gostei de você. Ouvi dizer que algumas pessoas fizeram você passar por poucas e bocas quando você ficou mais velha, disseram coisas sobre você e tudo o mais. Nunca acreditei nelas.

Louise espera.

— Obrigada — agradece ela, enfim.

Naquele momento, ela odeia o homem. Odeia o que ele está insinuando. Porque a maioria do que foi dito sobre Louise dizia respeito a encontros inventados com outros alunos. E uma vez, com um professor.

— É por isso que vou dar um conselho para você — diz ele.

O homem se levanta, guarda o bloco e a caneta.

— Peça um advogado — fala. — E não diga que fui eu quem lhe disse isso.

Louise fala sem pensar.

— Eu já tenho um advogado.

É bom dizer isso, ver sua expressão vacilar por um momento.

— Bem, que ótimo — diz ele. — Não vamos ter que encontrar um DP para você, então. Caso seja necessário.

Ela olha para ele sem expressão.

— Você sabe o que é um DP, não sabe?

Silêncio.

— Um defensor público — diz Denny. — Um advogado de graça. Entendi que não vai precisar de um.

Só então Louise percebe o que fez.

Alice

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Um guarda florestal simpático colocou uma toalha em volta dos ombros de Alice; depois de um tempo, ele pega outra toalha e a agasalha ainda mais. É uma da tarde, e ela está sentada numa cadeira Adirondack sob uma nesga de luz do sol, tremendo tanto que seus dentes estalam. Ela se lembra disso do desaparecimento de Bear. É o choque, alguém lhe disse na época.

— Não se preocupe, madame — diz o guarda, agachando-se e colocando a mão no joelho dela. — Nós a encontraremos, está bem? Todo o nosso treinamento é voltado para isso.

Alice assente uma vez. Ela quer que o homem fique ali.

Vários outros guardas com cães de caça estão vasculhando o acampamento, procurando por cheiros. Mais cedo, pediram-lhe para pegar uma roupa íntima usada de Barbara para ajudar os cães. Ela olhou horrorizada para o guarda que pedira isso, até que ele se desculpou.

— É realmente a vestimenta mais útil para os cães — disse ele.

Alice não conseguiu fazer aquilo. Mandou que procurassem um monitor. Eles poderiam vasculhar os pertences de Barbara sozinhos.

Peter está em uma das instalações do acampamento com um detetive. Ele disse a ela para não falar com ninguém até que o capitão LaRochelle chegasse de Albany. O mesmo capitão que supervisionou o caso de Bear.

Peter confia nele.

Mais precisamente, o marido não confia em mais ninguém.

Alice olha para o lago. A verdade é que não tem ideia de onde Barbara pode estar. Todos estão insinuando que ela fugiu, mas Alice está preocupada que seja outra coisa.

Barbara sempre foi difícil.

Quando bebê, ela tinha acessos de raiva tão terríveis que Alice se preocupava com o que os vizinhos de Albany iam pensar. Aos seis anos, ela não mostrava sinais de que iria parar; nenhuma quantidade de gritos, subornos, palmadas ou mesmo tapas — Peter tinha tentado isso, um golpe rápido no rosto quando as coisas realmente saíam do controle — a acalmavam. Pelo contrário, era aí que Barbara gritava cada vez mais alto, gritos terríveis que tornavam impossível pensar.

Bear nunca foi assim.

Esses episódios foram, no final, o fator determinante na decisão de mandá-la para a escola mais cedo. Aos sete anos, ela foi matriculada no internato Emily Grange, onde, segundo todos os relatos, não causou problemas — a princípio.

Mas nos últimos tempos as notícias tinham mudado.

No meio do último ano letivo, receberam um telefonema da diretora da escola, Susan Yoder. A mulher era formidável — lésbica, pensou Alice — e era considerada progressista. Ela foi a primeira pessoa que Alice conheceu que fazia questão de que a chamassem de *senhora*. O telefonema era para convidar Alice e Peter para uma reunião no campus: algo que nunca havia acontecido antes.

Peter ficou indignado.

— Pelo monte de dinheiro que pagamos a eles — falou —, seria razoável pensar que essa mulher entenderia o incômodo que é pedir a um homem que perca um tempo de seu dia de trabalho.

A sra. Yoder começou a conversa com uma observação sobre "compaixão" — uma palavra que usava com frequência — uma palavra que, até aquele dia, Alice nunca tinha ouvido ser usada em voz alta numa conversa.

E então passou a descrever o que chamou de comportamento "inapropriado" de Barbara na escola.

— Mais recentemente — disse a sra. Yoder —, ela foi… encontrada… com um garoto da cidade em seu quarto.

Ao lado da esposa, Peter apertou ainda mais o braço da cadeira.

— Em que estado? — perguntou ele.

— Como?

— Qual era o estado da minha filha — disse ele — quando ela foi encontrada?

— Ah — disse a sra. Yoder, ficando vermelha. — Vestida e tudo o mais.

— No entanto — disse Peter.

— No entanto… bem, a verdade é que não podemos ter certeza do que eles estavam fazendo antes de a sra. Burke entrar no quarto. Ter um garoto sem supervisão no quarto de uma menina… decerto não é o ideal.

Ela sorriu de leve. Tentando dissipar um pouco da tensão na sala. *Crianças!*, a sra. Yoder parecia estar dizendo, com o formato de sua boca.

Mas Peter ainda parecia uma pedra. Alice podia ver que alguma decisão estava se formando em sua mente.

— Sr. Van Laar, eu lhe asseguro que não estamos muito preocupados. Esse comportamento é perfeitamente normal para uma garota da idade de Barbara — disse a sra. Yoder. — Só queremos ter certeza…

Peter interrompeu.

— E quem é o responsável pela supervisão?

A sra. Yoder franziu a testa, confusa.

— De que…

— Quem é a pessoa responsável por permitir a entrada de um menino no dormitório?

— Bem, a própria Barbara — respondeu a sra. Yoder.

Por um momento, Alice ficou assustada. Peter de vez em quando — não com muita frequência, mas de vez em quando — explodia. Contudo, ele apenas deixou as palavras da sra. Yoder pairarem no ar.

— Quem era o menino? — perguntou, finalmente.

— Não tenho certeza de seu nome — falou a sra. Yoder.

A expressão dela tinha mudado um pouco. Estava assumindo um aspecto desafiador. Será que ela também era temperamental?, perguntou-se Alice, que estava sempre tão preocupada com o gênio de Peter que quase nunca lhe ocorria se preocupar com o de outra pessoa.

— Quantos anos ele tinha? — perguntou Peter.

— Não sei — disse a sra. Yoder. — Mas a sra. Burke, do Prédio Oeste, não pareceu preocupada, se é isso que o senhor está perguntando.

Peter não tinha terminado.

— Por favor, descreva-o.

A sra. Yoder suspirou.

— Eu não o vi — disse ela. — Mas a sra. Burke, do Prédio Oeste, o descreveu como magro e de cabelos escuros.

A sra. Yoder explicou que a mulher só o viu de costas, enquanto o garoto escapava pela janela (o quarto de Barbara ficava no primeiro andar) e dava para a floresta que faz fronteira com a escola.

— O que ele estava vestindo? — perguntou Peter.

— Receio não saber.

— Ele disse alguma coisa?

— A sra. Burke não mencionou.

— E Barbara?

— Ela disse que ele era um amigo da cidade.

Peter zombou. Um longo silêncio se seguiu.

Alice se concentrou nos objetos da sala. Uma pequena estátua de mármore da Justiça, com os olhos vendados. Nas estantes, uma coleção de livros em fileiras organizadas, sem as sobrecapas, organizados por altura. Na parede, uma foto emoldurada de um time feminino de hóquei de grama de muito tempo atrás. O time da sra. Yoder quando ela era jovem, pensou Alice.

Ela não percebeu que Peter tinha se levantado da cadeira.

— Obrigado, srta. Yoder — disse ele. Enfatizando o “senhorita”.

A mulher franziu a testa.

— Infelizmente, há mais a ser discutido — falou ela. — Em situações assim, tomamos algum tipo de ação disciplinar.

— O que você achar melhor — disse Peter. — Vamos, Alice.

Ela se levantou. Mas antes que os dois saíssem da sala, a sra. Yoder voltou a falar.

— Sra. Van Laar — disse ela, olhando diretamente para Alice. Deixando algo claro. — Tem alguma pergunta que queira fazer?

Se tivesse perguntas, não vieram a ela. E então Alice balançou a cabeça e seguiu o marido em silêncio para fora da sala.

No caminho até o carro, Alice perguntou se Peter gostaria de esperar por Barbara, para falar direto com ela. Ele balançou a cabeça.

— Barbara só vai mentir — disse Peter. — Não vou suportar isso.

No carro, voltando para Albany, ele ficou em silêncio enquanto Alice, ao seu lado, lutava para encontrar algo para dizer.

Fazia pouco tempo que Alice havia notado que estava adotando os hábitos da mãe de Peter, que, na maioria das vezes, se sentava de lado, sorrindo de modo agradável, deixando o marido conduzir o show. Quando Alice a conhecera, teve dúvidas quanto à inteligência da futura sogra. Porém, nas raras ocasiões em que as duas estavam sozinhas, a sra. Van Laar demonstrava uma capacidade de conversa que ia além de qualquer coisa que mostrava ao próprio marido. Ela era até espirituosa, à sua maneira.

— É cedo para as folhas mudarem — disse Alice, por fim.

E Peter concordou.

Naquela noite, Peter procurou Alice para lhe informar que havia tomado uma decisão. A escola Emily Grange não conseguia mais lidar com Barbara, segundo ele. Ela teria que ir para outro lugar.

Depois de consultar um amigo por telefone naquela noite, Peter saiu do quarto com a notícia. Barbara seria matriculada no ano seguinte na Élan, uma escola no Maine para crianças com problemas disciplinares. Ele descreveu a escola como um "programa de modificação de comportamento".

Eles passariam o verão juntos na Reserva, o marido disse a Alice; e então a filha iria para a escola.

— Pode contar para Barbara, por favor? — pediu ele, casualmente.

Alice estremeceu.

— Ela vai odiar — falou Alice.

— Isso não vem ao caso. O importante é colocá-la no caminho certo. Impedi-la de cometer algum erro irreversível. Imagine se… — falou, mas se conteve logo depois.

Alice entendeu. Um garoto no quarto de Barbara em Emily Grange significava a possibilidade de sexo — se não naquele dia, mas em breve. E sexo significava a possibilidade de uma gravidez.

Antes de se casar com Peter, Alice nunca havia conhecido uma família tão obcecada com a própria reputação. Peter havia explicado isso a ela uma vez, de forma resumida, quando eram mais jovens e Bear tinha quatro ou cinco anos.

— O setor bancário é uma indústria que depende da confiança — disse ele. — Se quisermos que os clientes confiem em nós para tomar decisões sobre seu dinheiro, eles devem confiar em nosso julgamento em todas as coisas.

Essa, segundo Peter, foi uma das razões pelas quais Peter I fundara a Reserva e o Acampamento Emerson; o interesse deles em conservação da natureza era genuíno, mas também pragmático, uma estratégia para aumentar sua reputação na região. As amizades que haviam firmado com pessoas bem relacionadas ao longo do tempo eram do mesmo tipo: pragmáticas. Prudentes. Os Van Laar eram meticulosos com quem permitiam entrar em sua vida e implacáveis com quem decidiam extirpar.

A questão era que Alice ainda não tinha contado a Barbara sobre os planos para o início das aulas. Ela sempre desistia quando considerava a comoção que se seguiria: Barbara furiosa, fazendo um escândalo. Havia algo violento em Barbara, algo inerente e agressivo que Alice havia notado desde seu nascimento. Mesmo além dos acessos de raiva que ela tivera quando criança, a adolescente Barbara parecia permanentemente tempestuosa, a um mal-entendido de distância de distribuir socos ferozes.

Quando Barbara pediu para passar o verão no Acampamento Emerson, isso se tornou, na mente de Alice, mais uma desculpa para adiar o anúncio.

Sua última decisão foi contar a Barbara no final do verão. Seria melhor, pensou Alice. Um único golpe rápido, e então elas já partiriam até Élan. Talvez pudesse contar à filha só quando ela estivesse no carro, achando que ia para Emily Grange. Depois que as duas estivessem seguras no automóvel, com um motorista ao volante.

Ela havia planejado tudo.

Barbara, ela diria, falando baixo. Houve uma mudança de planos.

De repente, Alice é despertada de seus pensamentos por um som vindo de algum lugar distante.

Parece uma menina chorando.

— Alguém mais ouviu isso? — diz ela.

Ela se vira para olhar por cima do ombro, mas o guarda designado para cuidar dela não está mais lá.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Pela janela da cozinha, Judy observa o casal Van Laar mais velho se mover pelo gramado na direção da floresta. Ele anda com um passo rápido e agressivo; ela corre atrás, trotando a cada poucos passos para acompanhá-lo. Esses homens nunca parecem gostar de verdade das suas esposas, pensa Judy. Nem os do clube e nem os daqui. Seu próprio pai — por mais rigoroso que seja com os filhos — não apenas obedece à mãe dela como praticamente a adora. Quando fizeram 25 anos de casamento, ele leu para ela um poema horrível que escreveu, com o papel chacoalhando nas mãos trêmulas, Judy e seus irmãos se esforçando para não rir.

Judy reúne as forças mais uma vez antes de se virar na direção da sala principal com a lareira. Reunidos ao seu redor, ainda estão homens e mulheres que não são muito mais velhos do que ela. Judy não tem certeza de como eles se encaixam ali, mas entende que será seu trabalho descobrir. Todos eles, pensa, parecem casuais demais, com um comportamento quase ofensivamente relaxado.

Ela fica parada por um momento, olhando para seu bloco de notas como se visse algo importante nele.

— Policial — diz alguém.

O tom é de ironia, escárnio.

Investigadora, pensa ela, antes de se virar. Uma moça, reclinada em um sofá com os pés pendurados sobre o encosto, olha em sua direção. Sua cabeça está apoiada no colo de um rapaz. Ela parece familiar — uma atriz? Uma cantora? Judy acha que talvez a tenha visto na TV.

— Qual é a sua teoria? — pergunta a garota.

O rapaz sobre o qual ela está apoiada coloca a mão na boca, como se estivesse reprimindo uma risada.

Judy a ignora. Olha para seu bloco de notas novamente.

— Quem é o principal suspeito? — fala a garota, sentando-se.

— Cala a boca, Polly — diz uma garota de cabelos cacheados do outro lado da sala, esfregando os olhos para afastar o sono.

Polly olha para o jovem ao lado dela.

— Do que você está rindo?

— Do jeito que você falou — diz ele. — É tão… *sério*! — E deixa a risada que estava tentando esconder explodir. — Sinto muito — continua, olhando para Judy. — Sei que isso é sério. Estou de ressaca.

— Estou interessada de verdade — diz Polly. — Quero saber.

Judy detesta pessoas assim. E então se lembra de seu treinamento e sente-se culpada por ter cedido ao ódio tão rápido.

Inabalável, surpreendendo até a si mesma, a investigadora atravessa a sala principal, ignorando todos eles, e segue por um corredor do outro lado. Ela vai reunir seus pensamentos antes de interrogá-los.

Uma parte de Judy reconhece que está indo naquela direção, para longe do público que deveria interrogar, por curiosidade pessoal — sempre quis conhecer as casas das pessoas que atendia no clube de golfe, e esta, ela tem certeza, é ainda mais grandiosa — e ainda assim Judy garante a si mesma que, se for pega por um colega, tem o direito de dizer que está procurando mais pessoas para interrogar.

Algumas portas ao longo do corredor estão abertas, e algumas estão fechadas. Ela se limita às abertas. Nessas, enfia a cabeça, batendo suavemente.

A maioria dos quartos está desarrumada. Camas desfeitas, malas abertas, roupas espalhadas.

Em uma delas, encontra um homem ainda dormindo, roncando alto, aparentemente alheio ou desinteressado pela comoção no local.

Ela segue seu caminho. A próxima porta está entreaberta.

Ela coloca um dedo nela e empurra. Lá dentro, há um cheiro fraco de tinta fresca. As paredes são de um rosa-claro que faz Judy torcer o nariz.

Uma mala aberta está no chão, bem na frente dela.

Judy dá um passo, hesitante, sentindo o peso dos calcanhares.

Lá dentro, há itens femininos espalhados: vestidos, anáguas, saltos altos e um biquíni laranja brilhante ainda molhado de um mergulho. Judy — ela mesma muito organizada — suprime a vontade de pendurá-lo em algum lugar.

Dentro do quarto, fica claro que as paredes foram pintadas às pressas. Um esforço rápido por parte dos anfitriões para fazer com que as coisas ficassem bonitas antes do início da festa, imagina Judy. Sua própria mãe teria feito o mesmo.

Seus pensamentos são interrompidos por uma batida rápida à porta da casa. As vozes na sala silenciam.

Judy vai investigar.

Louise

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Annabel, ao que parece, tem uma história diferente.

Sozinha em seu camarim — Denny Hayes pediu desculpas e disse para ela esperar ali —, Louise não consegue mais ouvir as explosões angustiadas e indiscerníveis que pontuaram os primeiros trinta minutos que se passaram. Em vez disso, escuta de vez em quando a risada de Annabel. Ela se acalmou. Safou-se. Denny Hayes está fazendo piadas com sua mãe e seu pai.

Chorona, pensa Louise. A linguaruda.

Não há dúvida na mente de Louise de que Annabel falou tudo.

Por fim, uma batida na porta.

Denny Hayes entra sem esperar por uma resposta. Em suas mãos há algo que Louise reconhece.

Ele não diz nada. Coloca o saco de lixo de papel pardo na penteadeira à esquerda de Louise. Então senta-se em frente a Louise, olhando para ela, em silêncio.

Louise tira alguns nacos de unha do colo.

O cheiro do vômito de Annabel, ainda dentro do saco de batata frita, chega até ela, e a deixa com vontade de vomitar. Mas esconde isso.

Por que, pergunta-se Louise, ela atribuiu a Annabel a tarefa de descartar essa evidência? Por que não fez isso?

Denny limpa a garganta.

— Achei o seu saco — diz ele.

Louise dá uma risadinha.

— O saco de Annabel.

— Não é o que ela diz.

Louise leva um momento para processar. Achara que Annabel cederia — confessaria que ambas se ausentaram durante a noite, que Annabel estava numa festa quando deveria estar cuidando das meninas. Que estava bêbada, chapada. Que estava se sentindo mal naquela manhã. Isso não a teria surpreendido. As Annabel da vida sempre cedem.

O que não esperava era uma mentira descarada.

— Annabel nos contou sobre sua noite — diz Denny.

— *Minha* noite? — pergunta Louise. — Annabel contou alguma coisa sobre a noite *dela*?

Denny se levanta e anda em direção à penteadeira, abre o saco. Mais uma vez, Louise engasga. Denny, por outro lado, continua impassível. Se o cheiro o afeta, ele não demonstra.

Do saco, extrai a lata de cerveja, a ponta de um baseado e um saco menor: este com pó branco. Uma quantidade substancial.

— O que é isso? — diz Louise.

Embora ela saiba; é claro que sabe. Ela namora John Paul há quatro anos. Aquilo tem sido um ponto de discórdia entre eles por quase todo esse tempo.

— Você conseguiu isso aqui — diz Denny — ou em Shattuck?

— Isso não é meu — responde Louise. — Se estava aí, Annabel colocou.

Annabel, Louise está começando a entender, não é a garota inocente que ela imaginava.

— Nunca usei cocaína na vida — diz Louise.

Denny faz uma pausa.

— Mas você conhece a aparência?

Louise não diz nada.

— O advogado que você mencionou — diz ele. — Pode entrar em contato com ele?

Louise, acompanhada por Denny Hayes, sobe devagar a colina em direção à casa. A sensação de falta de ar não lhe é familiar: anos de longas corridas em subidas íngremes fizeram com que sua frequência

cardíaca em repouso fosse baixa, seu comportamento, calmo. Mas naquele momento ela respira rapidamente, narinas dilatadas, axilas úmidas.

John Paul, ela se lembra, lhe deve isso.

Quatro anos de união. Quatro anos inteiros de sua vida. O relacionamento deles tem um significado, diz a si mesma. Está certa em fazer isso. Não é estranho pedir ajuda ao noivo em uma emergência.

É isso que Louise pretende fazer: no topo da colina, ela baterá nas grandes portas duplas da Autoconfiança e pedirá para falar com John Paul McLellan.

John Paul, cujo pai é advogado.

Quando Denny perguntou para onde estavam indo, ela deixou de fora os detalhes. Tudo o que disse foi que tinha um amigo da família na casa principal.

— É mesmo? — disse Denny, cético.

Em frente à casa, um pequeno grupo de jovens mulheres da idade de Louise está reunido, falando em voz baixa. Elas a encaram. Observam seu uniforme de monitora.

É Denny quem levanta a aldrava de ferro, forjada no formato de um borrachudo. Ele bate à porta três vezes.

Louise está atrás dele, o coração acelerado, ensaiando as primeiras palavras que dirá.

Depois de um instante, uma jovem mulher abre a porta, vestida com uma espécie de camisola de seda. Ela tem uma beleza chocante, e Louise pisca, tentando reconhecer se a moça é famosa.

Denny também parece estupefato. Por um momento fica ali, de boca aberta.

— Precisam de alguma coisa? — pergunta a jovem.

Denny dá um passo teatral para trás e faz um gesto amplo com uma das mãos, indicando a Louise que este é o show dela, não dele.

— John Paul está aqui? — diz Louise. — John Paul McLellan?

A jovem deixa ela entrar. Louise se mexe um pouco. Puxa o short do uniforme que sobe em suas pernas.

— Pai ou filho? — pergunta a jovem.

Em sua voz, Louise consegue ouvir um sotaque. Italiano, talvez.

— Filho — diz Louise.

A jovem assente e desaparece por um corredor. Louise fecha os olhos, imagina o que ela dirá — "Tem uma *monitora* procurando você, John Paul" — com algum tipo de sorriso de escárnio em seu lindo rosto — e passa por um momento de ciúme reflexivo. Apesar de tudo.

Denny Hayes, percebe ela, se moveu para uma distância respeitosa.

Ela não consegue se lembrar muito dele do ano ou anos em que namorou a mãe dela, mas, quando pensa bem, lembra-se de certa gentileza nele. Ou pelo menos de uma falta de crueldade.

Ela se pergunta se ele, assim como ela, se sente pequeno naquele momento, diante da grande fachada de uma casa na qual não são bem-vindos.

Louise ouve passos: a jovem retornando com John Paul. Ela se pergunta o quanto ele vai se lembrar da noite passada. Em outras ocasiões, após uma briga, John Paul se arrependeu, ficou conciliador, e jurou não beber mais, o que só acontece por um tempo antes de voltar a beber com fervor no instante em que se reúne com amigos da escola.

Espera que esta manhã não seja diferente. Ela espera que ele se sinta culpado pela noite passada, em vez de enfurecido.

Mas quando os passos pelo corredor aumentam e depois param, vê que não é John Paul Jr. quem veio encontrá-la.

Em vez disso, é o pai de John Paul.

O sr. McLellan parece preocupado, pálido, bem diferente de como estava na última vez que ela o vira, há mais de um ano: embriagado, com o rosto rosado, consumindo bebidas fortes num restaurante que John Paul havia escolhido. Ficou claro para Louise, quando chegaram, que os McLellan não esperavam por sua presença. Ela tinha acreditado que o propósito do jantar era anunciar o noivado, mas a coisa toda não foi nem mencionada, e os dois brigaram por causa disso na volta para casa. O pai estava bem naquela ocasião — mais agradável do que a mãe e a irmã, pelo menos. Ela se lembra que os McLellan conversaram o tempo todo sobre política — um assunto que Louise domina um pouco, na verdade. Um assunto sobre o qual até tem opiniões fortes. Mas ninguém lhe perguntou nada.

Naquele momento, diante dela, o sr. McLellan não demonstra reconhecimento em seu rosto. Sua expressão é completamente vazia.

— Sr. McLellan — diz Louise. E se atrapalha com as palavras.

— Diga — fala o pai de John Paul, distraído. — Como posso ajudar?

— Não sei se o senhor se lembra de mim — diz Louise. — Eu sou… eu conheço John Paul.

O sr. McLellan olha para ela, a cabeça um pouco inclinada. Tentando identificá-la sem sucesso. E então, depois de um momento, sua expressão muda.

— Ah, céus — diz o sr. McLellan. Baixo o suficiente para que apenas ela possa ouvi-lo. — Você é a razão pela qual ele foi embora?

Louise pisca.

— Foi *embora*? — diz ela.

Mas o sr. McLellan a ignora.

— Você esteve com meu filho? — pergunta ele.

Com isso, ela hesita — não tanto por medo, mas por incerteza.

— Mais ou menos. Brevemente.

O sr. McLellan parece impaciente.

— Eis o que eu sei — começa o sr. McLellan. — Era tarde da noite, e ele chegou com uma aparência terrível. Estávamos sentados, conversando na sala quando meu filho entrou: o rosto espancado, quase morrendo. O lábio estava sangrando. Ele disse algo sobre uma garota… que é você, presumo… e cambaleou pelo corredor. Bêbado como um gambá.

O sr. McLellan balança a cabeça, enojado.

— Isso aconteceu na frente de todos os nossos *amigos*. Então, hoje de manhã, ele foi embora. Nem sinal dele ou de seu carro.

O sr. McLellan olha para ela como se esperasse por um pedido de desculpas. Como ela nada diz, ele continua.

— Há algo que eu deva saber sobre a noite passada? Se houver, você precisa me contar. Rápido.

— Não — diz Louise. — Quer dizer, não de verdade. Nós brigamos. Ele…

Louise faz uma pausa, escolhendo as palavras. *Me ameaçou*, ela quer falar.

— Ele estava bravo comigo. Meu amigo teve que… intervir. Foi assim que John Paul se machucou.

— Seu amigo — diz o sr. McLellan, observando-a.

— Não sei para onde John Paul foi — fala Louise. — Vim aqui para encontrá-lo. Para conversar com ele. Não fazia ideia de que tinha ido embora.

O sr. McLellan assente devagar. Seus olhos, percebe Louise, são muito parecidos com os de John Paul: um verde bem claro, lindos sob a luz do sol. Mas, naquela manhã, os do sr. McLellan estão atravessados por veias vermelhas que parecem aumentar em número conforme a conversa se desenrola.

— Você sabe a impressão que isso dá? — pergunta o sr. McLellan a Louise. Sua voz é baixa e cruel. — Agora que ele foi embora. Entende o que dá a entender, com Barbara também desaparecida?

Ela entende, pois Louise estava pensando a mesma coisa.

Denny pigarreia alto, pronto para se retirar.

O sr. McLellan se move como se fosse voltar para dentro, mas para.

— Estão prendendo você por alguma coisa? — pergunta ele.

— Sim — responde Louise.

— O que é?

— Porte de droga — diz Louise. — Mas não era minha.

Por um instante, a esperança passageira de que o sr. McLellan fosse lhe dar alguma orientação passa por sua mente.

Mas o sr. McLellan apenas dá um passo para trás, em direção às sombras da casa, como se estivesse sendo puxado por uma força invisível.

— Boa sorte — diz ele, virando-se e deixando a porta se fechar atrás dele.

Tracy

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

O estranho não fala. O estranho está a dez metros de distância. Sem os óculos, tudo além de cinco metros é um borrão.

— Olá? — diz Tracy.

Mas a pessoa diante dela não diz nada. Só leva um dedo até os lábios, e então gesticula uma vez — um aceno convidativo — e volta a andar em silêncio na direção de onde aparentemente veio.

O cabelo prateado brilha na luz escassa que passa pelas árvores. A maneira como se move é fantasmagórica, e, por um momento, Tracy se lembra de Mary Medonha — um dos lendários fantasmas da Reserva — que é sempre descrita dessa forma. Uma senhora de cabelo grisalho, parada na floresta. Os campistas relatam vê-la apenas a distância; então ela segue em frente.

O problema com essa teoria é que esse estranho anda, na mente de Tracy, mais como um homem do que como uma mulher.

O estranho se vira e espera. Por um instante, Tracy considera ficar no lugar. Mas sua fome e sede tomam a decisão por ela. Então, se move na direção do estranho.

Eles andam por talvez vinte minutos, Tracy seguindo atrás. Se a figura à sua frente está levando-a para a segurança ou para o perigo, ela não sabe.

E então vê uma clareira entre as árvores, e de repente consegue se localizar.

O estranho aponta em silêncio na direção da Autoconfiança e então recua para a mata novamente.

Na casa, à frente de Tracy: um enxame de atividade no gramado. Todas as viaturas policiais que cruzaram seu caminho quando ela estava saindo naquela manhã estão estacionadas em ângulos estranhos no gramado, junto com quatro caminhonetes e uma ambulância. Tracy se pergunta se há alguma chance de que — no burburinho em torno do desaparecimento de Barbara — sua própria ausência tenha passado despercebida. Com isso em mente, se vira para o sul e começa a andar na direção do Acampamento Emerson. Ela mantém a cabeça baixa e acelera o passo.

Está quase no cume que desce em direção ao acampamento quando ouve uma mulher gritando:

— Ela está ali!

Há algo familiar na voz.

— Barbara? — pergunta alguém.

— Não! — grita a mulher. — Tracy! Tracy voltou.

E de repente, ainda de costas para a Autoconfiança, Tracy percebe por que a voz soa familiar: ela pertence a Donna Romano.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Por cinco minutos, Judy ficou parada num canto da sala, observando um homem de meia-idade conversar baixinho na soleira da porta com uma jovem do outro lado. A jovem é linda e diminuta, com longos cabelos escuros repartidos ao meio. Ela usa uma camisa polo do Acampamento Emerson e olha para o homem alto diante de si com uma expressão que beira o desespero. Judy não consegue ouvir o que estão dizendo.

A garota recua, o homem recua, a porta se fecha. Um momento depois, Denny Hayes entra. Chama a atenção dela, acena, pedindo para que vá até ele.

— Escute, querida — diz Hayes, quando ela o alcança. — Trouxe a monitora de Barbara van Laar comigo. Vou levá-la para a delegacia de Wells. Ver se consigo arrancar mais alguma coisa dela. Volto em uma ou duas horas.

Ela franze a testa. Isso parece estranho.

— Não se preocupe — tranquiliza ele. — Você não ficará sozinha por muito tempo. Temos mais uma dúzia de caras do Departamento de Investigação Criminal vindo para cá. O capitão está vindo de Albany.

Ele levanta as sobrancelhas.

— A família tem contatos. Sabe como é.

Judy assente.

— Quem era aquele homem? — pergunta ela. — Aquele na porta?

Denny olha para seu bloco de notas, procurando o nome.

— John Paul McLellan Sênior — diz ele. — O advogado dos Van Laar. Aquela garota disse que o conhecia.

Denny e Judy se entreolham por um momento, cada um registrando a improbabilidade daquela afirmação.

— O que os pais disseram?

— Os pais? — diz Hayes, pego de surpresa.

— Os Van Laar — confirma Judy.

A última coisa que ele lhe disse quando se separaram esta manhã foi que cuidaria do interrogatório dos pais, no Grande Salão descendo a colina.

— Ah — diz ele, parecendo nervoso. — Eles voltaram para casa. Queriam esperar pelo capitão LaRochelle. Acho que o conhecem.

Hayes se recupera e continua:

— Se estiver com fome, a EnCon trouxe sanduíches. Eles estão no gramado.

Ela não está com fome. Mas precisa fazer xixi. Depois de várias xícaras de café na delegacia naquela manhã, ela se sentiu apertada durante a maior parte do tempo desde que chegaram.

Ela não tem certeza de qual é o procedimento correto. Em nenhum momento de seu treinamento Judy se deparou com uma situação como aquela: o que fazer quando estiver na casa de alguém por horas e horas sem acesso ao mundo exterior? Ainda mais pessoas ricas. Não quer pedir nada a essa gente. Se fosse homem, mijaria na floresta.

Ela está indo na direção da floresta quando ouve uma voz.

— Com licença?

Virando-se, encontra uma jovem mulher numa camisola de seda. Judy a tinha notado antes, na primeira vez que entrou na casa.

— Podemos conversar por um momento? — diz ela, e a investigadora percebe um sotaque em sua voz.

Judy assente. Pega seu bloquinho.

— Quero contar uma coisa — diz a mulher.

Ela olha por cima do ombro.

— Diga — diz Judy.

— Bem cedo esta manhã — diz a mulher —, um homem voltou para a casa depois de ter passado a maior parte da noite fora. E ele parecia ter brigado com alguém. Seu rosto estava… terrível. Ele estava sangrando.

Judy anota tudo.

— Ele foi embora — diz a jovem. — Quando a monitora e o outro policial vieram procurá-lo, fui eu quem abri a porta. Eles me pediram para buscá-lo, mas não consegui encontrar ele de jeito nenhum. Andei pela casa toda. Ela levanta as sobrancelhas, coloca as mãos para a frente, com as palmas para cima, num gesto que Judy interpreta como: *Entende o que eu quero dizer?*

— Você sabe o nome dele?

— John Paul McLellan — diz a mulher. — Há dois deles. Estou falando do mais novo. O filho. Só encontrei o pai e a irmã. Eles me disseram que ele tinha saído cedo. O pai dele foi falar com a monitora.

Judy assente. Aquilo condiz com o que Denny lhe falou.

— Você sabe como a monitora os conheceu? Os McLellan?

— Não.

— Tem ideia de como o rosto do filho ficou daquele jeito?

— Não. Ninguém está falando sobre isso. Acho estranho. Você não acha? — A mulher se aproxima dela. — Dizem que o pai dele é um amigo próximo da família. Acho que trabalha para o banco.

Judy olha para a moça, tentando determinar se ela parece digna de confiança.

— Os pais de Barbara viram o rosto do jovem daquele jeito? Os Van Laar?

— Não — fala a mulher. — Eles já estavam dormindo.

Ela hesita por um segundo e então diz:

— Acredito que vocês já teriam essa informação se eles tivessem visto o rapaz.

Judy escreve isso no bloco de anotações.

— Bem, obrigada — diz ela. — Tem mais alguma coisa a acrescentar?

— Ele parecia bêbado. Quando entrou na casa, cheirava a bebida. Mas todas essas pessoas bebem demais — acrescenta, movimentando a mão pelo ar, indicando cada hóspede da casa. — Além disso, ele dirige um Trans Am azul.

Judy olha para cima, assustada com a especificidade da observação. Ela não teria imaginado que aquela mulher fosse alguém que notaria carros.

— Como sabe disso? — pergunta.

A mulher olha para Judy calmamente.

— Eu estive dentro do carro — responde ela.

Judy cora. Então olha para baixo, rabiscando.

— E seu nome é?

— Prefiro não dizer — fala a mulher. — Se não tiver problema.

Ela volta o olhar para baixo e então para cima novamente, para Judy.

— Não conheço bem essas pessoas. Uma amiga minha me disse para vir. Uma garota que conheci em Nova York, em um teste para uma peça. Achei que poderia ser divertido. A região aqui é linda, mas as pessoas são… terríveis. Mal posso esperar para voltar para Los Angeles.

Judy assente.

— Ou Roma — diz a mulher. — Talvez eu devesse voltar para Roma. Eu tinha um trabalho fixo lá. Aqui, nem tanto.

E então, percebendo o que tinha feito, ela sorri para Judy, e Judy — contra sua vontade — cora.

— Qual é seu nome, querida?

— Judyta — diz Judy.

Não *Investigadora Luptack*. Não *Judy*. Não *Joo-DEE-tah*, como a maioria dos americanos diz quando forçados a pronunciar seu nome de batismo. Em vez disso, ela o pronuncia exatamente como sua mãe — *Yoo-DIT-ah* —, e a italiana suspira, como se estivesse ouvindo um poema, e diz a ela que é lindo.

Louise

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Há uma delegacia da polícia estadual em Wells, Nova York, e é para lá que Louise é levada por Denny Hayes, que no caminho a presenteia com a história de sua vida e descreve os três filhos que teve com uma mulher que ama. Ele conta sobre seus hobbies, relata os pequenos problemas que causaram ultimamente — nada sério.

Ele espera, talvez na expectativa de uma resposta. Um reconhecimento, pelo menos. Louise não fala nada, e por fim ele fica quieto.

A delegacia de Wells é pequena e austera, um edifício de concreto cujo único ornamento é um telefone público na parede.

Há um soldado sentado a uma mesa. Fora isso, o prédio parece completamente desocupado.

— Tem uma moeda? — pergunta Denny a ela.

Quando ela balança a cabeça negando, ele tateia no próprio bolso, tira uma e a entrega. Então aponta para o telefone.

— Vá em frente — diz ele, e se retira para um canto mais ao longo e abaixa a cabeça respeitosamente, fingindo que isso o impedirá de ouvir tudo o que ela diz.

Ela coloca um dedo no disco. Hesita. Não quer ligar para a mãe, mas não tem mais ninguém para quem ligar.

Por fim, relutante, disca o número da casa de sua infância, fechando os olhos contra as lembranças que o ato invoca: ser esquecida muitas vezes na casa de uma amiga; ligar para casa da enfermaria, suada de febre, sabendo que ninguém atenderia ao

telefone. Como naquela época, chama muitas vezes; mas então ouve uma vozinha do outro lado da linha que pega Louise desprevenida.

— Alô?

— Jesse? — diz Louise. — Jesse?

Ele nunca atende ao telefone. É tímido a ponto de mal conseguir fazer isso: uma característica lamentada pela mãe em todas as oportunidades.

— Jesse, você está bem?

— Louise — diz Jesse. — A mamãe está doente.

— Que tipo de doença? — pergunta Louise.

— Ela está de cama.

— Ela está acordada? — questiona. — Ela está respirando? Jesse?

Do outro lado da sala, Denny Hayes levanta a cabeça.

— Ela está bem — responde Jesse. — Só não sai do quarto há um tempo.

Louise fecha os olhos.

— Você já comeu hoje? — pergunta ela, baixinho.

Ela quer privacidade. Vira as costas para Denny.

Do outro lado da linha, ela escuta uma rápida inspiração trêmula: é Jesse tentando não chorar. Ela o imagina, os cantos da boca encolhidos.

— Escuta — diz Louise. — Escuta. Vá até o Shattuck's. Pegue algumas coisas e coloque na minha conta. Não na da mamãe. Na minha.

— Ah, Lou — diz Jesse, e ela quase consegue ouvir o rosto dele ficando vermelho com o pensamento. Interagir com qualquer adulto fora da família é quase impensável para Jesse.

— Faça isso — diz Louise. — Jesse, preciso que você tente fazer isso. Você não pode passar fome.

Jesse hesita. Atrás dela, Louise consegue ouvir Denny pigarreando.

— O que eu devo pegar? — diz ele, finalmente.

De repente, uma voz diferente: a operadora, pedindo mais dinheiro. Louise não tem nada.

— Coisas baratas que vão te encher — diz Louise, com urgência. — Pão e queijo. O tipo de queijo que vem num pote. Pegue qualquer carne cozida que você encontrar em promoção. O que eles tiverem.

— Certo — diz Jesse, chorando. — Vou tentar.

Um momento se passa em silêncio. E então ele fala novamente:

— Louise? Por que você ligou?

Mas ouve-se um clique na linha — o tempo acabou — e a operadora encerra a conversa abruptamente.

* * *

Ela fica ali com o telefone na mão por algum tempo, reunindo forças para se virar para Denny — que claramente ouviu tudo. Que se lembra de sua mãe, que sem dúvida testemunhou sua mãe no pior momento. Talvez ele sinta pena dela, pensa Louise. Se tem uma coisa que Louise despreza, é a sensação de que sentem pena dela — especialmente por alguém como Denny Hayes, ele próprio é digno de pena de formas numerosas demais para contar.

E, com certeza, quando ela desliga o telefone e se prepara para encará-lo, ele está a encarando com uma expressão sombria no rosto, os lábios uma linha reta de compaixão, fingida ou real. Louise o encara de volta de forma desafiadora.

— O quê? — diz ela.

— Você está bem? — pergunta ele.

Denny tem algo nas mãos. É um copo de papel com café. Ele o estende para ela. Louise não pega.

— Estou bem — diz Louise. — Tirando o fato de que estou presa por algo que não fiz. Essa é a única coisa errada comigo.

A expressão de Denny endurece.

— Vamos — diz ele, e a leva para uma das duas salas dos fundos, colocando-a de frente a uma mesa, e apoiando o café com força.

Um pouco da bebida espirra, queimando a mão de Louise. Ele diz que um investigador diferente virá falar com ela em breve. Ele precisa retornar à Reserva.

Então ele fecha e tranca a porta entre eles.

Alice

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Alice se apruma, ouvindo aquele som novamente. Era a voz de uma garota, chorando. Ela não conseguia entender as palavras, mas o tom da voz deixava claro que a menina estava aflita.

Não era Barbara. Reconheceria as vozes dos dois filhos em qualquer lugar.

Ela não faz movimento algum. Fecha os olhos, o que às vezes a ajuda a ouvir melhor as coisas. Ela se senta em sua cadeira Adirondack, ouvindo a voz outra vez.

— Alice.

Ela estava esperando o jovem guarda florestal que foi designado para vigiá-la. Mas não é ele quem está diante dela. É seu marido, olhando para ela com algo parecido com nojo.

— Por que está assim?

— Ouvi uma menina gritando — diz Alice. — Eu estava escutando.

Peter olha para ela, cético.

— Barbara?

— Não. Não Barbara.

— Eles encontraram a outra garota — admite Peter. — A colega de chalé de Barbara. Pelo jeito, ela foi procurar por nossa filha.

Alice assente. Satisfeita.

— Alguém pediu para interrogar você desde a última vez que conversamos?

— Não.

— Que bom.

Um tanto instável, Alice se levanta da cadeira. A profundidade do assento a faz balançar várias vezes antes de conseguir se erguer. Peter

não a ajuda. Em vez disso, a observa impassivelmente.

— O capitão LaRochelle está vindo de Albany — diz ele. — Meu pai solicitou a presença dele. Falaremos apenas com ele quando chegar.

— Ele vai querer falar comigo? — pergunta Alice.

— Não — diz Peter. — Você está chateada demais.

— O que quer dizer?

— Você está chateada demais. Você voltou para a cama.

Ela não diz nada. Deseja um comprimido.

— Vá em frente — diz ele. — Eu ajudo você a subir até a casa.

Dois comprimidos. As palavras do dr. Lewis ecoam em seus ouvidos, como sempre: *em dias muito ruins*.

O que seria hoje, se não um desses dias?

Ela decide que tomará dois quando chegar à Autoconfiança.

IV

Visitantes

Carl

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Quando Carl Stoddard recuperou a consciência, ele estava deitado na caçamba da caminhonete de Dick Shattuck, olhando para o céu. Abaixo dele, a caçamba da caminhonete roncava; acima, o mundo se movimentava rapidamente. Galhos de árvores pendurados se confundiam num verde constante. Ele piscou devagar, tentando imaginar como tinha chegado ali. Então ouviu a voz de Maryanne.

— Graças a Deus — dizia. — Graças a Deus.

Ela olhou por cima dele, o rosto invertido, a cabeça balançando cada vez que o veículo dava um solavanco.

O dr. Treadwell, pressionando o estetoscópio de maneira gentil contra o peito nu de Carl, disse que era uma arritmia. A clínica dele era pequena e não tinha equipamento para muito mais do que os primeiros socorros e o parto ocasional de um bebê cuja mãe não tivesse condições de chegar a Glens Falls. O médico, do alto de seus oitenta anos, conhecia suas limitações, e elas impediam um diagnóstico mais preciso do que esse.

— Você precisa ir para um hospital — disse ele.

Carl olhou para Maryanne. Ambos, ele sabia, pensaram a mesma coisa: o pronto-socorro era um destino bem mais caro do que o médico local. Eles ainda estavam trabalhando para pagar a montanha de contas do tratamento de Scotty.

— É uma emergência mesmo? — disse Carl. — Eu não poderia… não poderia ligar e marcar uma consulta com alguém? Não estou sentindo dor.

Ele estava, de fato, sentindo um pouco de dor —, mas apenas quando se esforçava.

— Carl — falou Maryanne.

O dr. Treadwell pigarreou. Ele se sentou.

— Do ponto de vista profissional, não posso recomendar que espere — disse ele. — Mas, se *precisar* esperar, eu me moveria o mínimo possível, faria repouso, beberia bastante água. Evitaria cigarros, café e… — Olhou para Maryanne. — Qualquer atividade que eleve a frequência cardíaca.

Em casa, Maryanne o ajudou a subir até o quarto. Acendeu a luz. Manteve a mão em suas costas enquanto ele ia para a cama, ainda ciente de uma dor chata no peito.

Quando Carl se acomodou, a esposa sentou-se na beirada do colchão. Como sempre, ele teve a sensação de que ela lia sua mente.

— Está tudo bem — afirmou. — A presença de Carl Stoddard naquele local não faria a mínima diferença para encontrar o garoto ou não.

Ele deixou de encará-la. Olhou para o teto.

— Conheço bem a Reserva — falou ele.

— Sabe quem mais conhece muito bem a Reserva? Até melhor do que você?

Carl assentiu.

— Vic Hewitt — disse Maryanne.

— E se você voltar? — perguntou Carl. — Tenho certeza de que ainda precisam de ajuda.

Maryanne o examinou com atenção.

— E quem vai cuidar de você?

— Eu estou bem — falou Carl. — Foi o que o dr. Treadwell disse. Vou descansar. Jeannie vai ajudar.

— *Nossa* Jeannie? — disse Maryanne. — Ou outra?

Ele sorriu. Nos últimos tempos, os momentos leves entre os dois consistia na zombaria gentil das filhas. Era algo mundano; algo que os lembrava de outrora, quando a fragilidade dos corpos das crianças não pesava tanto em suas mentes. Maryanne certa vez confessara a

ele, após a morte de Scotty, que tinha medo de não conseguir deixar as meninas fora de seu alcance. Zombar delas, mesmo que um pouco, era um lembrete para pegar leve com elas também.

Maryanne colocou a mão na bochecha do marido. Foi seu toque mais generoso em um ano. Ela acariciou seu cabelo para trás. Carl piscou rapidamente para evitar as lágrimas.

— Você é uma boa pessoa — disse ela.

Ele colocou a mão sobre a dela. Levou-a à boca. Beijou-a.

— Tudo bem — disse Maryanne. — Vou te deixar sozinho.

Ele acordou algum tempo depois com o som dos passos de Maryanne. Eram diferentes dos passos de suas filhas, que estavam andando para cima e para baixo da casa desde a partida da mãe, sem se importar com o barulho.

Ele se sentou, apoiando-se primeiro nos cotovelos, avaliando como se sentia, e então, quando nenhuma tontura ameaçou derrubá-lo, balançou as pernas sobre a beirada da cama e se levantou aos poucos até ficar de pé.

— Maryanne? — chamou, hesitante.

Sem resposta, ele se arrastou em direção à soleira da porta de seu quarto. A casa — a casa deles — estava na família de Maryanne havia 150 anos. Era apertada, de teto baixo, construída para acomodar apenas a altura insubstancial de seus ancestrais. Do outro lado do corredor do andar de cima ficava o dormitório que todas as três meninas compartilhavam; o cômodo que Scotty, quando vivo, usava para dormir era no andar de baixo, numa antiga varanda que Carl havia preparado de forma imperfeita para o inverno. Os Stoddard quase nunca se aventuravam por lá, apesar do tamanho pequeno da casa.

Foi uma surpresa, portanto, descer a escada e encontrar Maryanne parada na soleira daquele quarto. Por um momento, o marido olhou para suas costas rígidas no vestido de domingo, as mãos pressionando o batente da porta como se estivesse se preparando para uma tempestade.

Carl falou o nome dela baixinho para não a assustar; mesmo assim Maryanne deu um pulo.

— O que está fazendo fora da cama? — perguntou ela. — Você deveria estar deitado.

— Estou me sentindo melhor — disse Carl, o que era uma meia-verdade. De fato, descer a escada o deixara tonto.

Ele se aproximou, e juntos os dois observaram a varanda fechada. Ainda havia uma cama de solteiro no canto do espaço, mas o restante do cômodo estava vazio, cada objeto encaixotado e levado para o porão: trabalho de Maryanne. Ela estava pedindo para ele fazer algo com aquilo, para fazer uso do espaço de alguma forma, um instinto que Carl entendeu como autoproteção em vez de frieza.

— Talvez possamos abri-la novamente — disse Carl, imaginando que esse era o pensamento na mente de Maryanne. — Colocar as telas de volta. Seria bom comer aqui fora no verão.

Mas Maryanne não falou nada.

Carl estava começando a sentir que deveria se sentar. Mudou seu peso de uma perna para a outra.

— Como foi o restante do dia? — perguntou ele. — Encontraram alguma coisa?

Maryanne assentiu.

— O que foi?

— Carl — disse Maryanne. — O quanto você conhece aquele garoto?

Ele franziu a testa.

— Ah, um pouco — disse ele. — Ele gostava de atividades ao ar livre. Fazia perguntas sobre o que estávamos plantando. Uma vez eu o ensinei a fazer uma fogueira.

— Carl — disse Maryanne —, por que está falando do menino como se ele estivesse morto?

Ele fez uma pausa.

— Como assim?

— Você disse que ele *gostava* — disse Maryanne. — Você disse que ele *gostava* de atividades ao ar livre.

— Não sei.

— Eles encontraram uma coisa — falou Maryanne. — A alguns metros do caminho para o início da trilha, enterrado em um arbusto. O cão de Ron Shattuck farejou uma pequena escultura de um urso-pardo. Exatamente como aquelas que você sabe fazer.

— Certo — disse Carl.

— Isso é estranho — falou Maryanne. — Você não acha estranho?

— Nem tanto — disse Carl. — Eu o ensinei a entalhar. Ensinei Bear, quero dizer. Provavelmente ensinei a ele várias coisas. Talvez essa tenha sido uma delas.

— Alguém mais sabe disso?

— Não tenho certeza. Acho que Vic Hewitt deve saber. O garoto também andava com Vic. — E então, percebendo seu erro: — Anda.

— Eu ouvi os homens conversando — disse Maryanne. — Eles ficaram curiosos. Querem encontrar a pessoa que fez a escultura. A polícia estava dizendo isso, e a notícia se espalhou. Foi tudo que conseguimos no final de um dia inteiro de busca. Os cães não têm muita utilidade por causa da chuva. Não há nada. Eles continuarão procurando, mas…

Ela parou de falar. E então, de repente, virou-se da soleira do quarto de Scotty, caminhou até a cozinha e começou a abrir os armários. Procurando por algo para jantar.

— Quer ajuda? — perguntou Carl.

— Não — disse Maryanne. — Volte para a cama. Você nem deveria estar aqui embaixo, para começar.

Ela pensou por um momento e então:

— Por que você acha que ele estava com aquilo?

— Não sei — respondeu Carl. — Deve ter gostado dela.

— E por que acha que ele deixou cair?

— Não sei.

Carl subiu os degraus um de cada vez, descansando por vários segundos entre eles. Em sua visão periférica, ele notou as filhas o observando em silêncio da mesa de jantar, onde deveriam estar estudando. Ele acenou para as meninas. *Voltem aos seus deveres de casa.*

Lá em cima, ele se permitiu reconhecer por que havia usado o pretérito ao falar sobre Bear van Laar. A verdade era que ele estava pensando em Scotty. Os dois garotos estavam se tornando mais próximos em sua mente.

Carl

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Maryanne participou das buscas no dia seguinte e no outro. A cada noite, relatava os eventos do dia: conforme a notícia se espalhava, mais e mais pessoas apareciam para ajudar. Cem no segundo dia. Quinhentas no terceiro. Toda a cidade havia parado suas atividades diárias para contribuir com a causa: todos os adultos fora da idade escolar e alguns adolescentes também. O mercado ficou fechado por dois dias inteiros para que os Shattuck e seus funcionários procurassem por Bear, o que significou que qualquer morador que tivesse ficado sem leite, pão ou papel higiênico tinha que dirigir meia hora para comprar esses itens.

Vic Hewitt, disse Maryanne, era o encarregado das operações; a cada dia ele enviava pequenos grupos cada vez mais longe em todas as direções. Ainda assim, não havia sinal de Bear.

Todas as manhãs, Vic gritava algo formal e cheio de esperança para o grupo, voltado tanto para os ouvidos dos pais quanto para as pessoas que faziam as buscas.

O que Maryanne ficava sabendo pelos comentários das outras esposas era menos esperançoso.

Os cães, disseram elas, perderam o rastro do garoto rapidamente no primeiro dia. Jennie, a cadela de Ron Shattuck, foi quem farejou a escultura de Bear, no meio do caminho entre a casa e o início da trilha; depois disso, ela não encontrou mais nada pelo restante do dia.

O problema tinha sido a chuva no dia do desaparecimento do menino. *Se não fosse pela chuva*, diziam; mas ninguém terminava a frase.

— Vic está perdendo as esperanças — disse Maryanne na noite do terceiro dia. — Dá para ver. A postura dele está diferente.

Carl assentiu. Era difícil imaginar um garoto da idade de Bear sobrevivendo na natureza muito além disso. Mesmo com todo o seu conhecimento.

— As pessoas estão especulando? — perguntou Carl.

Maryanne hesitou por um momento antes de responder.

— Estão — disse ela, com cuidado. — Tem muita gente que acha que o garoto simplesmente se perdeu. Por curiosidade ou raiva, ninguém tem certeza. Não dá para dizer o quanto um garoto da idade e do tamanho dele consegue avançar até perceber que está perdido. Depois disso… bem, se ele se machucou, pode ter sucumbido ao frio durante a noite.

Carl assentiu. Essa era a teoria dele também — a principal, de qualquer forma. Ele odiava dizer aquilo, até mesmo pensar naquilo, mas parecia ser o mais provável. Exceto…

Maryanne continuou:

— Mas Carl… as pessoas também estão especulando outra coisa.

Ele sabia o que era antes mesmo que sua esposa falasse.

— A escultura.

— Não — falou ela. — Não é isso.

— O que é, então?

Maryanne hesitou.

— Há um boato — disse ela — que diz que você foi a última pessoa a ver Bear vivo.

Carl fez uma pausa. Assentiu.

— É verdade. Eu o vi quando estava saindo do trabalho. Ele estava sentado na frente da porta da Autoconfiança. Amarrando os sapatos.

Ela olhou para ele, piscando.

— Por que não me disse isso?

— Tenho que contar mais uma coisa para você — falou Carl.

Maryanne colocou as mãos no rosto.

— Não, Maryanne — disse Carl. — Não é nada do tipo. Meu Deus.

Ele pegou a mão dela.

— Bear tinha medo do avô — continuou.

— Como você sabe?

Ele descreveu a mudança na expressão do garoto quando ouviu seu nome ser chamado, descreveu o que havia dito. *É o meu avô. Não gosto muito dele.* Ele não disse diretamente o que estava pensando, mas Maryanne disse.

Então ela começou a chorar.

— O que houve, Maryanne?

— Nada — respondeu ela.

— Por favor.

Ela limpou o nariz.

— Tá. Estou chorando porque acho que você tem razão.

Seus ombros estavam curvados e miseráveis. A cabeça estava baixa.

— E porque acho que ninguém vai acreditar em você — disse Maryanne.

Nenhum dos dois conseguia dormir. Maryanne se revirava na cama. Carl estava imóvel, olhando para o teto escuro, sentindo a dor do coração batendo forte dentro dele. Ele tinha conseguido marcar uma consulta com um médico em Glens Falls para segunda-feira de manhã. Até então, sua única tarefa era manter a calma: uma tarefa cada vez mais difícil.

Em algum momento, eles ouviram uma batida na porta da casa. Maryanne se sentou, escutando; a batida soou novamente mais alto. Carl não sabia que horas eram. Meia-noite ou uma hora da manhã, talvez.

— Acho melhor eu atender — disse ele.

Porém, quando tentou se sentar, percebeu mais uma vez sua visão escurecendo nas bordas.

— Fique aqui — disse Maryanne.

Ela foi até o armário e pegou na prateleira de cima uma espingarda que tinha sido de seu pai e a carregou. Foi em direção à porta.

— Maryanne — sussurrou Carl, sentindo-se inútil. — Quem quer que seja, pode voltar de manhã.

Mas ela o ignorou.

Carl ficou de ouvidos atentos. A porta da casa se abriu. Ele ouviu vozes masculinas falando baixo, aos murmúrios. Ele se apoiou, esforçando-se para escutar melhor.

Uma pausa, então, seguida por passos na escada — muitos — o que significava que Maryanne não estava voltando sozinha.

Carl passou as mãos pelo rosto, ao redor da boca. Três dias de barba por fazer tinham deixado seu queixo áspero. Ele estava usando uma camiseta branca, amarelada no pescoço e nas axilas.

Então Maryanne entrou no quarto, seguida por Dick Shattuck, Bob Lewis e Bob Alcott.

Os três homens grandes tomaram conta do pequeno quarto de teto baixo. Carl, olhando para eles de sua cama, sentiu-se como uma criança.

— Carl, esses homens têm algo a lhe dizer — falou Maryanne.

A polícia viria prendê-lo de manhã. Seus amigos queriam alertá-lo antes que isso acontecesse.

— Nós não acreditamos que você tenha algo a ver com o desaparecimento do garoto — disse Dick Shattuck. — Queremos que saiba disso. É por isso que estamos aqui.

Carl colocou a mão no peito.

— O que devo fazer?

Ele ouviu seu tom de voz, que parecia patético.

— Fuja para as montanhas — disse Bob L. — Aqueles idiotas vão enforcar você.

— Bob — disse Shattuck, em tom de advertência.

— Desculpa, Maryanne.

— Não sei, Carl — falou Shattuck, de cabeça baixa. — Gostaria que tivesse algo que a gente pudesse fazer.

Por um momento, houve silêncio na sala.

— Eles não têm provas — disse Bob Alcott.

Foi a primeira vez que ele falou. Era um sujeito calado, professor de História na escola.

— Todas as provas são circunstanciais. Nada disso vai se sustentar num tribunal.

Carl não tinha certeza do que aquilo significava, mas foi a primeira coisa que ouviu que lhe trouxe conforto.

Depois que os homens foram embora, tiveram uma breve conversa sobre se Carl deveria, de fato, fugir. Maryanne era a favor. Carl era contra. Seu peito doía mais do que nunca; teve que se lembrar conscientemente de não colocar a mão sobre ele, porque cada vez que o fazia, a esposa parecia que ia chorar.

Por fim, às três da manhã, Maryanne colocou os braços em volta dele, segurando-o como uma criança, e ambos adormeceram juntos.

Às sete da manhã, veio a segunda batida.

Alice

Década de 1950 | **1962** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Ela queria amar o novo bebê.

Ao longo de um parto quase insuportável, Alice entoou estas palavras como uma prece: *Eu vou amar o novo bebê. Eu vou amar o novo bebê.*

Peter, é claro, não estava lá. Outros pais esperavam na sala de espera, lendo jornais — mas não seu marido, que tinha uma reunião inadiável. Quando o bebê nascesse, ele pegaria um carro e iria ao hospital. O bebê seria entregue a ele. E então Peter voltaria ao trabalho, o bebê seria levado para o berçário, e só então, por fim, Alice poderia dormir.

Ela imaginava apenas isso durante o parto: o momento de descanso.

Eu vou amar o novo bebê, pensou Alice.

* * *

Não tinha sido assim com Bear. Ela sabia que o amaria desde o momento em que sentiu seu primeiro chute. Alice tinha dezoito anos na época, estava casada havia apenas alguns meses. Não tinha nada para fazer dentro de sua nova casa, com Peter fora o dia inteiro. Os primeiros movimentos agitados de seu bebê pareciam presentes para ela.

Depois de quase dez meses carregando o filho dentro de si como uma pérola, ela o trouxe ao mundo, e ele não era mais apenas seu. Assim que Alice foi para casa com o bebê, as pessoas começaram a tirá-lo dela.

Primeiro foi sua própria mãe, que tirou o bebê de seus braços assim que ela entrou na casa de Albany. Mandou Alice subir e lavar o cabelo.

Depois vieram os Van Laar, sobretudo o pai de Peter, que inspecionou Bear como se estivesse avaliando gado. Ele fez declarações sobre o tamanho de sua cabeça, o comprimento de suas pernas. Ambos foram considerados respeitáveis. O bebê foi devolvido aos seus braços.

Por último, vieram as duas babás — ideia de Peter. Uma para o dia. Outra para a noite.

Peter as entrevistou em particular, de forma que Alice só as conheceu no primeiro dia de trabalho. A babá diurna, Francine, era uma senhora magra de cabelos grisalhos, que trabalhava com uma eficiência silenciosa, sorria com frequência e cuidava tanto de Alice quanto de Bear, especialmente nos meses logo após o nascimento. Alice gostava muito dela, e disse isso a Peter.

Mas a babá noturna, Sharon, era diferente. Ela era ruiva, robusta, não muito mais velha que Alice. Católica, pensou Alice: ainda morava com os pais. Ela falava bastante que era a mais velha de dez irmãos, com um tipo de orgulho na voz que com frequência se transformava em autoridade quando Alice questionava qualquer coisa que fizesse.

A pior parte era que Peter geralmente ficava do lado dela.

— Ele está com frio — dizia Alice, ouvindo Bear chorar durante a noite. — Ela colocou aquele pijama leve. Essa casa é tão fria.

Ao que Peter respondia:

— Uma temperatura corporal mais baixa induz o sono.

— Ele está com fome — dizia Alice. — Não comeu nada no jantar.

— Se ele começar a comer à noite, só vai querer mais.

Sharon trabalhou com eles por vários anos no início da vida de Bear, insensível ao fato de que Alice reprovava quase todas as escolhas que a babá fazia. Ela cantarolava alegremente para si mesma enquanto levava o menino para a cama, e Alice a observava desejando segurar o corpinho macio do filho vestido em roupas de algodão; desejando sentir aquele peso nos braços.

— Talvez — disse ela certa vez a Peter — eu pudesse colocar Bear para dormir todas as noites. Assim, Sharon seria a única a acordar

com ele, se Bear estiver inquieto.

Peter, que estava lendo, olhou para cima, incomodado.

— Honestamente, Alice — falou ele. — Para que estamos pagando a mulher? Para dormir aqui? Se fosse assim, é ela quem deveria estar nos pagando… um aluguel.

As melhores partes do dia de Alice eram as duas horas entre a partida de Sharon pela manhã e a chegada de Francine, e as duas horas no final do dia, quando elas trocavam de turno. Durante essas quatro horas, sem ninguém para observá-la ou corrigi-la, Alice brincava com o filho, ou lia para ele, ou se deitava ao seu lado na cama, observando-o. Ele era inteligente, pensava Alice — aquilo era muito importante, que fosse inteligente. Bear começou a falar cedo e fazia observações sobre o mundo que a chocavam pela clareza. Aprendeu a contar cedo também. Ele cantava com uma voz doce todas as canções que ela lhe ensinava — Alice gostava de cantar — e as repetia às vezes para Peter, a pedido dela. Até mesmo o pai sorria nessas ocasiões.

Quando chorava, era fácil consolá-lo, dissera Sharon. Alice o ouvia durante a noite — ela sempre ouvia —, mas seus berros acabavam rápido.

Quando Bear tinha dois anos, ele de repente começou a gritar por Alice durante a noite. *Mamãe*, começou a chamar.

Na primeira noite em que fez isso, Alice sentou-se ereta na cama.

— O que foi? — disse Peter, sonolento.

No final do corredor, Bear a chamou novamente. *Mamãe.*

— Ele nunca fez isso antes — disse Alice.

Peter deu de ombros e virou-se.

— Sharon está no quarto com ele — falou Peter. — Ela vai nos chamar se algo estiver errado.

Os gritos cessaram logo, mas Alice não conseguiu dormir por uma hora. E se ele estivesse chamando por ela por causa de algo que Sharon estivesse fazendo? E se ela o estivesse machucando de alguma forma?

Na noite seguinte, a mesma coisa aconteceu, e na outra. Até que uma noite, ela o ouviu dizer, de forma clara e lamentosa: *Mamãe, está me ouvindo?*

A primeira vez que ele gritou dessa forma, Alice pulou da cama com uma urgência que nunca havia sentido antes. Seu corpo inteiro estava em chamas com a necessidade de ir até o filho. Peter, atrás dela, a chamou, mas ela não parou.

Ela abriu a porta do quarto de Bear, e a luz do corredor invadiu o cômodo. Sharon ainda estava deitada na cama de solteiro no canto do quarto, acordada, mas imóvel. Quando viu Alice, ela se sentou. Sua camisola estava enrolada em volta dos joelhos. Ela usava bobes nos cabelos.

— Sra. Van Laar, o que está fazendo? — perguntou Sharon, mas Alice já estava no berço de Bear.

Lá estava ele, seu filho, macio em seu pijama de algodão, os braços estendidos para ela, sorrindo de alegria pela novidade de ver a mãe durante a noite. Ela o levantou, e ele envolveu os braços em volta da mãe, e o corpo de Alice a recompensou, inundando-a com a calma que vinha sempre que se reencontrava com o filho.

— Sra. Van Laar — disse Sharon, mas Bear falou, encantado: — Mamãe!

Ele pôs as duas mãos nas bochechas dela. Ela encostou a testa na dele.

Então, da porta, Alice ouviu uma voz diferente. A de Peter. Irritada.

— Alice — disse ele. — O que pensa que está fazendo?

Ela se virou para o marido, o menino ainda em seus braços.

— Ele estava me chamando — argumentou ela.

Peter estendeu a mão, palma para cima, na direção de Sharon.

— A babá dele está bem aqui. — Sharon assentiu uma vez, firme e vitoriosa. — Entregue-o para ela — comandou Peter. — Alice.

Seu filho a abraçou com mais força.

— Alice — disse Peter.

E foi até ela, tirou o menino de seus braços com gentileza (na mesma hora, Bear começou a chorar) e o entregou a Sharon, com seus bobes, com sua camisola, e então pegou Alice pelo cotovelo e a levou para fora do quarto.

O choro de Bear continuou. Por dez minutos, o menino chorou com força, gritando por Alice.

Era uma tortura: uma espécie de sofrimento físico que superava quase todas as dores que ela já conhecera. Alice chorou também.

— Ele precisa de mim — disse ela. — Peter, ele está me chamando.

— Ponha um pouco de cera de abelha nos ouvidos — falou Peter. — Amarre-se a um mastro.

Ela não sabia do que ele estava falando. Peter sempre falava em enigmas ou usava referências literárias ou históricas que ela não entendia. Alice percebia que o marido sentia algum prazer em fazer isso — em exibir sua educação, quando ela não tinha nenhuma. Não como a dele, de qualquer forma. Durante o dia, nas longas horas entre suas manhãs e tardes com Bear, ela às vezes tentava se forçar a ler os livros de faculdade de Peter, que ele guardava na biblioteca. Mas em geral ficava entediada e saía para caminhar ou lia romances obscenos que encontrava em latas de lixo do lado de fora da biblioteca pública da cidade.

— *Mamãe?* — chamou Bear pelo corredor, mais uma vez com certa derrota na voz, mais uma pergunta sem resposta, e por fim o silêncio.

— Não consigo fazer isso — sussurrou Alice.

Ela tinha certeza de que Peter estava dormindo. Ele não se movia havia alguns minutos.

Mas o marido falou:

— Consegue sim.

Vai conseguir, ele quis dizer.

Em trabalho de parto pela segunda vez, Alice lutava contra a vontade de fazer força.

Se ao menos pudesse manter a criança dentro de si, pensou — se ao menos pudesse protegê-la do mundo por mais um minuto.

Mas o impulso estava se tornando insuportável, e enfim um médico calvo entrou segurando uma máscara, que colocou sobre o rosto dela sem aviso. Ela se lembrava disso do nascimento de Bear. Era muita falta de educação, considerou Alice, e então de repente não tinha mais palavras.

Foi quando ouviu seu nome sendo chamado — não *Alice*, mas *Mamãe*, um grito angustiado que reconheceu imediatamente como sendo o do filho.

Bear estava lá.

O menino estava parado num canto, oito anos de idade, com uma expressão que ela quase nunca tinha visto em seu lindo rosto. Por cima do ombro da enfermeira, Alice o viu e gritou.

— Ele está ali. Ele está bem ali.

Por que ninguém o notou?

— Ele voltou — falou Alice.

A busca havia terminado.

Ela tentou apontar, mas a enfermeira a conteve.

— Por favor — disse Alice. — Por favor, traga-o para mim. Não quero que ele vá embora de novo.

Bear estava tremeluzindo como uma vela.

— Vá até ele — falou Alice. — Por favor, por favor. Ele está indo embora.

Ela tinha que sair da cama. Tinha que ir ao encontro dele. Se não fosse até o filho rápido, ele iria embora. Alice se balançou para a esquerda e para a direita.

— Sra. Van Laar — disse o médico. — Sra. Van Laar, a senhora precisa ficar parada.

Com toda a sua força, ela arrancou os tornozelos das mãos do médico e se levantou. Estava tentando colocar as pernas no chão.

No canto, Bear levantou os braços para ela como se fosse um bebê pedindo um abraço. Era insuportável — insuportável — ficar longe dele.

O médico gritou algo que Alice não entendeu. Ela chorava e não conseguia enxergar bem, mas já estava chegando ao canto em que Bear estava. O garoto estendeu as mãos em sua direção, e ela se lançou para ele. Quase conseguia tocá-lo. Quase conseguia sentir sua pele. As mãos dela e as dele se agarraram umas às outras.

Alguém a segurou. Ela foi forçada para trás, de volta para a cama. Seus membros foram presos por mãos e depois por cordas.

Alice chorava abertamente, gritos altos que sacudiam todo o seu corpo, e a enfermeira colocou a mão em sua testa, dizendo que tudo ficaria bem, que o bebê nasceria em breve.

Meu bebê está ali, pensou Alice. Naquele canto. Bem ali.

Ela chorou, chamando por seu nome sem parar. *Bear. Bear.* E o nome em si se tornou um canto ou encantamento, assumiu muitos significados de uma só vez. *Permanecer. Suportar. Sustentar. Aceitar. Transmitir. Trazer. Dar à luz.*

Se ela o dissesse o suficiente, pensou, talvez o nome o levasse em sua direção.

Mas era tarde demais: ele tremeluziu e desapareceu.

Ele a deixara outra vez. O lugar onde estivera estava vazio.

A máscara foi colocada abruptamente sobre sua boca, dessa vez por mais tempo.

Então ela dormiu.

* * *

— É uma menina, sra. Van Laar — disse o médico.

Ela abriu os olhos. Fechou-os. A luz no teto era muito forte. *Bear*, pensou, e sentou-se da melhor forma que pôde, mas, ainda assim, ele tinha ido embora.

— Meu filho — disse ela, mas as palavras saíram num coaxar.

— Sua filha — corrigiu o médico, levando a bebê até ela.

A bebê estava enrolada num cobertor. Ele a estendeu para Alice com expectativa, mas os braços de Alice estavam pesados.

— Sra. Van Laar — disse o médico. Ele era jovem, apesar de calvo, e parecia assustado. — A senhora está bem?

Havia uma janela no quarto que dava para um pátio. Através do vidro, Alice viu uma árvore muito verde balançando os galhos. Além da árvore havia outro prédio, e então o céu.

— Sra. Van Laar?

Uma enfermeira veio e agarrou seu braço.

— Isso vai ajudar a produzir leite — disse ela, e lhe deu uma injeção antes que Alice respondesse.

Ela não amamentara Bear. Tinha um pensamento meio formado de que gostaria de tentar, uma vez, com esta criança.

No corredor, murmurando. A voz de Peter: ele havia chegado do trabalho.

Depois de um momento, Peter entrou no quarto, segurando a filha nos braços. Sentou-se na cama com a esposa. Duas enfermeiras pairavam atrás dele, e Peter se virou para elas, falando bruscamente.

— Um pouco de privacidade, por favor — disse ele, e elas se foram.

Então virou-se para Alice.

— Peter — disse Alice, com urgência. — Eu vi Bear. Ele estava bem ali. — Ela apontou para o canto.

Conseguia vê-lo em sua imaginação: alto para a idade e bonito, precisando de um corte de cabelo, vestindo sua camisa azul favorita. As unhas sujas por amor à floresta. Um dente de leite faltando.

— Temos que encontrá-lo — disse ela. — Ele está vivo, Peter. Estava aqui.

Mas Peter balançava a cabeça.

— Foi o gás que te deram.

— Não — disse Alice. Sua voz se elevou, e ela sabia que estava prestes a chorar. — Eu o vi.

Peter balançava a cabeça.

— Acho que foi um sinal — falou Alice. — Mesmo que ele não estivesse aqui. Acho que foi um sinal de que ele está vivo.

Ela afundou o rosto nas mãos, escondendo-se. Peter odiava quando alguém chorava.

Dentro da escuridão de suas mãos, ela o ouviu suspirar. Em seguida, viriam os gritos.

Mas, em vez disso, Alice sentiu a mão do marido em seu rosto. Ela a agarrou.

— Olhe para mim — disse Peter, com uma gentileza surpreendente. — Olhe para mim. Ele se foi.

— Você não sabe — falou Alice.

Peter fez uma pausa.

— Temos que viver nossas vidas como se ele estivesse, Alice. — Ele olhou para o bebê em seus braços, que de repente estendeu a mão pequenina e depois a abaixou.

— Barbara — disse Peter. Ele pronunciou em três sílabas. *Bar-ba-rah*. — Gostaria de chamá-la de Barbara.

Alice foi pega de surpresa. Duas vezes, no mês anterior, ela tentou abordar a questão de nomes com ele. Ela gostava de *Darien* para um menino — Alice conheceu um garoto com esse nome durante a juventude e sempre o achou bonito —, e *Charlotte* para uma menina. Mas, cada vez que ela perguntava, Peter a ignorava, dizendo que estava ocupado.

Mas ali estava o marido, ao seu lado, sugerindo um nome que ela nunca tinha considerado. *Barbara*. Ela conhecia várias pessoas com esse nome — todas da idade de Peter. Era um nome que associava mais à geração dele do que à da bebê.

— Se estiver tudo bem para você — falou Peter, por fim.

— Por que Barbara? — perguntou Alice.

— É só um nome de que sempre gostei — disse Peter. — Acho que soa bem. *Bar-ba-rah van Laar.*

E ele olhou para a filha com uma ternura tão repentina que Alice disse que também gostava. Era importante, ela tinha ouvido falar, deixar o marido se sentir envolvido com as crianças. Qualquer interesse que ele demonstrasse deveria ser recompensado.

Foi apenas mais tarde, quando estavam de volta à casa de Albany, após uma semana no hospital, que Alice encontrou o livro de nomes que ela tinha comprado numa livraria. Foi durante a gestação de Bear — cujo nome de batismo também havia sido escolhido sem sua contribuição.

Ela foi para a seção de nomes femininos e depois para a página com o nome *Barbara*, onde leu:

Da palavra grega "barbarus", significa "estrangeiro", "selvagem" ou "estranho".

Alice olhou para cima com um sobressalto. Que coisa horrível, pensou ela, que coisa absolutamente horrível dar a uma bebê o nome

de *estranho*. E continuou a ler:

"Bárbaro" deriva da mesma raiz, dizia o texto alegremente.

Alice estremeceu. Todo mundo sabia disso? Em geral, ela tinha problemas para discernir que tipo de conhecimento era comum e quais fatos eram considerados obscuros.

Ela fechou o livro com força, resignada. Não tocaria no assunto com Peter — não podia. O nome estava escolhido, a certidão de nascimento emitida. Ela teria que conviver com aquilo, pensou. Além disso, havia muitas Barbaras famosas.

Alice

Década de 1950 | **1962** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Após o nascimento de Barbara, por dois meses, as coisas pareceram melhores. A recém-nascida a distraiu de sua tristeza, que até aquele ponto parecia avassaladora.

Ela não queria engravidar tão rápido depois de Bear. Foi Peter quem insistira que tentassem.

— Não estamos ficando mais jovens — dissera. — Além disso, lhe dará algo para se distrair — acrescentou.

Mas algo mudou no meio do terceiro mês de Barbara, quando, nas primeiras horas de certa manhã, Alice acordou com o som de uma criança chamando por ela.

Sabia que um bebê da idade de Barbara não estava apto a reproduzir o nome de sua mãe, o nome que Bear lhe dera. *Mamãe*.

Ela se sentou na cama. Ficou parada. Escutou.

E veio mais uma vez.

Mamãe.

O quarto estava escuro e silencioso. Ela entrou na ponta dos pés. A nova babá, Lorraine, dormia de um lado. Barbara dormia do outro. Por dois minutos, Alice ficou de ouvidos atentos, de pé, usando apenas uma camisola, no centro do quarto. Mas só havia silêncio.

Ela saiu, novamente na ponta dos pés, e, quando estava fechando a porta atrás de si, escutou: *Mamãe*.

Alice deu meia-volta. Voltou para o quarto que tinha sido de Bear. Colocou a mão na maçaneta.

— Alice.

Ela deu um pulo.

No fim do corredor estava Peter, franzindo a testa.

— Volte para a cama — disse ele.

Isso continuou acontecendo. Ela ouvia a voz todas as noites. Às vezes, parecia vir do lado de fora da sua janela. Às vezes, de um andar inferior. Frequentemente, do quarto da bebê.

Apesar da babá do turno da noite, Alice dormia muito pouco.

Peter, percebendo isso, chamou o médico da família — o mesmo médico idoso que tratava dos Van Laar desde que o pai de Peter tinha vinte e poucos anos.

Seu nome era dr. Lewis, e a primeira medicação que ele prescreveu para Alice era para ajudá-la a dormir.

Mas a palavra rompia o efeito dos remédios, enchendo seus sonhos de imagens sombrias e ansiosas.

Mamãe. Mamãe, ecoava o chamado.

Ela não conseguia falar com Peter. Não conseguia falar com a própria família. Todos em sua vida a encorajaram a superar, a seguir em frente, presumindo que Bear nunca seria encontrado.

Mas, para Alice, era impossível.

Até que tivesse provas do contrário, ela se permitia imaginar que seu filho ainda existia no mundo, em algum lugar oculto, um ator nos bastidores que entraria no palco a qualquer momento.

Mais tarde, Alice se perguntaria se era essa percepção que a impedia de abraçar Barbara por completo. Parte dela temia que Bear — onde estivesse, neste mundo ou no vindouro — sentisse alguma divisão em seu coração maternal, e desaparecesse ou perecesse por causa disso.

Então, todas as noites, antes de cair sob o feitiço da medicação do dr. Lewis, ela não rezava para que a voz que ouvia parasse, mas para que sempre voltasse. Que Bear, em qualquer forma possível, continuasse a visitá-la pelo restante de sua vida.

O problema começou quando as visitas de Bear ficaram mais longas.

Alice

Década de 1950 | **1962** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Um lugar agradável e bastante discreto.

Estas foram as duas palavras que todos usaram para descrevê-lo.

Os pais dela a levaram, presumivelmente a pedido do marido e do sogro. Eles ficaram em silêncio, todos, durante as três horas de viagem. Nem mesmo ligaram o rádio.

Ao imaginar o hospital, Alice pensara em um edifício histórico — não muito diferente em aparência, na verdade, da Autoconfiança. Em meio à natureza, talvez. Uma bela construção antiga onde ela teria tempo para descansar. Em vez disso, o local — na costa norte de Long Island — era novo em folha, de estilo brutalista, feito de um concreto amarelado que escurecia na chuva. O terreno era árido, sem árvores. Em bancos aqui e ali, funcionários uniformizados sentavam-se com os pacientes, que pareciam meio adormecidos.

Talvez estivessem no lugar errado, pensou Alice. Mas não, lá estava a placa: *Instituto Dunwitty*. Fundado por um amigo do dr. Lewis, que o havia recomendado.

No banco da frente, seu pai virou a cabeça em direção à mãe, tentando sem sucesso chamar sua atenção. Com certeza eles também viram o que ela viu; com certeza entenderam que algo estava errado. Mas sua mãe saiu do carro sem dizer uma palavra, e seu pai, depois de um tempo, fez o mesmo. Então ele abriu a porta traseira para Alice.

Ela não dividia o quarto com ninguém. Pelo menos isso. Recebera aquele privilégio, segundo uma enfermeira, em virtude de sua conexão familiar com o dr. Dunwitty. A enfermeira — uma mulher magra e

carrancuda de seus cinquenta e tantos anos — revelou isso com desaprovação, limpando a garganta após falar as palavras, como se livrasse sua boca do gosto delas.

Livros eram proibidos. Não havia televisão.

As únicas atividades permitidas eram enigmas de vários tipos: quebra-cabeças propriamente ditos, palavras cruzadas, acrósticos. Havia alguma teoria por trás daquilo, sem dúvida; de forma ociosa, Alice se perguntou o que seria.

O que ela mais odiava era que Bear não a visitava ali. Na primeira noite, ela rezou para que o filho o fizesse; seria bom ter uma companhia.

Em vez disso, recebera a visita de pesadelos nos quais retornava àqueles terríveis primeiros dias de busca, nos quais era frustrada repetidamente por forças ou pessoas que não conseguia controlar. Quando eram crianças, Delphine chamava esse tipo de sonho de *não-consigo-chegar-lá*: visões de provas e trens perdidos, trânsito que impedia o carro de se movimentar pouco antes de o barco partir. Alice tivera esses pesadelos por toda a vida, mas nenhum deles se comparava aos que ela teve no Instituto Dunwitty.

Durante um mês, ela não recebeu visitas e não tinha permissão de fazer ligações telefônicas.

No 31º dia internada, uma enfermeira entrou em seu quarto para buscá-la. Alice a seguiu, intrigada, por um longo corredor que nunca tinha visto antes. No final dele havia um telefone público. A enfermeira entregou uma moeda a Alice.

Alice olhou para ela.

— O que está esperando? — disse a enfermeira. — Vá em frente.

Mas ela percebeu que não havia ninguém para quem quisesse ligar.

Alice colocou a moeda no telefone público. Discou um número que se lembrava da infância. Do outro lado, uma voz feminina.

— A Geraldine está? — perguntou Alice.

O nome de uma amiga de Brearley, com quem ela não falava desde que se casara com Peter.

Uma pausa.

— Posso perguntar quem é?

— É Alice, sra. DeWitt. Alice Ward.

— Ah, Alice — disse a sra. DeWitt. — Alice, fiquei muito triste quando soube…

Rapidamente, ela desligou o telefone.

Uma semana depois, Alice foi informada de que tinha uma visita.

Se soubesse quem era, nem teria saído do quarto. Mas não perguntou, e foi assim que se viu cara a cara, numa mesa arrumada para um jogo de damas, com sua irmã, Delphine.

Alice virou-se para a enfermeira.

— Quero voltar — disse ela. — Não quero ficar aqui. Gostaria de voltar para o quarto, por favor.

Mas a enfermeira falou:

— Ora, vamos, é a sua irmã, e ela veio de muito longe.

Delphine sorriu firmemente, primeiro para a enfermeira e depois para Alice.

— Não vou tomar muito do tempo dela, enfermeira — disse Delphine, usando sua voz mais grandiosa e arejada.

E a enfermeira, obediente, praticamente fez uma reverência ao sair do cômodo.

Por alguns minutos, elas ficaram em silêncio. A única maneira de sobreviver àquele encontro, pensou Alice, era imaginar-se num mundo diferente. E então, assim como fazia na infância, ela fechou os olhos, sentou-se com as costas bem retas e deixou o mundo terreno.

Você está do lado de fora do quarto de Bear, pensou ela. *Ele vai acordar em breve. Ele vai chamar por você.*

— Alice — disse sua irmã.

Mamãe, pensou Alice.

— Alice. Está me ouvindo?

Mamãe.

— Eu sinto muito — disse Delphine.

V

Encontrada

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Judy está do lado de fora, mãos na cintura, examinando os carros na área de estacionamento ao lado da casa. A maioria é de Cadillacs, Oldsmobiles e Lincolns imponentes. Ela tenta imaginar um Trans Am azul entre eles. Teria se destacado.

Ela dá uma volta completa. Dois sulcos escuros e raivosos na entrada de terra indicam que um carro deu marcha a ré de forma vigorosa e saiu em direção à Rota 29.

Judy sabe que as informações que tem sobre John Paul McLellan Jr. são importantes. O retorno à casa de madrugada, o rosto machucado, o desaparecimento logo de manhã: todas essas coisas juntas fazem dele, no mínimo, um suspeito. Mas como investigadora júnior, ela não está autorizada a fazer nada sem a aprovação de seu superior.

A investigadora olha para o relógio, imaginando quando Denny Hayes retornará.

Depois de alguns minutos, ela volta para dentro da casa. Enquanto espera por Hayes, sabe que deve continuar a isolar e interrogar todos os outros que encontrar.

Os jovens magricelas esparramados em todos os móveis da sala são as pessoas com quem ela está menos ansiosa para falar. De alguma forma, eles dão a impressão de que deveriam estar alimentando uns aos outros com uvas, como jovens deuses — em suas próprias cabeças, ao menos. Ainda assim, ela se aproxima deles, um após o outro, pergunta educadamente se falarão com ela e, em seguida, leva-os para o solário vazio que encontrou enquanto caminhava pelo local.

Lá, ela faz as perguntas de rotina: nome, idade, ocupação, local de residência principal — e todos respondem *Manhattan* ou *Los Angeles*.

A última pessoa que ela interroga é uma jovem magra, de aparência severa e 23 anos. A única que conta a Judy que está hospedada na casa principal, em vez de numa construção anexa.

O nome dela, ela diz, é Marnie McLellan.

Ao ouvir o sobrenome da garota, Judy faz uma pausa e fica imóvel por um instante.

— Ocupação? — pergunta ela.

— Galerista.

Judy não conhece a palavra, mas a escreve e diz a si mesma que vai procurar mais tarde.

— Relação com os Van Laar?

— Afilhada.

— Vocês são próximos?

Marnie McLellan levanta o queixo.

— Extremamente.

Judy segura a caneta sobre seu bloco de notas. Sabe que deve prosseguir com cuidado.

Faz à moça o mesmo conjunto de perguntas que fez a todos os outros e obtém respostas semelhantes — ela estava na festa, ficou acordada até tarde, houve muito barulho, muita bebida. Foi para a cama às quatro da manhã. Ela conhece Barbara bem — as famílias se reúnem o tempo todo e já saíram de férias juntas —, mas não tem ideia de onde a menina pode estar.

— Como você descreveria Barbara?

— Ah, triste — responde. — Uma pessoa muito infeliz.

Judy assente. Em seu bloco de notas, escreve: *Não gosta de B.*

— Como assim?

— Bem, ela sempre deu muito trabalho para a família. Sei que se meteu em problema na escola. Ela é meio avançada para a idade. E usa roupas e maquiagem que são… — Marnie faz uma pausa, reunindo as palavras para descrevê-las. — São terríveis. Tudo preto. Olheiras escuras ao redor dos olhos. Rebites nas orelhas. É realmente perturbador, se quer saber minha opinião. Resultado de uma mente conturbada.

Judy não tinha ouvido isso antes sobre Barbara.

Ela escreve: *B. se veste de forma estranha.*

Por fim, Judy faz as perguntas que ela estava esperando para fazer.

— Outros membros da sua família também estão hospedados aqui?

— Sim.

— Pode me dizer o nome completo deles?

— Por quê?

— Só estou tentando montar uma lista de todos os convidados. Para ter certeza de que falei com todos antes de o meu chefe voltar — diz Judy, sorrindo de forma respeitosa.

Marnie fica muito quieta.

— Meu pai — diz ela — é John Paul McLellan Sênior. Minha mãe é Nancy McLellan.

Judy olha para ela.

— Ocupações?

— Minha mãe é dona de casa — continua Marnie. — Meu pai é sócio dos Van Laar.

— É banqueiro? — diz Judy.

— Advogado. Ele representa a família e o banco.

Judy assente, escrevendo. Então pergunta, com calma forçada:

— Você tem irmãos?

— Meu irmão é John Paul McLellan Jr.

— Ocupação?

Marnie bufa, mas depois se recompõe.

— Não muita — fala ela. — Ele se formou no ano passado. Vai assumir o banco um dia. Se conseguir tomar jeito.

Judy reflete um pouco.

— O que faz você pensar assim?

Marnie olha para Judy como se ela fosse burra.

— Os Van Laar não têm um menino. Não mais, pelo menos. Mas nós temos.

— Entendo — diz Judy, anotando. — E sabe onde posso encontrá-los?

— Quem?

— Os outros membros da sua família. Seus pais e seu irmão.

— Não faço ideia — diz Marnie, após uma pausa.

— Você os viu esta manhã?

Marnie hesita por um momento.

— Eu só vi meu pai — diz ela. — Mas não sei onde ele está agora.

Cinco minutos depois, Judy sai pela entrada principal da casa, aquela com a aldrava de borrachudo. Ela olha para baixo da colina em direção ao acampamento. As evidências crescentes contra John Paul McLellan Jr. tornaram-se muitas para serem ignoradas.

Um policial estadual solitário está no gramado.

— Com licença — diz ela. — O capitão LaRochelle já chegou?

Ele olha para Judy sem expressão.

— Sou a investigadora Luptack — fala ela. — Me disseram que o capitão chegaria em breve. Para conversar com a família.

Ele balança a cabeça.

— Não. Tem mais alguns sujeitos do Departamento de Investigação Criminal lá embaixo, mas nenhum capitão ainda.

Judy agradece. Então volta para a cozinha da Autoconfiança, onde viu um telefone na parede. Olhando por cima de cada ombro, ela levanta o receptor, disca para a delegacia e solicita que todos os oficiais na região sejam informados, por seus rádios, a ficarem atentos a um Trans Am azul.

Isso é importante demais para esperar por Denny Hayes. Se a avaliação dela estiver errada, vai lidar com as consequências depois.

Depois de interrogar todos que conseguiu encontrar na casa, Judy caminha de volta para a frente do lugar e se empoleira por um momento na ponta de uma cadeira Adirondack, rabiscando freneticamente em seu caderno. Ela quer registrar as palavras e frases exatas que consegue lembrar.

De longe, ouve alguém chamando:

— Senhora?

Judy não levanta os olhos.

— Senhora? — repete a voz, mais perto dessa vez.

Ela ouve passos. E se vira.

Um guarda florestal da EnCon aproxima-se dela; um homem de cinquenta e poucos anos, barbudo. Alguns passos atrás dele, uma garota enorme, usando uma toalha em volta dos ombros. Ela parece mais alta que Judy por uma cabeça. Mais alta até que o guarda florestal da EnCon, que não é um homem pequeno.

Atrás dos dois, um casal os segue: um homem na casa dos cinquenta e uma mulher que parece ter a idade de Judy. Ela é irmã da garota?

— Estou procurando por alguém do Departamento de Investigação Criminal — diz o guarda.

Judy olha para si mesma. Para seu terno, que claramente a separa dos policiais, dos guardas florestais, dos convidados.

— Sou eu — diz ela, por fim. — Investigadora Luptack.

A garota que o acompanha parece trêmula. Chegando à fileira de cadeiras Adirondack na frente da casa, ela se senta com força numa delas. Coloca os cotovelos nos joelhos.

— Esta é Tracy Jewell — diz ele. — Era colega de chalé de Barbara van Laar. Ela tem algumas coisas que gostaria de compartilhar com você.

Tracy

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Tracy está sentada numa cadeira no gramado, bebendo um copo d'água, comendo um sanduíche que alguém levou para ela. Ao seu lado está uma policial — a primeira policial que Tracy conhece ou vê.

Pelo menos, ela *acha* que essa mulher é policial. Ela não usa uniforme, só um terno. Parece jovem, mas seu bloco de notas e caneta lhe dão um ar de autoridade.

Ela está esperando silenciosamente que a garota fale.

— O que você disse? — pergunta Tracy.

— A pessoa que você viu na floresta. Pode nos dar algum detalhe?

— Ah… Na verdade, não.

— Você sabe se era um homem ou uma mulher?

— Acho que era um homem — diz Tracy. — Mas não tenho certeza. Eu deveria usar óculos, mas não uso.

Ela para e pensa um pouco.

— Tinha cabelos grisalhos — fala.

— A pessoa disse alguma coisa para você?

Tracy balança a cabeça.

— Não. Apenas acenou para mim. E me tirou da floresta.

A mulher assente. Rabisca algo rápido em seu bloco de notas.

— Eles estão procurando essa pessoa? — diz Tracy. — Os guardas florestais?

— Acho que provavelmente sim — responde a mulher.

— A pessoa estava tentando me ajudar. Quem quer que fosse.

— Tenho certeza de que você tem razão. Só queremos ter uma conversa com a pessoa. Ver se ela viu algo que devemos saber.

A investigadora faz uma pausa.

— Tracy — diz ela. — Por que você foi para a floresta?

A menina fica em silêncio.

— Você gostaria de compartilhar isso comigo?

Tracy dá uma mordida. Mastiga. Bebe água. Puxa a toalha mais firmemente em volta de si mesma.

Então — quebrando uma promessa feita a Barbara, e mantendo uma promessa feita a si mesma —, ela conta à investigadora Luptack por que Barbara foi para a floresta.

— Toda noite? — diz a investigadora Luptack, mantendo o olhar firme. — Barbara saía toda noite?

— Quase — diz Tracy. — Exceto uma vez, quando se machucou.

— E sempre para o chalé do observador?

— Foi o que ela disse.

— Mas ela nunca falou quem era o namorado.

Tracy balança a cabeça.

— Não.

A investigadora Luptack assente.

— Obrigada, Tracy — diz ela. — Isso é muito útil. Tem mais alguma coisa que acha que pode ser útil? Ela chegou a mencionar algo sobre o relacionamento dela com a família?

Tracy hesita.

— Ela se dava bem com os pais?

Tracy balança a cabeça.

— Não — diz ela baixinho.

— Sabe me dizer por quê?

— Acho que… eles eram rigorosos com ela. O pai dela era, de qualquer forma. A mãe não se importava muito.

A investigadora Luptack assente.

— E você sabe se algo aconteceu recentemente que possa ter assustado Barbara ou a deixado chateada ou com raiva?

Tracy pensa. Ela está prestes a dizer não — Barbara nunca foi específica em suas reclamações sobre a família —, mas então se lembra de algo.

— Sim — responde. — Eles pintaram as paredes do quarto dela.

A expressão da investigadora Luptack muda.

— Aqui nesta casa?

— Sim. A mãe dela mandou pintá-las de rosa.

— E por que isso a aborreceu?
— Não sei — diz Tracy. — Talvez ela não tenha gostado da cor.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Vinte minutos depois — após a menina ser deixada aos cuidados do casal que Judy aferiu serem o pai da garota e a namorada dele —, Judy está na casa principal, no corredor do lado de fora do quarto rosa, observando sua porta. Ela poderia abri-la, pensa. Não há ninguém lá dentro. Mas não tem certeza de quais seriam as consequências dessa ação, então paira na entrada por um tempo, esperando.

Ouve passos no final do corredor.

Uma porta lateral se abre, e por ela entram um homem e uma mulher. O homem é alto, elegante, de cabelo escuro com mechas prateadas. A mulher o segue, e é tão magra que parece doente.

O homem para e encara Judy por um momento. Ele está a quase dez metros de distância. Então ele balança a cabeça um pouco, inescrutável, e conduz a mulher para um dos quartos do corredor.

São os pais? Os Van Laar?

Quando o homem reaparece, está sozinho e sai pela mesma porta sem olhar na direção de Judy.

— Judy — diz alguém, e ela dá um pulo.

É Denny Hayes.

— Vamos — diz Hayes. — Eu estava procurando por você. O capitão acabou de chegar. Ele está prestes a começar uma reunião no acampamento. Você pode me contar sobre sua manhã enquanto caminhamos.

Ele sai. Judy o segue, trotando de leve para acompanhá-lo.

Ela começa com os fatos mais importantes: a colega de chalé de Barbara disse que a menina tinha um namorado e que saía escondida

todas as noites para vê-lo no chalé do observador no topo da montanha Hunt.

Conta a ele sobre as paredes pintadas do quarto, e que Barbara ficou chateada por causa delas.

Em seguida, Judy conta o que descobriu sobre John Paul McLellan: o rosto ensanguentado, o retorno de madrugada, o desaparecimento dele e de seu Trans Am azul.

Ela deixa para o final o fato de que já emitiu um chamado para o carro.

Por um instante, Denny para e se vira para ela, e Judy tem medo de que ele a repreenda por não ter pedido permissão de um superior. Mas, em vez disso, ele diz:

— Judy. Você, na verdade, está fazendo um ótimo trabalho.

Judy franze a testa. O *na verdade*, pensa, era desnecessário — mas ela vai aceitar.

— Conte tudo isso na reunião, está bem? — diz Denny Hayes. Então, sem esperar por uma resposta, ele continua andando.

Judy descobre que o Posto de Comando foi transferido dos bastidores do Grande Salão para o Chalé da Diretoria, por ordem de LaRochelle: eles precisarão de acesso quase constante a um telefone.

Isso significa que T.J. Hewitt — a diretora, que mora lá — foi transferida para um quarto vazio no Alojamento dos Funcionários.

Às cinco da tarde, dentro do Chalé da Diretoria, o capitão LaRochelle está em posição de sentido em frente à parede mais longa. Ele é um homem imponente. Corte de cabelo militar, postura reta.

Ao redor dele, uma dúzia de investigadores estão sentados ou de pé. Metade é do turno da tarde, ficando um pouco mais; os outros são investigadores do turno da noite, recém-chegados. Judy e Hayes chegam por último, enquanto LaRochelle, consultando suas anotações, começa a falar.

— Suspeitos até agora — diz ele. E com o dedo o capitão faz um sinal de marcação. — John Paul McLellan Jr., afilhado da família Van Laar. Chegou em casa ontem de madrugada com o rosto

ensanguentado, não foi encontrado em lugar algum esta manhã. Ainda foragido. Um chamado pelo carro foi emitido.

Judy fica assustada. Ela ainda está descobrindo como as informações são transmitidas de pessoa para pessoa no Departamento de Investigação Criminal. Não tem certeza de como o capitão LaRochelle já sabia disso.

Ele continua:

— Louise Donnadieu. Monitora de Barbara. Atualmente sob custódia por uma acusação não relacionada, mas não tenho certeza de quanto tempo poderemos mantê-la. O investigador… — interrompe-se, verifica as anotações, e então continua: — … Lowry está trabalhando nessa pista.

Ele faz uma pausa.

— De acordo com uma garota chamada Tracy Jewell, colega de chalé de Barbara — continua —, uma pessoa desconhecida parece estar vagando pela floresta perto da propriedade. Não temos descrição dessa pessoa além de que ela é alta, porque Tracy não estava usando seus óculos. Ainda não avistamos ninguém. Também não temos sinal algum da própria Barbara na floresta próxima. Os cães sentiram o cheiro dela, mas parece que podem ter seguido um caminho que ela fez num passeio diferente, organizado alguns dias atrás.

Ele olha para cima.

— Então, basicamente, não chegamos nem perto de onde precisávamos, depois de nove horas de busca.

Outro investigador fala.

— Senhor, os pais disseram algo importante?

— Na verdade, não — diz LaRochelle. — Falei com o sr. Van Laar agora mesmo. Ele descreveu Barbara como infeliz e perturbada. Ele acha que a filha fugiu. Mas não faz ideia de para onde teria ido.

— Alguma razão para suspeitar dele?

— Não que eu saiba no momento — diz LaRochelle. — Mas obviamente vamos observá-lo de perto.

Ele aponta para um dos investigadores que acabou de chegar para o turno da noite.

— Estou falando com você — diz ele. — Você é o responsável por ficar de olho nos pais durante a noite.

Um momento de silêncio. Então o mesmo investigador que perguntou sobre os pais fala novamente.

— Senhor. Não acha nem um pouco suspeito que o pai não tenha falado com nenhum de nós? Que ele tenha esperado pelo senhor?

LaRochelle reflete sobre aquilo.

— Eu não diria suspeito — diz ele. — Trabalhei no caso do filho deles. Pode ser que haja apenas um nível de confiança.

Para Judy, isso soa duvidoso. Mas como é a investigadora mais nova na sala, não tem a mínima intenção de dizer isso.

— O que mais vocês têm para mim? — diz LaRochelle, e Hayes lhe dá uma cotovelada gentil.

Judy limpa a garganta. Levanta a mão.

Então ela conta a LaRochelle o que Tracy Jewell lhe contara: o namorado, as reuniões noturnas no chalé do observador, as paredes pintadas.

LaRochelle levanta as sobrancelhas.

— Alguém mais ouviu falar de um namorado?

Por toda a sala, cabeças balançam.

Ele aponta para um investigador.

— Você. Encontre um guarda florestal. Pergunte se eles já foram ao chalé do observador. Se não, faça com que vão.

Ele faz uma pausa.

— Sabemos qual escola Barbara van Laar frequentava?

Outro investigador levanta a mão.

— Emily Grange. Perto de Latham.

— Você — diz LaRochelle ao homem. — Vá até lá. Descubra quem eram os amigos de Barbara. Pergunte sobre um namorado.

— Você — diz LaRochelle, apontando para um investigador do turno da noite com metade de um sanduíche pendurado na boca. — Vá para a casa dos Van Laar em Albany. Verifique o quarto de Barbara para ver se há algo relevante. Traga fotos, se possível.

Ele faz uma pausa.

— Perguntas?

Um momento de silêncio, e então a mão de alguém no fundo da sala se levanta. É um investigador que Judy não tinha notado até aquele momento, talvez a pessoa mais velha na sala.

— Vale a pena considerar Jacob Sluiter?

Uma mudança geral na atmosfera. Por um momento, há um impasse; LaRochelle parece estar esperando que o investigador se explique, peça desculpas ou ofereça alguma justificativa.

Ele não faz nada disso.

LaRochelle cruza os braços.

— É possível, sim — diz o capitão. — O homem está solto. Mas para mim parece menos provável do que as outras suposições.

O investigador assente, embora sua expressão indique que ele não está completamente satisfeito.

— Será que ele é o indivíduo desconhecido na floresta? O que levou a garota Jewell em direção à casa?

LaRochelle franze a testa.

— Vamos pensar sobre isso — diz ele. — Um criminoso sexual e assassino condenado vê uma garota sozinha e perdida na floresta. Ele vai levá-la para um lugar seguro? Ou vai aproveitar a oportunidade para fazer o que fez no passado?

O velho investigador não diz nada. Os dois homens trocam um olhar, como se estivessem enviando mensagens silenciosas um ao outro que o restante da sala não consegue ler.

— Não estou dizendo que está fora de questão — diz LaRochelle. — Só estou dizendo que… quando ouvir cascos, procure por um cavalo, não uma zebra.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

São quase seis da tarde do primeiro dia deles na Reserva. Para Judy, essa matemática não faz sentido. É como se estivesse lá há um ano.

Hayes está dirigindo para o norte, em direção à sede do Departamento de Investigação Criminal em Ray Brook. Depois disso, ela começará a longa viagem para Schenectady. O pensamento a faz querer chorar.

— Cansada? — pergunta Hayes.

— Um pouco.

— Prepare-se — diz Hayes. — Em casos como esse, você vai trabalhar 24 horas por dia.

Ele abaixa a janela. Balança um maço de cigarros, oferecendo um a Judy, que recusa.

— Não fuma?

— Não.

— Que bom — continua ele. — Meu pai morreu disso, acho. Ele não chamou de câncer, mas com certeza morreu tossindo.

Ele puxa um do maço. Sopra uma nuvem de fumaça pela janela aberta.

— Eu só fumo no carro. É o meu compromisso comigo mesmo.

Judy dá uma risada fraca. Só o suficiente para demonstrar que estava ouvindo.

— Posso perguntar uma coisa? — diz Hayes, e Judy fica tensa, esperando algo pessoal.

Ainda vai demorar muito tempo até ela se sentir à vontade o suficiente com seus colegas para contar alguma coisa sobre sua família ou sua história. Mas quando Hayes faz a pergunta, é algo razoável:

— Por que você entrou para a força policial?

Ela considera suas opções. *Eu queria ajudar as pessoas* soa banal. *Pensei que parecia interessante* é vago demais.

Por fim, surpreendendo a si mesma, conta a verdade.

— *Mod Squad* — responde Judy.

— *Mod*… — diz Hayes, como se não tivesse ouvido.

— *Mod Squad* — fala Judy. — Era o meu programa de televisão favorito.

Hayes começa a rir. Continua rindo até tossir e joga o cigarro pela janela.

— Caramba — diz ele. — É a primeira vez que escuto essa.

Judy sorri.

— *Mod Squad* — diz Hayes, rindo até um silêncio suave recair sobre o carro.

É quando o rádio comunicador ganha vida.

John Paul McLellan, em seu Trans Am azul, foi localizado e detido. Ele está na beira da rodovia, a pouco mais de quinze quilômetros ao sul.

Denny Hayes olha para ela. Depois para o relógio.

— Seis da tarde. Nosso expediente já acabou. Podemos ir para casa.

Ele olha para ela.

— É o que você quer fazer?

Judy balança a cabeça.

Hayes responde pelo rádio, liga a sirene e a luz magnética no teto, avança sobre o canteiro central gramado e inverte a direção.

Quando chegam, o policial estadual que o parou também algemou John Paul McLellan. Ele está sentado na grama perto do carro. Levou um soco. Vários socos, pela aparência dos lábios inchados e do olho roxo.

O policial informa: McLellan está obviamente bêbado. Na verdade, essa foi a primeira coisa que ele notou. Teria o parado de qualquer maneira, mesmo sem a busca pelo veículo. Ele falhou feio no teste de sobriedade de campo.

— Ele é todo seu — diz o policial.

* * *

— Eu estava num restaurante — diz McLellan, no chão.

É provável que "restaurante" signifique bar. O cheiro de bebida em seu hálito é evidente mesmo a vários metros de distância. Assim como o cheiro de maconha.

Hayes abre a porta do passageiro. Começa a vasculhar.

— Você não pode fazer isso — diz McLellan. — Não autorizei uma busca.

— Infelizmente para você — fala Hayes, com a voz tensa e abafada quando se abaixa no automóvel —, em virtude do fato de que o cheiro de uma substância ilegal é perceptível dentro do seu carro, tenho o direito de revistá-lo.

Em rápida sequência, Hayes encontra a bituca de um baseado, duas latas amassadas de cerveja e o que parece ser resíduo de cocaína no console central. E ele nem chegou ao porta-malas.

Com base nessas evidências, além da clara intoxicação de McLellan, ele ordena a prisão do rapaz.

Enquanto isso, Judy leva os documentos de McLellan até o carro dela e de Hayes e passa as informações pelo rádio para Ray Brook.

Do assento do motorista, enquanto espera por uma resposta, ela observa McLellan. Ele está fungando, a boca e o rosto se movendo de um jeito estranho. A princípio, ela atribui isso à cocaína; Judy nunca cheirou cocaína, mas viu pessoas no Ensino Médio fazendo isso, sobretudo garotos e outros atletas. Mas quando McLellan vira o rosto para cima, em direção ao sol, ela percebe que ele está chorando.

Hayes vai até o porta-malas. Ele o abre.

Seu colega está de costas para ela. Com as mãos enluvadas, ele remove um número improvável de objetos do pequeno porta-malas, colocando cada um cuidadosamente no chão. Taco de golfe. Taco de golfe. Bolsa de viagem. Mochila. Livro. Sapato. Livro. Sapato.

Por fim, Hayes pega um saco de papel.

Judy nota que McLellan não está mais olhando para cima. Encara fixamente o chão.

A cor do saco, que Hayes manuseia com cuidado, parece estranha. Não é como a maioria dos sacos de papel que Judy já viu antes.

E então ela percebe: o fundo do saco é mais escuro do que deveria ser.

Judy, mantendo um olhar atento em McLellan para garantir que ele ainda está sentado, sai do carro e caminha em direção a Hayes, que está agachado no chão, olhando para dentro da bolsa. Conforme ela se aproxima, ele começa a retirar cada objeto, um de cada vez, usando dois dedos enluvados para isso.

Roupa de baixo, short, uma camiseta. Pequena, branca e azul.

É um uniforme. Coberto, pelo visto, de sangue.

Judy olha para McLellan. Sua cabeça ainda está abaixada.

Ela olha para Denny Hayes, que está dizendo algo que Judy não consegue ouvir. *Merda. Merda.*

Seu rosto parece drenado de cor. Por trás de toda a sua pose, ele parece despreparado para aquilo. Hayes é pai, lembra Judy: apesar de tudo, ele tem os próprios filhos.

Todos os três ficam em silêncio no caminho para a delegacia, até que Denny resolve falar.

— Você a matou? — questiona ele, e o barulho da pergunta é como uma arma disparando. É como se Judy ouvisse o ar se movendo ao redor do carro.

Ela observa McLellan pelo retrovisor. Ele está olhando pela janela, sua expressão inescrutável. Por um tempo, acha que o rapaz não vai falar nada, até que ele responde.

— Invoco meu direito de não me incriminar — diz ele.

Falou, pensa ela, como o filho de um advogado.

Em Ray Brook, eles abrem um processo e o colocam numa cela. Ele tem o direito a um telefonema. Judy sabe, sem sombra de dúvida, quem estará do outro lado da linha.

Ela acerta. De sua boca sai uma voz trêmula:

— Pai?

E então a mão vai até a testa, escondendo o que Judy sabe que serão lágrimas de autopiedade.

Nada do que diz é surpreendente: ele se meteu em problema e precisa de ajuda. Precisa que seu pai o encontre.

— Judy, vá para casa — diz Hayes, ao entrar na sala.

São oito da noite. Ela não chegará a Schenectady antes das dez.

Louise

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

É quase meia-noite. Louise está numa cela há dez horas. Deram-lhe água, mas nada para comer.

Ela se sente tonta, doente. Queria respirar ar fresco.

Encara um copo de café já frio — algo que em geral não bebe — e toma um gole.

Por fim, ouve uma batida brusca na porta. Alguém a abre sem esperar por uma resposta.

É um homem, cinquenta anos, usando óculos grossos e um colete de lã sobre uma gravata marrom. Ele parece um professor de inglês, pensa Louise. Tem uma Coca-Cola nas mãos. O único sinal de que trabalha na polícia é o distintivo que usa. Ele se senta em frente a Louise, cruza as pernas.

Ela se prepara. Decidiu que vai contar a verdade a ele: não estava no chalé na noite que Barbara sumiu. Mas Annabel também não estava. As drogas na bolsa são de Annabel, não dela.

O homem não se apresenta, mas toma um gole da Coca-Cola e começa.

Algo em sua aparência e suas roupas a fazem esperar gentileza, mas seu tom é severo.

— Qual é a sua relação com John Paul McLellan? — pergunta ele, olhando direto para ela.

O homem não usa um bloco de notas para registrar suas respostas.

A pergunta a confunde: não era isso que Louise esperava discutir.

— Sou a noiva dele — responde Louise, automaticamente. — Estamos noivos. Estamos juntos há quatro anos.

— Hum — diz o homem.

Ela espera, cautelosa, por mais. E se força a ficar em silêncio.

— Não foi isso que ele disse sobre você — fala o homem.

Louise se move um pouco na cadeira. Não faça perguntas, ela diz a si mesma; Louise, não faça perguntas. Mas não consegue se conter.

— O que quer dizer com isso?

O homem cutuca a unha do polegar e tira um grão de terra. Ele funga, e seus óculos de aro grosso deslizam ligeiramente pelo nariz.

— Ele disse que vocês dois dormiam juntos — diz o homem. — Sabe, há um tempo. Algo que acabou, segundo ele, mas que você ainda está afim dele.

— Isso é balela — diz Louise, sem pensar.

— Onde está seu anel?

Louise cora. Isso sempre foi um ponto de discórdia entre ela e John Paul. Ele diz que quer dar a ela algo bonito — e que não tem condições até ter um emprego de verdade.

— Não estou usando hoje — diz Louise. — Não uso no acampamento. É bonito demais.

— Olha, eu não sei o que é verdade — diz o homem. — Foi o que ele disse. Só estou contando para você.

Louise olha para ele de soslaio.

— Qual é seu nome? — pergunta ela.

O investigador pisca.

— Você sabe o meu — diz ela. — Qual é o seu?

— Lowry.

— Eu não deveria estar falando com você, Lowry — diz ela.

— Quem lhe deu esse conselho?

Silêncio, Louise lembra a si mesma. Não diga nada.

Por um minuto, os dois ficam sentados sem falar nada. O homem se inclina na cadeira, mãos atrás da cabeça. Confortável. Ele olha pela única janela alta da sala.

O traje professoral, pensa Louise, é um ardil. Um truque criado para desarmar suspeitos. Este homem é como qualquer outro policial que ela já conheceu.

De repente, o estômago de Louise ronca tão alto que o som enche a sala.

— Com fome — diz o homem em uma afirmação, não uma pergunta.

Ele se levanta e sai. Retorna com uma maçã e uma faquinha. Ele descasca a maçã, corta-a em fatias e entrega a Louise os pedaços, um de cada vez, que ela não recusa.

— Por que está me perguntando sobre John Paul? — diz ela, quando a maçã está quase no fim.

— Não consegue adivinhar?

Louise não diz nada.

— Você sabe por que está aqui, não sabe? — diz o homem. Tentando de novo.

Mas, de novo, Louise não diz nada.

— Você foi detida por um crime menor. Posse de substâncias controladas. Estamos marcando uma audiência de fiança agora mesmo. É provável que aconteça amanhã. Mas está aqui por outro motivo também.

Silêncio. Ela espera. O homem a observa, analisando-a. Louise não gosta da expressão dele: Lowry acha que ela é impressionável, crédula, uma moradora local que nunca saiu de casa. Se ele soubesse, ela pensa; se soubesse os restaurantes que ela foi com John Paul, os filmes que ela viu. Os livros que ela leu, por recomendação de John Paul e por conta da própria curiosidade. Eu não sou como você pensa, ela quer dizer a ele. Mas o aviso de Denny — *não diga nada sem a presença de um advogado* — continua ocupando um lugar central na sua mente.

O homem se inclina para a frente.

— Sabemos que você sabe o que aconteceu com Barbara van Laar.

Isso a pega desprevenida.

— Eu não sei — diz Louise, antes de conseguir segurar a língua.

Mas por algum motivo, até para ela, as palavras soam falsas: agudas, uma nota de queixa em sua entonação.

— Isso também é diferente — diz o homem.

— Do quê?

— Do que o seu namorado disse.

Alice

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | **Agosto de 1975**

Foi para isso, pensou Alice, que a Autoconfiança tinha sido construída. Às dez da manhã, ela ficou no centro da sala e girou devagar enquanto, ao seu redor, a casa era ressuscitada. Eles não davam uma festa — o Adeus aos Borrachudos ou qualquer outra — desde o desaparecimento de Bear. Mas o centésimo aniversário da casa pareceu a Peter uma ocasião auspiciosa para reiniciar a tradição. Ele dissera que seria bom para os negócios. Peter tinha vários clientes em potencial que queria convidar.

O obstáculo era todo o trabalho que precisava ser feito. A maioria dos quartos da Autoconfiança estava fechada desde antes do nascimento de Barbara. Eles estavam sendo arejados, a poeira acumulada retirada dos móveis, as janelas abertas. Flores chegavam do florista deles em Albany. Flores silvestres, a mando de Peter: buquês de azedinha, de pingos-de-ouro e de lírios-de-cobra em vasos por toda a casa, em mesas de cabeceira em todos os quartos. Peter tinha mandado estofar o sofá e as cadeiras da sala e também tinha comprado móveis novos: três dúzias de cadeiras Adirondack, fabricadas na região, que foram dispostas num semicírculo no gramado que levava ao lago Joan. As antigas, lascadas e deterioradas, foram transformadas lenha por alguém da equipe.

A renovação não acontecera apenas com a casa. Nas últimas semanas, desde a partida de Barbara para o acampamento, Alice estava cuidando de si mesma, de sua aparência, pela primeira vez em anos. Foi uma reviravolta bem-vinda. A festa e seu planejamento reacenderam uma parte fundamental dela, sua personalidade. É claro

que ela nunca se abandonara, não por completo — mas também não fora tão cuidadosa com as roupas, a pele, as unhas. Antes ela usava um corte de cabelo volumoso que terminava na nuca. Muito chique, sempre lhe disseram. Mas, depois do desaparecimento de Bear, tinha parado de ir ao cabeleireiro de sempre, pois não queria responder perguntas repetidas vezes. Seu cabelo crescera muito, de forma vergonhosa. Para esconder o comprimento, ela o prendia num coque baixo.

Uma semana após a partida de Barbara para o Acampamento Emerson, ela pediu a um dos funcionários para levá-la até Albany, pois tinha um horário no cabeleireiro. Voltou com o cabelo liso e reto nas costas, recém-tingidos para esconder os fios grisalhos nas têmporas. Nas mãos trazia uma sacola da Whitney's, e dentro dela havia sete peças de roupa novas, incluindo duas minissaias e um biquíni. A vendedora, muito jovem, a incitou: "Afinal, você tem corpo para isso", dissera.

Sábado de manhã — o dia em que a festa começaria. Alice estava diante do armário, decidindo qual roupa nova usar.

— Sra. Van Laar — disse alguém.

Ela se virou. Era um jovem que ela não reconheceu a princípio. Um dos funcionários temporários que Peter havia contratado, imaginou, já que estava usando um uniforme.

— O que foi?

— Tem alguém na porta — disse o menino.

— Um convidado? — perguntou Alice, horrorizada.

Certamente não, pensou ela. Eram apenas onze horas. Os convidados não chegariam antes do fim da tarde.

— Não tenho certeza — disse o garoto. — É um casal. Eles são… — Ele hesitou.

E naquele momento Alice ouviu a voz de sua mãe, familiar e assustadora ao mesmo tempo, impaciente e indisposta.

Alice piscou, congelada. Ela não estava preparada para a chegada deles.

— Obrigada — disse ela ao garoto, que recuou.

E então, com relutância, Alice tirou do armário uma blusa de gola alta e uma minissaia de veludo cotelê e as vestiu.

— Por Deus, Alice — disse sua mãe, na sala.

Ela analisou a filha com um movimento dos olhos, de cima a baixo: o cabelo alisado, a saia curta, as pernas e os pés nus. E então anunciou:

— Você está *magérrima*.

Era e não era um insulto.

— Mãe — falou Alice. — Você chegou cedo.

— Bem, pensei que talvez precisasse de ajuda — disse a mulher, lançando um olhar pela sala em uma insinuação clara.

Às vezes, Alice ficava impressionada com a criatividade das críticas da mãe, a poesia do linguajar que ela usava para descrever tudo o que achava que faltava no mundo ao seu redor. Um tipo diferente de filha teria se distanciado dela há muito tempo, ou pelo menos tomado a decisão de rir de tudo aquilo. Mas, com mais de quarenta anos, Alice ainda — de maneira um tanto vergonhosa, percebeu — se esforçava para antecipar e afastar com sucesso as reclamações que emanavam da mulher, um dilúvio de observações projetadas para soarem neutras, cada uma mais cortante do que a anterior.

— Pode ir se aprontar — disse a sra. Ward. — Vou resolvendo as coisas por aqui.

Alice congelou. Ordenou a si mesma que dissesse: *Estou pronta*.

— Obrigada, mãe — falou em vez disso.

Ela evitou encarar o pai. Se o fizesse, teria chorado, pois sabia que ele estaria a olhando com algo como pena. Por que ela deixava tudo isso incomodá-la? A essa altura da vida? Peter vinha dizendo a ela havia anos… bem, não importava o que ele falava. Ele era parte do problema.

Alice recuou pelo corredor, agora consciente de seu corpo, das pernas nuas. Ela ainda sentia o olhar da mãe, queimando-a.

No quarto, Alice abriu a porta do armário e ficou ali por muito tempo, encarando, mas sem processar o campo de visão diante dela.

Havia cores, texturas e vestimentas de vários comprimentos.

E então, acima do cabideiro, outro pedaço de tecido chamou sua atenção, e ela o pegou.

Durante o tempo em que Alice estivera fora — a forma usada para se referir à sua estadia no Instituto Dunwitty —, o dr. Lewis havia instado o restante dos Van Laar a remover todos os indícios de Bear da casa em Albany e da Autoconfiança. E então seus dois quartos foram desmontados até os pregos. As paredes — antes cobertas, para a alegria de Bear, com um papel de parede com mapas do mundo — foram pintadas de branco. Suas roupas sumiram. Assim como brinquedos e livros. Essa, segundo o dr. Lewis, era uma maneira de deixar Alice se curar; e na casa dos Van Laar, o conselho do dr. Lewis — um amigo de Peter II de seus dias em Yale — era seguido.

Mas havia um objeto de Bear que eles não tinham visto.

Quando Bear nasceu, alguém lhe dera um cobertor azul com um acabamento de fita de seda num padrão de lua e estrelas. Conforme crescia, o garoto raramente ficava longe dele. Aos quatro anos, ele ainda o arrastava pela casa, e Peter ordenou que o cobertor fosse tirado do filho. Alice obedeceu, e o escondeu em uma prateleira de seu armário, embora o menino tivesse lamentado a ausência do cobertor na hora de dormir por uma semana.

Quando Alice retornou de seu tempo fora e viu que tudo o que lembrava Bear tinha sido removido da casa, sabia que deveria mascarar sua consternação. (Ela preferia estar lá, numa casa sem Bear, do que naquele lugar de novo.) Assim que pararam de monitorá-la, Alice se retirou para seu quarto e abriu a porta do armário. E lá estava: o cobertor que havia escondido há tanto tempo.

Alice pressionou o cobertor no rosto e passou as bordas desfiadas que Bear tinha o hábito de bater de leve com os dedos sobre a bochecha.

Ela não mudaria de roupa. Não diria nada para a mãe. Ela simplesmente não mudaria de roupa.

Alice colocou o cobertor sobre o rosto e se deitou na cama por um tempo. Ela não tinha tomado nenhuma das pílulas do dr. Lewis desde

a ida a Albany. Estava distraída com os preparativos da festa. Para variar, tinha algo para *fazer*, pensou. Não lhe ocorreu, durante todo o planejamento, ter um dia muito ruim.

Em algum outro lugar da casa, ouviu sua mãe dando ordens.

— *Ali* — dizia ela. — *Ali. Não. Sim. Não.*

Com um movimento mecânico, a mão direita de Alice foi até a mesa de cabeceira e abriu a gaveta. Ela sentiu a curva reconfortante do frasco lá dentro, e ouviu o chocalho reconfortante dos comprimidos, e colocou um deles na boca, e depois dois, e depois três, e depois quatro. Ela os mordeu e os mastigou. Deitou-se e colocou o cobertor de Bear de volta sobre o rosto. *Uma mortalha*, pensou ela, *um sudário*, e então riu um pouco de si mesma.

Quando abriu os olhos, ouviu vozes no gramado. Muitas vozes. Ela tentou se sentar, mas não conseguiu. Havia escuridão acima e ao redor dela. Desde criança, ela evitava cochilos, pois acordar deles lhe causava uma espécie de desespero sobrenatural. Bear também era assim: as únicas vezes que ele não parecia alerta eram depois do descanso da tarde.

Alice estava se sentindo assim. Apesar do calor da tarde, puxou as cobertas em volta de si.

Passado um minuto, ou uma hora, ela se levantou.

E então a mesa de cabeceira, a gaveta, os comprimidos. Mais dois. Três.

Ela andou com uma das mãos na parede. Tateou o caminho pelo corredor e entrou na cozinha, procurou um copo no armário, e então abriu a torneira da pia. A água vinha de um poço e tinha um gosto doce de terra.

Um pouco d'água escapou do canto de sua boca, e Alice passou a mão abaixo do queixo para limpar. E então ela notou um movimento: em sua visão periférica, uma forma humana hesitante. Ela se virou. A nova cozinheira. A garota da cidade. A sem nome.

— O quê? — disse Alice.

— Nada.

— Nada, *senhora* — falou Alice, mas a menina apenas piscou para ela.

Os armários. A parede. Os dois degraus que davam na sala. Cuidado, cuidado. O encosto do sofá. A lateral da lareira central, agradavelmente áspera.

Ela parou de repente na porta de vidro que levava ao gramado. Ali, diante dela, estavam os convidados — eram dela também, pensou — não apenas de Peter.

Eles tinham começado sem ela. Ninguém havia pensado em acordá-la — nem mesmo seu próprio marido. Lá fora, no sol, todos estavam inclinando seus copos para trás, inclinando as cabeças para trás em alegria.

Ela examinou a multidão em busca de Peter e o viu conversando com os McLellan: marido, esposa, filha, filho, cada um, pensou Alice, terrível de uma maneira diferente.

Ela se moveu como se fosse colocar a mão na porta de vidro, mas descobriu que a porta estava aberta. E então se inclinou para a frente, através dela, o que fez uma mulher a três metros de distância gritar seu nome alegremente — "Alice!" — e então se calar.

A multidão, tendo ouvido essa saudação, virou-se — e então se calou.

Alice se deu conta de algo: havia remédio demais dentro dela. Principalmente após uma semana sem tomar nada. E depois de um dia sem comer. Ela colocou a mão no cabelo e percebeu que estavam desgrenhados, com grandes mechas na frente das orelhas. Colocou a mão na roupa, na saia curta, e percebeu que estava muito alta na cintura.

Os olhos dela foram em direção aos de Peter. Ele estava muito longe. Ele dizia algo aos McLellan, algo sobre ela: viu movendo a boca. O filho dos McLellan, John Paul Jr., tinha se tornado um homem. Ele assumiria os negócios, diziam, e ela percebeu que ele já tinha o ar que todos aqueles homens tinham. A sensação de que lhe deviam algo. Tudo.

Em meio à névoa de sua intoxicação, Alice teve um déjà vu: a sensação de estar vivendo uma série específica de cenas pela segunda vez na vida.

Ela colocou a mão no rosto para ter certeza de que estava inteira.

Então recuou.

De volta para dentro de casa, para sua sombra, de volta pelo corredor em direção ao quarto de Bear, impossível de ser contida, onde se deitou na cama que não era mais do filho, onde se enrolou em outro arranjo apertado de ossos e carne, onde, várias horas mais tarde, dois hóspedes a encontrariam profundamente adormecida.

Lá fora, ela ouviu de novo as vozes de seus convidados aos poucos voltando a se transformar em alegria.

A festa continuaria sem ela.

Louise

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

Louise se sente enjoada.

— Não acredito em você — diz, repetindo sem parar.

— Problema seu — fala o detetive. Lowry.

Ela tem a sensação de que já revelou mais a ele do que deveria. Mas se tem uma coisa que a deixa irritada é ser alvo de acusações falsas. Durante toda a sua vida, as pessoas inventaram mentiras sobre Louise. Só naquele dia já tinha acontecido duas vezes: primeiro Annabel, depois isso. Seu rosto está quente de raiva com a injustiça de tudo aquilo. Ela se irrita. Não consegue se segurar.

— Você está mentindo — diz ela, o coração acelerado.

— Não — diz Lowry, com uma espécie de segurança calma que a faz querer estender a mão sobre a mesa e…

— Quando começou? — diz Lowry.

— Vá se foder — fala Louise.

— Tudo bem — diz Lowry. — Podemos ficar aqui um pouco mais. Não tenho compromissos mais tarde.

John Paul, diz Lowry, foi encontrado com uma sacola de roupas de Barbara. Sujas de sangue, acrescentou ele, encarando Louise nos olhos enquanto falava.

Ele declarou que não fazia ideia do que havia na sacola, disse o detetive.

Mas falou que Louise o pedira para se livrar daquela sacola para ela.

— Sabe o que isso me lembra? — perguntou o detetive. — A outra sacola que você pediu para alguém se livrar para você hoje de manhã.

Louise olha para Lowry firmemente, o rosto corado de raiva. Ela tenta e não consegue manter a voz firme.

— É o seguinte: não tenho nada a ver com nenhuma dessas sacolas. Eu sabia sobre a de Annabel. Mas aquelas coisas eram *dela*. Não minhas.

Lowry a avalia.

— Entendi — fala ele. — Barbara parecia ter bem mais do que treze anos.

O estômago de Louise se revira. Já ouvira muitos comentários daquele tipo se referindo a ela.

— Não, não parece — diz, cuidadosa ao usar o tempo presente, para desviar do que ela supõe ser a armadilha gramatical que o detetive preparou. — Ela parece uma garota de treze anos que usa delineador preto. Parece uma criança.

Lowry assente.

— Acho que também consigo ver isso — diz ele. — Faz sentido, na verdade.

Ela não morde a isca.

Ele tenta de novo.

— Há quanto tempo você conhece Lee Towson?

Louise fica em silêncio. Imagina Lee de avental, sorrindo para ela da cozinha do refeitório. Imagina onde ele está neste momento.

— Foi ideia dele, certo? — diz Lowry. — Towson pediu para você levá-la até ele?

O absurdo da acusação a deixa irritada, mas ela entende, de uma nova maneira, que Denny Hayes estava certo quando lhe aconselhou a pedir um advogado. Nada do que ela disser vai ajudá-la.

— Por que estou detida, afinal? — diz Louise, por fim.

Sua fome se tornou náusea.

Lowry olha para ela, surpreso.

— Não pode me manter aqui, pode? — pergunta Louise. — Posso ir embora?

— Não — responde Lowry, balançando a cabeça. — Tecnicamente, você está sendo acusada de posse de substância ilícita.

— Isso também é mentira — diz Louise.

— Bem, ainda não podemos afirmar com certeza. Tudo o que sabemos é que essa é a acusação que foi feita contra você. Então, até que a fiança seja definida e você a pague, permanecerá conosco.

— Mas não é exatamente por isso que estou sendo mantida aqui — diz Louise.

Lowry sorri.

— Aposto que você era boa aluna — comenta ele.

Louise não diz nada.

— Louise — diz Lowry. — Se você terminou de falar comigo, tudo bem. É um direito seu. Mas me escute. Vou lhe contar algo que acho que pode ajudar.

Ele faz uma pausa, toma um gole da Coca-Cola. Do bolso interno do casaco, tira um biscoito de aveia com passas, envolto em plástico, amolecido pelo calor. Lowry, então, remove a embalagem devagar, mergulha o biscoito em seu café e começa a comer.

— A pena máxima para posse de substância ilícita é de cinco anos — diz ele, mastigando.

Louise empalidece. Em cinco anos, seu irmão Jesse terá dezesseis. Praticamente um adulto. Em cinco anos, será tarde demais.

— Mas se você tiver informações sobre o paradeiro de Barbara van Laar… qualquer coisa que possa nos ajudar… podemos te ajudar também.

Louise está olhando para a mesa. Se olhar para cima, tem medo de que as lágrimas que está lutando para manter nos olhos comecem a escorrer. Ela prefere morrer ou ser presa a deixar esse homem vê-la chorar.

— De qualquer forma, posso ligar agora — diz Lowry. — Para marcar uma audiência de fiança. Porém…

Ele verifica o relógio de pulso de forma teatral.

— Já é tarde. Talvez o juiz só esteja disponível amanhã.

Lowry sai da sala.

Louise está sozinha.

Por um tempo, ela fica quieta, deixando o desastre recair sobre seus ombros. Sua primeira emoção é o horror de que John Paul tenha

feito algo tão maligno quanto aquilo. A segunda é medo. Que a polícia acredite nele em vez de acreditar nela.

Uma coisa é fato: ele sempre teve um lado ruim e vingativo. Ela viu esse lado dele, sobretudo com outras pessoas, sobretudo com outros garotos em festas, quando todos estavam bêbados e chapados.

Apenas uma vez ele mostrou esse lado para ela.

Louise

Década de 1950 | 1961 | **Inverno de 1973** | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Era seu segundo inverno no Garnet Hill Lodge. Naquela segunda-feira, um dia naturalmente tranquilo, o frio extremo fez com que tantas reservas fossem canceladas que o chefe de Louise a deixou sair mais cedo. Entediada e solitária, Louise aproveitou a oportunidade para pegar emprestado um carro da equipe e ir até a Union College.

Naquele ano, John Paul estava morando numa república com outros rapazes; e um deles abriu a porta ao som da batida de Louise.

— John Paul saiu — disse ele, depois de levar alguns segundos para registrar o rosto dela.

— Ah — falou Louise.

Do fundo da casa veio um barulho do que parecia ser uma festa. Uma nota baixa e monótona soava sem parar: um disco arranhado. Uma garota ria alegremente. O disco foi consertado. Um garoto gritou.

Louise reconheceu a voz.

— Steven — disse ela. — Acho que ele está em casa.

Lá dentro havia uma dúzia de pessoas de pé ou sentadas em pequenos grupos enquanto um disco do Led Zeppelin tocava ao fundo.

A maioria eram garotas que Louise não conhecia. Jovens: calouras, provavelmente. Estavam bem-vestidas, usando roupas de sair, os cabelos lavados e escovados. Para onde estavam indo numa noite tão fria?, pensou Louise, até que percebeu que aquela casa era o destino delas, e seus moradores, o motivo para tomarem tanto cuidado com a aparência. Louise, de parca e chapéu, sentiu-se como um boneco de neve amigável.

Do outro lado da sala, John Paul oscilava de leve, exibindo uma espécie de embriaguez que fez o peito de Louise apertar. Ele segurava uma cerveja e não usava camisa, apesar do frio. A pele dos ombros e do peito estava rosada. John Paul tinha uma constituição magra, uma bela cabeleira e dentes muito brancos; em geral Louise o achava bonito. Mas a maneira mais rápida de estragar um homem atraente era enchê-lo de bebida. Homens bêbados a assustavam. Ela aprendera ainda nova a mimá-los, a rir apenas o suficiente de suas piadas ruins para evitar que se sentissem insultados, mas não tanto a ponto de incitá-los. Enroladas logo abaixo de uma superfície de bom humor estavam a força e a maldade daqueles homens, duas armas esperando para disparar.

— Louiiiiiiise — disse John Paul quando a viu. Ele cambaleou pela sala, colocou os braços em volta dos seus ombros e inclinou-se com tanta força sobre ela que os dois quase caíram.

— *Quem são essas pessoas?* — sussurrou ela.

— Novos amigos — disse ele, com a fala arrastada. — Você vai gostar deles. Vamos.

Mas não houve apresentação nenhuma, e então, por um longo tempo, Louise ficou sentada num sofá sem bebida nas mãos, vestida com a camisa polo com o emblema do Garnet Hill Lodge, seu maldito uniforme de trabalho, observando as pessoas ao seu redor ficarem mais bêbadas, a música ficar mais alta, a atmosfera de sexo em potencial ficar mais densa e óbvia.

As meninas a lembravam de algo ou alguém, muitos alguéns, e com um sobressalto ela enfim percebeu que eram suas campistas do Acampamento Emerson. Não apenas em riqueza e porte, mas também em juventude; a mais nova parecia ter dezesseis ou dezessete anos. Duas delas começaram a dançar uma com a outra num deslizar vacilante, e Louise viu que John Paul as observava. Foi nesse ponto que ela subiu para o quarto dele, sem dar boa-noite.

Ela quase nunca fumava, mas viu o maço de John Paul na mesa de cabeceira e um isqueiro prateado ao lado, com as iniciais *JPM* gravadas na lateral, acendeu um e fumou. Gostou do calor que gerou em seus pulmões.

Louise colocou o isqueiro no bolso. Queria pegar algo dele.

Ela apagou o cigarro e ficou ali por um longo tempo. Havia uma janela ao lado da cama, e olhou para fora e viu que a lua estava quase cheia. Lá embaixo, ela ouviu a música mudar para algo calmo. Não sabia que horas eram.

* * *

Louise acordou com o som da porta se escancarando. Ela se sentou de imediato, a mão no coração. Lá estava John Paul, uma sombra parada na entrada do quarto.

No primeiro andar, as pessoas ainda conversavam.

— Aonde você foi? — perguntou ele.

Sua voz estava baixa. Era impossível saber se ele estava mais sóbrio ou mais bêbado do que antes.

— Vim dormir — respondeu ela.

— Não fale comigo como se eu fosse burro — disse ele, uma de suas frases preferidas em qualquer briga. Ele não era burro. Precisava que todos soubessem disso. — Por que não disse para onde ia?

Louise sentiu raiva subindo pela garganta. Em geral, ela pensava com cuidado em tudo o que dizia a John Paul, mas naquela noite baixou a guarda.

— Não queria atrapalhar.

— O que você disse?

— Achei que se divertiria mais sem mim.

John Paul fechou a porta, fazendo com que o quarto voltasse a ficar escuro. De repente, ela não conseguia mais vê-lo. Algo em Louise acordou o suficiente para ficar assustada.

— John Paul — disse ela, e então as mãos dele estavam sobre Louise, tateando-a com força, puxando-a da cama pelas roupas.

— Com quem você transou? — perguntou.

O tom de voz estava alto demais. Ela se encolheu. O falatório lá embaixo parou. Estavam escutando.

— *Shhhh* — disse ela, lembrando-se tarde demais de que ser silenciado era um dos gatilhos de John Paul, que dizer a ele para baixar a voz era pior do que lhe dar um tapa na cara.

Ele havia dito isso a ela com essas palavras.

— Não me mande calar a boca — falou ele. E gritou: — Eu te fiz uma pergunta. Com. Quem. Você. Transou?

Uma risadinha lá de baixo.

— Com ninguém, com ninguém — sussurrou Louise, cheia de urgência.

John Paul apertou a gola de sua camiseta com mais força.

— Tem certeza? — disse ele. — Porque eu sei que você é bem capaz disso. Eu já vi.

Uma vez, pensou Louise. Só uma. Na primeira semana em que ficaram juntos. Seu segundo mês na Union. Tão bêbada que mal se lembrava. Tão bêbada que não foi certo.

— John Paul — disse Louise. — Eu vim dormir. Estava cansada.

Ele a segurou daquele jeito por mais alguns segundos, respirando perto demais de seu rosto. Então, devagar, a soltou. Deixou os braços caírem e deu um passo cambaleante para trás.

Os olhos de Louise estavam se ajustando. Os óculos de John Paul brilhavam com a luz da rua que vinha de fora. Ele colocou as mãos na cintura, abaixou a cabeça por um instante. Então passou por ela e desabou na cama, na diagonal, ocupando muito espaço. Não havia espaço para ela.

Louise olhou para ele. Não queria acordá-lo. Não queria despertar sua ira uma segunda vez. Ela poderia dormir no chão. Ou poderia sair naquele frio, entrar em seu carro de trabalho, torcer para que ele pegasse, torcer para que um posto de gasolina estivesse aberto àquela hora da noite. Ela poderia voltar ao Garnet Hill Lodge. Ela poderia deixar John Paul para sempre.

Uma pequena chama de raiva queimava em seu estômago.

— Espero que você morra — disse a John Paul, antes que pudesse se conter.

Ele foi para cima dela. Com a mão esquerda segurou sua blusa. Com a direita a socou duas vezes, enquanto ela agitava os braços, tentando proteger o rosto. Ela o chutou, caiu no chão. Enrolada como uma bola ali, protegendo a cabeça, tentando proteger a barriga. Ele a chutou uma vez, forte, nas costas.

Não chore, disse Louise a si mesma. *Não chore.*

Era um instinto doentio, projetado para sacrificar seu corpo a serviço de seu orgulho. Para Louise, a ideia daquelas garotas no andar de baixo, em suas roupas de sair, estarem ouvindo ela ser espancada, era insuportável.

John Paul, acima dela, ofegava.

— Repita — disse ele.

Ela ficou em silêncio.

Esperou por um tempo. Em sua mente, fez uma lista: as chaves do carro estavam na mesa ao lado da porta da frente. Sua bolsa estava no chão ao lado da cama, mas ela a deixaria ali. Seria muito difícil encontrá-la no escuro.

— Diga *espero que você morra, John Paul*. Diga!

Ela continuou quieta por mais alguns instantes e então o agarrou pelos joelhos com toda a força. Louise era menor do que ele, mas tinha as vantagens da sobriedade e da gravidade. Ela o derrubou e ele caiu no chão, com força, e Louise pulou — a dor no rosto e nas costas ainda intensa — e desceu correndo a escada. Enquanto pegava as chaves na mesa, ela o ouviu trovejando atrás dela, descendo a escada.

Louise sentiu os rostos que a observavam da sala de estar. Não se virou. Abriu a porta da frente e quase morreu ao escorregar nos degraus congelados, mas se endireitou. Entrou no carro e tentou ligá-lo, uma, duas, três vezes. Era muito difícil dar partida no frio.

John Paul saiu da casa e seguiu para os degraus, mas o gelo a salvou. Ao contrário de Louise, ele caiu, com força, e ficou lá. Foi quando o carro pegou, foi quando ela deu marcha a ré rápido na rua escura e vazia e depois jogou a primeira, a segunda, a terceira, a quarta.

Seu coração ainda batia forte. O medidor de combustível indicava um quarto do tanque, talvez um pouco menos. Não seria o suficiente para levá-la de volta ao Garnet Hill Lodge; disso ela sabia. E sua bolsa estava ao lado da cama de John Paul.

Ambos os olhos estavam inchados, mas o esquerdo estava pior. Ela abaixou a janela e pegou do topo do retrovisor uma pequena pedra de

gelo que havia se formado ali. Ela o segurou sobre um dos olhos, depois o outro.

Louise estava quase sem gasolina quando se aproximou da saída para Shattuck. O Garnet Hill Lodge ficava a meia hora dali pela rodovia, e ainda teria pela frente mais 45 minutos de estradas locais. Ela poderia ir para casa, poderia entrar furtivamente e sair furtivamente de novo no início da manhã e torcer para que Jesse e sua mãe não a vissem e ao seu rosto mutilado. Mas e se vissem, pensou Louise, e se Jesse a visse?

Ela pegou a saída. Não tinha escolha.

E então, esperando no sinal no final da rampa de saída, teve uma ideia.

Ela nunca tinha ido à Reserva Van Laar no inverno. Não fazia ideia de quanta neve encontraria. Nas montanhas Adirondack, a neve acumulava rápido e raramente derretia, de modo que em março era possível se ver com neve até a cintura nas áreas que não eram limpas por serviços privados. Mas ela tinha ouvido falar que a família passava o Natal lá, e não houvera nenhuma grande tempestade desde então.

Quando ela chegou, às duas da manhã, a entrada estava limpa. No final da entrada, a enorme casa escura estava adormecida. Ela desligou os faróis e esperou até que seus olhos se ajustassem. Nenhum sinal de qualquer pessoa no terreno. A lua estava brilhante naquela noite e a neve a refletia. Era fácil de ver, mesmo àquela hora. Ela saiu do carro.

Louise já não sentia os pés quando entrou no Bálsamo.

Ela procurou, tateando ao lado da porta, a lanterna que ficava numa saliência durante todo o verão, e ficou feliz quando seus dedos a tocaram.

No caminho para o chalé, tinha pegado o máximo de lenha e gravetos que conseguia carregar da pilha de madeira na varanda do refeitório e os levou para a lareira desativada ao longo de uma das paredes do Bálsamo — um dos poucos resquícios de sua história como chalé de caça.

Ela iluminou a chaminé com a lanterna, e a saída lhe pareceu limpa o suficiente. Então, usando o isqueiro que havia roubado de John Paul e rezando para que o fogo pegasse, acendeu um fogo crepitante.

Louise arrastou uma das camas o mais perto possível da lareira sem se queimar. Tirou as botas e as meias encharcadas e colocou-as na frente do fogo, assim como os pés, para que esquentassem. Então se cobriu com o colchão fino e mole de outra cama.

Louise adormeceu ali.

Pela segunda vez naquela noite, ela foi subitamente despertada.

— Levante-se — disse uma voz.

Louise estava desorientada. No calor do fogo, seus olhos tinham inchado e se fechado quase completamente, e ela só conseguia distinguir uma figura segurando um objeto em cada mão. Um deles parecia ter o formato de uma pistola; um braço estendido o erguia em sua direção.

— Levante-se — disse a voz pela segunda vez.

A dor nas costas e nas costelas fez Louise se mover devagar, mas enfim ela se levantou.

A figura abaixou o braço.

— Louise Donnadieu? — falou, após uma pausa.

Então, com o objeto da outra mão — um extintor de incêndio —, a figura lançou um jato de espuma nas chamas pelo que pareceu um tempo muito longo, até que o frio e a escuridão voltaram a invadir o chalé, e Louise começou a tremer de novo.

Em algum momento daquele minuto passado em silêncio, Louise entendeu que aquela figura era T.J. Hewitt.

— Achei que você seria mais esperta e não acenderia uma lareira tão velha — disse T.J. — Quase botou fogo no chalé inteiro.

— Eu não sabia que você morava aqui o ano todo — disse Louise.

— Onde mais eu moraria? — perguntou T.J.

— Acho que pensei que você morasse na cidade.

— E que cidade seria essa?

Louise ficou em silêncio. A vergonha estava começando a aparecer, e também o arrependimento. De todos os que já tivera, aquele era o seu emprego favorito, e era muito provável que o perdesse depois disso.

— Quem fez isso com seu rosto? — questionou T.J.

Louise não respondeu. Ela se levantou e virou-se para encarar a chefe quase invisível na ausência do fogo.

— Você tem gasolina? — perguntou ela.

No Chalé da Diretoria — a verdadeira casa de T.J., Louise por fim entendeu —, T.J. acendeu um fogo de verdade. A luz e as sombras tremeluziam nas paredes ao redor. T.J. tinha colocado um pedaço de carne congelado sobre metade do rosto de Louise, dizendo que ajudaria no inchaço. Com o outro olho, o aberto, Louise via a história do chalé: as estantes repletas de romances e manuais; as fotos penduradas nas paredes de madeira, as gravuras desbotadas de ursos, pássaros e manhãs tranquilas em lagos adormecidos. Numa parede, um mapa de todo o Parque Adirondack. Na outra, um pôster de pegadas de animais.

T.J. foi até a pequena cozinha ao lado da sala e ficou diante do fogão, mexendo numa panela. Louise a observou. Naquela época, ela usava uma longa trança que pendia reta pelas costas. O restante dela era pouco mais largo do que a trança, mas T.J. era forte: não havia dúvidas quanto a isso. Os músculos de suas pernas e seus braços ficavam nitidamente à mostra durante todo o verão, acima das meias, abaixo das mangas da camiseta. Louise a vira carregando casualmente uma longa canoa de madeira acima da cabeça: um feito que teria sido difícil até para um homem.

T.J. dissera que tinha gasolina, mas estava bem depois da casa principal, e, francamente, naquele momento, Louise só queria descansar. Louise dormiria no chalé com ela naquela noite. E resolveriam a questão do carro pela manhã.

Segurando uma cumbuca de sopa em uma das mãos e um copo d'água na outra, T.J. voltou à sala e colocou ambos numa mesa baixa na frente de Louise. Pegou o bife no rosto de Louise. Ela o segurou

distraidamente em ambas as mãos, o sangue pingando, e olhou para Louise enquanto começava a comer e beber.

— O que foi? — disse Louise, que nunca tinha gostado de ser observada de perto, muito menos com o rosto naquele estado.

— Só estou pensando se você precisa ir ao médico.

— Não — disse Louise.

— Você está com algum ferimento interno? Ele chutou você?

Louise fez uma pausa, reconhecendo a armadilha. Ela poderia evitá-la. *Quem me chutou?* Mas, certa de que tinha perdido o emprego de qualquer maneira e de que nunca veria T.J. novamente, assentiu.

— Chutou — disse ela. — Mas não acho que estou com um ferimento interno. Meu rosto dói mais.

T.J. assentiu. Voltou para a cozinha para guardar o bife. Louise sabia que ela aprovava a honestidade. Era um dos assuntos que expunha todo verão, no início da estação. *Honestidade. Integridade. Vigilância.*

— Foi o seu namorado? — falou T.J. por cima do ombro.

— Foi — disse Louise.

— Quer que eu mate ele? — perguntou ela.

Louise sorriu, mas em seguida se encolheu de dor.

De repente, T.J. se levantou e andou pelo corredor, e Louise se perguntou se ela estava indo se deitar. Mas um momento depois ela voltou, segurando algo. Uma grande fotografia, sem moldura.

Louise teve que segurar o olho aberto com dois dedos para inspecioná-la. Era uma foto de um grupo de pessoas, de pé na margem do lago da Autoconfiança, organizadas em três fileiras. Na fileira da frente, sentadas, estavam crianças de várias idades; atrás delas, adultos. Suas expressões eram felizes. O fotógrafo os havia capturado em vários estágios de conversa e riso. Apenas algumas delas sorriam para a câmera.

Louise virou a fotografia. No verso, escrito em tinta preta: *Adeus aos Borrachudos. 1961.*

Ela olhou para T.J., sem entender.

A diretora sentou-se ao lado dela no sofá. Olhou para a foto. Apontou para uma garota alta e magra, de doze ou treze anos, parada

na beirada da segunda fileira.

— Essa sou eu — disse T.J. — Eu tinha mais ou menos a idade das suas campistas.

Ela apontou para o homem alto ao seu lado, com uma das mãos em seu ombro.

— É o meu pai — disse ela.

— Ele parece legal — falou Louise.

— *Legal* não é a palavra certa — disse T.J. — Mas ele é bom.

Então ela moveu o dedo para baixo na fotografia, para um garoto de uns dez anos, sentado de pernas cruzadas no chão na primeira fila. Ele era louro e sorria de forma travessa, um ombro mais baixo que o outro.

— Reconhece? — perguntou.

Louise reconhecia vagamente, mas não sabia por quê.

— É o seu namorado — disse T.J.

Louise inclinou a cabeça. Abriu a pálpebra inchada. Seu olho estava lacrimejando. Ela tentava encontrar um ângulo que a deixasse ver com mais clareza.

Com certeza era John Paul. Ela tinha visto uma foto dele naquela idade, na mesa de seu quarto na Union College. Na foto, ele estava com outro garoto. Ela só tinha perguntado sobre a foto uma vez, e ele desconversou. “Um velho amigo”, dissera.

— John Paul McLellan — falou T.J.

Ponderando. Lembrando-se de alguma coisa… desagradável.

— Como você sabe que ele é meu namorado? — perguntou Louise.

— Como você acha que conseguiu esse emprego?

Isso a acalmou por um tempo. Ela não gostava de pensar em si mesma como alguém com conexões. Tudo o que já conseguira tinha sido por mérito próprio. — Até conhecer John Paul.

— Eu sempre odiei ele — disse T.J. — Não fui eu que escolhi contratar você. Foi a família.

Então ela se levantou abruptamente e caminhou de novo pelo corredor. Só que dessa vez não voltou.

Louise colocou a foto na mesa baixa à sua frente. Pensou um pouco.

Passados uns minutos, ela a pegou de novo.

1961, dizia o texto no verso: o ano do desaparecimento do filho dos Van Laar.

Ela inspecionou a foto com mais cuidado. Havia doze pessoas na fileira de trás; catorze na fileira do meio, incluindo T.J. e seu pai parados num canto; e dez crianças sentadas no chão na fileira da frente. De um lado de John Paul estava uma garota que provavelmente era sua irmã, Marnie, com o rosto carrancudo, parecendo incomodada com alguma coisa — a mesma expressão de quando Louise jantara com a família.

Mas do outro lado de John Paul havia algo mais interessante: um garotinho um pouco mais novo que ele. Oito anos, mais ou menos. Sorria largamente, com os dois braços levantados. Uma mulher na fileira atrás dele — sua mãe, presumiu Louise — segurava as mãos do menino e sorria para ele, a cabeça abaixada na direção do filho.

Ela o reconheceu, de repente, de duas formas diferentes.

Era o garoto na foto sobre a mesa de John Paul. *Um velho amigo*, dissera. E não lhe contara mais nada.

Aquele era Bear van Laar, o filho desaparecido da família, o assunto de tantas histórias sussurradas no Acampamento Emerson. Ela nunca tinha visto uma foto dele.

O fogo atrás de Louise crepitou, e a moça deu um pulo.

De manhã, Louise acordou e percebeu que a foto não estava mais lá, e que sua anfitriã lhe estendia o telefone.

— Que horas são? — perguntou Louise.

— Dez e meia. Você dormiu bem.

— Merda — disse Louise. — Merda.

Ela precisava estar de volta ao Garnet Hill Lodge ao meio-dia. O carro dos funcionários ainda estava com ela — e sem gasolina.

Louise pulou, estremecendo. Começou a tatear ao redor em busca das botas.

— Louise — disse T.J., calmamente. — Pense um minuto.

— Tenho que ir — falou Louise. — Preciso trabalhar.

— O que vai dizer a eles quando virem o seu rosto desse jeito?

Louise fez uma pausa.

— Que fui esquiar à noite. E bati em uma árvore.

— Bom, não vão deixar você trabalhar desse jeito — disse T.J. — E você não deveria dirigir com o olho tão inchado. Então é melhor ligar e dar essa desculpa do que falar ao vivo.

Louise nunca havia faltado ao trabalho na vida. Isso era motivo de orgulho para ela. Era uma das coisas que T.J. sentia sobre ela, pensou; uma das razões pelas quais T.J. gostava dela.

— Vá em frente — disse. — Eu te dou minha permissão.

Elas foram interrompidas por uma tosse repentina vinda do corredor, alta o suficiente para fazer Louise dar um salto.

— Ah — disse T.J. — É o meu pai. Eu deveria ter contado para você que ele está aqui.

— Ele mora com você? — perguntou Louise.

No verão passado, ela soubera que o antigo diretor, que havia sido destituído, ainda estava vivo, mas nunca o vira nas imediações.

— Mora — respondeu T.J.

Louise pensou.

— Se eu ficar aqui, e você sair — disse ela —, ele vai precisar da minha ajuda em alguma coisa?

— Não. Temos um sistema muito bom. Volto uma ou duas vezes por dia para cuidar dele. Ele fica bem sozinho. Não precisa de muita coisa.

Louise não disse nada.

— Você parece assustada — disse T.J., sorrindo. — Ele é tímido, mas não morde.

Louise ficou na casa de T.J. por uma semana. Como ela cuidava do pai apenas no quarto dele — levando-lhe refeições leves numa bandeja de chá e retornando vinte minutos depois com uma tigela vazia —, Louise cruzou com Vic Hewitt apenas duas vezes: na primeira vez, saindo do banheiro após um banho no mesmo instante que T.J. saía do quarto com o pai. Caminhando atrás do velho, ela o apoiava com cuidado: braços sob as axilas, mãos firmemente entrelaçadas na frente dele.

Louise se engasgou antes que pudesse se conter, e então disse:

— Desculpe, desculpe.

Havia algo tão íntimo naquele momento que Louise se sentiu culpada por vê-lo. Ela abaixou a cabeça.

— Tudo bem — disse T.J. —, só saia do caminho para que eu possa passar com ele.

E Louise recuou para o outro quarto, permitindo que eles passassem.

Ela mal vira o rosto dele.

A primeira vez foi um acidente; a segunda foi intencional. Depois que T.J. saiu uma manhã, Louise observou pela janela até ela estar a cem metros de distância, uma figura escura na neve. E então ficou imóvel: do outro lado do corredor, pensou ter ouvido vozes baixas vindas do quarto de Vic Hewitt.

Ela andou pelo corredor, prendendo a respiração, cada passo mais leve que o anterior. A porta do quarto do sr. Hewitt estava encostada, sem estar totalmente fechada; Louise percebeu a frestinha aberta e encostou o rosto ali, e então foi empurrando-a, pouco a pouco, até conseguir ver o interior.

Vic Hewitt estava deitado em cima dos cobertores, vestido com calças de veludo cotelê e um suéter, os pés longos descalços. Ele estava magro de doer — muito diferente da figura alta e larga que T.J. havia apontado na fotografia em preto e branco do início da última década. Ele olhava para o teto, piscando.

Louise percebeu que as vozes emanavam de um grande rádio logo à direita da cabeça dele. Um locutor deu um indicativo de chamada que ela reconheceu imediatamente: *WNBZ, de Saranac Lake*. Era a única estação de rádio que chegava à cidade de Shattuck.

Ela abriu a porta um pouco mais, esforçando-se para ouvir as notícias, quando de repente o sr. Hewitt falou.

— Olá — disse ele, sem virar a cabeça.

Louise achara que ele não tinha percebido sua presença.

— Olá — respondeu ela.

— Quem é você?

— Louise — disse ela.

Silêncio.

— O senhor precisa de alguma coisa? — perguntou Louise.

Mas ele não disse mais nada, e, por fim, Louise recuou.

Enquanto T.J. estava fora, Louise lia os livros das estantes, muitos deles manuais e guias, mas vários eram clássicos da literatura americana e britânica, o tipo de livro que Louise teve que ler durante seu único ano na faculdade. Ela havia lido *Walden* por puro tédio e se havia se sentido incomodada com Thoreau: sua autoestima, o tom de superioridade, os conselhos tão óbvios que chegavam a ser insultantes. Era uma pessoa rica brincando, pensou Louise. Havia pessoas pobres muito mais engenhosas e autossuficientes do que ele; elas apenas tinham a graça e a autoconsciência de não se gabar disso.

— Você leu esse? — perguntou a T.J., depois do retorno dela, e quando T.J. assentiu, Louise compartilhou esses sentimentos em voz alta.

A diretora estava abrindo armários na cozinha, pegando panelas e frigideiras.

— Ah — disse T.J. — Ele não era tão ruim assim, era? — Mas T.J. sorria, e Louise se convenceu de que ela concordava.

À noite, elas jogavam cartas — 500 rum, principalmente — quase sempre em silêncio, até Louise ficar confortável e inquieta o bastante para começar a fazer perguntas sobre a vida de T.J. Algumas delas T.J. respondia na hora; de outras, ela se esquivava. Entre as coisas sobre as quais T.J. não falava estavam: os Van Laar, os filhos dos Van Laar e os convidados que os Van Laar recebiam. Coisas sobre as quais T.J. ficava feliz em falar: a operação do Acampamento Emerson, sua paixão por caça e pesca, reparo e manutenção de casas, cronogramas de plantio e — acima de tudo — seu pai. Sobre Vic Hewitt, T.J. ficava feliz em falar por muito tempo. Ela presenteava Louise com histórias de sua inteligência, sua habilidade, seu temperamento tranquilo.

De todas as histórias que contou, as que eram sobre seu pai chegavam mais perto de revelar alguma informação sobre os próprios Van Laar, porque quase todas envolviam Vic corrigindo ou prevenindo alguma má administração da propriedade em si. Mas ela nunca dizia

os nomes deles, notou Louise; na verdade, T.J. dava a impressão de preferir fingir que eles não existiam.

Toda noite, T.J. tomava exatamente um quarto de copo de uísque. Ela sempre oferecia um pouco a Louise. Nas três primeiras noites, ela recusou, ainda se sentindo muito dolorida. Mas, na quarta noite, aceitou.

Uma coisa que Louise admirava em T.J. era sua moderação quando se tratava de beber. Sempre um copo pequeno, e nada mais.

Com isso resolveu que adotaria esse hábito de T.J. no futuro, quando tivesse a própria casa, quando e se ela se tornasse mãe: se bebesse, era assim que beberia.

Na noite em que Louise pegou um copo de uísque, sua língua se soltou e ela falou livremente, entrando num território que até então havia evitado.

— Você tem namorado? — perguntou a T.J., que riu com a boca ainda no copo enquanto dizia não. — Você é esperta — disse Louise. — Nunca arranje um.

— Não vou — falou T.J. — Prometo.

Com o dedo, ela desenhou um pequeno X no peito. Louise percebeu que T.J. a achava engraçada, intencionalmente ou não. Isso despertou em Louise o desejo de fazer palhaçadas, de ser instigada — um lado dela que estava quase extinto. Com John Paul, ela sempre tinha que ser o alvo das piadas.

— Onde você quer estar — disse Louise — daqui a dez anos?

— Está me entrevistando? — T.J. se recostou na cadeira, joelhos afastados, queixo abaixado, cartas apontando para o chão.

— Estou — disse Louise, e repetiu a pergunta, dessa vez segurando um microfone invisível nas mãos, que então passou para a boca de T.J.

— Certo — falou T.J.

Ela colocou a mão de cartas virada para baixo na mesa.

— Gostaria de estar no norte. Gostaria de viver da terra. Acho que gostaria de tentar isso por um tempo.

— Sozinha? — disse Louise, com seu microfone invisível.

T.J. assentiu.

— Numa casa? Numa barraca? Numa caverna?

T.J. começou a rir.

— Guarde esse microfone — disse ela.

Louise balançou a cabeça.

— Receio não poder, senhora — falou ela. — Meus produtores não permitirão.

— Quem são seus produtores?

— Mike e… Chuck.

Louise pegou o copo de uísque quase vazio com a mão desocupada e terminou a bebida. Ela queria mais. Algo acontecia em sua barriga, algo que ela reconheceu como desejo. Isso a assustou. Ela nunca desejara uma mulher antes, não de verdade, mas T.J. parecia para ela algo diferente de um homem ou uma mulher, algo completamente separado desses termos. Tinha um rosto interessante, maçãs do rosto altas, lábios carnudos e um maxilar forte. Ombros largos e uma constituição magra e alta. Quantos anos tinha? Com base na foto que havia mostrado e em alguns cálculos — quase trinta, provavelmente. Talvez cinco ou seis anos mais velha do que ela. Mais velha também do que John Paul.

— Certo — disse T.J. — Eu falo. Mas vai ficar entre nós.

Ela se levantou de forma abrupta e caminhou em direção à cozinha, falando enquanto caminhava.

— Tenho um chalé num lago ao norte. Dentro do parque — disse T.J.

Ela abriu e fechou um armário. Voltou para a sala de estar com a garrafa de uísque e serviu um pouco para si mesma. Era a primeira noite em que bebia mais do que seu quarto de copo, mas isso não alarmou Louise; em vez disso, a animou, mandou um pequeno arrepio de energia por sua espinha. Ela estendeu o próprio copo para mais.

— Meus antepassados construíram o chalé há muito tempo. Está na família desde então — disse T.J.

Ela caminhou até a parede, onde o mapa do Parque Adirondack estava pendurado. Apontou para um pequeno lago oitenta quilômetros ao norte; uma tachinha marcava o local. Então T.J. voltou e sentou-se em seu lugar em frente a Louise. Deixou o uísque na mesa entre elas.

— A gente ia lá duas vezes por ano para caçar. Eu e meu pai. Não é grande coisa, mas tem quatro paredes, um teto e um fogão para o

inverno. Só dá para chegar de canoa, e primeiro você tem que transportar a canoa por uma trilha de um quilômetro e meio de comprimento que já está bem coberta de mato.

— Fica numa ilha? — perguntou Louise.

T.J. assentiu.

— Por que construíram o chalé numa ilha?

— Bons peixes — disse T.J. — E um bom ponto de observação.

— Contra os indígenas?

Por toda a vida, Louise tinha ouvido histórias sobre os algonquinos e iroqueses que iam para a região caçar. Nenhum desses povos tinha se estabelecido e criado plantações nas Adirondack; os europeus foram os primeiros tolos que tentaram fazer isso, atraídos para lá por causa da superlotação na Nova Inglaterra e por uma mentira do governo sobre terras aráveis abundantes.

— Não — disse T.J., olhando para ela de forma estranha. — Para caçar.

Louise tentou imaginar que animais comestíveis haveria numa ilha.

— Tem uma população de veados que passa por lá — disse T.J., lendo sua mente. — Eles são bons nadadores. E aves aquáticas. Esquilos, se estivermos com bastante fome. Mas, na maioria das vezes, nós apenas pescamos.

— Quem é *nós*? — perguntou Louise, e, vendo a expressão de T.J. mudar, se arrependeu na mesma hora.

T.J. estava pensando no pai. Lembrando-se das viagens que fazia com ele, antes do derrame.

T.J. tomou um gole de uísque. Ela nunca fazia careta, notou Louise; mantinha o líquido na boca por um tempo antes de engoli-lo em silêncio.

— Bem — disse T.J. —, acho melhor eu ir para a cama.

— Não — falou Louise.

T.J. ergueu as sobrancelhas.

— Pode ficar comigo um pouco mais? — perguntou Louise. — Meu copo ainda está cheio.

T.J. assentiu. Seus olhos fitaram os de Louise por um momento até que ela se levantou, rompendo o olhar entre as duas. Ela caminhou até a cozinha, abriu a torneira. Adicionou água ao seu uísque. Então

virou e encostou no balcão da cozinha, longe de Louise, mas à vista dela.

Nas raras ocasiões em que Louise ficava bêbada, ou mesmo levemente embriagada, ela se dava conta da própria aparência de uma forma que era excitante ou perturbadora, dependendo da companhia. Seu corpo e rosto eram, às vezes, trunfos e, às vezes, revezes. Naquela noite, ela estava feliz por eles, apesar do olho roxo. Ou por causa dele. Ela gostava da sensação do olhar de T.J. sobre ela, por cima da borda de seu copo. Louise estava se comportando de forma irresponsável, ela sabia. Mas tinha vontade de fazer algo que não deveria fazer.

Louise se levantou e se espreguiçou, deixando a blusa subir até a cintura, e foi até a cozinha.

T.J. estava bem ao lado da pia e não se moveu quando Louise se aproximou.

— Eu também deveria pegar um pouco d'água — disse Louise.

Ela deixou a água fria correr para dentro do copo, depois deixou transbordar. Estava ao lado de T.J., que se virou e se encostou no balcão também, perto demais da outra para fingir que a proximidade delas era acidental. As laterais e os braços delas se tocavam.

— Louise — disse T.J.

Ela balançou a cabeça, olhando para o chão.

— O quê?

Entre elas havia uma corrente elétrica, uma sensação de zumbido indo e voltando entre seus corpos. Louise a sentia. Ela tinha certeza, sem saber por que, que T.J. também estava sentindo. Elas eram animais, pensou Louise — e isso quase a fez rir. Humanos eram animais. Tinham os mesmos instintos, a mesma habilidade de se comunicar abaixo e além da linguagem.

Louise se virou para observar o perfil de T.J. Colocou uma das mãos muito gentilmente na lombar dela. Foi o primeiro gesto que fez que não deixou espaço para dúvidas.

— Você trabalha aqui — disse T.J. — Sou sua chefe.

Louise não disse nada.

Abruptamente, T.J. se afastou do balcão e caminhou pelo corredor. Enfiou a cabeça no quarto do pai, verificando como ele estava, e então continuou, fechando a porta do próprio quarto. As luzes se apagaram.

Louise ficou deitada no sofá, observando as últimas chamas do fogo se apagarem. Ela fechou os olhos com força. Tentou não chorar. Se tivesse sorte, T.J. a deixaria esquecer como foi boba.

Só restavam brasas atrás da grelha.

Logo o quarto estaria completamente escuro. Então seria de manhã.

Louise

Década de 1950 | 1961 | **Inverno de 1973** | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

T.J. nunca falou daquela noite.

Elas passaram o restante da semana juntas, até o rosto de Louise sarar, e então a jovem retornou ao Garnet Hill Lodge. No meio da primavera, ela receberia um telefonema de T.J. solicitando a confirmação de sua participação no acampamento de verão, o que ficaria feliz em fornecer. A única diferença dali em diante seria que T.J. a convidaria para conversas no Chalé da Diretoria de tempos em tempos.

Qualquer paixonite que Louise tivesse sentido por ela diminuiu em alguns aspectos e ficou mais forte em outros. Louise sentia em T.J. duas forças conflitantes: raiva e o poder de controlá-la. Contra sua vontade, ela as achou igualmente atraentes.

Quando não estava vigilante, sua mente às vezes vagava em direção ao pensamento de uma vida com T.J. Comandando o acampamento ao lado dela. Cuidando, quando solicitado, de seu pai. Havia duas mulheres em Shattuck que viviam assim, lembrava Louise: duas ex-professoras do interior que moravam nos arredores da cidade. Uma usava o cabelo em duas longas tranças grisalhas; Louise a via às vezes no mercado. Ninguém fazia muitas perguntas a elas. Ninguém falava sobre elas também.

Mas as fantasias que Louise teve sobre essa vida duraram pouco.

Porque, ao voltar do jantar para o alojamento do hotel, duas semanas após o incidente com John Paul, Louise recebeu um envelope do homem que trabalhava na recepção.

Ela esperou até chegar ao seu pequeno quarto para abri-lo. Lá, sentou-se na cama dura de solteiro e leu uma carta que ela sabia ser de John Paul assim que a vira.

Nela, ele implorava por perdão.

Não bebo desde aquela noite, dizia. *Não acredito no que fiz. Minha mãe ficaria com tanta vergonha de mim. Quero ser melhor do que isso.*

Ele terminava perguntando se poderia vê-la para se desculpar em pessoa. Entenderia se Louise nunca mais quisesse falar com ele. Mas tinha ao menos que perguntar.

No final da página, John Paul desenhou uma seta. Ela virou a carta e leu:

P.S. Não se preocupe — não contei nada a ninguém.

Louise colocou a carta na cama.

Ela não responderia. Quem sabe seria o fim de tudo aquilo.

Certa noite, ainda naquela semana, alguém bateu à sua porta. Era uma das instrutoras de esqui. Havia um pequeno sorriso em seu rosto.

— Você tem visita — disse ela. — Ele está esperando na sala dos funcionários.

John Paul estava sozinho, sentado à mesa redonda ao lado da cafeteira. Estava curvado para a frente, cotovelos nos joelhos, uma perna vibrando como se estivesse impaciente. Quando Louise entrou, ele se endireitou.

A aparência dele era terrível. Pior do que a dela. Duas semanas após o incidente, o rosto de Louise estava quase curado. Suas costelas e costas não doíam mais, embora um grande hematoma arroxeado, um pouco mais claro do que nos primeiros dias, permanecesse na lateral do seu corpo. John Paul, por outro lado, tinha olheiras. O cabelo estava uma bagunça.

— Ah, Deus — disse ele ao vê-la.

John Paul colocou as mãos no rosto. A ação a lembrou de seu irmão Jesse quando tentava não chorar. E, claro, quando John Paul removeu as mãos, lágrimas corriam por suas bochechas. Ele tirou os óculos. Limpou o rosto.

Quando se levantou, Louise se encolheu, posicionando-se atrás de uma cadeira. Ela havia deixado a porta aberta de propósito. Olhou

para trás, imaginando o quão alto teria que gritar para alguém vir correndo.

Mas John Paul, talvez sentindo o medo dela, sentou-se devagar.

— Podemos ir a algum lugar mais reservado? — perguntou ele.

— Não — disse Louise.

— Podemos nos sentar, pelo menos?

De forma relutante, ela puxou a cadeira do lado oposto da mesa.

Ele praticamente repetiu o que havia dito na carta. Acrescentou que tinha ido a uma reunião — um programa chamado "Alcoólicos Anônimos", algo de que ela já tinha ouvido falar, embora não conseguisse lembrar onde.

John Paul continuou: ela era a melhor coisa na vida dele. Ele a respeitava mais do que qualquer outra pessoa que conhecia. Mais do que sua própria família. Gostava da autossuficiência dela, de sua natureza empreendedora. Ele achava que ela era mais inteligente do que qualquer garota que conhecia.

John Paul queria que ela lhe desse outra chance. Implorava por isso. Os dois começariam devagar, disse ele, mas estava falando sério. Planejava se casar com ela. Juntos, propôs ele, eles poderiam ter um tipo de vida com significado e valor. Teriam filhos. Uma bela casa.

O irmão dela, Jesse, disse ele, poderia ir morar com eles.

Pela primeira vez, ela se perguntou se ele tinha lido seus diários. A articulação de John Paul sobre suas esperanças secretas era tão precisa que a assustou.

— Não precisa me responder agora — disse John Paul. — Tudo o que peço é que pense bem nisso.

Louise ficou em silêncio.

— Poderíamos ter uma vida boa juntos — argumentou ele, por fim.

Então ele se levantou, os ombros e a cabeça abaixados, e pegou dois sacos de papel no chão ao seu lado.

— Aqui — sinalizou. — Trouxe umas coisinhas do mercado para você.

John Paul fechou a porta gentilmente ao sair.

Droga, pensou Louise.

* * *

O problema era que aquelas coisinhas eram muito complicadas. Eram lindas e caras, o tipo de coisa que a mãe de John Paul comprava para sua família quando ele era pequeno. Havia uma bisteca, e brócolis, e camarão, e três lindas laranjas. Havia pão e manteiga embalados de uma forma que ela nunca tinha visto antes, e uma garrafa grande de leite. E havia um bolo — um bolo inteiro — numa caixa branca.

Ela estava com fome. Arrancou um pedaço do bolo e ficou ali, mastigando.

Olhou de soslaio para a pia e o fogão elétrico de duas bocas que constituíam a cozinha compartilhada. Ela poderia fazer um banquete para os outros funcionários do alojamento. Mas estava de folga naquela noite, e teve uma ideia melhor.

A casa de sua mãe era um retângulo branco: o segundo andar era pequeno, o térreo era pequeno, os dois empilhados um em cima do outro ao redor de uma escada central íngreme. Tudo estava quieto e escuro quando ela chegou, às seis e meia da tarde. Por uma janela do térreo, ela viu a luz azul da TV. Por uma janela do segundo andar, viu uma pequena lâmpada acesa. O quarto de Jesse.

Lá dentro, Louise colocou as compras na mesa da cozinha. Dez minutos antes, ao parar de súbito num cruzamento, os camarões se espalharam do papel encerado para o assoalho velho do carro. Ela parou o carro e os pegou, sabendo que ainda os cozinharia.

Jesse nunca tinha comido camarão na vida.

Entrou e encheu uma tigela grande com água para deixar os camarões de molho.

Enquanto trabalhava, sentiu um cheiro.

Seguiu-o pela escada central — passando pela mãe no caminho, que dormia na poltrona reclinável — e então subiu.

Por favor, que não seja isso, pensou.

Ela abriu a porta de Jesse sem bater.

Ele tinha ouvido a porta da frente. Tinha aberto uma janela e rapidamente guardado o que quer que estivesse fumando, mas estava olhando para ela, culpado, os olhos sem a curiosidade habitual, estreitados pelas substâncias químicas que nadavam em sua corrente sanguínea.

— Cadê? — disse Louise.

— O quê? — perguntou Jesse.

— Não minta para mim — disse Louise. — Nunca minta para mim. Eu não sou a mamãe. Estou do seu lado.

Ele não respondeu. Estava sentado na cama, os braços abraçando os joelhos.

Louise olhou na pequena lata de lixo ao lado da mesa e o encontrou na mesma hora: um baseado mal enrolado, apagado às pressas, ainda quente ao toque. Pronto para atear fogo ao conteúdo da lata.

— Imbecil — disse Louise, uma palavra da qual se arrependeu imediatamente, porque, quando olhou para o irmão, ele estava chorando. — Meu Deus, Jesse — falou, e correu até ele, sentou-se ao seu lado e o abraçou. — Jesse, onde você conseguiu isso?

Ele deu de ombros. Ela o empurrou um pouco, segurando-o pelos ombros. O rosto dele estava vermelho. Jesse estendeu uma das mãos e encostou a parte de trás de dois dedos no olho esquerdo dela, o machucado, ainda levemente arroxeado e inchado. Foi só então que Louise se lembrou de que também tinha algo a explicar.

— Vamos — disse Louise. — Ela está dormindo.

Lá embaixo, ela o fez se sentar à mesa e lhe deu um grande copo d'água.

— Beba — disse Louise.

Então começou a cozinhar. Colocou uma panela de água para ferver e preparar os brócolis. Salgou e apimentou a bisteca e a colocou numa panela para selar em um pouco de manteiga. Colocou o camarão limpo em outra.

— Já comeu camarão, Jesse? — perguntou ela, orgulhosa.

— Já.

— Quem te deu camarão?

— A mãe de Howie.

Howie: um amigo da escola cujos pais não o deixavam mais brincar com Jesse.

— Aposto que o meu é melhor — falou Louise, embora, ao dizer isso, soubesse que não era verdade.

Ela se virou e viu que o copo de Jesse estava vazio, então o encheu novamente.

* * *

A única coisa boa de um garoto de nove anos estar chapado era o prazer que ele sentia em comer a comida que ela preparara para ele. Jesse fechava os olhos e inclinava a cabeça para trás enquanto mastigava, dando pequenos ruídos satisfeitos entre cada garfada. Ele estava mais magro do que a última vez que o vira, e o rápido inventário que fez da cozinha lhe disse por quê.

— Há quanto tempo você fuma maconha? — perguntou Louise.

— Não muito tempo — disse Jesse. — Um mês ou dois.

— Onde você consegue?

— Com um garoto da escola.

— Eu conheço ele?

— Não.

— Quantos anos ele tem?

— Não tenho certeza. Ele é da oitava série.

— Eu conheço os pais dele?

— Não. Ele é de Minerva.

Louise mastigou. A bisteca estava deliciosa. Ela ficou feliz por não tê-la estragado.

— Jesse — disse ela. — Como você paga pela maconha?

Ele ficou em silêncio.

— Não está vendendo, está? — perguntou ela.

— Não — respondeu Jesse. — Não, Louise. Eu juro.

Ela acreditou nele, ao menos naquele instante. Jesse era tímido demais. Ela não conseguia imaginá-lo vendendo o que fosse. Mas a

ideia de um garoto da oitava série dando a ele qualquer coisa de graça — isso também não lhe caía bem.

Houve um barulho no corredor e ambos olharam para cima. A mãe deles: uma das mãos em cada parede, apoiando-se. O cabelo estava sujo, os olhos piscando contra a luz do lustre que pendia de uma corrente sobre a mesa da cozinha. Rosto pálido, boca virada para baixo. Ela foi na direção deles devagar, apoiando-se nas bancadas, e então desviou em direção aos armários, que abriu um após o outro, procurando algo para comer.

Pegou uma caixa de biscoitos velhos e colocou alguns na boca. Foi até a pia e abriu a torneira, usando a mão em concha para pegar água.

Então, sem dizer uma palavra a nenhum dos filhos, voltou lentamente para a poltrona reclinável na sala de estar, sua casa durante a maior parte do dia.

Louise observou Jesse. Ele estava voltando ao normal. A comida tinha ajudado, e a água. O rosto estava menos vermelho. Os olhos mais abertos. Ele não a encarava; olhava para a parede e depois para a mesa.

— Jesse — disse ela. — Pare de falar com esse garoto. Pare de fumar a maconha que ele te dá também.

— Por quê? — perguntou Jesse.

Ele pegou algo na toalha de mesa.

— Porque vou levar você para morar comigo — respondeu ela. — E não posso fazer isso se você estiver preso.

— Quando? — disse Jesse.

— Em breve.

— Como? — falou Jesse. Incrédulo.

Houve uma longa pausa enquanto Louise considerava o que responder. Ela não poderia voltar atrás se dissesse. Sempre tentou seu melhor para nunca dar falsas esperanças ao irmão. Para cumprir cada promessa feita, diferente do restante dos adultos em sua vida.

Louise tirou um camarão do prato. Arrancou a cauda, cutucou a pele translúcida, retirando a veia. John Paul, num restaurante, foi quem lhe disse o que aquela veia era, na realidade.

Ela mastigou.

— Estou noiva — disse Louise.

Jesse olhou para a irmã.

— De John Paul? — perguntou ele.

— De quem mais poderia ser?

Jesse não a encarou.

— Jesse? — disse Louise.

O menino se levantou. Levou o prato até a pia.

— Bem, você não vai me dar os parabéns?

— Parabéns — falou Jesse.

E então saiu da cozinha, deixando-a sozinha.

— Prometa para mim, Jesse — disse Louise, chamando-o. — Chega de maconha.

Então percebeu que qualquer autoridade que tivera com o irmão havia diminuído ou se perdido por completo.

VI

Sobrevivência

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Dois**

O alarme está tocando.

Judy abre os olhos, depois os fecha novamente. Só mais um segundo, pensa ela.

— Pelo amor de deus, Judy! — grita alguém do outro quarto. Seu irmão, indignado. — São quatro e meia da manhã!

O dia dela começa.

Ela precisa se mudar. Judy sabe disso. Ela tem o dinheiro; só precisa de coragem para dizer aos pais que vai quebrar uma regra não verbalizada. Entre as famílias polonesas de Schenectady, Nova York, uma garota que sai de casa antes do casamento é, na melhor das hipóteses, estranha; na pior, um escândalo.

No ano anterior, com seu próprio dinheiro, Judy comprou um fusca verde com teto solar. Um automóvel caro — e pouco prático, segundo seu pai —, mas que dá a ela uma sensação de independência. Além disso, o carro tem um rádio legal, um upgrade que ela insistira em ter e que a deixa feliz; ele a mantém acordada nas duas horas de trajeto até a Reserva.

Às sete horas, quando chega, Judy descobre que Denny Hayes ainda não chegou. Tecnicamente o turno começa às oito da manhã, o que significa que ela tem uma hora para se preparar para o dia.

Um policial cochila de leve numa cadeira dobrável do lado de fora do Chalé da Diretora transformado em Posto de Comando.

Judy coloca a mão na maçaneta de ferro forjado, aperta-a e abre a porta antes que o policial abra os olhos.

— Bom dia — diz Judy.

— Ah — diz ele, despertando. — Distintivo?

Durante a noite, o Posto de Comando foi melhorado. Os móveis foram empurrados para os cantos da sala ou levados para a cozinha, e algumas mesas e cadeiras dobráveis foram distribuídas pelo espaço.

Uma grande lousa sobre rodas está encostada em uma parede.

Nele, alguém desenhou com giz uma linha no meio. À esquerda da linha, no topo, está escrito *Bear van Laar*. À direita da linha: *Barbara*.

Por um tempo, Judy fica parada no centro do lugar, virando-se.

As paredes são decoradas com pequenas gravuras de cães realizando várias atividades humanas: jogando pôquer, caçando e flertando uns com os outros. As imagens estão enrugadas e murchas devido à longa batalha contra a umidade do ar adjacente ao lago. A casa inteira parecia ter sido decorada com cuidado e consideração trinta anos antes e nunca mais tocada. Uma cápsula do tempo da época da Segunda Guerra Mundial.

A única imagem emoldurada que não é relacionada a cães é um mapa do Parque Adirondack. Nele, alguém inseriu uma tachinha onde fica a Autoconfiança, na margem do lago Joan, perto da montanha Hunt.

Um arquivo, que supõe ter sido trazido pelo Departamento de Investigação Criminal, está num canto, ao lado de algumas caixas com pastas, papel, canetas e caixas de arquivo. Cinco delas. Etiquetadas com palavras que ela não consegue ler do outro lado da sala.

Judy, sozinha no Posto de Comando, caminha naquela direção. Abaixa-se.

Peter "Bear" van Laar IV, dizia a inscrição na caixa.

Ela levanta a tampa. Durante a hora seguinte, lê os documentos lá dentro.

Na parte inferior, há dezenas de fotografias. Várias são de Bear, durante o que deve ter sido o ano anterior ao seu desaparecimento. Ele sorri de orelha a orelha, segurando um peixe que pescou; olha

pensativamente para longe, de mãos dadas com a mulher que Judy reconhece como sua mãe.

Contra sua vontade, a investigadora se vê lutando para não chorar, engolindo o nó apertado que se forma em sua garganta. Algo na expressão da sra. Van Laar a lembra da própria mãe, que ama seus filhos tão intensamente que às vezes parece um peso.

Às 7h50, Judy recoloca o material em ordem e tampa a caixa, pouco antes de o capitão LaRochelle entrar no Posto de Comando.

A primeira coisa que ele faz na reunião matinal é apontar para a lousa, onde os nomes das duas crianças foram escritos.

— Quem fez isso? — pergunta ele.

Todos se entreolham. Ninguém assume nada.

— Deve ter sido o pessoal do turno anterior — fala alguém.

O capitão LaRochelle franze a testa.

— Quem quer que tenha feito isso — diz ele —, não faça.

Ele pega um apagador. Começa a apagar o que está escrito.

— Estamos procurando por Barbara van Laar — diz ele. — O caso de Bear van Laar está fechado.

Contra sua vontade, os olhos de Judy se voltam para o canto, onde estão as caixas de arquivo cheias de evidências.

Na lousa limpa, LaRochelle começa a escrever.

O principal suspeito deles — ainda John Paul McLellan, neste momento — está solto sob fiança, aguardando a audiência por dirigir alcoolizado e por posse criminosa de substância ilícita. Reconhecendo seu status como suspeito de outro crime, o juiz concordou em incluir uma cláusula em seus termos de fiança que o impede de deixar o condado; ele vai ficar num hotel local até a próxima audiência.

Louise Donnadieu — que John Paul alega ter sido a pessoa que pediu para ele se livrar da sacola de roupas — ainda está numa cela em Wells, Nova York. Sua audiência de fiança será naquele dia. Ele também pedirá ao juiz do caso dela para considerar o fato de que ela está sendo investigada pelo desaparecimento de Barbara van Laar ao definir sua fiança.

Lee Towson, o outro indivíduo citado por John Paul, ainda não foi localizado; um mandato de busca foi emitido para seu carro nos estados de Nova York e Colorado, para onde há rumores de que ele possa ter ido.

Os guardas ainda não localizaram a figura desconhecida na floresta, aquela relatada pela campista Tracy Jewell.

— Pode até ter sido um trilheiro — diz LaRochelle. — A garota não estava longe da Hunt quando a pessoa desconhecida a ajudou. Mas continuaremos tentando rastreá-lo.

Judy escuta, tentando prestar atenção. Mas o fato de ter ficado até mais tarde no trabalho e ter acordado mais cedo está a afetando, e ela coloca o punho sob o queixo para apoiá-lo. Denny Hayes, do outro lado da sala, olha para ela, e Judy se endireita.

Em seguida, LaRochelle detalha os resultados do trabalho do turno da noite e da madrugada. Eles têm outra pista para o quebra-cabeça de quem pode ser o namorado de Barbara. Segundo o capitão, uma mulher chamada Susan Yoder, a diretora da Emily Grange School, falou que Barbara recebera um visitante do sexo masculino em seu quarto. Inclusive, teve problemas por isso. Uma testemunha pensou que era um garoto da cidade, mas Barbara não confirmou. O investigador do turno da noite que soube disso vai investigar a pista.

— Em seguida — diz LaRochelle —, quem foi que me deu a pista sobre a tinta nas paredes?

Judy, um pouco envergonhada, levanta a mão.

— Foi brilhante — diz LaRochelle. — Olhem só.

Ele caminha até uma mesa onde há um par de luvas e uma caixa. Calça as luvas, tira da caixa um objeto recuperado da casa de Albany.

— É um caderno de desenho — diz o capitão.

A maior parte do que está nele parece não fazer sentido: rabiscos de corações, notas musicais, luas e estrelas. Mas, perto do final, há algo interessante.

Ele levanta o caderno de desenho no ar para que os investigadores possam vê-lo.

Ali na página há uma reprodução surpreendentemente habilidosa de um quarto com várias peças de mobília. Uma cama, uma cômoda,

uma mesa de cabeceira. Atrás da cama há uma parede; na parede, há o que parece ser um desenho para um mural.

Judy franze a testa, tentando entender por que o desenho lhe parece familiar. E então ela lembra: este é o quarto de Barbara na Autoconfiança.

O quarto com as paredes pintadas recentemente.

O capitão LaRochelle confirma isso para o restante dos investigadores. Então diz:

— Não notamos nada suspeito na página que estou mostrando a vocês. É difícil discernir o que algumas das imagens são, nesta escala pequena. Mas nossa esperança é que remover a tinta rosa no quarto de Barbara revele algo interessante.

Eles chamaram um conservador-restaurador do Hyde Collection para dar uma olhada, diz. Com sorte, conseguirão remover uma camada de tinta sem danificar a de baixo.

— Uma última coisa — diz LaRochelle. — Na noite anterior, o Departamento de Investigação Criminal recebeu uma lista completa de alguém da equipe com todos os hóspedes no local, e uma lista completa de T.J. Hewitt, a diretora do acampamento, de todos os campistas e funcionários. O capitão tem em mãos uma pilha de pastas de papel pardo. Ele xerocou esses documentos para todos. Os que já foram interrogados têm uma marca ao lado de seus nomes. O restante será interrogado de forma metódica, seja pessoalmente ou, no caso das crianças que já voltaram para casa, por telefone. Cada investigador receberá um segmento da equipe do acampamento para investigar.

Ele distribui as pastas.

— Quero boas anotações — diz ele. — Anotações legíveis. Quero declarações assinadas, se puderem obtê-las. E quero trabalho rápido. Já se passaram mais de 24 horas desde o desaparecimento de Barbara van Laar.

Ele para na frente de Denny Hayes.

— Hayes — diz ele. — Você vai trabalhar na mesa de agora em diante.

Ele entrega a última pasta para Judy. Mas, quando ela olha para os papéis lá dentro, não encontra seu nome ao lado de nenhum segmento

em nenhuma das listas. Ela se pergunta se deve dizer algo. Antes que comece, LaRochelle fala:

— Investigadora Luptack. Hoje seu trabalho é fazer um mapa da casa e do terreno. E rotular cada estrutura e cada cômodo com o nome de seu ocupante durante as horas do desaparecimento de Barbara.

Denny Hayes a observa antes que ela saia do Posto de Comando.

— Espere — diz ele. — Vou com você.

Juntos, eles seguem para a Autoconfiança, com os novos pertences de Judy debaixo do braço. Ela arrasta os pés, mas só um pouco.

Hayes olha para ela.

— Cansada?

— Não.

— Sabe, não precisa chegar tão cedo — diz ele. — Você não vai ganhar pontos extras por isso.

— Tá bom — diz ela.

— Você mora com seus pais, não é?

— Moro.

— Onde?

Ela hesita. Nunca contou a nenhum de seus novos colegas como mora longe, e se preocupa que eles duvidem da sua capacidade de trabalho se revelar a gravidade da situação.

Ela se decide por uma resposta:

— Schenectady. Mas estou em processo de mudança.

Denny assobia.

— Schenectady? Não é de se espantar que você estivesse dormindo na reunião.

— Eu não estava… — Judy ouve a defensiva em seu tom de voz. Começa de novo. — Estou bem. Nunca fui de dormir muito.

Denny parece cético.

— Certo.

Eles caminham em silêncio por um momento, e então Judy pergunta a Hayes algo que estava pensando desde a reunião matinal.

— Como McLellan foi liberado antes da monitora? Louise? — pergunta Judy.

Ao que Denny diz:

— Como você acha?

Conexões. Dinheiro. Um pai advogado. Hayes descobriu outra coisa: além de servir como advogado-chefe do banco dos Van Laar, McLellan é, na verdade, o advogado que representou pessoalmente a família durante o desaparecimento de Bear van Laar em 1961.

Judy franze a testa.

— Isso não é incomum? — diz ela. — Um advogado corporativo se envolver em um caso criminal?

Hayes dá de ombros.

— As pessoas têm permissão legal para serem defendidas por quem quiserem. Já vi algumas pessoas defenderem a si mesmas — diz ele. — As arrogantes.

Ambos olham para cima, em direção à grande casa à frente deles.

Então Hayes diz:

— Quem você acha?

— Quem eu acho que cometeu o crime?

— Sim.

Ela pensa.

— McLellan.

— Eu acho que foi ele também.

Ela teve menos de uma hora para dar uma olhada nos arquivos Van Laar de 1961 antes de Hayes chegar, mas foi o suficiente para despertar seu interesse em um ponto.

— Eu estava pensando em algo — diz ela. Judy para, reformulando. — Ontem, quando o investigador perguntou sobre Jacob Sluiter?

— Sim?

— Bem, dei uma olhada nos arquivos de Bear van Laar esta manhã e vi que ele também foi considerado suspeito naquele caso.

Hayes para de andar. Judy o encara.

— Parece só uma coincidência — diz ela.

Por um momento, Judy acha que Hayes vai ignorá-la. O que foi que LaRochelle disse? *Não procure por uma zebra.*

Mas, em vez disso, Hayes suspira.

— Sim — fala ele. — Também estive pensando nisso.

Então Hayes diz:

— Cá entre nós? Fui eu que peguei aqueles arquivos sobre Bear. Aqueles que você deu uma olhada. Fui eu que escrevi o nome dele na lousa. E acho que LaRochelle está completamente errado, completamente fora de si, ao considerar o caso de Bear como fechado. Todos nós naquela sala, *exceto* LaRochelle, pensamos a mesma coisa.

Judy olha para ele.

— Por que você acha que LaRochelle pensa diferente?

— LaRochelle era tenente naquela época — diz Hayes. — Foi ele que forçou a teoria que a família e a imprensa acabaram adotando. Resolver o caso Bear van Laar acabou sendo decisivo para a carreira dele. Levou direto à sua promoção para capitão. Ele provavelmente não quer ver esse trabalho desfeito. Além disso, a família Van Laar está feliz com o resultado. Eles acham que pegaram o cara certo. Estão em paz com isso, sabe? É difícil voltar atrás.

Judy concorda. Ela entende — mais ou menos. Mas se fosse os Van Laar, gostaria de saber a verdade. E diz isso a Hayes.

— Eles são uma família estranha — diz ele. — Muitas gerações com dinheiro demais. Isso confunde o cérebro. Você já notou como os filhos de pessoas ricas nunca são tão inteligentes quanto os pais? Nem tão ambiciosos nem tão bem-sucedidos? Você tem que ter alguma coisa pela qual lutar na vida. É o que eu acho, ao menos.

Eles continuam andando.

— Sabe — diz Hayes —, vou te contar outra coisa. Não gosto que LaRochelle esteja no local todos os dias. Eu deveria ser o responsável pelo show. E não estou dizendo isso por ego. Simplesmente não é bom ter alguém do nível dele comandando as operações diárias num caso como esse.

— Por quê?

— Alguns dos caras do nível de LaRochelle são inteligentes. Mas agora ocupam cargos na gestão intermediária. Sem prática. Muitos deles não trabalham em casos há uma década. A família pode ficar tranquila quando os figurões entram em cena, mas é arriscado.

Hayes se vira novamente e segue em direção ao Posto de Comando, onde começará a organizar e numerar suas pistas.

Judy fica sozinha para fazer seu mapa.

Um helicóptero circula a área, seus ocupantes observando o terreno em busca de sinais de vida. À sua direita, uma equipe de mergulho se prepara para uma busca no lago Joan.

Ela se aproxima da casa. Do lado de fora, se ajoelha, equilibrando o bloco de notas na perna. Esboça a Autoconfiança de memória, colocando dentro de cada cômodo os hóspedes que interrogou no dia anterior.

Quando termina, ela se levanta e passa pela entrada da casa.

No primeiro dia, só tinha ouvido os hóspedes; agora, pensa Judy, é hora de ouvir as pessoas que os servem.

Ela bate na porta da cozinha. Uma mulher pequena de avental atende, segurando um rolo de massa enfarinhado.

— Bom dia — diz Judy.

Devagar, a mulher limpa uma das mãos no avental. Não diz nada.

— Como você está? — pergunta Judy.

— Você é policial? — pergunta a mulher.

— Investigadora — diz Judy. — Sou a investigadora Luptack.

— Mas… — diz a mulher. — É tipo uma polícia?

Judy assente.

A mulher caminha de volta para o balcão, onde coloca o rolo de massa.

— Pode conversar comigo por um minuto? — diz Judy.

Ela olha ao redor.

— Eu tenho um minuto — diz a mulher, humildemente. — Só que tem que ser sua ideia falar, não minha. E não pode ser aqui.

Judy a indica a porta da cozinha. Elas saem para perto da lateral da casa.

— Continue — sussurra a mulher. — As janelas estão abertas.

Eles dão mais vinte passos, até chegarem à beira do lago. Então Judy pega o bloco de notas.

Acima deles, o helicóptero começou a fazer anúncios pelo alto-falante: *Barbara, seus pais sentem sua falta. Barbara, vá para uma clareira. Barbara, vá para um lugar mais alto. Barbara, grite se estiver ouvindo*. O som a faz tremer.

A mulher olha para ela com expectativa.

— Não vai me fazer perguntas?

— Ah — diz Judy. — Nome?

— Jeannie Clute.

— Data de nascimento?

— Doze de junho de 1947.

— Ocupação?

Isso a faz parar.

— Cozinheira temporária, no momento — diz ela. — Antes disso, dona de casa.

Judy olha para cima.

— Tem filhos?

— Sim. Três. Um quarto a caminho.

Judy olha brevemente para a barriga ainda lisa da mulher.

— Casada?

— Sim.

— O que a fez aceitar esse emprego?

A mulher vira o rosto. De repente, os olhos se enchem de lágrimas e transbordam. Ela as enxuga. Irritada.

— Tolice — diz ela. — Foi um erro aceitar esse trabalho.

Judy faz uma pausa. Começa a surgir uma sensação em sua barriga que ela nunca sentiu antes: o sentimento de que uma peça de um quebra-cabeça maior está prestes a se encaixar.

— Por quê? — diz ela.

— Essas pessoas são más — diz a sra. Clute.

— Como assim?

— Eles permitiram que o homem errado levasse a culpa quando o filho deles desapareceu — disse ela. — Permitiram que seu nome fosse arruinado.

Ela para de chorar. Um olhar firme substitui suas lágrimas, e ela fita os olhos de Judy com convicção.

— Qual é o nome dele? — pergunta Judy.

— Era — diz a sra. Clute. — Ele já morreu.

— Qual era o nome dele?

— Stoddard — diz a sra. Clute. — O mesmo que o meu.

A mente de Judy funciona. É um nome que ela conhece da caixa de arquivo que vira naquela manhã. — Carl Stoddard era seu…

— Pai.

Judy escreve em seu bloco. Na verdade, ela não sabe que palavras está rabiscando, mas precisa de tempo para formular a próxima pergunta com cuidado. Para evitar assustá-la.

— Clute é seu nome de casada? — diz ela.

A mulher assente sem paciência. E começa a olhar para a casa, ficando nervosa, esperando ser notada.

— Eles sabem que você é uma Stoddard? — pergunta Judy.

— Deus, não — diz a sra. Clute.

— Por que aceitou esse emprego?

Ela se mexe.

— Desespero — responde ela. — Bocas para alimentar. Como você deve saber, a fábrica de camisas fechou.

Judy não sabe. Não sabe de que fábrica de camisas a sra. Clute está falando. Ainda assim, ela assente.

— Bem, não há outro trabalho em Shattuck. Era isso ou nos mudarmos — diz a sra. Clute. — E para onde iríamos?

— O restante da sua família sabe? Os Stoddard, quero dizer.

A sra. Clute assente.

— Minhas irmãs entendem — diz ela. — Mas minha mãe não está falando comigo. Disse que a família toda era podre. Que eu me arrependeria. — A sra. Clute olha para o lago. — No final, ela tinha razão.

— Sra. Clute — diz Judy. — Você tem alguma ideia de para onde Barbara van Laar possa ter ido?

A mulher responde rapidamente.

— Não faço ideia. Juro. Mas aposto que a família sabe.

Mais uma vez, aquela sensação — instinto, pensa Judy.

— Por quê?

— Posso estar falando bobagem — diz a sra. Clute —, mas quando Bear van Laar desapareceu, a família atrapalhou toda a busca do

início ao fim. A primeira coisa foi que eles só chamaram as autoridades horas depois do desaparecimento do menino. A essa altura, havia pegadas por todo o lugar, e tinha chovido, e qualquer esperança de rastreá-lo estava perdida. Para os cães também ficou impossível, e isso tornou o trabalho mais difícil.

Ela estende o polegar da mão direita, como se estivesse se preparando para enumerar todos os erros da família.

— Além disso — diz ela —, eles deixaram as pessoas de Shattuck ajudar, mas depois de uma semana nos mandaram embora. Então trouxeram uma equipe de buscas da Sierra Madres. Fretaram um avião particular e tudo mais. Pagaram generosamente, pelo que ouvi dizer.

— Eles pagaram os locais também?

A sra. Clute dá um muxoxo.

— Que nada — diz ela. — Nós fomos tratados como se já trabalhássemos para a família. Mesmo os que não trabalhavam, os que faltaram aos seus empregos para ajudar. E a ironia é que a tal equipe da Califórnia não tinha ideia do que estava fazendo. Eles nunca tinham visto um terreno como o nosso antes. Nunca tinham visto uma mata tão fechada. Eles foram embora sem encontrar um único vestígio do garoto.

Ela sorri, quase em triunfo, e então percebe o que está fazendo.

— Agora escute — diz a sra. Clute. — Eu me sinto péssima pela família. Se eles são inocentes, o que podem muito bem ser, é um pecado o que eles passaram. Mas nunca vou perdoá-los por não limparem o nome do meu pai. Depois que ele morreu, simplesmente deixaram o assunto para lá, *presumiram* que foi ele quem matou Bear. E que não encontrariam o garoto, porque não dá para fazer perguntas a um homem morto.

Ela olha para trás e continua:

— Eu vi uma pessoa que esteve aqui antes, quando Bear desapareceu. LaRochelle é o nome dele. Eu me lembro dele de quando estavam fazendo o caso contra meu pai. É um mentiroso. Se eu fosse você, não confiaria nele.

Judy mantém a cabeça parada. Assentir, mesmo que de leve, parece incorreto. Mas ela entende o que a mulher está dizendo.

A sra. Clute diz:

— Você tem filhos?

— Não.

— Tudo bem. Se um dia tiver, lembre-se dessa conversa — diz a sra. Clute. — Lembre-se das minhas palavras. E pergunte a si mesma: você ia parar de procurar tão cedo quanto eles pararam?

Judy olha para baixo, de repente envergonhada pela profundidade da emoção no olhar da sra. Clute.

— Você faria isso? — diz ela, mais uma vez.

Ambas ficam em silêncio por um instante.

— Tenho que voltar para dentro — diz a sra. Clute. — Muita coisa para fazer.

Judy assente.

— Tem mais alguma coisa que gostaria de me contar? Mais alguma coisa que eu deva saber?

A sra. Clute pensa.

— A única coisa que consigo pensar é que ninguém naquela família gosta da garotinha. Barbara. Negligência, é como eu chamaria. Antes de ir para o acampamento de verão, ela ia até a cozinha para comer alguma coisa. Com cara de perdida, na própria casa. Eu a alimentava sempre que podia. A mãe dela não gostava. Ficava me dizendo para parar de dar comida a ela. Eu concordava e fingia estar ouvindo, mas sempre gostei das visitas da menina. Barbara é uma garota estranha, se veste de forma esquisita, mas é a única aqui que se deu ao trabalho de aprender meu nome. Ela é uma boa pessoa, é o que eu acho.

— Obrigada — diz Judy.

A sra. Clute assente.

Judy se lembra das palavras de Hayes. Ela tem feito boas anotações, mas quer ter certeza de que os fatos estão corretos.

— Sra. Clute, você se importaria se eu fizesse o meu melhor para escrever tudo o que me disse? Você poderia dar uma olhada e assinar se estiver correto.

A mulher olha para ela, horrorizada.

— Nunca em um milhão de anos — diz ela. — Não me arrependo de ter contado o que eu falei. Mas essa é a única ajuda que posso dar.

Isso, pensa Judy, no momento parece ser mais importante do que o mapa. Ela vai até o Posto de Comando, procurando por Hayes na mesa. Lá fora, dois investigadores estão sentados nos degraus, escrevendo declarações em suas pranchetas.

— Hayes está lá dentro? — pergunta Judy, e um deles assente.

— Eu não entraria se fosse você — diz ele. — LaRochelle está dando uma bronca nele há dez minutos.

Judy para. Ouve gritos abafados através da porta.

Não há um bom lugar para ela se sentar.

— Pode avisar Hayes que estou procurando por ele? — pergunta ela.

— Claro, querida — responde o outro investigador. Sem olhar para cima.

— Sou a investigadora Luptack — diz Judy.

— Ótimo.

* * *

Enquanto espera por Hayes, Judy caminha pelos arredores do Acampamento Emerson fazendo o trabalho que LaRochelle lhe designou de manhã. Ela leva o bloco de notas e a caneta com ela. Para na frente de todas as instalações que consegue avistar, esboçando sua planta, como se vistas de cima. Ela classifica aquelas cujo uso é claro.

Quando termina, Judy vira para noroeste, em direção ao conjunto de edificações de fazenda que não estão mais em uso.

Ela tem certeza de que foram revistados minuciosamente. E, até onde sabe, não são usadas para abrigar ninguém.

Ainda assim — sem mais nada para fazer até que Hayes e LaRochelle terminem —, ela vai na direção delas, o bloco de notas debaixo do braço.

São quatro estruturas. Judy não sabe nada de agricultura, mas uma parece ter sido um estábulo, com suas grandes portas que se abrem para fora. Entrando, as baias ainda têm um odor animal, embora pareçam ter sido abandonadas há muito tempo. Acima do estábulo,

há um palheiro; uma escada frágil permite que Judy suba alto o suficiente para enfiar a cabeça e observar os restos de vários fardos de feno encostados nas paredes.

Ela desce.

Ao lado do estábulo há uma pequena edificação elevada, cujo piso não encosta no chão, sem janelas. Seja qual fosse seu propósito original, ela se tornou o lar de equipamentos agrícolas enferrujados. Judy entra apenas brevemente, então vai para a construção à esquerda.

O interior desta construção também a intriga a princípio: o piso é de concreto e inclinado para baixo em direção a um ralo. Talvez, pensa Judy, este fosse o lugar onde os cavalos eram lavados após o treino? Ela não consegue identificar o cheiro que sente, mas é algo que a deixa nervosa.

Então Judy olha para cima.

Cinco barras de metal se estendem de uma ponta do teto até a outra. Dessas barras pendem dezenas de ganchos em linhas retas.

Por fim, o cheiro faz sentido: era um matadouro. Ela fica ali por mais um momento, o corpo tenso.

Então vem o barulho: acima de sua cabeça, o som de passos.

Tracy

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | **Julho de 1975** | Agosto de 1975

A Viagem de Sobrevivência não foi anunciada com antecedência. Foi jogada em cima dos campistas desta forma: uma buzina de ar, às 5h30, logo após o nascer do sol.

Durante todo o verão, eles tinham sido treinados. Toda vez que a buzina de ar tocasse, os campistas deviam saltar de suas camas, se vestir sem tomar banho, e correr o mais rápido que podiam até o mastro da bandeira.

Quem chegasse primeiro recebia provisões extras, quem chegasse por último não recebia nada.

Barbara se levantou e se vestiu antes de qualquer outra pessoa no chalé.

— *Coloque roupas quentes por cima do uniforme* — sussurrou ela para Tracy, e então saiu.

Tracy não foi a última do seu grupo a chegar ao mastro, mas quase. E, portanto, recebeu, dentro da mochila que um monitor lhe entregou, apenas quatro latas de feijão e um cantil cheio d'água. Ela olhou ao redor: Barbara e Lowell Cargill estavam inspecionando lonas, bússolas, canivetes suíços. E as duas mais novas do seu grupo, que chegaram bem no final, abriram suas mochilas e as encontraram completamente vazias. Tracy observou seus rostos: elas estavam tentando ser corajosas, mas seus queixos estavam tensos, contendo as lágrimas.

T.J. Hewitt estava na base do mastro, impassível, supervisionando o caos. Assim que cada campista tinha uma mochila, ela subiu um pouco no mastro e, plantando a sola grossa de sua bota na presilha, levantou um megafone para falar.

— Grupos de sobrevivência — disse ela. — Seus líderes irão até vocês em breve. Mas lembrem-se de que eles estarão lá apenas para emergências. Eles não ajudarão de nenhuma outra forma. Em geral — neste momento ela olhou ao redor do local da reunião por tanto tempo que parecia que estava tentando chamar a atenção de cada campista —, vocês estão por conta própria. Boa sorte.

Do centro do grupo, os monitores começaram a se dirigir para os grupos que lhes foram designados. Tracy os examinou, imaginando quem viria em sua direção.

Mas foi a própria T.J. Hewitt quem se aproximou.

— Vocês estão comigo — disse ela.

Cinco minutos depois, eles partiram.

T.J. estava na frente. Em seguida, vinham os campistas mais jovens do grupo, alinhados como patinhos atrás da líder, que olhava para eles de vez em quando, como se estivesse surpresa ou incomodada com aquela presença.

— Finjam que sou invisível — dizia ela sem parar.

E eles voltavam para o restante do grupo, mas logo retornavam para o lado de T.J.

Barbara, Tracy, Lowell e seu amigo Walter — o mais velho do grupo — andavam lado a lado. Tracy olhava de soslaio para Lowell de vez em quando, lembrando-se de como era cantar em harmonia com ele e então corando furiosamente ao pensar nisso.

Caminhando para o norte, eles passaram pela casa, Autoconfiança. Através das janelas, Tracy pensou ver pessoas se movendo, e disse isso a Barbara, que deu de ombros, olhando para a frente.

— Estão se preparando — disse ela.

— Para o quê?

— Vão dar uma festa. É o centésimo aniversário da casa.

— Você foi convidada?

Barbara balançou a cabeça.

— Mas não quero ir mesmo — disse ela.

Eles cruzaram a estrada principal e caminharam por mais uma hora, até que finalmente T.J. os parou.

— Aqui está bom — falou. E então foi embora.

Foi Barbara quem quebrou o silêncio.

— Abram suas mochilas — disse ela.

Entre os doze campistas, eles tinham: 62 latas de vários alimentos, doze sacos de uma mistura de castanhas, doze cantis de água, quatro pequenos frascos de tintura de iodo, nove lonas, quatro abridores de latas, diversas facas, um rolo de arame, dez cordas e — o último item a sair da última mochila, o que arrancou de todos um grande suspiro de alívio — uma caixa de fósforos.

Barbara se levantou, inspecionando os bens, e calculando como usar tudo. Então olhou para T.J., que estava encostada numa árvore, um joelho dobrado, a sola da bota apoiada no tronco.

— Não olhe para mim — disse T.J. — Eu sou invisível. Não estou aqui.

Ela se virou e colocou a mochila nos ombros, então caminhou dez metros subindo uma leve inclinação, onde encontrou um lugar relativamente plano e começou a montar sua barraca. Num piscar de olhos, ela fez a própria fogueira, amarrou uma rede entre duas árvores e começou a ler um livro enquanto fervia água para o café.

Ao meio-dia, os campistas também tinham se estabelecido, sob a liderança de Barbara. Não tinha sido a primeira vez que Tracy se maravilhava com os movimentos fluidos da amiga, com o quanto ela sabia sobre a floresta. Foi Barbara quem localizou água corrente na forma de um riacho próximo, liderou um pequeno grupo para encher os cantis e purificar a água com cápsulas de iodo; foi ela quem usou cordas e lonas para fazer barracas primitivas, limpou um pedaço de terra, emoldurou um grande círculo com pedras. Então mandou as crianças procurarem a madeira e os gravetos mais secos que pudessem encontrar.

Ela não era muito mais velha que o restante do grupo — na verdade, era mais nova que Walter e Lowell —, mas para Tracy ela parecia, ao menos naquele dia, uma mulher adulta.

Na elevação próxima, T.J. de vez em quando tirava os olhos do livro, observando de forma impassível, sem dizer nada.

Quando não estava seguindo as ordens de Barbara, Tracy sentava-se no chão e brincava de um jogo inventado por um dos meninos mais novos, um garoto chamado Christopher, que parecia doce e meio assustado. Ele tinha oito anos; o mais novo do grupo.

— O mais novo de todo o acampamento — observou ele, melancólico.

À noite, depois do jantar, eles contaram histórias de fantasmas — evitando qualquer menção a Jacob Sluiter, ou Slitter — que parecia real demais para ser divertido. Lowell contou uma história sobre Mary Medonha, a mulher de cabelos grisalhos, o fantasma favorito do local.

— Um garoto do meu chalé disse que a viu uma noite dessas — disse Lowell, até que uma das meninas mais novas começou a chorar, e ele se retratou.

Então começaram a entoar canções de acampamento, e então Lowell cantou, à capela, uma bela música triste sobre um marinheiro perdido no mar.

Tracy sentia que algo louco estava acontecendo. Sim, T.J. estava na colina logo acima, mas cumpria a promessa de invisibilidade. As crianças estavam no comando, todas elas, mas principalmente Barbara. Na ausência de adultos, estavam se comportando de uma forma que deixou Tracy orgulhosa.

As barracas de lona foram divididas por Barbara. Tracy e Barbara ficariam na primeira; Lowell e Walter, na segunda; os quatro meninos mais novos, na terceira — quando eles protestaram brevemente contra a injustiça disso, Barbara os encarou até que se aquietassem —; e as quatro meninas mais novas, na quarta.

Às dez da noite, fazia frio longe do fogo.

Naquela manhã, seguindo as instruções de Barbara, Tracy vestira calça de moletom, uma camiseta de mangas compridas e um suéter pesado sobre o uniforme antes de correr para o mastro da bandeira. A

maioria dos campistas também recebeu essa mensagem de monitores e amigos, mas Christopher, o mais novo, só de short e camiseta, tremia de frio.

Vendo isso, Barbara tirou o moletom e jogou para ele.

— Vista isso — ordenou.

Parecia um vestido no pequeno Christopher, mas ele sorriu, confortável.

Não haveria sacos de dormir naquela viagem; nenhum campista recebeu um. Parte do objetivo era sobreviver com certo desconforto.

— Escutem — disse Barbara. — Se algum de vocês acordar no meio da noite e perceber que o fogo está se apagando, é seu dever atiçar ou pôr mais madeira nele.

A garota fez uma pausa para demonstrar e apontar para a pilha de lenha improvisada. Ela a embrulhara na única lona restante, para o caso de chuva.

— Mas não saiam andando por aí. Se alguém se perder no escuro, vai ser bem ruim para todos nós.

Ela fez uma pausa, pensativa.

— Outra coisa — disse Barbara. — Fiquem juntos. Quero dizer, mantenham seus corpos juntos durante a noite. Vão ficar bem mais aquecidos se fizerem isso.

Alguns dos meninos mais novos reclamaram.

— Ótimo — disse Barbara. — Congelem se quiserem. Não estou nem aí.

Alguém riu, e todos olharam na direção do braço estendido dela.

Christopher, o mais novo, tinha se enrolado como uma bola no chão, os joelhos dentro do moletom de Barbara. Ele dormia profundamente.

Barbara bateu palmas.

— Todos que não sejam eu, Tracy, Walter ou Lowell — disse ela — já para suas barracas. Hora de dormir.

O acampamento se acalmou. Até T.J., lá em cima, parecia ter se retirado: ela tinha deixado sua fogueira diminuir, aparentemente aquecida o suficiente dentro do saco de dormir que havia levado.

Quando os quatro campistas mais velhos terminaram de arrumar o local, Walter acenou para que elas se aproximassem, em direção à barraca que havia sido designada como sua e de Lowell.

— Eu trouxe uma coisinha — sussurrou ele.

Na luz fraca do fogo, Tracy viu o brilho de seu aparelho enquanto ele sorria.

Dentro da barraca, eles se sentaram num pequeno círculo, tremendo de frio. Os dentes de Tracy batiam quando não estavam cerrados. Ela só conseguia imaginar como Barbara estava se sentindo sem o casaco que dera a Christopher.

Walter, um rapaz magro e de aparência mais jovem que seus catorze anos, aparentemente também percebeu, pois tirou o moletom que estava vestindo e o entregou a Barbara.

— Não — disse Barbara.

— Pode pegar — disse Walter. — Eu ainda estou com esta camiseta. — Ele apontou para a camiseta de mangas compridas que estava usando. — Além disso, posso passar a noite abraçadinho com Lowell.

E ele passou um braço por cima de Lowell, que sorriu e o empurrou para longe.

— O que você queria nos mostrar? — perguntou Barbara.

Walter tirou o braço dos ombros de Lowell e levantou a camiseta. Por baixo dela, havia um frasco que ele havia amarrado à cintura.

Tracy reconheceu o que era na mesma hora. Seu próprio pai tinha um frasco daquele que levava consigo para as corridas de cavalo. Ele o mantinha num bolso interno do casaco, tocando-o ocasionalmente sem perceber. Certa vez, depois que um cavalo dele ganhou uma corrida, ele o ofereceu a Tracy, e ela ficou curiosa o suficiente para tomar um gole. Ela ainda se lembrava da queimação enquanto a bebida descia por sua garganta.

— Impressionante — disse Barbara.

— Obrigado — falou Walter.

Ele desenroscou a tampa e tomou um gole.

— O que tem aí? — perguntou Barbara.

— Creme de menta — disse Walter. — É a única bebida que meu pai não controla.

Ele passou adiante. Todos beberam. Tracy primeiro tomou um golinho, em seguida um maior. Era mais doce do que o que seu pai bebia, e também mais nojento.

Ela tossiu.

— *Shhhhh* — disse Barbara.

Ela pegou o frasco de Tracy e tomou um longo gole, limpando a boca com as costas da mão.

Em minutos, a barraca ficou mais quente. Tracy sorriu no escuro. Todas as preocupações que ela já teve de repente pareciam muito distantes.

Barbara estava à sua direita; Lowell, em frente a ela; Walter, ao lado dele. Tracy moveu o pé, vestido com um tênis, no que suspeitava ser a direção de Lowell, embora ela não pudesse ver. Tracy estava imaginando como seria sentir a boca dele na dela. Quando seu tênis alcançou o dele, ela o deixou lá, e foi como colocar um plugue dentro de uma tomada.

— Estou entediado. Vamos jogar alguma coisa — disse Walter.

— Está escuro como breu aqui — falou Tracy.

Ela estava pensando em cartas, ou damas, ou no jogo de palitos de Christopher.

— Não, não esse tipo de jogo. Verdade ou desafio — disse Walter.

Barbara riu de leve.

Tracy sabia o que era isso apenas por livros e programas de TV. Ela entendia que era um jogo que pessoas da idade dela jogavam em coisas como festas do pijama, mas as únicas reuniões do tipo que ela frequentara eram com suas primas por parte de mãe ou com Debbie Finley, uma vizinha cuja mãe trabalhava à noite. Essas festas do pijama não eram em nada parecidas com aquela reunião.

Parte do sentimento vinha do perigo: todos eles, Tracy sabia, tinham no fundo da mente a imagem de Jacob Sluiter à espreita no acampamento, faminto e irritado, uma vez que escapara recentemente. Mas nenhum deles diria seu nome: fazer isso parecia um desrespeito a Barbara. À memória de seu irmão, os rumores de que Sluiter estava de alguma forma envolvido em seu desaparecimento.

— Eu vou primeiro — disse Tracy, sentindo-se imprudente.

Ela estendeu a mão para pegar o licor de menta nojento.

— Verdade ou desafio? — falou Walter.

As palavras pareciam um encantamento.

— Verdade — disse Tracy, bebendo.

— De quem você gosta? — perguntou Walter.

E ela entendeu na mesma hora que mentiria. Pensou em todos os garotos da sua série na escola em Hempstead.

— Philip DiGiacomo — respondeu ela, nomeando o garoto que era amplamente considerado o mais bonito.

— Ah, isso não é justo — disse Walter. — De quem você gosta no *acampamento*?

— Tarde demais — falou Tracy, feliz. — Sua vez. Verdade ou desafio.

— Desafio — disse Walter.

Tracy pensou por um momento. Queria que seu desafio fosse criativo, engraçado. Queria fazer os outros rirem.

— Tudo bem — disse ela. — Walter: eu o desafio a ir até a barraca da T.J. e fazer barulho de urso do lado de fora.

Os meninos caíram numa gargalhada silenciosa. Ao lado dela, Tracy sentiu a cabeça de Barbara se virar rapidamente em sua direção.

— Não é uma boa ideia — disse Barbara.

— Por que não? — falou Lowell. — É hilário.

De Barbara: uma longa pausa. E então:

— Ela está armada.

Os outros três ficaram em silêncio.

— Quase com certeza ela tem uma arma — disse Barbara.

— Por quê? — perguntou Lowell.

— Exatamente por esse motivo — respondeu Barbara. — Ursos e coisas assim.

— Ou Slitter — falou Walter.

Houve uma longa pausa.

— Você acha que é por isso que mandaram os monitores conosco este ano? — disse Walter. — Por que ele está solto?

— Não — falou Barbara. — Acho que é só porque muitos pais reclamaram. T.J. diz que esta geração é diferente das anteriores. Ela diz que os pais são mais medrosos.

Mais silêncio enquanto os quatro consideravam. Tracy não achava que seus pais eram medrosos. Mas quando ela se lembrou das mães das outras meninas — com seus vestidos estampados, os sapatos sofisticados —, acreditou que era possível.

— Sendo assim, não vou fazer isso. Alguma outra ideia? — disse Walter.

Tracy vasculhou o cérebro. Pensou em fazer Walter terminar o frasco — mas ela queria mais. Pensou em fazê-lo beijar uma das outras pessoas, ou se despir e correr pelo acampamento, mas se preocupou com o precedente que isso criaria, apavorada de também ser solicitada a tirar alguma peça de roupa. Então falou:

— Eu desafio você a nos contar o maior segredo de Lowell.

Ela não conseguia ver bem o rosto de ninguém, mas sabia que Walter estava pensando em como responder.

— Fácil — disse ele, por fim. — Quando está em casa, ele dorme com a luz acesa porque tem medo do escuro.

Ele se virou para Lowell.

— Mas não se preocupe, camarada. Eu protejo você.

Tracy entendeu duas coisas na mesma hora: que aquele não era o maior segredo de Lowell e que Walter seria leal a ele a todo custo. Seu coração afundou. Ela não pretendia ser cruel.

Trinta minutos se passaram. Uma hora. Todos estavam embriagados e mais aquecidos do que antes. O bom humor de Tracy foi se restaurando com as confidências que estavam trocando: depois de ficarem sem desafios aceitáveis, eles focaram nas verdades, e, naquele curto período, aprenderam mais um sobre os outros do que em todo o verão. Era maravilhoso, pensou Tracy, ter amigos assim, que pareciam ver as partes que você mais se esforçava para esconder, trazê-las à tona e celebrá-las com uma espécie de provocação terna que tinha a intenção de colocar você para cima mais do que para baixo. Lowell, ela havia aprendido, realmente *tinha* medo do escuro; e, apesar dos dons físicos, odiava esportes, para o horror de seu pai jogador de futebol; Walter era péssimo na escola, tinha algo chamado *dislexia*, tinha um pai que fora para Harvard e não esperava nada menos dele.

Ela, Tracy, revelara que tinha poucos amigos, que as garotas com quem ia para o colégio não eram nada parecidas com ela; que seu pai havia deixado sua mãe por Donna Romano, uma garçonete do Adelphi Hotel; e que sua mãe tinha ficado mais quieta e menos animada depois disso.

Cada vez que uma verdade era dita, comemoravam e bebiam. E se revezavam para atiçar o fogo quando ele ficava baixo.

A única pessoa mais reservada era Barbara. Ela ria baixinho com eles: estava envolvida na brincadeira, mas quando chegava a hora de contar suas verdades, Tracy sentiu que estavam sendo censuradas.

Era tão libertador, pensou Tracy, trocar intimidades com amigos dessa forma; ela se sentia quase mal pela experiência de Barbara ser diferente da dela. E então, quando chegou a hora de Tracy participar, ela escolheu Barbara. E Barbara escolheu a verdade.

Sem hesitar, Tracy fez a pergunta que passou o verão inteiro se fazendo.

— Quem é seu namorado?

Silêncio.

Ao fundo, o fogo estalou alto, e Tracy deu um pulo.

— A verdade é — disse Barbara, por fim — que não posso contar a verdade.

Em sua voz havia raiva: se era dirigida a ela, ou ao namorado, ou ao mundo, Tracy não tinha certeza.

Barbara pegou o frasco de Walter e o inclinou, esvaziando-o.

Então ela disse:

— Lowell. Verdade ou desafio.

Lowell pensou. Optou por um desafio.

— Desafio você a me beijar — disse Barbara.

Na nuca, Tracy sentiu uma sensação fria que reconheceu como medo.

Sob a luz fraca do fogo, ela olhou para os ombros largos de Lowell, os antebraços cruzados um sobre o outro em cima das pernas dobradas. Ele abaixou um braço e depois o outro, ajoelhou-se e se inclinou para Barbara. Colocou as mãos em suas bochechas e foi com o rosto em direção ao dela e a beijou, e Tracy entendeu imediatamente que ele já tinha beijado muitas garotas antes e que aquele não era um

beijo superficial, seguindo ordens. Era, na verdade, um beijo com sentimento, com desejo. Ela quis se virar, mas não se virou. Aquela era sua punição, pensou, por baixar a guarda. Ela merecia. Ela aceitou.

Walter fez um pequeno som de *Oooh* quando o beijo terminou, mas foi só.

Então Barbara disse que estava cansada, Lowell concordou e os quatro se separaram abruptamente: os meninos para cuidar do fogo uma última vez; as meninas na direção de sua barraca.

Lá dentro, Tracy estava novamente com frio. Ela tremia. Virou-se de lado, enfiou os joelhos no moletom, ficou ali enrolada como um bebê.

Depois de um momento, sentiu Barbara se aproximar dela e colocar os braços ao seu redor, abraçando-a por trás.

— Não — disse Tracy.

— Me desculpe — falou Barbara. — Não sei no que eu estava pensando. Me desculpe, Tracy.

Ela não queria chorar, mas de repente estava chorando. Era mais por vergonha do que por raiva: vergonha por ter pensado que alguém como Lowell Cargill estivesse interessado nela.

— Não chore, Tracy — disse Barbara. — Por favor. Me desculpe.

Tracy fechou os olhos. Pelo menos estava se sentindo mais aquecida; Barbara estava certa quando dissera que juntar os corpos era útil para reter calor.

— Você gosta dele? — sussurrou Tracy.

— Não.

— Por que fez isso?

Barbara parou por um instante.

— Às vezes, eu faço coisas ruins — disse ela. — Eu tenho esse problema. Penso: qual seria a pior coisa que eu poderia fazer agora mesmo? E então eu faço. Quase como se não conseguisse me conter.

Contra a vontade, Tracy entendeu o que Barbara queria dizer. Pensamentos assim também passavam por sua cabeça, a diferença era que ela sentia medo de agir de acordo com eles. Imaginava que a maioria das pessoas era como ela.

— Você precisa de análise — disse Tracy, e Barbara riu um pouco.

Tracy sorriu. Apesar de tudo, ela gostava de fazer Barbara rir.

— Ah, eu faço análise — falou Barbara. — Meu pai me faz ver um psiquiatra desde que eu tinha cinco anos.

— A mesma pessoa?

— Todas diferentes. Cada ano tem uma nova. A deste ano é a dra. Roth. Eu a chamo de dra. Rata, porque ela se parece com um. E fala como um também. Assim — e imitou alguém rápido e dentuço.

Passado um instante, ela complementou:

— Pelo menos é mulher. Eu gosto mais de mulheres.

— Eu também — falou Tracy, embora não tivesse certeza se era verdade. — O que a dra. Roth acha que há de errado com você?

— Controle de impulsos — disse Barbara. — Eu não me controlo o suficiente, segundo ela. Meu pai concorda.

— Você não se dá bem com ele.

— Rá — disse Barbara. — O eufemismo do ano.

— Foi por isso que veio para o acampamento neste verão? — perguntou Tracy. — Para fugir dele?

— Em parte.

— Por que mais?

Barbara ficou quieta.

— Para ficar longe de todos eles — respondeu. — Eles vão dar uma festa, e eu simplesmente não queria participar daquilo. Todos os amigos terríveis dos meus pais. Não gosto de nenhum deles.

Tracy tinha outra teoria.

— É mais fácil ver seu namorado estando no acampamento?

Barbara assentiu. Tracy sentiu seu queixo se movendo para cima e para baixo contra a sua nuca.

— É mais fácil sair escondida — disse Barbara. — Lá em casa, sempre tem alguém acordado.

— E sua mãe? — Aquilo era o máximo que já tinham falado da família de Barbara. Normalmente, ela mudava de assunto antes. — Como ela é? — disse Tracy, pressionando.

Uma pausa.

— Ela é inútil — respondeu Barbara. — Mal funciona.

— O que aconteceu com ela?

Os braços de Barbara se afrouxaram um pouco em volta de Tracy.

— Meu irmão desapareceu — disse ela, baixinho. — E nunca mais voltou. Foi o que aconteceu com ela, acho. Porque vi fotos dela de quando era adolescente, e ela parecia bem. Parecia uma pessoa diferente.

Tracy colocou a mão sobre a de Barbara. Ela a apertou. Sentia que o frio aos poucos a deixava sóbria. Tinha a sensação de que ficaria envergonhada com parte ou talvez com tudo aquilo no dia seguinte; que seria difícil encarar Lowell, Walter e Barbara. Então usou o que restava da coragem que o álcool lhe dera para entrelaçar seus dedos nos de Barbara e puxar seu braço com mais força ao redor de si.

— Você sabia disso, sobre meu irmão? — perguntou Barbara. — Todo mundo sabe disso?

Tracy assentiu.

— Sinto muito — disse ela.

Silêncio.

— Minha mãe acha que ele vai voltar — disse Barbara. — Mas mantém isso em segredo do meu pai. Ela só fala essas coisas para mim. Meu pai fica bravo quando minha mãe menciona Bear.

— Você acha que ele vai voltar? — perguntou Tracy.

— Não — respondeu Barbara. — Não acho.

No escuro, Tracy ouviu Barbara abrir e fechar a boca.

— O que foi?

— Penso muito nele. Gostaria que Bear não tivesse desaparecido — disse Barbara.

— Você gostaria de tê-lo conhecido?

— Não. Quer dizer, mais ou menos — disse Barbara. — Vi fotos dele e parece que ele era legal. Todo mundo diz que ele era.

Ela fez uma pausa. Tracy prendeu a respiração, sem querer quebrar o feitiço.

— Quando eu era mais nova — disse Barbara —, tinha conversas imaginárias com ele. Fingia que ele ainda morava conosco, que eu tinha um irmão mais velho que cuidava de mim. Me protegia dos meus pais quando eles brigavam ou quando ficavam bravos comigo.

Tracy assentiu. Ela, uma filha única, teve devaneios semelhantes.

— Mas também — disse Barbara — se ele não tivesse desaparecido…

Ela não terminou a frase.

— O quê? — disse Tracy.

— Eu não teria nascido — falou Barbara. — Teria sido melhor, acho.

Elas ficaram em silêncio por um longo tempo.

Tracy sabia que um adulto teria registrado aquilo como um alarme, teria protestado que a vida valia a pena ser vivida. Mas Tracy, com quase treze anos, viu aquela declaração não como um pedido de ajuda, mas como a declaração de um fato. E então não disse nada, e as duas respiraram juntas por um longo tempo, até que cada uma pensou que a outra tinha adormecido.

De repente, Barbara falou novamente.

— Que horas você acha que são?

Tracy levantou seu relógio, inclinando-o para que refletisse a luz do fogo.

— Meia-noite — respondeu ela.

— Merda — sussurrou Barbara.

— O quê?

— Preciso ir.

Barbara se levantou de repente.

Ao lado dela, Tracy também se levantou.

— *Ir?* — disse ela.

Barbara estava remexendo em sua mochila, tateando dentro dela.

— Aonde você vai? — perguntou Tracy.

— Para o mesmo lugar que vou todas as noites.

Ela pegou uma pequena lanterna.

— Onde conseguiu isso?

— Eu trouxe comigo do Bálsamo.

— Mas como vai saber para onde está indo? — perguntou Tracy, incrédula.

Barbara bufou.

— Não se preocupe comigo — disse ela. — Conheço cada centímetro desta floresta.

E então ela partiu, passando pela fogueira, descendo a colina. Tracy observou até que só conseguiu ver o facho da lanterna. Depois isso desapareceu também.

Tracy

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | **Julho de 1975** | Agosto de 1975

Tracy dormiu mal, acordando com o frio e, às vezes, com o som de um dos outros campistas cuidando do fogo.

Em algum momento, ela abriu os olhos e percebeu que já estava claro e que ainda estava sozinha na barraca.

Tracy levantou-se rapidamente, sentindo medo. Todos os outros ainda dormiam. Foi na ponta dos pés até a barraca de Lowell e Walter e se inclinou ao lado de Lowell, sussurrando seu nome até ele abrir um olho.

— Barbara não está aqui — disse Tracy. — Ela sumiu.

Lowell piscou, esfregou os olhos e se espreguiçou.

— Do que está falando? — disse Lowell. — Vi ela agora mesmo. Estava pegando mais lenha.

E então de trás de um pequeno aglomerado de árvores surgiu Barbara, com os braços cheios de galhos, juntando gravetos para alimentar a fogueira matinal.

Ela sorriu para Tracy. *Bom dia*, articulou sem emitir som.

O plano deles para o dia era montar armadilhas simples de esquilo, conforme T.J. os havia ensinado nas aulas de atividades ao ar livre. Barbara, é claro, supervisionou tudo.

À noite, as armadilhas para esquilos não tinham iscas nem esquilos. Alguém havia encontrado algumas frutinhas, mas a caminhada para colhê-las sem dúvida custaria mais energia do que as próprias frutas forneceriam.

O humor de todos havia mudado. Sem nada para fazer, esperaram pelo jantar, pelas pequenas porções de feijão enlatado e castanhas que

Barbara havia reservado para a refeição da noite. Os campistas mais jovens estavam reclamando de fome; os mais velhos estavam irritados.

Barbara, determinada, partiu mais uma vez para dentro da floresta para verificar as armadilhas. E, um segundo depois, eles ouviram um grito.

Tracy se levantou. Do outro lado do acampamento, ela viu que Lowell também estava de pé. E então ele saiu correndo em direção à voz de Barbara.

Os dois emergiram passados alguns instantes, sorrindo, carregando duas das armadilhas de esquilo, de onde pendiam os corpos de três esquilos, balançando enquanto andavam. Um deles, Tracy viu com horror, ainda se contorcia e se arrastava.

— Barbara! — gritou ela. — Barbara, um deles está vivo!

A garota assentiu.

— Pegue uma pedra — disse ela.

— *Eu?* — disse Tracy.

— Sim, você.

Tracy olhou ao redor do acampamento. Rapidamente, avistou uma pedra que parecia bastante sólida e a ergueu sobre a cabeça para Barbara inspecionar.

— Ótimo — disse Barbara. — Agora tire uma das meias e coloque a pedra dentro dela.

Tracy sentiu o estômago embrulhar.

— Anda — disse Barbara. — Anda, Tracy. Se eu tiver que abaixar a armadilha, ele vai escapar.

Algo no olhar de Barbara disse a Tracy que aquilo era um teste, que falhar seria catastrófico para a amizade delas. E então ela obedeceu, sentando-se no chão, tirando um sapato e depois a meia, colocando a pedra dentro dela.

Com um pé descalço, mancou em direção ao esquilo frenético. O restante dos campistas ficou quieto. Ela mirou sua arma, balançou-a como um morcego em direção ao crânio do esquilo até que ele não se mexeu mais.

Erguendo a cabeça, Tracy viu que estava sendo observada: não apenas por seus colegas, mas por T.J. Hewitt, no cume, com as mãos na cintura, sorrindo para ela em sinal de aprovação.

— Bom trabalho — gritou T.J.

Essas foram as únicas palavras que ela disse desde que tinha se declarado invisível.

Então, rapidamente, a mulher lhes deu as costas e se agachou para retornar à sua barraca.

Foi Barbara quem limpou os esquilos, curvando-se para trabalhar numa lona no chão.

Quando estava quase terminando de remover a pele, ela colocou uma carcaça de esquilo no colo e começou a trabalhar na pele restante com uma faca pontuda.

O restante deles assistiu.

Ninguém saberia ao certo dizer como aconteceu — nem mesmo Barbara —, mas de repente ela estava sentada muito quieta, e em seu joelho direito estava o esquilo sem pele, e dentro de sua coxa esquerda estava a ponta da faquinha que ela estava usando.

Sua mão ainda segurava o punho. Por reflexo, ela a extraiu num movimento rápido, e então disse:

— Eu não devia ter feito isso.

E, claro, a ferida ficou dormente por três segundos, como se hesitasse, e então uma pequena poça de sangue surgiu e jorrou.

— Eu não devia ter tirado — repetiu Barbara. — Devia ter deixado lá dentro.

Barbara estava de short, então sua perna estava completamente à mostra. Um rio de sangue escorria pela parte interna de sua coxa, respingando no solo.

Alguns dos campistas recuaram, com as mãos na cabeça; outros se aproximaram.

— Vamos chamar a T.J. — disse Lowell.

— Não — disse Barbara, rapidamente.

— Por que não? — perguntou Walter. — Ela mandou fazer isso. Falou que o único motivo para chamá-la era uma emergência.

— Não é uma emergência — disse Barbara. — Eu consigo resolver.

Ela olhou ao redor. O sangue pingando de sua perna fazia um barulho de *pat-pat* no chão.

— Christopher — chamou ela.

O menino tinha fugido ao primeiro sinal de sangue. Ele então saiu de sua barraca, tímido.

— Preciso do meu moletom de volta. Sinto muito.

* * *

Ele o tirou apressadamente e correu até ela. Com sua faca, Barbara cortou uma das mangas e a enrolou firmemente em volta da perna. O tecido da manga logo foi de branco para rosa.

Por uma ou duas horas, Barbara o usou, continuando suas atividades como antes, aparentemente imperturbável.

Eles comeram os esquilos, cada campista recebendo um punhadinho de carne, o que elevou o moral de todos, mesmo que não tenha diminuído a fome.

No final da noite, Tracy notou que Barbara parecia mais quieta do que o normal. Ela sem dúvida havia perdido muito sangue; a manga do moletom precisou ser substituída duas vezes por outros tecidos.

— Você está bem? — disse Tracy.

— Estou ótima — respondeu Barbara.

Mas seu rosto estava muito pálido. Tracy olhou para ela um segundo a mais.

— O que foi? — perguntou Barbara.

Atrás dela, Tracy sentiu os olhares dos outros campistas se virando em sua direção. O acampamento ficou em silêncio.

— Temos que contar para T.J. — disse Lowell.

Ele olhou para Barbara, inspecionando seu rosto.

— Estou falando sério. Você perdeu sangue demais. Não é seguro.

— Estou bem — repetiu Barbara, de forma fraca.

Mas Lowell não quis saber. Ele saiu a passos largos na direção do acampamento de T.J. Barbara o chamou, mas sua voz estava baixa demais para ser ouvida.

Em dez segundos T.J. chegou correndo pela pequena ladeira entre seu acampamento e o deles, carregando uma grande panela. Ela se

ajoelhou na frente de Barbara, que tinha se deitado de costas, aparentemente sem conseguir manter a cabeça erguida por muito tempo.

Depois de um breve exame, T.J. se levantou e olhou ao redor, avaliando todos.

Então, identificando corretamente Lowell Cargill como a pessoa mais provável de ser útil numa crise, entregou a panela a ele, instruindo-o a atiçar a fogueira e, em seguida, a ferver água. Enquanto isso, pegou Barbara rapidamente em seus braços e caminhou o mais rápido que pôde de volta para a colina.

— Grite quando a água estiver fervendo — disse ela.

Então T.J. e Barbara desapareceram dentro da barraca.

* * *

Ao cair da noite, Barbara estava limpa, suturada, alimentada, hidratada, vestida com roupas mais quentes e com o rosto muito mais rosado. Ela também tinha voltado para o acampamento, já minimizando a gravidade do que havia acontecido.

Mais tarde, em sua barraca, Tracy e Barbara se amontoaram como antes.

— Barbara…

— O quê?

— Estou feliz que você esteja bem.

Barbara bufou.

— Eu ia ficar bem.

— Não sei, não — disse Tracy. — Você não parecia bem.

— Posso cuidar de mim mesma. Eu teria voltado a pé para o Acampamento Emerson se piorasse. Eu teria andado todo o caminho até lá e todo o caminho de volta. Ninguém precisava ter envolvido T.J. nisso.

Por mais estranho que parecesse, Tracy acreditou nela.

— Onde você aprendeu essas coisas? — disse Tracy.

— Que coisas?

— Você sabe. Armar armadilhas, montar barracas e tudo o mais. Limpar aqueles esquilos. Primeiros socorros.

— No mesmo lugar que você — disse Barbara. — Nas aulas da T.J.

Tracy balançou a cabeça.

— Eu não sei o que você sabe. Acho que ninguém sabe.

Barbara ficou quieta por um instante.

— Minha família — disse ela.

Elas ficaram em silêncio. Havia mais na história, Tracy sentia. Mas não insistiu.

— Você vai sair de novo hoje à noite? — sussurrou Tracy.

— Acho que não consigo — disse Barbara. Ela se mexeu um pouco. — Acho que minha perna não vai deixar.

Ela suspirou.

— Vai ser um problema se você não for? — disse Tracy.

Ela disse isso com cuidado: não queria repetir o erro de irritar Barbara insistindo num assunto sobre o qual a amiga claramente não queria falar.

Barbara ficou em silêncio por tanto tempo que Tracy supôs que ela tivesse adormecido. As roupas extras que T.J. lhe dera esquentaram as duas, e Tracy começou a ficar sonolenta.

Então, no escuro, ela ouviu Barbara falar.

— Acho que vai. Acho que não vai ficar tudo bem.

Alice

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Dois**

No segundo dia de ausência de Barbara, Alice acorda com a boca seca.

Ela dormiu a noite toda de bruços. Uma mancha de umidade se espalhou pela colcha, vinda de sua boca.

Alice sabe que algo ruim aconteceu. A sensação paira no ar, mas o fato em si ainda não chegou. Ela se senta. Pega o copo de gim na mesa de cabeceira. Bebe com dificuldade.

Ela se levanta.

Barbara.

É isso. A filha dela está desaparecida desde ontem de manhã.

Cinco minutos depois, Alice está no solário. Ela observa da janela: mais pais chegando para buscar os filhos uma semana antes do planejado.

Alguns — os que moram em Albany, Niskayuna ou Vermont — vieram no mesmo dia do desaparecimento resgatar suas crianças.

Outros — os moradores da costa Oeste, do Colorado, os que tiveram que pegar um voo — chegavam naquele momento em seus carros alugados à Reserva, cheios de um sentimento de urgência, horrorizados pelo fato de seus filhos terem passado uma noite inteira num lugar onde, de novo, menos de 24 horas antes, uma criança desaparecera.

Ela entende. Ela se lembra de se sentir assim com Bear. De sentir que faria qualquer coisa para protegê-lo. Que machucaria fisicamente qualquer pessoa que sonhasse em lhe fazer algum mal. Ele precisava dela — essa era a questão. Ele precisava dela, e ninguém nunca tinha

precisado dela antes. Ele se agarrava a ela — um hábito que Peter transformara em patologia. Mas ela nunca tinha protegido ninguém antes, e gostava da sensação, entregando-se a ela em segredo sempre que ficavam sozinhos.

Atrás dela, alguém entra no solário.

Alice não precisa se virar para saber quem é.

Ela será levada para Albany. Os Peters vão tirá-la do caminho, como sempre.

Tudo bem. Alice gosta de Albany.

Lá ela consegue ouvir melhor a voz do filho.

Alice

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Bear pulava de ansiedade. Alice o observava através do vidro do solário: no dia em que o Adeus aos Borrachudos estava programado para começar, ele sempre ficava no gramado da frente, ansioso para que os convidados chegassem. Começou a dar cambalhotas e a jogar uma bola de beisebol para o alto sem parar. Ele cantava uma música que Alice não conhecia, talvez a tivesse aprendido na escola. Às vezes, Alice achava engraçado o fato de Bear ter toda uma vida fora de casa que ela não conhecia. Ele se tornara uma *pessoa* nos últimos tempos, comentou com Peter; e Peter revirou os olhos, como se não entendesse o que a esposa queria dizer. Mas ele sabia. Ela sabia que ele sabia.

Aos oito anos, Bear era encantador, inteligente, curioso, engraçado e cada vez mais independente. Isso ia além do que ela esperava; Alice às vezes sentia falta dele, da presença constante ao seu lado, de sua voz alta e clara chamando *mamãe* dezoito vezes num minuto.

Mas Peter estava encantado. Era tudo o que ele esperava de um garoto: autoconfiança. E uma das melhores partes era a maneira como aquilo unia Peter e Alice. Eles se sentavam juntos e observavam o filho como a um espetáculo. Começaram a apreciar a companhia um do outro de uma forma que nunca acontecera antes. Para começar, ela estava mais velha: Alice acabara de completar 26. Uma idade de respeito, finalmente.

Com isso, às vezes tinha a ideia emocionante de que seu marido estava se apaixonando por ela pela primeira vez. Ficava triste pela Alice mais jovem, a de dezoito anos que não sabia nada sobre o mundo, mas estava feliz por si mesma naquele momento. Era engraçado, pensou, quantos relacionamentos é possível ter com o mesmo homem ao longo de uma vida inteira juntos.

Peter e seu pai convidaram mais pessoas do que nunca para o evento daquele ano: 37, pelas contas de Alice. Os quartos foram distribuídos entre eles, e cada cômodo do anexo também. Por causa da quantidade de homens e mulheres solteiros, que não podiam dividir a mesma acomodação, foi necessário requisitar alguns cômodos do Alojamento dos Funcionários; e para os funcionários deslocados foi preciso alugar duas casas de veraneio desocupadas a quase dez quilômetros ao sul, e fornecer carros a eles.

O primeiro convidado chegou, e Bear correu em direção ao veículo para saudá-lo. Alice, de seu lugar no solário, reconheceu o carro na mesma hora; era Delphine, sua irmã.

Já haviam se passado três anos desde a morte de George, e, durante esse tempo, Delphine tinha ido sozinha à comemoração, sempre chegando no mesmo Buick funcional que se recusava a vender.

— Bear! — disse Delphine.

Através do vidro, Alice viu a palavra se formando em sua boca. Ela e o garoto sempre tiveram um vínculo especial, uma bela amizade. A cada festa de verão, ela o tratava como um igual, levava papel e tinta para ele, sentava-se com o sobrinho por horas e conversava com ele sobre o que estava aprendendo na escola.

Alice atravessou o corredor e entrou na sala, onde Peter e seus pais estavam lendo perto da lareira.

— Delphine chegou — informou.

O grupo naquele ano era eclético. As pessoas de sempre estavam lá: as famílias de Peter e Alice; os Southworth, que levaram a filha pequena, Annabel; os McLellan e seus filhos; e também um punhado de clientes, além dos artistas obrigatórios.

Todos elogiaram a comida. Elogiaram tudo, na verdade; a decoração, as flores, os músicos, as roupas usadas por Alice, a inteligência e o bom humor de Bear, assim como sua beleza.

Ao longo da semana, Peter pareceu diferente para Alice: sua melhor versão. Ele estava mais feliz, mais entusiasmado. Relaxado, até. Às vezes, ela o flagrava sentado no gramado, lendo o jornal. Em outros anos, parecia que ele simplesmente não parava quieto.

Um dia, quando a maioria dos convidados foi fazer uma caminhada até a montanha Hunt, Alice não quis ir. Ela estava cansada após uma noite longa e pensou em tirar um cochilo curto.

Foi até o quarto e parou de repente.

Peter estava na cama dela — acordado.

Ele olhou para a esposa. Surpreso a princípio. Então sorriu.

— Não foi fazer a caminhada? — disse ele.

— Não — respondeu Alice. — Pensei em descansar um pouco.

Ela esperou, um pouco nervosa. A palavra *descanso* era um anátema para Peter; ele não gostava de descansar e também não gostava quando alguém ao seu redor o fazia.

Mas ele a surpreendeu:

— Venha descansar comigo — disse ele.

No primeiro ano de casamento, sexo tinha sido uma condição necessária. Sempre havia um leve constrangimento de ambas as partes: desde os primeiros momentos a sós, ela nunca sentira verdadeiramente o desejo dele, mas algo mais parecido com dever ou uma espécie de caridade condescendente.

Quando Bear completou um ano, Peter mandou mobiliar para ela quartos separados dos dele, tanto na casa em Albany quanto na Autoconfiança. A decisão tinha sido exclusivamente do marido, sem incluir Alice: Peter apenas apresentou os quartos a ela, dizendo que sua insônia exigia tal atitude.

Desde então, ela dormia sozinha.

Alice, ainda jovem, às vezes sentia um desejo tão forte que não sabia o que fazer com ele. Ela desejava amigos, estranhos na rua. Mas, depois de um punhado de rejeições de Peter tão brutais que a fizeram chorar, ela parou de tentar se envolver com ele dessa forma. Passou a se concentrar em si mesma, imaginando se alguma outra mulher no planeta fazia o que ela estava fazendo.

Naquele dia, porém, Peter a procurou com uma ternura que Alice nunca havia sentido antes. Ele foi gentil e enérgico ao mesmo tempo. Ficaram deitados na cama depois, atônita.

Ela chorou: algo que raramente se permitia fazer na frente do marido.

— O que foi? — perguntou ele com gentileza.

Alice estava chorando, falou, porque o amava. E de fato amava, naquele momento: ela o amava e amava a vida que tinham construído juntos. Mas também chorava por tudo de que tinha sido privada até aquele ponto.

— Sua boba — disse ele, mas havia afeição em sua voz. E ela se deixou afundar nele.

Aquilo, pensou ela, era o que ela sempre quisera.

Finalmente, estava lá.

Tudo estava diferente. Pelo restante da semana, os dois ficavam trocando olhares. A cada momento que podiam, eles procuravam um ao outro. Peter dormia no quarto de Alice — o que ele tinha mobiliado para ela. Voltava para o quarto dele, do outro lado do corredor, apenas para se trocar e se vestir de manhã.

Até Bear notou: uma vez foi até os pais, pegou as mãos dos dois e sorriu enquanto olhava para seus rostos, como se pudesse sentir o amor entre eles.

Geralmente, o Adeus aos Borrachudos acontecia de um sábado a outro. Naquele ano, no jantar anual de despedida — um churrasco de frutos do mar preparado pela equipe da maneira tradicional, na praia do lago —, Peter se levantou e chamou a atenção de todos.

— Não nos deixem amanhã — disse ele. — Fiquem mais um dia.

Peter olhou em volta como se tivesse acabado de perceber as repercussões de sua ideia.

— Warren! — Era o cozinheiro da casa naquela época. — Temos comida suficiente para mais um dia, não temos?

Hesitante, Warren assentiu. Isso significaria mais viagens à cidade, Alice sabia; significaria uma mudança de planos de toda a equipe temporária que fora contratada para trabalhar por apenas uma semana.

Mas Peter já havia tomado sua decisão. Os convidados já estavam comemorando.

O churrasco parecia pronto para prosseguir, até que uma voz num canto se ergueu.

— Tudo bem fazer isso? — disse Delphine. Todos se viraram na direção dela. — Warren, você tinha outros planos?

Silêncio.

A impropriedade daquela interação era óbvia para todos ali. Que direito Delphine — uma mulher viúva, sozinha na festa — tinha de se dirigir diretamente a um membro da equipe dos Van Laar?

De súbito, o pai de Peter — que em geral deixava o filho comandar o espetáculo — levantou-se da cadeira Adirondack funda em que estava sentado com uma agilidade que teria sido surpreendente em qualquer outro homem de sua idade.

O Van Laar mais velho se dirigiu ao grupo como um todo.

— Warren ficará feliz em alimentar todos vocês — disse ele. — Assim como nós. Obrigado por sua preocupação, sra. Barlow.

Naquela noite, na cama, o bom humor de Peter tinha desaparecido. Uma fúria silenciosa o substituiu.

— No que ela estava pensando? — repetia ele sem parar.

Ela, presumiu Alice, era Delphine.

— A intenção dela é boa — disse Alice. — Ela só… ela sempre foi diferente. Desde que éramos crianças.

Peter ficou em silêncio.

— Ela também tem suas qualidades. É muito boa com Bear — falou Alice, soltando qualquer argumento que supunha apaziguar o marido. — Sempre foi gentil com ele. Ela se senta ao lado dele, sabe. E traz brinquedos toda vez que vem nos visitar.

— Que presunção daquela mulher — disse Peter. — Sei que ela é sua irmã, Alice, mas não tenho certeza se podemos continuar a convidá-la.

Ele se virou para longe de Alice.

Timidamente, ela colocou a mão em seu ombro. Peter a afastou. Então ele se levantou. Vestiu o robe. Saiu do quarto dela, atravessou o

corredor e entrou no dele.

Ela não queria que o feitiço da semana acabasse. Não queria voltar a ser como sempre foram.

* * *

Alice não tinha bebido tanto naquela semana quanto normalmente fazia; estava distraída e feliz pela atenção de Peter. Porém, no último sábado do Adeus aos Borrachudos — quando percebeu que o marido não sairia do quarto —, tomou uma taça de vinho no almoço e continuou a enchê-la na cozinha sempre que ficava sozinha por um momento.

Às quatro da tarde, o cheiro do ar mudou. Uma chuva se aproximava, todos diziam.

A equipe estivera ocupada o dia inteiro, buscando e trazendo sacolas de compras da cidade.

Em algum momento, alguém propôs um passeio de barco no lago Joan: seria a última chance de fazê-lo antes da tempestade. E então a decisão foi tomada, e todos foram aos seus quartos para se trocar.

Bear iria gostar do passeio, pensou Alice. E foi procurá-lo.

Durante a maior parte da semana, seu filho correra para lá e para cá com John Paul e Marnie McLellan; ela ficara longos períodos sem vê-lo. Alice nunca tinha prestado tão pouca atenção no menino como naquela semana; também nunca tivera nada para distraí-la como acontecera com Peter. Tudo bem, dissera a si mesma. Bear também estava se divertindo.

Tessie Jo Hewitt também fazia parte do grupinho. Um pouco mais velha que os outros, ela parecia ser a líder. Alice não tinha certeza, mas achava possível que Vic Hewitt tivesse dado à filha a tarefa de ser babá das outras crianças.

Alice não encontrou Bear em seu quarto nem em nenhum dos quartos dos McLellan.

Ela olhou para a praia e para a casa de barcos, onde dois funcionários estavam preparando diversas embarcações para o passeio daquela tarde.

— Vocês viram Bear? — perguntou ela, mas eles não tinham visto.

Ela deixou o quarto de Peter por último. Por um lado, achava improvável que seu filho estivesse lá: Bear e o pai tinham se tornado mais próximos nos últimos tempos, mas a verdade era que ele era só dela. Peter sempre parecia olhar para Bear de longe, mesmo quando os dois estavam no mesmo cômodo.

Ela caminhou pelo corredor acarpetado da Autoconfiança ouvindo as vozes das crianças, a voz de seu filho.

Então parou do lado de fora do quarto de Peter, com o ouvido na porta.

Como o quarto estava silencioso, girou a maçaneta.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Dois**

Dentro do matadouro abandonado, Judy permanece em silêncio.

Ela escuta com atenção: mais passos. Cinco, seis, sete seguidos.

No fundo do cômodo sombrio, ela vê a escada que leva para cima, para a escuridão. Se estivesse num filme, pensa, ela iria verificar. Mas todo o seu treinamento lhe diz para não ir sozinha em direção a uma ameaça em potencial, e, em vez disso, recua e sai do local.

À luz do dia, em direção ao Acampamento Emerson, ela começa a correr.

Quinze minutos depois, Judy está ao lado de Denny Hayes e do capitão LaRochelle na estrada de terra. Em frente a eles, um esquadrão de seis policiais estaduais — armas em punho, de costas para a parede — entra na estrutura, dois de cada vez.

— Isso parece desnecessário — sussurra Judy, e Denny se vira e a silencia.

— Ordens do capitão — diz ele.

Quando o último policial desaparece de vista, Judy sente o peso do que fez.

Por três longos minutos, ela olha para o céu. Para o chão.

Quantos passos ela realmente ouviu? Apenas alguns, pensa. E foram altos? Não particularmente. Poderia ter sido outra coisa? Uma árvore batendo no telhado. Bolotas caindo. Dezenas de possibilidades lhe ocorrem, até que os soldados saem do matadouro, a postura mais relaxada. Os dois na frente atravessam a estrada de terra para falar com o capitão LaRochelle.

— Encontramos os culpados — diz um.

— Uma família de esquilos — fala o outro, sorrindo.

LaRochelle limpa a garganta.

— Só isso? Tem certeza?

— Sim. Revistamos o andar de cima inteiro.

LaRochelle não diz nada. Então, sem olhar para Judy, ele se vira para Hayes.

— Fui interrompido enquanto conversava com o sr. Van Laar — diz LaRochelle. — Acho melhor voltar para minha reunião.

Ele se afasta.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Dois**

De volta ao Posto de Comando no Chalé da Diretoria, Denny Hayes se posiciona na frente da sala, preparando-se para continuar de onde parou com o pequeno grupo de investigadores reunidos diante dele.

O superintendente, diz ele, não está feliz com os resultados. A Equipe de Busca e Resgate de Adirondack — uma equipe de voluntários civis — está chegando para fazer uma busca do Tipo 3 nas florestas da região, uma vez que a EnCon não conseguiu localizar alguém ou qualquer coisa no dia anterior.

— Alguma pista hoje de manhã? — pergunta Hayes.

Os investigadores entreolham-se. As expressões em seus rostos são claras: não muitas.

Um diz:

— Algumas crianças disseram que viram uma mulher na floresta no passado. Neste verão e em outros também. Aparentemente, ela é uma lenda local. Como uma história de fantasma — diz um deles.

Hayes pisca.

— História sobre uma mulher fantasma. Certo — diz Hayes. — Alguém pode nos contar mais sobre a aparência desse fantasma?

O mesmo investigador responde:

— Mulher mais velha. Magra. Cabelos grisalhos. É tudo o que tenho. Fora o nome como a chamam.

— Que é?

O investigador, constrangido, mostra claramente que está dando uma olhada em suas anotações. Lê em voz alta:

— Mary Medonha.

— Mary Medonha — diz Hayes.

O investigador assente.

— Mais alguém? — pergunta Hayes.

Silêncio.

— Todos dizem que Barbara era muito querida — diz outro investigador. — Não me falaram de nenhuma briga com ninguém.

Hayes parece mais desesperado do que nunca.

Ainda se sentindo humilhada por causa do equívoco no matadouro, Judy pondera se deve apresentar naquele momento a informação fornecida pela sra. Clute, a cozinheira. Ela já imagina que estejam falando dela. Chamando-a de incompetente. Judy preferiria passar a informação a Denny Hayes em particular. Mas ele parece prestes a interromper a reunião, então ela pede a palavra.

— Abaixe a mão, Judy — diz Hayes. — Você é uma investigadora, não uma aluna. Pode falar.

Ela cora.

— A cozinheira tinha algo para me contar — diz ela. — Ela é a filha do homem que supostamente sequestrou Bear van Laar.

Por um momento, ninguém diz nada.

Então um investigador que ainda não tinha falado se manifesta:

— Carl Stoddard?

Judy assente. Ela o reconhece: é o investigador mais velho na sala. Aquele que, no dia anterior, perguntou a LaRochelle se Jacob Sluiter era considerado suspeito pelo desaparecimento de Barbara.

— Eu trabalhei nesse caso — diz o homem. Confirmando o que todos presumiam.

Judy lembra a si mesma de falar com ele quando ficar a sós com o homem.

— Por que raios a filha de Carl Stoddard estaria trabalhando para os Van Laar? — questiona Hayes. — Isso não faz sentido. De jeito nenhum. Eles não iam querer ela por perto, com certeza. E ela provavelmente também não gostaria de estar aqui.

— Ela usa o nome de casada — diz Judy. — Clute. Disse que os Van Laar não sabem quem ela é. Disse que aceitou o emprego por necessidade, depois que o marido perdeu o dele. Eles têm muitos filhos. E outro a caminho.

— E o que ela tinha a dizer sobre o desaparecimento de Barbara?

Judy pensa em como se expressar.

— Ela disse que a família nunca tratou Barbara bem. Que a negligenciava, de certa forma. Mas ela não tinha nenhuma teoria de onde a menina tinha ido.

— Alguma coisa… inapropriada? Alguma coisa além de negligência? — pergunta Hayes.

— Não que ela tenha mencionado — responde Judy. — Mas acho que não saberia de tudo. Este é o primeiro verão em que ela trabalha aqui.

— E o que ela tinha a dizer sobre o próprio pai?

A sala parece estar prendendo a respiração.

— Ela disse que Carl Stoddard foi incriminado — diz Judy. — Disse que de jeito nenhum cometeu o crime. Mas que morreu de um ataque cardíaco antes de ser inocentado, e a família Van Laar simplesmente deixou que presumissem que ele era o responsável, com base em poucas evidências. — Ela faz uma pausa. — Acho que o capitão LaRochelle concordou. E essa é a história que foi apresentada ao público também.

Silêncio.

Judy olha para o investigador que trabalhou no caso original.

— Goldman — diz Hayes, e o investigador se vira. — O que você acha?

Goldman pensa.

Ele olha para os lados, procurando por LaRochelle.

— Nunca achei que Stoddard fosse o culpado — diz ele. — Mas não me pergunte isso na frente do capitão.

— A sra. Clute assinou uma declaração? — pergunta Hayes, virando-se para Judy. — Ela vai dizer isso de forma oficial?

— Não — fala Judy, rapidamente. — Ela praticamente saiu correndo quando perguntei.

— Ainda assim — diz Hayes —, obrigado, investigadora Luptack. Essa é a coisa mais interessante que ouvi hoje. Ela deve ter sentido confiança em você para lhe dizer isso.

Ele mantém o olhar no dela. Então:

— Mais alguma coisa? Alguém?

A porta se abre de repente. Entra o capitão LaRochelle.

Na mesma hora, o clima na sala muda. Goldman se ocupa com arquivos. Dois dos outros investigadores saem. E Judy percebe que todos eles tomaram uma decisão silenciosa: nenhum deles vai dizer nada na frente de LaRochelle — não sem antes contar a Hayes em particular.

O capitão LaRochelle não faz perguntas sobre o que aconteceu durante a sua ausência.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Dois**

A Equipe de Busca e Resgate de Adirondack, anuncia LaRochelle, encontrou algo na torre no topo da montanha Hunt. Dentro e fora do chalé anexo, muitas garrafas de cerveja foram coletadas. E delas, impressões digitais foram tiradas. E delas, cinco batiam com as de John Paul McLellan.

Mas havia mais.

Alguém deu uma dica anônima para a delegacia em Ray Brook: aparentemente, John Paul McLellan ficou hospedado nas proximidades da Reserva Van Laar não apenas para a celebração de uma semana na casa, mas durante todo o verão. Tornando provável que o namorado que Barbara van Laar ia ver no chalé do observatório todas as noites era, de fato, McLellan.

— Então é isso — diz Goldman. — Entre isso e um uniforme ensanguentado, McLellan é o culpado?

Há um problema, diz LaRochelle. McLellan e seu pai advogado fizeram outra alegação: foi Louise Donnadieu, a monitora de Barbara, quem pediu a McLellan para se livrar da bolsa.

O conteúdo, acrescenta LaRochelle, está sendo analisado pela perícia para determinar tipo sanguíneo.

— Então tudo aponta para McLellan — diz Goldman. — Mas McLellan aponta para Donnadieu?

— E um rapaz chamado Lee Towson — diz LaRochelle. — Funcionário da cozinha. McLellan diz que ele e Donnadieu eram um casal.

Pela sala, ouve-se um pigarro geral.

— De qualquer forma — diz o capitão. — Até termos os resultados da análise de sangue, vamos continuar seguindo as pistas

que temos.

Em volta do Posto de Comando, os investigadores esperam. LaRochelle sai para retornar à Autoconfiança.

Devagar, a sala se esvazia. Quando todos se foram, Denny Hayes se vira para Judy.

— Me mostra o mapa — diz ele.

Judy alcança o bloco de papel que ela tinha deixado encostado na parede. Hayes o pega e inspeciona as várias páginas com desenho: a casa, o acampamento, as dependências. Acima de cada desenho, ela escreveu o nome das pessoas que estavam em cada um dos prédios, pelo que ela conseguiu averiguar.

Hayes pede uma caneta. Escreve *desocupado* acima das construções da fazenda. O rosto de Judy fica vermelho. Por um longo tempo, ele não diz nada. Então o homem aponta para um ponto ao norte em um dos mapas.

— Vamos adicionar o chalé do observatório aqui — diz ele. — E acrescentar o nome de McLellan a ele.

— Por que Louise Donnadieu não saberia que McLellan estava pela região durante todo o verão? — pergunta Judy. — Eles não estavam juntos?

— Não faço ideia — diz Hayes. — Talvez ele tenha mentido para ela.

— Onde ela acha que ele estava? — questiona Judy.

— Não tenho certeza — diz ele. — Mas podemos descobrir. Ela ainda está em Wells até que a mandem para Albion. Eu passo por lá.

Judy assente.

— E quanto ao próprio McLellan? — pergunta ela. — Tem alguma informação sobre ele?

Hayes confirma que sim. Um investigador de cada turno foi designado para ficar no estacionamento do hotel em que ele está hospedado, para vigiar toda a família McLellan.

— O problema é que não importa quantas evidências a gente consiga acumular: sem um corpo, ou a garota viva, é impossível prendê-lo. Tudo o que temos são infrações menores. Dirigir

embriagado. Posse de drogas. Com um pai advogado, isso não vai mantê-lo na mira por muito tempo.

— Mas o uniforme — diz Judy.

— Eles mantêm a versão de que a garota Donnadieu pediu que ele se desfizesse da bolsa com o uniforme.

Quase às sete da noite, exausta, Judy enfim caminha até seu carro.

Ela entra com seu Fusca na longa estrada de terra da Autoconfiança, depois vira à esquerda na Rota Estadual 29, indo para o sul. Está sozinha e não há nada para distraí-la de sua humilhação do dia, e ela fecha os olhos brevemente. Diz *droga* várias vezes. Aqueles policiais estaduais. O próprio capitão LaRochelle. Hayes. Todos eles olhando para ela, céticos. Rindo, até.

Se ela tivesse subido a escada, pensa. Se tivesse escutado por mais tempo.

Seus olhos estão pesados. Foi um longo dia sob um baita calor. Quando foi promovida a investigadora, Judy não tinha se dado conta de que teria que lidar com muito mais interações humanas. Quando era policial, gostava dos longos períodos de solidão parada na beira da rodovia, esperando.

Ela aumenta o volume do rádio o máximo que pode. Van McCoy explode nos alto-falantes com "Hustle". Sonolenta, ela tenta se agitar, como manda a música.

Judy acorda com um sobressalto. Está completamente escuro. Ela ainda está na Rota 29. Suas mãos estão sob seu colo. O motor está desligado. Ela ainda está viva.

Pelo jeito, ela parou no acostamento e adormeceu, sem nenhuma lembrança de ter feito isso. Sem trancar as portas.

Uma onda repentina de adrenalina e medo.

Imagine, pensa Judy, imagine se ela não tivesse parado.

Bem acordada, Judy liga a seta, verifica seu ponto cego e volta para a estrada.

À sua frente, ela nota uma placa: *Shattuck, 10 quilômetros*.

Abaixo dela, dois pequenos ícones: comida e hospedagem.

Judy vira à direita no desvio. Depois de um minuto, avista um pequeno motel de beira de estrada: letreiro de néon do lado de fora, piscina próxima.

A mulher na recepção está lendo um romance. Ela olha para cima quando Judy entra.

— Eu queria saber se tem um quarto disponível — diz Judy.

A mulher assente.

De repente, Judy se sente constrangida. Não tem certeza com que frequência mulheres solteiras se hospedam em motéis baratos por aqui, mas imagina que as que o fazem são de um certo tipo.

Então ela diz, sem que lhe perguntem nada:

— Sou policial. Uma investigadora. Estou trabalhando num caso aqui perto.

— Tá bom — fala a mulher, que agora parece um pouco mais interessada do que antes.

— Gostaria de fazer uma ligação — diz Judy.

— Certo — afirma ela. — Mas o telefone do quarto só se conecta à recepção. Se quiser fazer uma ligação para fora, tem que usar o telefone público ali. — Ela aponta.

A mãe dela atende.

— Judyta? — diz ela, sem esperar.

— Oi, mãe.

— Judyta, eu estava morta de preocupação. Por favor, me diga que você está bem.

O som do seu próprio nome na voz da mãe — sua mãe, que chegou ao país aos quinze anos, que se esforçou tanto para eliminar todo vestígio de sotaque, que se recusou a ensinar polonês aos filhos e que, apesar de tudo isso, ainda carrega o peso de estranhos que a consideram *estrangeira* — de repente faz Judy querer chorar.

— Estou bem, mamãe. Só cansada. O dia foi longo.

Ela consegue ouvir o pai ao fundo perguntando: *Que horas ela vai chegar em casa?*

— Mãe — diz Judy —, sei que o papai não vai gostar disso. Mas tenho que me mudar. Não posso mais viver assim. Não com esse

emprego.

Silêncio.

— Onde você está?

— Estou num motel. O nome é — Judy verifica a placa acima do balcão — Alcott Family Inn. É perto do caso em que estou trabalhando.

— O *quê?* — diz sua mãe. — Judyta Luptack, você acabou de dizer que está…

— Não conte ao papai — fala Judy. — Por favor.

No fundo: *Onde ela está?*

A mãe dela dá um suspiro longo.

— Ela está na casa de uma amiga, Marty. Alguém que mora mais perto do caso em que ela está trabalhando.

Uma pausa. *Que amiga dela mora tão longe?*

— Querida — diz a mãe. — Só tome cuidado, tá bom?

— Vou tomar, mãe — diz Judy.

* * *

O quarto é perfeitamente adequado: colcha florida, cortinas floridas, quadros de flores na parede.

Ela cai na cama sem tirar a roupa.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Três**

Judy desperta com o som de batidas na porta. Ela acorda lentamente, tentando lembrar onde está. Então pega o relógio na mesa de cabeceira, com medo de ter dormido demais.

São apenas seis horas. Judy está aliviada — e irritada.

Ela se levanta, ainda usando seu terno, agora amarrotado, e vai até a porta. Pelo olho mágico, vê um homem de meia-idade, cabelo penteado para o lado. Ele veste uma camisa social de manga curta, bege, e uma gravata marrom. Segura um guarda-chuva acima da cabeça.

Olhando além dele, para o estacionamento além da passarela coberta do lado de fora de todos os cômodos, ela vê que está chovendo. Isso vai ser ruim para as buscas, pensa Judy, automaticamente.

Abre a porta sem tirar a corrente.

— Olá — diz o homem. — Você é a srta. Luptack?

— Sim.

— Meu nome é Bob Alcott — diz o homem. — Posso incomodá-la por um segundo?

Por trás da porta rachada e trancada com corrente, ela assente.

Ele olha por cima do ombro, para a chuva torrencial que encharca o estacionamento.

— Você… se importaria de eu entrar?

— Eu me importo, sim.

O homem faz uma pausa e então explica: é marido da mulher que trabalha na recepção, diz, e um dos donos do Alcott Family Inn. Também é professor de História na escola próxima.

— Beatrice disse que você é detetive — diz ele. — E que está trabalhando num caso aqui perto.

Judy assente.

— É a garota Van Laar? — pergunta.

Ela mantém o rosto imóvel.

— Tudo bem — diz ele. — Não precisa responder. Mas, se for, tenho algo para contar.

— Estou ouvindo — fala Judy.

— É sobre o irmão dela — diz Bob Alcott. — Bear.

Louise

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Três**

Louise, em Wells, aguarda sua transferência. Ela será mandada para Albion, horas a oeste, perto de Rochester — Louise, aliás, nunca viajou para tão longe.

Ela não consegue ver a chuva lá fora, mas pode ouvi-la. Fecha os olhos. Imagina Barbara na floresta: primeiro viva, depois morta. Volta para o chalé chamado Bálsamo, na noite anterior ao desaparecimento de Barbara van Laar. Imagina que adormece em sua pequena cama, as ondas leves do lago Joan à distância, o ar fresco e cortante da noite. O Acampamento Emerson, percebe Louise com uma pontada de tristeza, é o lugar em que ela mais se sentiu em casa na vida.

Queria que Jesse pudesse ir lá. Apenas um verão, ela queria que ele fosse.

— Donnadieu — diz uma voz, e Louise se levanta. Pronta para a transferência.

Em vez disso, o policial destranca a porta da cela.

— Pagaram sua fiança — diz ele.

Tracy

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Três**

De volta à casa alugada de seu pai em Saratoga Springs, Tracy Jewell está na sala de estar, com um livro nas mãos. Ela está sozinha pela primeira vez em três dias, já que seu pai e Donna Romano finalmente voltaram ao turfe.

Ela abaixa as persianas até a metade, abre as janelas até a metade e aponta todos os ventiladores da casa em sua direção. O cheiro agradável de chuva invade a sala. Então prepara um lanche elaborado para si e o coloca no chão ao seu lado. Há dois meses — antes de ouvir falar da Reserva Van Laar ou do Acampamento Emerson — era assim que queria passar o verão. Mas o resultado é bem decepcionante.

Por uma hora, o livro permanece fechado.

Ela está pensando em Barbara van Laar, repassando cada conversa que tiveram, vasculhando a mente em busca de evidências que possam ajudar a trazê-la de volta para casa.

Há uma lembrança que lhe vem à mente o tempo todo. No início de agosto — logo após o retorno da Viagem de Sobrevivência, uma semana antes de Barbara desaparecer —, Tracy e Barbara estavam voltando de uma aula de Habilidades de Sobrevivência e começando o período livre de uma hora quando Barbara teve uma ideia.

— Vem comigo — disse ela.

— Para onde?

Mas Barbara apenas sorriu e virou para a direita, em direção à praia.

Fazia um dia lindo, um dos mais bonitos de toda a estação. Barbara não parou na praia, mas desviou para o norte, em direção à floresta que margeava a praia, passando pela casa de barcos ao longo do caminho. O sol atravessava os galhos dos pinheiros em raios dourados, lançando luz aqui e ali no chão. Num certo ponto, Tracy entendeu para onde estavam indo. Em circunstâncias normais, ela teria sentido medo — era obediente a regras —, mas no Acampamento Emerson, sob a influência de Barbara, começara a ser imprudente.

Ao término da breve e silenciosa caminhada, as duas estavam diante de uma área de estacionamento cheia de carros; além dela, a ala sul da Autoconfiança. Uma porta lateral estava ligeiramente aberta; por ela entrou uma empregada uniformizada, empurrando um carrinho de roupa suja e passando por um canto até sumir de vista.

Tracy levou um momento para notar movimento no gramado que descia até o lago, mas um falatório chamou sua atenção. Muitas pessoas estavam sentadas em cadeiras e espreguiçadeiras. Elas seguravam copos, e suas vozes eram altas e alegres. Aquela era, Tracy percebeu, a festa do centésimo aniversário que Barbara havia mencionado.

Tracy se escondeu imediatamente atrás de uma árvore.

— *Barbara* — sussurrou ela.

— Relaxa — disse Barbara. — É happy hour. Com certeza estão todos bêbados.

Ela avançou, virando-se apenas quando percebeu que Tracy não caminhava atrás dela.

— Vem — falou. — As únicas pessoas em que a gente tem que ficar de olho trabalham para meus pais. E os outros não vão contar, mesmo que nos vejam.

Elas entraram na casa pela porta lateral aberta. Ao longo do corredor havia duas fileiras de portas. Nas que estavam abertas, Tracy viu camas feitas, pinturas emolduradas, peles de animais e cabeças de animais empalhadas.

De vez em quando, ela acelerava o passo para acompanhar Barbara, que caminhava em direção ao que Tracy pensava que seria

seu quarto — mas, em vez disso, ela as levou para uma cozinha enorme.

Barbara abriu a geladeira e tirou várias coisas boas para comer. Então, colocando tudo diante delas num balcão próximo, começou a comer.

— Pode comer — disse Barbara. — Não está com fome? Eu estou sempre morrendo de fome.

Tracy seguiu o exemplo, com mais cuidado. Nunca tinha visto uma garota comer como Barbara van Laar: ela enfiava comida na boca com a palma da mão aberta, mastigava ruidosamente e engolia com força. Tracy observava, fascinada.

Quando Barbara terminou de comer, deixou tudo no balcão — *Eles não vão saber que fomos nós*, dissera — e elas voltaram pelo mesmo corredor por onde tinham entrado.

De repente, duas vozes, uma masculina e uma feminina. Sem hesitar, Barbara abriu uma porta à direita e empurrou Tracy para dentro de um pequeno armário de vassouras. Era tão pequeno que só havia espaço para uma pessoa.

— *Fica calma* — disse Barbara, fechando a porta.

Pela fresta, Tracy viu sua sombra se afastando, e então o som de uma dobradiça rangendo suavemente no corredor: Barbara se abrigando em outro lugar, supôs.

Tracy respirava o mais silenciosamente possível. Estava com medo de ser pega, de ser punida. Se no começo do verão ela queria ser mandada de volta para casa — bem, essa vontade tinha desaparecido, substituída por um forte desejo de permanecer no Acampamento Emerson durante toda a estação. De aprender tudo o que pudesse com Barbara van Laar.

Os passos que acompanhavam as vozes estavam ficando mais altos. Ela prendeu a respiração, ouvindo. Eles tinham ido embora? Ela esperou trinta segundos. Mais. Então, enquanto Tracy procurava, desajeitada, por uma maçaneta no escuro, ouviu um nome, proferido pela mulher: *Peter*. Na voz dela, Tracy ouviu o que supôs ser desejo.

Mais ruídos, inescrutáveis para Tracy, e então o rápido e contínuo barulho daqueles passos, talvez um perseguindo o outro, e então um verdadeiro silêncio por algum tempo.

Ela pulou quando a porta se abriu. A luz brilhante do dia a fez fechar os olhos. Lá estava Barbara, parada diante dela, gesticulando com a cabeça na direção da porta lateral.

Ela tinha um saco de papel nas mãos.

Parecia furiosa.

O que aconteceu?, articulou Tracy sem emitir som, mas Barbara apenas balançou a cabeça, furiosa, e saiu andando.

Tracy a seguiu em silêncio, olhando para a esquerda e para a direita, examinando a casa.

Ela queria ver o quarto de Barbara. Queria ver o restante da casa. Queria saber mais sobre o que tinha ouvido, aquelas vozes sussurrantes.

Mas a curiosidade de Tracy foi anulada por sua discrição. Ela entendeu de forma instintiva que Barbara não gostaria de perguntas sobre aquilo, então não disse nada, mesmo depois de chegarem à floresta. Tracy ofegava. Em certo ponto — logo antes de chegarem à praia —, Barbara enfim parou e se virou.

— Eles pintaram o meu quarto — disse ela. — Aqueles cuzões pintaram o meu quarto.

A palavra pareceu um tapa. Tracy já a tinha lido, mas nunca a tinha ouvido.

— Sinto muito — falou ela, embora não tivesse entendido direito.

— Todo aquele *trabalho* — disse Barbara. — Todo aquele trabalho.

Ela se agachou. Colocou o rosto nas mãos.

Devagar, Tracy também se abaixou.

— Que trabalho? — perguntou, depois de tanto tempo que seus joelhos começaram a latejar.

Mas Barbara continuou com as reclamações.

— Deve ter sido por isso que me deixaram ir ao acampamento — disse Barbara. — Para entrar lá e pintar sem minha permissão.

Ela se levantou e começou a caminhar de repente.

— *Rosa* — falou ela. — Pintaram meu maldito quarto de *rosa*.

— Por que você acha que fizeram isso? — perguntou Tracy.

Ela estava, mais uma vez, correndo um pouco para acompanhá-la.

— Ah, por causa dos convidados — respondeu Barbara. — Por causa da festa. Deus proíba alguém de testemunhar qualquer *criatividade* naquela casa.

Ela se virou de novo. A bolsa que segurava havia se tornado uma arma, balançando na ponta do seu braço como um porrete.

— O engraçado — disse Barbara — é que eles convidaram um monte de artistas, escritores e atores. Mas eles são o entretenimento. A decoração. Ninguém os leva a sério.

Elas chegaram ao Bálsamo minutos antes do fim do período livre. Louise e Annabel estavam esperando para levá-las ao refeitório para o jantar.

Tracy ficou tão grata por não ter sido pega que demorou várias horas para voltar a pensar naquela tarde. Depois que as luzes se apagaram, ela ficou deitada na cama, cada vez mais curiosa, até que por fim não conseguiu se conter. Ela inclinou a cabeça para baixo do beliche.

— Barbara — sussurrou Tracy. — O que você trouxe naquela bolsa?

Houve uma pequena pausa.

E então:

— Que bolsa? — sussurrou Barbara, no escuro.

Louise

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Três**

Louise, recém-saída da prisão, mais uma vez está num carro com Denny Hayes — mas dessa vez no banco da frente. Embora ela tenha tentado persuadir Hayes do contrário, ele está levando Louise para a casa da mãe dela.

Uma das condições de sua libertação antes do julgamento é que ela permaneça em um endereço conhecido e cumpra o toque de recolher às dezoito horas. O único endereço que Louise tinha para dar ao ser levada sob custódia era o de sua mãe.

Eles vão em silêncio em direção àquela casa.

De repente, Louise diz:

— Você sabe quem pagou a minha fiança?

Denny parece surpreso.

— Você não sabe?

— Não. O policial só me disse que foi uma mulher.

— Sua mãe? — pergunta Denny.

— Imagino que sim.

Ela não quer ter esperanças. Sua mãe quase não saía de casa havia vários anos. Além disso, nunca a viu ter mais de cinco dólares na carteira.

— Você mudou muito desde que era criança — diz Denny.

Ela fica tensa. Para Louise, parece o início de um convite. Sozinha num carro, com qualquer homem, ela sente uma ameaça no corpo.

Mas ele continua, tranquilizando-a.

— Você era uma criança tão feliz. Sempre com um sorriso enorme quando eu aparecia.

Eles estão se aproximando do topo de uma colina que é familiar para Louise de todas as suas viagens para casa. O pequeno centro de

Shattuck aparece brevemente e desaparece outra vez.

— Você se lembra quando levei vocês duas para Storytown?

Louise se assusta.

— Você tinha seis anos mais ou menos — diz ele. — Peguei você e sua mãe e fomos juntos até Lake George. Sua mãe estava quieta. Mas você estava tão feliz. Pulava para cima e para baixo. Comprei um sorvete para você e ele caiu da casquinha. Comprei outro na mesma hora. Não consegui suportar a expressão em seu rosto.

Lágrimas cortantes inundam nos olhos de Louise, e tudo o que ela deseja é que desapareçam. Por que, está chorando? E a resposta vem na hora: é a ideia de que alguém no mundo já cuidou dela, Louise, e não o contrário.

Ela se lembra daquele dia, embora não soubesse que Denny Hayes era o homem que estava com elas. Em sua memória, era apenas mais um dos namorados de sua mãe, alguém cujo nome ela evitava usar porque não queria confundi-lo com o de outro. De todos os homens que apareciam para ver sua mãe, aquele tinha sido o único que fizera algo de bom para ela sem exigir um favor em troca.

Em frente à casa de sua mãe, Louise observa a construção ao lado de Denny Hayes. Faltam duas venezianas; outra está dependurada meio torta. Tanta correspondência se acumulou na caixa de correio que uma pilha de envelopes encharcados está no chão abaixo dela; o carteiro deve ter desistido.

Ela vai ter uma conversa com Jesse sobre assumir a responsabilidade por isso. Ele deveria pelo menos pegar a correspondência.

— Não mudou nada — diz Denny, caridosamente.

— Obrigada pela carona — diz Louise, e sai do carro.

Ela espera que ele vá embora. Mas o investigador também sai do carro e, de pé, ajusta a camisa e a calça.

Louise chacoalha a chave na fechadura, fazendo barulho, avisando quem estiver lá dentro que está prestes a entrar.

Ela torce para que Jesse não esteja fumando nada no quarto de cima; mas a inspiração profunda que dá quando entra na cozinha indica que não está.

— Mãe? — diz ela. — Mãe, trouxe companhia.

Uma pausa.

— Quem é?

A voz da mãe está falhando por falta de uso.

— Denny Hayes — diz Louise.

Ela espera. Consegue facilmente imaginar sua mãe dizendo: *Quem?* Já faz anos, e os anos têm sido difíceis.

— Só um minuto — fala sua mãe.

Louise a ouve subindo a escada devagar.

— Jesse está em casa? — pergunta Louise, mas ninguém responde.

Quando sua mãe volta a descer, está completamente vestida e usando maquiagem pela primeira vez em anos.

Sem-vergonha, pensa Louise, mas, em segredo, sente-se reconfortada ao descobrir que a mãe ainda é capaz de fazer esse esforço.

O rosto de Denny muda ao vê-la. Fica mais suave.

— Bem, oi, Carol — diz a ela. — Faz muito tempo, não é?

O som do primeiro nome de sua mãe desperta algo dolorido em Louise. Ela quase não ouviu a palavra ser dita em voz alta nos últimos anos.

A mãe de Louise olha da filha para Denny.

— É policial agora, Denny?

— Eu era policial quando te conheci — fala ele. — Não lembra? Policial estadual.

Ela pensa.

— Acho que lembro, sim.

— Agora sou investigador-sênior — diz Denny. — Fui promovido, e depois promovido de novo.

— Bem, parabéns — pergunta a mãe de Louise.

Então, percebendo algo:

— O que a minha filha fez?

Louise fica tensa.

— Eu pensei… — diz Louise.

Mas ela se detém. Pisca rapidamente, desejando que as lágrimas inesperadas voltem para o crânio. Depois de todos aqueles anos, pensa, como teve a mínima esperança de que sua mãe pagasse a fiança?

— Denny? — diz a mãe.

Denny olha para Louise.

— Bom — diz ele —, acho que vou deixar Louise contar para você. Já que ela tem mais de dezoito anos.

Sua mãe está parada, os olhos atentos. Faz tempo que Louise não a vê com uma aparência tão sóbria. Se isso é intencional ou uma coincidência, Louise não tem como saber.

— Carol — diz Denny —, você se importaria se eu trocasse algumas palavras com Louise? Em particular?

— Acho que não tem problema.

A mãe dela se retira para o outro cômodo.

Sozinhos, Louise e Denny se encaram.

— Louise — diz Denny. — Preciso te perguntar duas coisas antes de ir.

Ela aguarda.

— Você sabe que sou um velho amigo — diz ele. — E quero que você confie em mim para fazer a coisa certa. Não acho que você seja culpada de nada relacionado a Barbara van Laar. E quero ajudar você a sair da confusão em que está. Acredita em mim?

Ela mantém a cabeça parada. Louise confia e não confia naquele homem.

Despreocupado, Denny prossegue.

— Primeira pergunta: onde John Paul McLellan lhe disse que ficaria neste verão?

— Em vários lugares — responde Louise. — Ele estava visitando amigos. Queria passar o ano viajando antes de ir para a faculdade de Direito.

Denny assente.

— E se eu dissesse que, em vez disso, durante grande parte do verão ele provavelmente ficou no topo da montanha Hunt?

Louise demora um segundo para processar a informação.

— Eu acreditaria em qualquer coisa sobre ele agora — diz ela.

Denny assente. Simpático.

— Qual é a outra pergunta?

— O quanto você conhecia Lee Towson?

Louise cora. O nome por si só traz desejo ao seu corpo.

— Não muito bem — responde ela.

— Vocês estavam… sabe… juntos?

— Não.

— Tem alguma ideia de para onde ele possa ter ido?

— Não — diz ela.

Na verdade, Louise também estava se perguntando isso.

— Tem certeza?

— Por quê?

— Bem — diz Denny. — Normalmente eu não contaria isso. Mas como você é uma velha amiga, vou falar.

Louise espera.

— Pelo jeito — continua —, Barbara estava saindo escondida do chalé toda noite para encontrar alguém que ela considerava um namorado. Você sabe de alguma coisa sobre isso?

Louise balança a cabeça. Não sabe mesmo.

— Tem mais — diz Denny. — Você sabia que Lee Towson já foi preso?

Ela tinha ouvido um rumor. É uma das muitas coisas que foram ditas sobre Lee no Acampamento Emerson; o que só aumentou seu fascínio. Hesitante, ela assente.

— Você sabe por quê?

— Tráfico de drogas?

— Estupro de vulnerável — responde Denny Hayes.

Ela congela. Não sabe exatamente o que significa *vulnerável* nesse caso.

Como se estivesse lendo sua mente ou expressão, Denny diz:

— Relações sexuais com uma garota de dezesseis anos ou menos.

Louise não diz nada.

— Então tem certeza de que não sabe onde ele está?

— Tenho certeza — diz Louise.

— Bem, caso você consiga se lembrar de outra coisa, aqui está meu cartão.

Ela o pega.

— Acho melhor eu ir embora — diz ele.

Ela o imagina voltando para casa, para sua família, a esposa e os filhos. Louise sente um ciúme repentino. Se tivesse tido um pai como Denny Hayes — ou uma mãe, que inferno —, ela teria sido diferente.

— Mais alguma coisa que queira me perguntar ou me contar? — diz Denny.

— Sim — fala Louise. — Se descobrir quem pagou a minha fiança, vai me contar?

— Vou — fala Denny Hayes.

Tracy

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | **Agosto de 1975**

Na noite do último baile, as meninas do Bálsamo se prepararam juntas num ritual elaborado que serviu como o auge de todas as habilidades que elas ensinaram umas às outras ao longo dos meses em que estiveram juntas. Levaram baldes d'água para a varanda; rasparam as pernas. Selecionaram as roupas entre as várias que cada campista tinha levado para ocasiões como aquela. Por fim, a maquiagem foi aplicada, com precisão, por aquela que era indiscutivelmente a mestre: a própria Barbara van Laar.

Louise e Annabel, que estavam se preparando no pequeno quarto contíguo, suspiraram alto quando viram suas pupilas. Como pareciam adultas; como estavam diferentes do início do verão.

Tracy entendeu. Elas estavam diferentes, era verdade: tinham crescido um ano em dois meses. Formaram uma aliança.

* * *

No Grande Salão, Tracy dançou com todas as campistas do Bálsamo e todos que estiveram em sua Viagem de Sobrevivência, e acima de tudo com Barbara. Mitchell, o instrutor de natação, levou três amigos de Schenectady, e juntos formavam uma banda medíocre. Lowell Cargill estava em algum lugar na sala, ela sabia, mas foi só quando Mitchell e seus amigos tocaram "I Honestly Love You" que o frenesi na sala comunitária diminuiu até parar, e Tracy percebeu, de repente, que as pessoas ao seu redor estavam se juntando. Mesmo Barbara, que até então tinha sido sua companheira constante, foi convidada para dançar por alguém: um garoto chamado Crandall que era amplamente

considerado, além de Lowell, o campista mais requisitado do Acampamento Emerson.

De repente, sozinha no meio da pista de dança, Tracy entrou em pânico. E então, rapidamente, correu para um canto e ficou de pé perto da mesa de comida.

Ela não viu Lowell em lugar nenhum. Talvez ele tivesse saído para tomar ar fresco.

— Odeio música lenta — disse alguém ao seu lado.

Ela virou a cabeça.

Ali, ao lado dela, estava alguém que Tracy reconheceu como um funcionário da cozinha, um homem bonito de vinte e poucos anos que ela tinha visto andando, de tempos em tempos, com sua monitora Louise. O nome dele era Lee.

— Eu também — disse Tracy.

— Elas são tão constrangedoras — disse Lee. — Num minuto você está lá se divertindo com o pessoal, e então a banda decide dificultar as coisas para todos, diminuindo o ritmo. É sádico, na verdade.

Tracy não tinha certeza se sabia o que significava *sádico*, mas assentiu mesmo assim.

— Tenho que voltar para a cozinha — disse Lee. — Você está ótima, aliás. Bem legal o vestido.

— Obrigada — disse Tracy.

E então ele se foi.

Foi só depois que o jovem saiu que ela viu Lowell, do outro lado da sala, vestindo o tipo absurdo de terno de poliéster de gola larga que os meninos levavam para os bailes e que, apesar de tudo, ainda fez seu coração acelerar.

Ele estava parado como uma estátua, encostado na parede oposta. Olhava para um casal no centro da sala: Barbara van Laar e seu parceiro. E em seu rosto havia uma expressão de dor.

Para fora. Era para lá que Tracy queria ir. Para os pinheiros frescos, e o solo, e o cheiro do lago. Para a luz da lua na água.

Quando ninguém estava olhando, aproveitou o momento e saiu.

Ela andou no escuro. Surpreendentemente, havia poucas luzes no terreno do Acampamento Emerson à noite.

De repente, na noite escura, ela percebeu um movimento. Alguém cruzando seu caminho — alguém que reconheceu. Annabel, sua monitora em treinamento, vestida com roupas do baile, estava indo para o norte.

Não havia nada para aquele lado, pensou Tracy, exceto a casa principal. A casa de Barbara. Os pais de Annabel estavam hospedados lá, Tracy sabia; talvez fosse por isso que ela estava indo naquela direção.

Tracy por um momento pensou em chamá-la — Annabel deveria escoltá-las de volta ao Bálsamo no final do baile —, mas a determinação em seus passos a fez hesitar. Melhor não dizer nada.

E então seu próprio nome foi chamado, interrompendo seus pensamentos.

Ela se virou. Caminhou na direção da voz que repetia seu nome.

Na praia, ao luar, viu o melhor amigo de Lowell. Walter. Ele estava sentado na areia, a aparência abatida.

Ela se sentou ao seu lado, abaixando-se em direção à terra. Até aquele verão, nunca havia se sentido confortável no seu corpo. Nunca se sentira graciosa, como Barbara, como as Melissas, como Lowell Cargill.

— Você também? — disse o pequeno Walter.

Seus braços estavam em volta dos joelhos; o queixo sobre os braços.

— Eu também o quê? — disse Tracy.

— Triste? — falou Walter.

— Ah. Não, não. Estou bem.

Walter ficou em silêncio.

— Você está triste? — perguntou Tracy.

Ele assentiu. Ela mal conseguia entender. Mas sabia, sem perguntar, por que ele estava daquele jeito.

— Cara — disse Walter —, ele convidou Barbara para o baile. Mas ela recusou.

Tracy ficou muito quieta, deixando as palavras dele se abaterem sobre si. Ela sabia desde a Viagem de Sobrevivência que Lowell não estava interessado nela, por mais que tivesse pensado o contrário. Era Barbara quem ele amava. Ainda assim, ouvir aquilo a deixou sem fôlego novamente.

— Ele ficou arrasado — falou Walter. — Quando ela disse não, sabe. Pessoas como Lowell não estão acostumadas a ser rejeitadas.

Ele não estava tentando ser cruel; Tracy tinha certeza disso. Era provável que presumisse que Barbara já teria contado a Tracy. Elas eram, afinal, melhores amigas no Acampamento Emerson. Assim como Walter e Lowell.

O silêncio entre eles persistiu por um tempo, até que Tracy ouviu Walter fungar alto. Ele estava chorando.

— Ele é incrível — disse Walter. — Não é?

Louise

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | **Agosto de 1975**

Ela viu tudo. Sentou-se na beirada do palco que dava para a sala comunitária, observando suas campistas em todos os seus triunfos e fracassos, as que estavam se divertindo de verdade, as que fingiam se divertir.

Se ela acreditasse num Deus, era em alguém que agia como Louise naquele momento: torcendo por suas pupilas de longe, lamentando ao lado delas quando eram rejeitadas, celebrando cada pequena vitória que surgia em seu caminho. Ela notou as solitárias, as que não estavam no centro do grupinho; sentiu em seu coração uma espécie de afeição selvagem por elas, queria se aproximar, ficar ao lado delas e puxá-las para seu lado; e ainda assim também sabia que intervir dessa maneira interromperia algo sagrado que — aos doze, treze e catorze anos — elas estavam aprendendo sobre si mesmas e sobre o mundo. E era assim que Louise pensava em Deus.

* * *

Em certo momento, ela começou a fazer um jogo em sua mente com cada uma de suas pupilas: escolher um nome e examinar a aglomeração de campistas até encontrar a pessoa em questão. Com cada nome que Louise escolheu, teve sucesso, até chegar a Annabel.

Ela não encontrou sua monitora em treinamento em lugar algum da sala.

Em retrospecto, isso faria um sentido diferente para ela; naquele momento, ela atribuiu isso à sua suspeita de que Annabel havia conhecido um rapaz.

Mais cedo, notara que Annabel estava se preparando com cuidado especial. Em teoria, o baile era para os campistas, mas em anos anteriores Louise tinha visto monitores e monitores em treinamento ficando juntos lá também. Indo para a floresta escura por alguns minutos ou uma hora. Voltando corados.

Era para lá, ela suspeitava, que Annabel Southworth tinha ido. E de seu lugar no palco ela sorriu, feliz que a monitora também tinha encontrado amor, ou pelo menos paixão, no Acampamento Emerson.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Três**

— Quem é *todo mundo*? — pergunta Denny Hayes.

Já é meio-dia, e esta é a primeira vez que ela o vê. Ele mal saiu do carro quando ela começa a contar suas atualizações, as novas teorias que formou desde aquela manhã.

— A cidade inteira — diz Judy. — Cada pessoa em Shattuck acha que o homem errado foi culpado pelo desaparecimento de Bear. E que os Van Laar aceitaram isso rápido demais.

Hayes inclina a cabeça na direção do Posto de Comando no Chalé da Diretoria.

— Vamos — diz ele. — Preciso de café.

Juntos, eles caminham. Hayes olha para ela.

— Judy, você está usando a mesma roupa de ontem?

Ela cora.

— Não lembro — responde ela.

Ainda chove de vez em quando, e seu cabelo e suas roupas ficaram encharcados e parcialmente secos várias vezes. Ela deve estar parecendo um rato afogado, pensa.

— Judy — diz Hayes. — Onde exatamente você ouviu isso sobre Bear van Laar?

Ela conta o que aconteceu na noite anterior e naquela manhã.

Ele levanta uma sobrancelha. Eles chegam ao Chalé da Diretoria, e Hayes segura a porta aberta para ela. Judy entra primeiro. Reflete por um momento sobre a decoração antiga, os utensílios de cozinha da época da Segunda Guerra Mundial, todos claramente anteriores à própria diretora. Judy a viu apenas algumas vezes, vagando pelo terreno. Sempre aparentando estar angustiada, fora de si. Mais perturbada, pensa Judy, do que os próprios Van Laar.

Hayes serve uma caneca de café para si. Oferece uma para Judy.

Ela pega. Nunca foi muito de beber café — é algo que associa a pessoas mais velhas, ao próprio pai —, mas desde que está na Reserva Van Laar, começou a apreciar o amargor e o calor, que enfraquece a umidade de seu cabelo e suas roupas.

Ela toma um gole. Faz uma careta. Toma outro gole.

— Então, quem a cidade de Shattuck acha que é o culpado? — diz Hayes. — Se Carl Stoddard era inocente.

— Bem, de acordo com o sr. Alcott, há duas teorias predominantes.

— Sou todo ouvidos.

— A primeira — diz Judy — é que Jacob Sluiter é o culpado.

Ele a encara.

— Não foi você quem me perguntou sobre Sluiter ontem?

— Bem, sim — diz Judy. — Mas… faz sentido, não é?

— O bom e velho Slitter — diz Hayes. — O bicho-papão de North Woods. Ouvi dizer que o culparam por todas as mortes, acidentais ou intencionais, daqui até Rochester.

Ele se encosta no balcão.

— Não é loucura — diz Judy. — Pensa comigo. A maioria dos assassinatos de Sluiter ocorreu não muito longe daqui. E todos eles no início dos anos 1960, exatamente quando Bear desapareceu, e bem antes de Sluiter ser pego.

— Verdade.

— E agora ele escapou, bem quando Barbara van Laar desaparece… O que foi?

Ela se cala, irritada. Hayes está rindo.

— Você está obcecada — comenta ele.

— Como assim?

— É uma coisa boa — diz ele. — Todos nós estamos. Vá em frente.

— A segunda teoria é mais popular na cidade — diz Judy. — E é uma que você não vai gostar de ouvir.

— Por que não?

— Bem, é mais… controversa, acho. Vai causar mais repercussão.

— Prossiga.

Ela toma um gole de café, acalmando os nervos.

— O sr. Alcott diz que a maioria das pessoas em Shattuck… aquelas que não acham que Sluiter é culpado, pelo menos… acham que o avô de Bear cometeu o crime.

Ela espera que ele bufe. Mas Hayes apenas se vira e olha pela janela, as mãos no balcão ao lado da pia. Ele fica quieto por tempo suficiente para que Judy se preocupe.

— Você está bem? — diz ela.

— Eu me lembro dessa teoria — diz Hayes. — Eu me lembro que falaram dela quando o menino desapareceu.

Judy o encara. Por que não mencionara isso antes? Ela tinha *interrogado* o homem no seu primeiro dia ali. De acordo com Hayes, ele não era ninguém. Alguém acima de qualquer suspeita. Freneticamente, ela vasculha sua memória por qualquer coisa que ele tenha dito que soasse suspeita, mas tudo o que ela consegue lembrar é de seu comportamento: desdenhoso, impaciente, indelicado.

— O que aconteceu? — pergunta Judy. — Ele foi interrogado naquela época? Alguém no Departamento de Investigação Criminal também achou que o criminoso poderia ser ele?

— De acordo com os registros que tenho lido — diz Hayes —, alguns acharam. Mas ninguém seguiu a pista.

— Por que não?

Hayes faz uma pausa.

— Bem — diz ele. — Alguns motivos. Carl Stoddard parecia bem suspeito para todos, de acordo com alguns dos caras que estão por aqui há tempo suficiente para lembrar. Ele foi a última pessoa a ver Bear. Encontraram uma escultura, um urso entalhado, que o menino aparentemente estava carregando antes de desaparecer. Foi o único vestígio do garoto que foi localizado. Acontece que foi Stoddard quem o ensinou a entalhar. Todos achavam que ele tinha uma espécie de fixação pelo garoto.

Judy espera.

— Segundo — diz ele —, o advogado dos Van Laar achava que ele era um bom suspeito para o crime. E foi para cima dele desde o começo.

Foi a vez de Hayes esperar Judy alcançá-lo.

— McLellan — diz Judy.

Ele assente.

— O pai — diz Judy.

Hayes assente de novo.

Judy pensa.

— Posso seguir essa pista? — pergunta ela.

— O avô de Bear? — diz Hayes, e Judy assente.

Ela consegue falar com pessoas como ele, pensa. Ela sabe como.

— Tudo bem, mas não o assuste. Ele está na casa principal, até onde eu sei.

Antes que ela saia, alguém bate na porta da frente do Chalé da Diretoria, e o investigador Goldman entra, ofegante e com a camisa para fora da calça.

Ele olha de Judy para Hayes e para Judy novamente.

— Algum de vocês é bom com crianças? — pergunta ele, fazendo o melhor que pode para formular a pergunta de forma neutra, mas a insinuação é clara. Judy, como mulher, vai levar essa.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Três**

Do lado de fora do Chalé da Diretoria, um garotinho está esperando com os pais.

— Sr. e sra. Muldauer — diz Hayes. — Esta é a investigadora Luptack. Ela vai falar com Christopher, se estiver tudo bem.

A sra. Muldauer — cabelos castanhos, óculos, quase tão pequena quanto o filho — parece nervosa.

— Podemos acompanhá-lo?

— Claro — diz Judy. — Entre.

Hayes fica do lado de fora do Chalé da Diretoria, servindo como guarda enquanto ela trabalha.

Lá dentro, Judy puxa para a frente um sofá puído que estava encostado em uma parede; ela o oferece à família e pega uma cadeira dobrável dura para ficar de frente a eles. Enquanto o menino se senta entre os pais, as pernas de Christopher se esticam para o espaço vazio.

Judy pega o bloco de notas e a caneta.

— O que o traz aqui hoje, Christopher? — pergunta ela.

Ele fica em silêncio. Olha para os joelhos.

— Vá em frente — incentiva o pai.

Nada.

— Quantos anos você tem, Christopher? — fala Judy.

Nada.

— Doze? Treze? — diz ela, sorrindo um pouco, fazendo graça.

— Eu tenho oito — responde ele, com uma voz tão baixa que ela mal consegue ouvir. — Sou o campista mais novo do Acampamento Emerson.

— Você gostou do acampamento? — pergunta Judy.

— Não, eu odiei — diz ele.

Acima de sua cabeça, seus pais se entreolham.

— Chris — diz o pai, chamando a atenção do filho. — Pode contar à moça o que nos contou? Ela tem outras coisas para fazer.

— Tudo bem, sr. Muldauer — diz Judy. — Christopher pode levar o tempo que precisar.

E ele leva. Trinta segundos se passam. Um minuto.

— Existe algum motivo para você não querer me contar o que contou aos seus pais? — pergunta Judy.

— Não quero que elas fiquem encrencadas — diz ele.

— Elas quem?

— Minhas amigas.

Há orgulho em sua voz quando ele diz isso. Eis um garoto, Judy compreende, que não tem muitos amigos.

— Quem são suas amigas, Christopher?

— Barbara e Tracy — diz ele, tão baixo que Judy não tem certeza se ouviu direito.

— Barbara e Tracy?

Ele assente.

— Christopher — diz Judy. — A coisa mais importante agora é encontrar Barbara e trazê-la para casa. Se ela fez algo errado, resolveremos isso em outro momento. Mas qualquer coisa que nos contar pode nos ajudar a manter Barbara segura.

Uma pausa.

— Nós todos fomos para a floresta juntos — diz Christopher.

— Quando?

— Para a Viagem de Sobrevivência.

Ele explica do que se trata. Lista todas as pessoas do seu grupo. Explica como o acampamento foi organizado.

— Ficamos lá três noites — diz Christopher. — Mas eu tenho esse problema que me deixa acordado. Então, em duas noites, vi Barbara sair da barraca que estava dividindo com Tracy, e parecia que ela estava indo em direção da floresta. Mas então uma coisa estranha aconteceu.

— O quê?

— Bem, ela se virou — diz Christopher. — Eu vi. Sua lanterna apagou e era como se ela esperasse um pouco, lá fora, no escuro. E

então, um tempo depois, a lanterna voltou a acender, e ela voltou a caminhar na nossa direção. Na primeira noite, pensei que tinha ido fazer xixi ou algo assim. Mas ela passou direto pelo acampamento.

— Para onde estava indo?

— Para a barraca de T.J. Hewitt — diz Christopher.

— T.J.? A diretora do acampamento?

Ele assente.

O mesmo zumbido baixo começa em seu abdômen. A sensação que ela teve quando estava falando com a sra. Clute. *A obsessão*, como Denny Hayes a chamou.

— E quanto tempo ela ficou lá?

— Não sei — disse Christopher. — Dormi antes que ela voltasse. De manhã, ela já estava no nosso acampamento.

— Obrigada, Christopher — diz Judy. — Isso é bastante útil. Tem mais alguma coisa que gostaria de me contar?

— Ela se machucou naquela viagem — diz Christopher.

— Barbara?

Ele assente.

— Ela estava limpando um esquilo. Ela sofreu um acidente com a faca e se machucou feio. Foi T.J. quem cuidou dela.

— Algo mais?

— Aquilo continuou acontecendo — diz Christopher. — Mesmo depois de voltarmos. Eu via Barbara indo para o chalé de T.J. toda noite.

Ele diz isso calmamente, com certa resignação. Aos oito anos, já entende a insinuação do que está dizendo — ou pelo menos que não é certo. Uma criança ir à casa de um adulto, tarde da noite, em segredo.

Christopher parece prestes a chorar.

— Você fez uma coisa bem corajosa, Christopher — diz Judy. — Você é uma pessoa corajosa. Obrigada. Só tenho mais uma pergunta.

— Tá bom.

— Qual é o seu problema?

Ele olha para ela. Não entende.

— O problema que mantém você acordado?

— Ah — diz ele. Seu rosto fica muito vermelho. — Ah. É que eu faço xixi na cama.

Está praticamente sussurrando. O pai coloca a mão no ombro do filho.

— Acontece — diz Judy. — Sabe, eu também fazia xixi na cama quando era criança.

— Sério?

Ela não fazia.

— Sim.

— Se eu conseguir ficar acordado por um tempo — diz Christopher —, posso ir ao banheiro uma última vez, depois que todos os outros estiverem dormindo. Isso ajuda.

— Mas aposto que você fica cansado — diz Judy, e Christopher assente, com dignidade.

Pouco antes dos Muldauer se retirarem, a sra. Muldauer puxa Judy de lado. Ela fala num sussurro:

— Um amigo nosso falou que esse acampamento era o melhor da região. E Deus sabe que as pessoas que vêm para cá têm bom gosto. Mas — diz ela, inclinando a cabeça em direção a Judy, buscando seus olhos — se eu tivesse *visto* a diretora do acampamento com antecedência, talvez tivesse pensado duas vezes.

Judy mantém o rosto imóvel.

— Principalmente se eu tivesse uma filha. Entende o que quero dizer?

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Três**

— Vou investigar a pista do avô — diz Hayes. — E você vai falar com T.J.

Em defesa de Hayes, ele sabe que a vantagem está do lado de Judy.

— As anotações devem ser precisas — ordena Hayes antes de ir embora.

Judy assente e então caminha em direção ao Alojamento dos Funcionários, para onde T.J. Hewitt foi realocada desde que sua casa se tornou o Posto de Comando do Departamento de Investigação Criminal.

T.J. Hewitt, com o cabelo curto desgrenhado, passa as mãos no rosto, como se tivesse acabado de acordar. Ela veste uma camiseta branca e short jeans azul. Está descalça.

— Desculpe — diz T.J. — Não estou muito bem. Não tenho dormido direito. — Ela se espreguiça.

Então, talvez notando a expressão de Judy, a mulher fica parada. Senta-se mais reta.

— Como posso ajudar, investigadora Luptack? — pergunta T.J.

Em sua caminhada para o Alojamento dos Funcionários, Judy tinha decidido qual seria a primeira pergunta que faria. Algo aberto, algo neutro.

E então começa:

— Srta. Hewitt…

— T.J.

— Desculpe. T.J. Pode me contar sobre seu relacionamento com Barbara van Laar?

T.J. se mexe.

— Tenho certeza de que já contei tudo ao investigador Hayes — responde.

— Bem, se importaria de me contar? — diz Judy. — Estou tentando me atualizar.

T.J. limpa a garganta.

— Conheço Barbara desde que ela nasceu.

— Quantos anos você tinha naquela época?

— Catorze.

Sua voz é baixa. Ela olha para a esquerda da cabeça de Judy enquanto fala, tão atentamente que a investigadora vira a cabeça por um instante para ver se algo ou alguém está atrás dela. Mas a única coisa que vê é a madeira sem acabamento da parede.

— E você passou muito tempo com ela antes de sua chegada ao Acampamento Emerson?

— Sim.

— Pode descrever o tempo que passou com ela?

T.J. olha para baixo.

— No começo eu era a… babá dela, acho que podemos dizer assim. Desde o momento em que Barbara nasceu.

— Aqui?

— Aqui na área, sim — diz T.J. — O verão inteiro. Todo verão. É para isso que me pagam.

— Então você passou a vida toda aqui?

T.J. assente.

— É a minha casa.

— O que a trouxe à Reserva?

— Meu pai era zelador e diretor do acampamento — diz T.J. — Assumi os dois empregos quando ele começou a perder a memória.

Judy anota.

— E quando os Van Laar estavam em Albany?

— Bem, eu ainda estava na escola durante os primeiros anos de Barbara — diz T.J. — Então fiquei aqui. Mas nunca fui para a faculdade ou algo assim. Então eu estava bem livre aos dezessete, quando Barbara tinha três anos. Eu viajava com a família. Ia para Albany quando os pais precisavam sair da cidade.

— E você era próxima de Barbara.

T.J. assente.

— Somos. Sim.

— Barbara era uma criança difícil?

T.J. ri um pouco. Há uma espécie de pesar em seu rosto, em sua voz, que Judy de repente acha perturbadora.

— Deus, não — diz T.J. — Ela era uma criança maravilhosa. Ela e o irmão. Crianças muito, muito boas.

Judy faz uma pausa.

— Então você também era próxima do irmão dela?

— Sim. Nossa idade era mais próxima. Eu tinha doze anos quando ele… — diz T.J., e então para. — Quando ele desapareceu. Ele tinha oito.

Está quente lá fora, mas Judy de repente sente frio.

— Como você descreveria o relacionamento das crianças Van Laar com os pais? — pergunta Judy.

— Depende de qual filho você está falando. E de qual pai.

— Vamos começar com Bear.

— Bem, a mãe dele o amava — responde T.J. — Amava-o mais do que tudo. Nunca mais foi a mesma desde que ele desapareceu.

— E o pai dele?

— O pai dele — diz T.J. — O pai dele, essa é difícil.

Ela parece estar pensando de verdade em como expressar algo.

— Sabe, o pai de Bear também amava o menino, do jeito dele — fala T.J. — Mas era como se o sr. Van Laar pensasse nele como uma de suas obrigações. Algo que só vale a pena ter por perto por causa do que se tornará depois. Se é que isso faz sentido.

Judy faz outra anotação.

— O que você está escrevendo? — pergunta T.J. — É sobre mim?

— Estou escrevendo o que você está falando.

— Quem vai ver isso?

Judy hesita.

— Por enquanto, só eu — diz ela. — E possivelmente meus colegas do Departamento de Investigação Criminal. Mas talvez isso possa ser usado como algum tipo de evidência. E seria um registro público.

T.J. assente. Por um momento, Judy se pergunta se ela vai se calar, parar de falar.

Ela abaixa a caneta. Na mesma hora, T.J. parece mais reconfortada.

— E o relacionamento de Barbara com os pais? — pergunta Judy.

T.J. pensa por um longo tempo.

— Não sei se *inexistente* é a palavra certa — diz ela, por fim. — Mas chega perto.

Judy faz uma pausa. Anota algo. Na verdade, está enrolando.

— É por isso que ela se aproximou de você? — questiona Judy, baixinho.

Ela sabe que não deve mostrar todas as suas cartas no momento. Quer ver o que T.J. dirá.

— Talvez — diz T.J.

— O quanto você diria que eram próximas?

— Bem, isso é difícil de responder.

— Vamos começar por aqui — diz Judy. — Sei que ela frequentou o acampamento neste verão. Foi ideia dela ou sua?

— Dela — responde a diretora. — Toda dela. Barbara queria sair da casa. Não queria ficar para a grande festa que estavam planejando.

— Por que acha isso?

T.J. respira fundo.

— Você sabe quanto dinheiro os Van Laar têm, não sabe?

— Tenho alguma ideia disso, sim.

— Você sabia que eles mandaram a filha para um internato ano passado com dois uniformes e nenhum casaco de inverno? Sabia que eles não deram dinheiro para ela gastar?

— Por que acha que isso acontece?

— Ou eles não se lembram ou não se importam. Sou eu quem aparece. Levo comida extra para ela no fim de semana, levo os livros e discos de que ela gosta. Vou até lá sempre que posso. Eu cuido dela. Ninguém mais cuida.

— Enquanto ela estava no acampamento — diz Judy —, quantas vezes você a viu?

— Bem, todo dia — comenta. — Eu via todos os campistas todo dia. Estou sempre por perto, sabe? Consertando alguma coisa,

planejando algo, seja lá o que for.

— E à noite?

O olhar de T.J. volta para a parede à esquerda da cabeça de Judy.

Por algum tempo, há silêncio no cômodo.

— Investigadora Luptack — diz T.J. —, acho que sei o que está insinuando.

T.J. vai até a beirada da cama, coloca as mãos nos joelhos. Inclina-se para a frente e olha diretamente para Judy.

— Sei o que as pessoas dizem sobre mim na cidade. Talvez até tenham dito isso a você durante sua investigação.

Judy mantém o rosto sem expressão.

— Não sei do que você está falando.

— Eu me visto de uma certa maneira, é o que quero dizer. Eu falo e ando de uma certa maneira.

— Certo.

— Barbara é como uma irmã mais nova — diz T.J. — Provavelmente a coisa mais próxima que terei de uma filha, se quer saber a verdade. Eu amo aquela menina. Mas não do jeito que está insinuando.

Judy deixa as palavras de T.J. pairarem no ar o máximo possível.

Então ela diz, com calma, direta:

— Temos uma testemunha ocular disposta a testemunhar afirmando que viu Barbara entrando em seu chalé no meio da noite. Toda noite.

É a primeira vez, como investigadora, que ela desafia alguém que está interrogando.

Também é a primeira vez que blefa; ela não tem ideia se Christopher vai depor. Se os pais dele o deixarão fazer isso.

Por um momento, T.J. fica vermelha; todo o seu rosto cora, depois seu pescoço e, por fim, o peito.

E então ela se levanta. Atravessa o cômodo, ajoelha-se ao lado de suas botas marrons e começa a calçá-las.

— T.J. — diz Judy.

— Eu não sou burra — afirma a mulher. — Sei o que significa quando alguém tem uma teoria em que está trabalhando, por mais que ela esteja errada. E também sei que não tenho obrigação legal de

falar com você. Então volte quando tiver um mandado para minha prisão.

Ela se levanta e vai embora.

Judy, cada vez mais desesperada, também se levanta e a chama pelo corredor vazio.

— Qual é a sua teoria? — pergunta a investigadora. — Tem alguma teoria de para onde Barbara foi?

T.J. para. Coloca as mãos na cintura. Vira-se de forma relutante.

— Posso contar uma coisa para você? — diz ela. — De mulher para mulher? Algo que você não vai anotar no seu caderninho?

Judy abaixa o bloco.

— John Paul McLellan é o culpado — fala T.J. — Não posso dizer como sei disso. Mas sei.

Jacob

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Três**

Durante a noite, ele havia refeito seus passos ao longo do curso d'água, caminhando rio abaixo dessa vez. Perto do amanhecer, tinha começado a chover.

Normalmente ele dormia ao ar livre durante o dia, mas queria o conforto de um lar, uma cama, uma refeição sob um teto. E então, em algum momento, encontrou uma casa promissora, aparentemente vazia, e entrou nela.

Primeiro foi à despensa. Encontrou-a decepcionantemente vazia, exceto por um grande recipiente de aveia Quaker que ele transformou em mingau no fogão elétrico.

Em seguida, procurou em todos os armários dos quartos. Em sua experiência, eram nesses lugares que as pessoas tendiam a manter suas armas e munições, enfiadas em prateleiras altas, fora do alcance das crianças. E lá estavam: duas espingardas de cano duplo, três caixas de projéteis.

Que pena, pensou Jacob. Ele teria preferido uma pistola; uma espingarda era mais difícil de carregar. Mas ela tinha uma bandoleira de munição, que ele carregou com os cartuchos. Carregou uma arma também.

São quatro da tarde, e ele dormiu o dia todo. Levanta-se da cama, espingarda carregada nas mãos. E de repente ouve o rangido de uma tábua do assoalho.

Ele congela.

Da forma mais silenciosa possível, ele se move para o lado mais distante da cama e se abaixa atrás dela. De lá, aponta a espingarda

para a porta do quarto.

Ele está familiarizado com essa posição. Ela o lembra de como caçava quando criança.

A porta se abre. Sem se abalar, ele atira — mas ninguém é atingido. Ninguém, aparentemente, jamais teve a intenção de atravessar a porta do quarto.

Era uma armadilha? Jacob não tem certeza.

E então, atrás dele, uma voz diz:

— Não se mova.

Ele congela.

Pela janela aberta perto de sua cabeça, a arma de um policial está apontada em sua direção.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Três**

Ela sobe a colina, com a cabeça cheia das novas informações que colheu com T.J. para passar para Denny Hayes.

Boas anotações, pensa: foi tudo o que ele pediu — e ela não tinha nenhuma.

Então Judyta vai até o lado do lago da casa, disposta a encontrar uma cadeira Adirondack, sentar-se nela e escrever tudo o que T.J. disse antes que escape da sua mente.

Ao chegar, ela fica decepcionada ao descobrir que uma cadeira já está ocupada.

De costas, a mulher parece desconhecida. Mas ela se vira, e Judy a reconhece: é a sra. Van Laar, avó de Barbara. A esposa do homem que falou com ela de forma tão desdenhosa durante sua primeira hora da investigação — o homem que, a partir daquela manhã, tinha se tornado um dos principais suspeitos.

— Sente-se — diz a sra. Van Laar. — Não se incomode comigo.

Judy obedece. Ela inclina a cabeça para o bloco de notas, fingindo trabalhar. Mas, em sua mente, está formulando pergunta após pergunta — qualquer coisa que possa iluminar alguma característica do marido dessa mulher.

A sra. Van Laar fala antes dela.

— Bela vista — diz a idosa.

— É mesmo — fala Judy.

— Este é meu lugar favorito para sentar em toda a Reserva. E minha hora favorita do dia — diz a sra. Van Laar.

Judy assente.

— Imagino que a vista lhe traga lembranças — diz Judy.

A sra. Van Laar faz uma pausa, como se estivesse pensando. Então diz:

— Na verdade, não.

Judy ainda está pensando rapidamente em ideias para uma abertura quando a sra. Van Laar se levanta da cadeira e começa a se dirigir à casa principal.

— Sra. Van Laar — diz Judy, com uma súplica indesejada na voz.

Devagar, a mulher se vira. Sua expressão ainda é agradável.

— Eu só… não tive a oportunidade de falar com a senhora desde o nosso primeiro dia aqui — diz Judy. — Tem alguma coisa que gostaria de acrescentar?

A sra. Van Laar abre a boca. Então, a fecha. Olha para trás, como se estivesse tomando uma decisão.

Então diz:

— Você teve a chance de interrogar Vic Hewitt?

O nome faz Judy parar. *Hewitt* ela conhece, é claro; o primeiro nome é desconhecido.

— Ele é… — diz ela.

— O pai de Tessie Jo — responde a sra. Van Laar. — O primeiro diretor do acampamento.

Judy franze a testa. *Tessie Jo*. Ela examina as anotações que acabou de fazer, procurando o que T.J. disse sobre o pai durante a entrevista.

Perda de memória, escreveu.

— Eu não sabia que ele ainda estava… — diz Judy.

— Vivo, sim — diz a sra. Van Laar, lendo sua mente. — Talvez você devesse interrogá-lo. Ele é um homem tão interessante. E gostaria de companhia, sem dúvida.

— Onde posso encontrá-lo? — pergunta Judy.

— Hoje em dia ele mora no Chalé da Diretoria com a filha — diz a sra. Van Laar. — Ela cuida dele.

Judy balança a cabeça.

— Nós assumimos a casa, senhora — diz ela. — Agora é nosso Posto de Comando.

A sra. Van Laar olha diretamente para Judy.

— Bem, querida — diz ela —, então suponho que terá que investigar. Não é isso que você faz?

Ela se vira e desaparece dentro da casa escura e fria.

VII

Autoconfiança

Alice

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Alice, ainda procurando por Bear, respirou fundo antes de girar a maçaneta da porta do quarto do marido.

Não teria sido tão ruim se fosse qualquer outra pessoa.

Se tivesse sido uma das garotas hospedadas na propriedade naquela semana — uma atriz, uma cantora ou uma modelo. Alguém jovem e frívola, alguém difícil de levar a sério.

Ou, pensou Alice, uma das funcionárias: se fosse uma das empregadas temporárias, ela saberia com certeza que Peter estava apenas usando-a para desestressar. Ele jamais levaria algo adiante com alguém que trabalhasse para ele.

Mas não era uma atriz, uma cantora ou uma funcionária na cama de Peter.

Na cama de Peter estava sua própria irmã. Delphine.

Uma pessoa que, ela acreditava, Peter desprezava. Uma mulher que ele considerava *inteligente* — o que era, de acordo com as convicções declaradas de Peter, um desperdício.

Ela estava errada sobre tudo isso.

Alice podia dizer, pela posição em que estavam, que a proximidade dos dois não era nova. Conexões e inferências começaram a se formar em sua mente. A familiaridade de Delphine com os funcionários — a pergunta insolente que fizera a Warren no dia anterior, querendo saber

se ele estava preparado para alimentar os convidados por mais um dia. Como se *ela* fosse a dona da casa.

As viagens de Peter para Manhattan — duas ou três vezes por mês, sempre a negócios, segundo ele. Sempre para se encontrar com o advogado do banco, McLellan.

Sua mente girava. Há quanto tempo Peter e Delphine estavam fazendo aquilo? Por anos? Desde a primeira visita de Delphine à Autoconfiança, como acompanhante de Alice?

Antes disso?

Delphine sempre, sempre recebera mais respeito do que Alice. Mesmo quando Peter reclamava dela, havia certa admiração em sua voz.

Talvez tudo não passasse de um ardil.

Talvez todos soubessem desde sempre: a mãe e o pai de Peter. Todos os amigos.

Talvez Peter, Delphine, McLellan e sua esposa tenham ido jantar juntos em Manhattan. Talvez tenha sido justificado. Talvez eles tivessem ido juntos para lá, para a Autoconfiança, em momentos em que Alice estava em Albany — e talvez por isso ela conhecia tão bem a equipe.

Talvez Peter e seu pai tivessem escolhido Alice não *apesar* de sua juventude e inexperiência — duas qualidades que eles frequentemente lamentavam em voz alta como deficiências que Alice tinha que se esforçar para superar —, mas por causa delas? Porque ela faria o que eles a mandassem fazer, o tempo todo. Porque ela não seria difícil.

Porque não lhe ocorreria que uma mulher como Delphine fosse o tipo de pessoa que Peter realmente quisesse.

Os dois dormiam pelados. A cabeça de Delphine repousava no peito de Peter. O braço dele estava enrolado em volta dos ombros dela. Os cabelos de Delphine se espalhavam atrás dela na cama.

Peter e Alice nunca dormiram assim.

Quando ela tinha dezoito anos, recém-casada com um homem mais de uma década mais velho, morando longe de sua casa pela primeira vez na vida, grávida, desconfortável e assustada: Peter nunca

a abraçara com tanta ternura. Em vez disso, alegando insônia, ele rolava para o lado oposto da cama e ficava reto como um lápis enquanto ela, Alice, se enrolava de lado e segurava um travesseiro para se confortar, sentindo falta de seus amigos em Nova York, de sua irmã, de seu pai e até de sua mãe.

Alice os observou por mais um tempo. Ela pensou por um momento em acordá-los — batendo a porta, gritando, certificando-se de que eles soubessem que ela sabia —, mas, se o fizesse, tudo mudaria. Toda a sua vida mudaria.

Alice conhecia apenas um casal que havia se divorciado, amigos de seus pais.

O homem ainda fazia parte do grupo deles, com uma esposa muito mais jovem. A primeira mulher tinha praticamente desaparecido. Dizia-se que ela não morava mais em Nova York, que tinha se mudado para Connecticut. Pelo jeito como falavam dela, parecia que havia morrido.

Alice se perguntou: ela poderia viver sempre fingindo? Poderia sair do quarto, ir para o corredor; fechar a porta sem fazer barulho, encarar Peter e Delphine no jantar, e fingir não ter visto nada, pelo restante da vida?

Sim, sim, sim, pensou ela.

Enquanto tivesse Bear, a resposta seria sim.

Ela fechou a porta o mais gentilmente que pôde.

Foi até o solário, onde encontrou o gim. Serviu um copo e bebeu em vários goles. Ela merecia aquilo, raciocinou. Serviu outro. Bebeu.

Enquanto bebia, permitiu que as lágrimas fluíssem.

Quando terminou, seu equilíbrio não estava bom.

Ela não tinha comido nada naquele dia.

Ela saiu do solário, o corredor girando, o chão subindo para encontrá-la. Entrou na sala, onde o restante da festa estava reunido — os Van Laar mais velhos, os McLellan, as atrizes e os clientes. E ali, perto da lareira, Tessie Jo e Bear. Todos tinham sido atraídos para a sala pelo tédio; estavam decidindo o que fazer a seguir.

Eles pararam de falar quando ela entrou. Ela balançou de leve e se segurou com um pé para trás.

Eles olharam para ela, os rostos como máscaras julgadoras.

Nenhum deles importava para Alice. Ela falou apenas com Bear.

— Venha cá — disse Alice, tentando sorrir, mantendo as duas mãos na direção dele.

Um silêncio desconfortável.

— Aonde você vai, Alice? — perguntou o pai de Peter. Ele franziu a testa.

— Bear quer passear no barco a remo — respondeu ela.

Seu sogro franziu a testa, como se não a tivesse entendido. Certamente, pensou, não estava com a dicção tão ruim assim.

Alice tentou outra vez.

Dessa vez, Bear se levantou, cambaleante; o avô gesticulou para que ele voltasse a se sentar.

— Bear e eu já temos planos — disse ele. — Estamos prestes a sair para uma caminhada. — Ele se virou para o neto. — Bear, você já calçou suas botas?

Bear, tenso, olhava para a frente e para trás entre o avô e a mãe. Alice amava isso nele: amava o cuidado com que ele lidava com as pessoas. A preocupação que o menino tinha com o bem-estar dos outros. Ele pensava frequentemente em como fazer as pessoas mais felizes; colhia flores para ela no jardim. Desenhava bilhetes de amor para ela na escola.

Um impulso generoso em Alice a diz para libertar o filho da situação difícil.

— Está tudo bem, Bear — disse ela. — Passearemos de barco outra hora.

Tarde demais. Alice percebeu que sua voz tinha falhado de emoção enquanto falava. Ela se virou e cambaleou para fora da sala, então atravessou o corredor e passou pela porta sul.

Lá fora, estava escurecendo. Algumas gotas de chuva bateram em seu rosto, despertando-a brevemente de seu estupor. Dando-lhe permissão para chorar abertamente.

Ela passearia de barco sozinha, pensou. Escaparia da festa, da irmã, do marido. Ela imaginou: remaria para o meio do lago, se deitaria no barco e simplesmente ficaria flutuando por algum tempo, deixando-se embalar pela água em perfeita solidão até conseguir se recompor.

Então voltaria para a festa.

Quinze metros antes da casa de barcos, ela tropeçou feio, caiu de joelhos, e esfolou as palmas das mãos. Ela se levantou. Sacudiu as mãos. Continuou.

Alice abriu a porta.

O local estava escuro, mais escuro que o normal. Os barcos, apoiados em suportes em três fileiras organizadas, tinham uma aparência fantasmagórica. Ela foi até o barco a remo de alumínio. Nunca havia tentado abaixá-lo do suporte sozinha, mas achou que conseguiria.

Vários puxões. Um barulho. Um remo deslizou para o chão.

Ela arrastou o barco com dificuldade até a rampa que descia para o lago. Estava suando, apesar do vento frio que vinha da água. Seus movimentos eram desajeitados, desconexos.

Atrás dela, de repente, o som da porta da casa de barcos.

Alice

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: Dia Três

Ela não sabia onde estava. Abriu os olhos. Sua boca estava tão seca que ela não conseguia engolir. Acima dela, a sala girava devagar, a luz do teto fazendo arcos lentos no ar.

Ela teve a sensação de ser incapaz de formar palavras. Até mesmo seus pensamentos não tinham palavras. *Água*, pensou — mas era uma imagem, não um substantivo. Ela olhou ao redor do cômodo em busca de uma pia, virando todo o seu tronco numa direção e depois em outra. O pescoço estava rígido, como se ela não movesse a cabeça por dias.

Havia janelas no cômodo, mas elas estavam escurecidas por persianas fechadas com ripas apertadas e travas externas. Ela não saberia dizer se era dia ou noite lá fora.

A cama em que estava era tão firme que parecia uma tábua de madeira.

Ela se levantou, cambaleante. Viu que estava usando um vestido. O material era duro, como se tivesse sido encharcado e pendurado para secar.

Banheiro, pensou. A imagem de um. A vontade de urinar de repente era tão forte que ela se dobrou.

Onde estava? Tinha a sensação de que a resposta viria em breve, e com ela algum conhecimento terrível que talvez não desejasse. Lentamente, voltou a se endireitar.

Não havia banheiro. Apenas alguns enfeites escassos que indicavam que ela estava em um quarto há muito tempo abandonado. Uma cômoda resistente. Uma tigela para água. Um espelho: isso ela evitou completamente.

Ela viu uma porta. Foi até lá, empurrou-a: trancada. De alguma forma, ela sabia que estaria.

Ela se deitou no chão, barrando a entrada do pensamento. Algo terrível tinha acontecido, ela sabia. Se voltasse a dormir, não teria que saber o que era.

Ela fechou os olhos.

A porta se abriu.

E quem entrou foi o pai de Peter.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Três**

O fim do turno está chegando. Judyta tem que encontrar Hayes; não pode arriscar contar para mais ninguém o que a sra. Van Laar lhe disse. Não pode se dar ao luxo de estar errada na frente de LaRochelle de novo; não depois de ontem.

Talvez você devesse interrogá-lo. Ele é um homem tão interessante.

Quando ela chega ao Chalé da Diretoria, dois investigadores, fumando do lado de fora, dizem a ela que Hayes saiu e não vai voltar.

— Merda — diz ela, e os investigadores se endireitam.

— Olha a língua — fala um deles.

Ela não responde.

— Enfim, ele deixou isso para você. — diz o outro.

Com relutância, o homem estende um pedaço de papel com um número de telefone. *Denny. Casa*, diz o papel.

— Está rolando alguma coisa entre vocês dois? — pergunta o primeiro investigador e seu amigo abafa um sorriso.

Judy os ignora. Entra no chalé.

Sozinha, ela se sente melhor.

Um longo corredor vai da sala até os fundos da casa. No final dele, há um banheiro — praticamente destruído pelo uso constante dos últimos dias.

Mas há outros quartos também. E, de acordo com a sra. Van Laar, um deles é, ou foi, de Vic Hewitt.

Judy anda pelo corredor, na ponta dos pés, fazendo o mínimo de barulho possível.

Ela tenta a primeira porta. Lá dentro, há uma cama arrumada, uma pilha de material de leitura na mesa de cabeceira, uma revista chamada *Camp Life*. Abre a porta do armário; dentro dele encontra várias peças de roupas andróginas e uma fileira organizada de chapéus de pesca.

Neste ponto, Judy não tem ideia se está no quarto de Vic ou de T.J. Ela anda até uma cômoda de madeira escura e abre uma das duas pequenas gavetas de cima.

Ali, enfim, está sua resposta. As roupas íntimas são distintamente femininas: calcinhas decotadas, um sutiã ainda com etiqueta. Um par de meias de lã que também parecem nunca ter sido usadas.

Ela atravessa o corredor. Abre outra porta. Não há dúvidas, dessa vez, sobre em qual quarto ela está: tem uma bengala de metal encostada na parede. Uma fileira reta de sapatos masculinos para caminhada está alinhada na outra. O mais curioso é que um par de dentaduras nada num copo alto com líquido numa mesa de cabeceira.

O que suscita a questão: se a dentadura de Vic Hewitt está aqui, então onde está Vic Hewitt?

Judy se move em direção à cômoda. Mas em vez de roupas, encontra o que parece ser um tesouro em fotografias em preto e branco. A maioria é de crianças: T.J. quando jovem. Barbara. E Bear: muitas das fotos são de Bear van Laar, em várias poses, pescando, nadando, esquiando.

A que mais a intriga é uma foto de grupo. Ela aperta os olhos, tentando reconhecer as pessoas. Sabe com certeza que dois são os avós de Barbara, o casal Van Laar mais velho. Eles estão na última fileira. Ela sorri; ele não.

O menino mais novo na foto, imagina ela, é Bear.

A mulher que olha para ele, de forma amorosa, é sua mãe, Alice; o homem parado à direita dela é seu pai.

E parados de um lado, fazendo parte e ao mesmo tempo separados do restante do grupo, estão T.J. e seu pai, Vic.

Judy vira a foto. No verso está escrito, em lápis claro: *Adeus aos Borrachudos. 1961.*

O ano do desaparecimento de Bear.

Ela estremece. Coloca as fotos de volta na gaveta. Volta para a sala.

* * *

Está na hora, Judy sabe, de contar sobre a dica que a sra. Van Laar lhe deu. Ela tira um pedaço de papel do bolso, vai até o telefone no Posto de Comando e disca o número do telefone da casa de Denny Hayes, conforme instruída.

Uma mulher atende. A esposa, sem dúvida. Ao fundo, Judy ouve vozes de crianças.

— Olá — diz Judy. — Por favor, o investigador Hayes está?

Um nó na voz da mulher.

— Posso saber quem é?

— É a investigadora Luptack — responde ela. — Eu… eu trabalho com ele.

— Eu não sabia que ele tinha uma… colega de trabalho — diz a sra. Hayes. —Não sabia que deixavam mulheres agora.

— Bem, deixam, sim — diz Judy.

— De qualquer forma, ele ainda não chegou — fala a sra. Hayes. — Você pode me deixar um número de contato se quiser.

— Pode dizer a ele que estou hospedada no Alcott Family Inn em Shattuck, Nova York? — pergunta Judy. — Estarei lá em vinte minutos, mais ou menos. Ele pode ligar para a recepção que o pessoal do hotel me encontra.

Uma pausa longa e cética.

— Claro — diz a sra. Hayes. — Farei isso.

Mas Judy já sabe que ela não fará.

Está completamente escuro quando ela chega no motel. É meio de agosto, a época do ano em que o alto verão vira fim do verão. Ela fica dentro de seu Fusca por um momento, ouvindo o barulho do motor resfriando, então sai e tranca a porta. Caminha até o quarto. Pega a chave.

Então, às suas costas, ouve o próprio nome dito em voz alta. Ela sabe quem é antes de se virar.

— Papai — diz ela. — O que você está fazendo aqui?

Ele caminha em direção a ela. Judy nunca o viu tão bravo.

— O que *você* está fazendo aqui, Judy? — pergunta ele. — Acha que este lugar é seguro para uma garota solteira? Um lugar como este? Chegar em casa tarde da noite, quando já está escuro? Acho que não.

— Como me encontrou?

— Sua mãe estava morta de preocupação — diz o pai. — Ela não conseguiu dormir ontem à noite. Não conseguiu comer hoje. Ela me disse o nome do lugar.

Judy suspira profundamente.

— Não é culpa *dela* — diz o pai. — Ela está cuidando de você. Ela fez bem de me contar. Um lugar decadente como este? Você tem sorte de nada ter acontecido até agora.

Ele volta para o carro. Abre a porta do passageiro.

— Vamos — diz ele. — Vou levar você para casa. Amanhã trago você de volta para pegar o seu carro.

Ele não está olhando para ela. Ele espera que ela entre, sem fazer perguntas. Quando criança, Judy e seus irmãos o obedeciam religiosamente. Ele nunca bateu neles — mas era um homem grande e gritava.

Por um momento, Judy imagina ir até o pai. Entrar. Manter a paz com a família. Fazer o que é esperado.

Então diz:

— Não é decadente.

— O quê?

— O hotel.

— Motel.

— Este motel. É administrado por uma família bem legal. Os Alcott. O marido é professor de História. A esposa está sempre lendo um livro.

O pai está olhando para ela.

— Vou ficar aqui esta noite — diz Judy. — Porque tenho que chegar ao trabalho muito cedo de manhã. E estou cansada.

— Judy — diz o pai. — Entre no carro.

— Vou continuar aqui enquanto estiver trabalhando neste caso — fala Judy. — Depois disso, vou encontrar um apartamento mais perto da sede do Departamento de Investigação Criminal em Ray Brook. Posso pagar, porque ganhei um aumento.

— Judy.

— Quando fui promovida — fala ela, para enfatizar.

Devagar, o pai fecha a porta do passageiro. Por um instante, ela quase se sente mal por ele. Ela o imagina dirigindo para casa, sozinho, o rosto uma máscara de tristeza e raiva. Esta é a primeira vez na vida que ela vai diretamente contra a vontade dele.

— Sua mãe chorou — diz o pai. — Por sua causa, ela chorou.

— Tenho vinte e seis anos — fala Judy. — Sou uma mulher, pai. Sei me cuidar.

Ele não diz nada. Entra no carro — um carro antigo, um Fairlane Skyliner do final dos anos 1950 que Judy ainda se lembra dele comprando e levando, orgulhoso, para casa — e volta para a noite, um braço grosso jogado sobre o banco do passageiro, onde sua mãe normalmente estaria.

Então Judy fica sozinha.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Quatro**

Em seu quarto no Alcott Family Inn, Judy liga a pequena televisão enquanto se arruma. O âncora está contando a ela sobre o clima: o dia será ensolarado, fresco para agosto. Ela gosta dessa nova rotina: acordar sozinha, num horário razoável, sem nenhum irmão gritando do outro quarto.

Judy abre o chuveiro o mais quente que pode. Fica nele por muito mais tempo do que sua mãe permitiria.

Por fim, relutantemente, ela sai. Desliga a água a tempo de ouvir o âncora do noticiário dizer, na outra sala: *sob custódia no momento*.

Com a toalha presa no peito, ela corre rapidamente para o quarto, onde vê uma imagem de Jacob Sluiter na tela.

De lá, o noticiário corta para uma entrevista com o superintendente da Polícia Estadual de Nova York, que confirma, da sede da polícia estadual em Albany, que Sluiter foi capturado numa casa particular perto de North Creek.

No trabalho, Denny Hayes foi encarregado de liderar a reunião matinal; LaRochelle, diz, está na casa, falando outra vez com o pai de Barbara.

— Bom, se vocês ainda não ficaram sabendo — diz Hayes —, vou contar.

Depois de revelar a todos sobre os eventos da noite anterior — um vizinho distante que viu Sluiter enquanto ele passava por sua casa; uma vigilância policial enquanto Sluiter dormia —, Hayes deixa

algumas coisas claras: a primeira é que Sluiter está sob custódia, não está ferido e goza de boa saúde.

A segunda é que ele parece disposto a falar.

A terceira é que — sim — há uma possível linha do tempo que o teria permitido chegar à Reserva Van Laar quatro dias atrás, bem a tempo de capturar Barbara van Laar, e então retornar para North Creek, indo para o sul. Mas parece improvável, e eles ainda não têm evidência nenhuma disso.

A última é que cabe a Hayes decidir quem terá a primeira chance de interrogá-lo.

Por um momento, Judy acha que Hayes vai chamá-la. O investigador até olha diretamente para ela — mas então desvia o olhar.

— Goldman — diz ele. — Você teve contato com ele quando trabalhou no caso Bear van Laar?

Goldman balança a cabeça. Não.

— Quer falar com ele agora? — diz Hayes.

Isso faz sentido. Judy tenta não ficar decepcionada. Goldman é firme, paternal, nada ameaçador. Um bom detetive, todos dizem; o boato que corre sobre ele é que nunca aceitou as promoções que lhe foram oferecidas porque gosta do trabalho braçal de investigador.

Judy prende a respiração. Imagina se Goldman dirá não.

— Sim — diz Goldman.

Hayes assente. Então, um por um, ele atribui ao restante deles o trabalho do dia — incluindo Judy, que recebeu os nomes de alguns pais para rastrear.

Então ele dispensa todos, mandando-os para fora do chalé.

Judy enrola. Espera até que todos os outros tenham saído. Só então se aproxima de Hayes.

— Liguei para sua casa ontem à noite — diz ela. — Deixei um recado com sua esposa.

Hayes franze a testa. Então suspira.

— Ela não deu o recado — diz Judy.

Ele balança a cabeça.

— Você falou com o avô ontem? — pergunta Judy.

— Não consegui encontrá-lo em lugar algum — diz Hayes. — Cada um me disse uma coisa diferente sobre onde ele estava. — Ele faz uma pausa. — E você?

— Não com ele, exatamente — fala Judy. — Mas tenho uma nova pista para você. — E sem esperar por uma resposta, ela descreve sua tarde: a dica que a sra. Van Laar deu a ela. A busca por Vic Hewitt. A bengala, a dentadura. O quarto vazio.

— Veja com os seus próprios olhos — diz Judy, apontando na direção do corredor. — É bem ali.

— O que T.J. disse quando você a interrogou? Sobre onde o pai estava?

— Isso que é engraçado — diz Judy. — Ela não falou dele, em nenhum momento, no presente. Apenas disse que ele tinha sido diretor do acampamento até sua memória começar a falhar. Não fazia ideia de que ele ainda morava no Chalé da Diretoria.

— Até não estar morando mais — diz Hayes.

— Certo.

Hayes pensa.

— Tudo bem — diz ele. — Esqueça o que eu disse antes. Sua tarefa do dia é encontrar Vic Hewitt.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Quatro**

O Acampamento Emerson está deserto, com exceção dos policiais, guardas florestais e investigadores. Os monitores, os campistas e a equipe se foram. A única funcionária que deveria, em teoria, ainda estar no local é T.J. Hewitt.

Mas quando Judy retorna ao Alojamento dos Funcionários, ao lugar onde viu T.J. pela última vez, ela encontra a porta do quarto em que estava não apenas fechada, mas trancada com um ferrolho e cadeado. Tudo recém-instalado, pela aparência das aparas de madeira no chão.

Apesar do cadeado, Judy bate na porta gentilmente e depois com firmeza.

Nenhuma resposta.

Ela passa as próximas horas perguntando a todos que cruzam o seu caminho se viram T.J., mas parece que ninguém a viu desde o dia anterior. A caminhonete dela também não está em lugar algum.

A diretora não é suspeita neste caso — não oficialmente, pelo menos. Tem o direito de ir e vir como quiser. Ainda assim, a ausência de T.J. e de seu pai parece suspeita, sobretudo após as conversas do dia anterior — e Judy é tomada por uma sensação inquietante no estômago.

Ao meio-dia, ela retorna ao Chalé da Diretoria para almoçar. Quando entra, Denny Hayes está desligando o telefone.

— Investigadora Luptack — diz ele. — Exatamente quem eu estava procurando.

— Eu? — diz Judy, e Hayes assente.

— Preciso te pedir um favor — começa ele, mas para de repente. — Algum progresso sobre Vic Hewitt?

— Não — diz Judy. — E agora parece que T.J. também desapareceu.

Uma pausa.

— Vou colocar outra pessoa para fazer isso — diz Hayes.

— Quem? — pergunta Judy. E então, se dando conta: — Qual é o favor?

Hayes suspira.

— Ele quer falar com uma mulher — diz Hayes.

— Quem? — pergunta Judy.

— Sluiter. Goldman fez o melhor que pôde, mas não conseguiu nada. Sluiter quer falar com uma mulher.

— Certo — diz Judy.

— Temos apenas uma investigadora no Departamento de Investigação Criminal — diz Hayes, delicadamente.

— Certo.

— Eu fui contra — diz Hayes. — Não sei se é certo dar a ele o que ele quer. E não tenho ideia do que ele pode falar a você. Talvez seja todo tipo de lixo pervertido, pelo que entendo. Mas está fora das minhas mãos. LaRochelle deu sinal verde.

— Tudo bem — diz Judy. — Não estou com medo.

Ela está com medo. Duas horas depois, Judy está do lado de fora de uma das salas de interrogatório de Ray Brook, olhando através de um espelho unidirecional para o próprio Jacob Sluiter.

Ele é alto e magro. Está ficando calvo. Aos cinquenta anos, seus braços são fortes e o corpo parece ágil; ela consegue imaginar que Sluiter na casa dos trinta — a idade que ele tinha quando sua série original de homicídios ocorreu — teria sido ainda mais difícil de dominar. Uma barba rala parece ter crescido no período em que ficara foragido.

Ela foi instruída por telefone por um psicólogo forense que está familiarizado com o caso desde a onda inicial de Sluiter no início dos anos 1960.

— Ele odeia o pai — disse o psicólogo. — O pai abusou muito dele. Não mencione nada sobre ele ou parentes em geral.

— Tudo bem — disse Judy.

— Ele é sexualmente violento — disse o psicólogo. — Pode falar coisas impróprias, tentando irritar você. Tente não dar a ele essa satisfação.

— Tudo bem.

Judy aperta a mandíbula para evitar que seus dentes batam. Ela espera que isso lhe dê uma aparência de firmeza. Do plexo solar para fora, ela vibra com nervosismo e frio. Os aparelhos de ar-condicionado em Ray Brook são tão frios que ela tem levado um casaco para o trabalho, em pleno agosto. Mas dizer qualquer coisa sobre isso parece o mesmo que declarar: *Eu sou fraca*.

Uma pequena multidão se reuniu atrás dela. Hayes está lá, é claro, e Goldman. Assim como o capitão LaRochelle e dois de seus tenentes.

Ela tenta não olhar para eles. Como sempre, Judy sente tanto sua idade quanto seu gênero intensamente. Hayes está ao lado dela, e a encara.

— Tem certeza de que está tudo bem por você? — pergunta.

— Tenho.

Judy entra sozinha. Há microfones na sala, ela sabe. Eles alimentam um alto-falante e um aparelho de gravação do outro lado do espelho unidirecional. A ideia de ser ouvida em tempo real a deixa constrangida. Ela deseja mais privacidade.

Jacob Sluiter, que estava recostado na cadeira, senta-se mais reto quando ela entra.

— Sr. Sluiter — diz Judy. — Sou a investigadora Luptack. — Ela está tentando manter a voz leve.

Por um momento, Sluiter não diz nada. Então fala:

— Está com frio?

Judy hesita apenas por um segundo. O psicólogo disse a ela para não dar sinais de fraqueza; isso, observou, é o que Sluiter gosta. Com uma mulher, seu objetivo será intimidar. Apenas uma pessoa escapou de Sluiter no início dos anos 1960; essa mulher relatou que ele havia pedido que ela implorasse por misericórdia, ao que se recusara.

— Não — diz Judy. — Estou bem.

Sluiter parece quase desapontado.

— Quantos anos você tem? — pergunta ele.

— Quantos anos você tem?

— Quase 51. Meu aniversário é na semana que vem.

— Bem — diz ela. — Feliz aniversário adiantado.

Ela sorri para ele.

Sluiter a observa, lendo algo.

— Você parece bem jovem — comenta ele. — Você mora com seus pais?

Judy pisca. Desejando que cada parte de seu corpo e rosto fiquem imóveis.

— Não.

— Você é casada?

Judy fica em silêncio.

— Não vejo uma aliança em seu dedo — justifica Sluiter. — É por isso que perguntei.

Ele sorri, cruza uma perna sobre a outra.

— Não quis ofender nem nada.

— Sr. Sluiter, pode me contar um pouco sobre seu paradeiro desde que saiu de Fishkill?

— Ah — diz Sluiter. — Não tenho ideia de onde estive. Eu estava apenas caminhando para o norte.

— Entendo — diz Judy. — Tinha algum destino específico em mente?

— Não.

— Você encontrou alguém? Enquanto estava indo para o norte?

— Não.

Pela primeira vez desde que Judy entrou na sala, ele parece entediado. Vira o rosto para longe dela, em direção ao espelho unidirecional, como se soubesse que tem uma plateia.

— Você poderia me contar um pouco sobre seus… hábitos? Onde dormia, o que comia?

— Não me lembro muito bem — diz ele.

Por um tempo, eles continuam assim: Judy fazendo perguntas, Sluiter se esquivando delas, até que ela começa a ficar preocupada. Ela pensa nos homens que estão do lado de fora da sala, ouvindo.

Imagina-os olhando de soslaio um para o outro, tão duvidosos quanto ela sobre sua capacidade de extrair alguma informação desse homem. Por que ele pediu por uma investigadora se não daria a ela mais do que deu a Goldman?

Judy ouve a voz do psicólogo em sua cabeça. *Nenhum sinal de fraqueza.*

Ela ignora o conselho.

— Sabe — diz ela. — *Estou* com frio. Este prédio é o lugar mais frio em que já estive.

Coloca os braços em volta de si mesma. Estremece um pouco.

Ele vira o rosto para ela. Seus olhos, do outro lado dos óculos, estreitam-se um pouco, como se a trouxessem mais claramente para o foco.

— Investigadora Luptack — diz ele. — Posso lhe perguntar uma coisa?

— Sim.

— Você é virgem?

Judy sente uma onda de humilhação. O sangue sobe ao seu rosto, como se tivesse levado um tapa. Aos 26 anos, ela é, de fato, virgem. Ela quer negar, mas pensa no microfone na sala, no alto-falante do lado de fora. Ela pensa nos quatro homens, seus colegas, parados ali ouvindo cada palavra.

Não diz nada.

— Sinto muito — diz Sluiter. — Deixei você envergonhada?

— Sim — diz Judy.

Ele sorri e se mexe na cadeira.

— Não vai responder?

— Eu troco com você — diz Judy. — Eu conto se você me falar algumas coisas antes.

— E qual o nome do jogo? — pergunta Sluiter.

— Verdade ou desafio — diz Judy.

Ele sorri. Ajusta os óculos, como se estivesse se preparando para alguma diversão.

Judy não reconhece nada sobre essa versão de si mesma. Ela está interpretando um papel. Não tem experiência com homens ou mulheres. Quando tinha doze anos — já ciente de seu lugar mediano, como alguém não muito bonita, mas bonita o bastante —, seu pai lhe deu um conselho sobre namoro: *Não passe para os garotos cheques que você não vai querer descontar*.

Judy achou a frase grotesca. Mas calou fundo dentro dela. Talvez seja uma das razões pelas quais ela se veste como se veste, com roupas projetadas para esconder. Talvez seja por isso que Judy curva os ombros, abaixa a cabeça perto de homens que não conhece ou não confia. Que são a maioria deles.

Naquele momento, pela primeira vez na vida, ela vê sua sexualidade como algo útil. Judy quer uma confissão. Quer tanto quanto qualquer coisa que já quis na vida.

— Verdade ou desafio? — diz Sluiter.

— Verdade.

— Você é virgem?

— Sim — diz Judy. — Sou.

Em sua mente, ela bloqueia a imagem daqueles homens, seus superiores, na outra sala. Sua esperança é de que eles a deixem trabalhar um pouco, que eles não invadam a sala muito cedo, confundindo suas habilidades de atuação com sofrimento genuíno.

Ele limpa a garganta.

— Deu para perceber — diz ele.

— Minha vez — diz Judy. — Verdade ou desafio?

— Desafio.

— Desafio você a me contar sobre todas as pessoas que matou ou sequestrou.

Um silêncio pesado preenche a sala, e ela se pergunta na mesma hora se agiu rápido demais. Ela logo contorce a boca num pequeno sorriso — de um jeito que transmite despreocupação.

Depois de uma longa pausa, Sluiter sorri da mesma forma e balança um dedo no ar.

— Não, senhora — diz ele. — Isso é trapaça.

— Por quê?

— A palavra *desafio* sugere ação — explica. — Não confissão.

— Posso desafiar você a fazer o que eu quiser — diz Judy. — Não há nenhuma regra contra isso.

Ele limpa a garganta de novo.

— Você não pesquisou o meu caso? — pergunta Sluiter. — Eu nunca matei ou sequestrei ninguém. Ele sorri. Flertando. O estômago dela aperta: náusea, ou nervosismo, ou ambos.

— Você nunca *confessou* ter matado ou sequestrado alguém — acrescenta Judy.

— Isso mesmo. Nunca.

— Mas agora — diz Judy —, com todas as evidências. A segunda vez que você foi pego. Não há nada que gostaria de desabafar?

Ela sente, pela segunda vez durante o interrogatório, que ele está ficando entediado.

Judy tenta novamente.

— Sr. Sluiter, você é um homem religioso?

Ele bufa.

— Não. Mas meu pai era.

— Então você é racional — diz Judy. — Acredita no poder da dedução e da evidência.

— Depende — diz Sluiter.

— De quê?

— De quem está reunindo as evidências. Se são pessoas confiáveis.

Judy fica surpresa ao descobrir que parte dela entende o que ele está dizendo. E que até concorda com isso.

— E eu? — pergunta ela. — Você confiaria em alguém como eu?

— Confiaria — diz ele. — Agora, se essa era a sua pergunta, é a minha vez.

— Não é sua vez — diz Judy. — Ainda estamos negociando nossos termos aqui. O significado da palavra *desafio*.

Sluiter franze a testa.

— Tá bom — concorda Sluiter. — Mais uma pergunta. Então eu tenho um bom desafio para você, se aceitar. — Ele sorri.

Judy faz uma pausa, dando a si mesma tempo para pensar. Mais uma pergunta, antes de sair da sala. Ela não tem certeza se tem permissão para mencionar Barbara van Laar pelo nome, mas sente

que está chegando em algum lugar. Judy quer provar algo para os homens na outra sala, mas sobretudo quer provar algo para si mesma.

— Estamos procurando informações sobre uma garota — diz Judy. — Uma garota desaparecida.

— Barbara van Laar — fala Sluiter.

Um arrepio percorre sua espinha.

— Você sabe o nome dela — diz a investigadora, tomando cuidado para não formular a frase como uma pergunta.

Ele assente. Olha para a mesa. É remorso que ela sente na postura dele? Judy tenta desacelerar a respiração.

— Sr. Sluiter, você esteve perto da casa dela nos últimos dias? Você… teve alguma coisa a ver com o desaparecimento dela?

Ele olha para Judy, calculando.

— Foram duas perguntas — diz ele. — Você tem que escolher uma.

— Tudo bem — diz Judy. — A primeira.

Devagar, ele assente.

— Estive — responde.

— Nas proximidades da casa dela — diz Judy.

— Sim.

Judy abre a boca para falar, mas Sluiter levanta um dedo.

— Minha vez de fazer uma pergunta — diz ele.

Ela não fala nada. Observa.

— Você é virgem por escolha? Ou por que ninguém quis te comer?

Antes que ele termine a frase, a porta atrás dela se abre. Ela se vira: Hayes, Goldman e o capitão LaRochelle.

— Espere — diz Judy, mas eles já estão falando por cima dela.

— Obrigado, investigadora Luptack — diz o capitão LaRochelle.

Sluiter os encara, o rosto escurecendo.

— Nós ainda não terminamos — diz ele.

Não, ainda não terminamos. Judy quer dizer a mesma coisa — gritar a mesma coisa —, mas entende que seu trabalho é obedecer à ordem que está sendo dada em silêncio pelo olhar firme de LaRochelle.

Com relutância, ela se levanta da cadeira.

Goldman aponta em direção à porta e a acompanha para fora.

Atrás dela, Judy ouve a voz de Sluiter, em um tom ilegível, oscilando entre o zombeteiro e o sincero.

— Investigadora Luptack — diz ele. — Você fez um bom trabalho.

Fora da sala de interrogatório, o corpo inteiro de Judy fica mole. Ela precisa de toda a sua força para não se deixar afundar no chão.

— Tudo bem? — pergunta Goldman, preocupado.

— Eu ia fazer ele confessar — diz Judy. — Poderia ter feito isso.

— Eu sei — diz Goldman, consolando-a. — Eu sei. Eles apenas… não tinham certeza se o que ele estava dizendo ainda era útil.

— Eu poderia ter chegado lá — diz Judy.

Ele levanta a mão como se fosse dar um tapinha nas costas dela, mas depois pensa melhor. Limpa a garganta.

Do outro lado do espelho bidirecional Judy observa Jacob Sluiter se afastar de Hayes e LaRochelle, cruzando os braços sobre o peito como uma criança petulante, mesmo quando os investigadores começam a falar.

Louise

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Quatro**

Desde que retornou para casa no dia anterior, Louise não conseguiu encontrar seu irmão Jesse em lugar algum.

A mãe de Louise não tem a mínima ideia de onde ele possa estar.

— Há quanto tempo ele saiu? — pergunta Louise, cada vez mais nervosa.

— Ah — diz a mãe —, não mais do que um dia. Acho vi ele na cozinha ontem.

Ele tem onze anos, Louise quer dizer. Mas se ela tiver que conviver com a mãe por um tempo, vai fazer tudo o que puder para manter a paz, para se manter calma simplesmente não se envolvendo.

Ao meio-dia, quando Louise está prestes a ir até o centro da cidade para perguntar pelo irmão, Jesse entra na casa e congela quando a vê na cozinha.

— Onde você estava? — pergunta Louise, forçando-se a falar com calma.

— Na casa de um amigo.

— Que amigo?

— Neil. Você não conhece.

— Por que não avisou que ia sair?

— Eu avisei! — diz Jesse, indignado. — Avisei a mamãe. Eu disse que a mãe de Neil me pegaria e depois me deixaria aqui também.

Louise o encara. Sem desviar o olhar, ela grita para o outro cômodo:

— Mãe, você sabia que Jesse estava na casa de Neil ontem à noite?

Uma pausa.

— Acho que eu sabia — diz a mãe.

Louise abaixa a cabeça. Jesse sorri satisfeito.

— Desculpa — diz Louise. — Só estava preocupada.

— Eu sei — fala Jesse.

Ela abre os braços e ele caminha incerto em sua direção.

Quando ela tinha catorze anos e ele três, ela o segurava assim: o rosto dele, virado de lado, no ombro dela. O peso dele caía sobre ela. Pela primeira vez, Jesse está mais alto do que Louise, mas ainda assim encontra uma maneira de relaxar seus ossos e músculos sobre os ossos e músculos dela, e por um instante — antes de Jesse voltar a si — os dois respiram dessa forma, sem perceber.

— Jesse — diz ela. — Não engravide ninguém.

— Para com isso — diz ele.

Então ele ajeita a coluna.

— Você vai ficar em casa? — pergunta Jesse.

— Por um tempo.

Os dois assistem à TV com a mãe. *Kojak*: um programa que Jesse adora.

Em certo ponto, Jesse e sua mãe adormecem, e Louise vai para a cozinha, onde abre um armário. No dia anterior ela notou com alguma satisfação que Jesse tinha feito o que ela pedira ao telefone. Tinha comprado algumas provisões. Ele está crescendo.

Ela está mergulhando uma colher num pote de molho de queijo quando alguém bate na porta.

Lá fora está uma pessoa que ela, a princípio, não reconhece.

Tudo o que vê é que é uma mulher, e que a mulher tem cabelos grisalhos.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Quatro**

Quando Denny Hayes encontra Judy, ela está andando em círculos ao redor de sua mesa como um boxeador derrotado.

Hayes a observa com simpatia.

— Goldman disse que você ficou chateada — diz ele.

Com dificuldade, ela se senta na cadeira.

— O que conseguiu arrancar dele?

Hayes faz uma pausa.

— Nada — admite. — Ele fechou o bico depois que você saiu. Não disse mais uma palavra.

Então, olhando para trás, abaixando a voz:

— Foi LaRochelle quem nos fez entrar. Ele nos disse que estava preocupado que Sluiter estivesse brincando com você. Que não estivesse contando a verdade. Mas o que eu acho que o capitão realmente queria era poder dizer que ele mesmo terminou o trabalho.

Os ombros de Judy afundam.

— Por mim, você teria continuado — diz Hayes.

Judy assente.

— Eu sei.

— Se isso faz você se sentir melhor — diz Hayes —, a conservadora-restauradora da Hyde Collection está a caminho da Reserva agora mesmo para ver se é possível remover a tinta do quarto de Barbara.

Judy estava tão focada em Sluiter que demora um instante para lembrar. Quando o faz, uma pergunta lhe vem à mente:

— Como os pais reagiram? — pergunta Judy. — Eles estão de acordo com isso?

— Boa pergunta — diz Hayes. — Eu estava pensando a mesma coisa. Mas ouvi do capitão que, por eles, tudo bem. Pelo menos da parte do pai. Ele não hesitou.

Isso, na mente de Judy, significa uma de duas coisas: é uma evidência da inocência dos pais ou que não havia nada de interessante naquelas paredes.

Antes de partir para a Reserva, Judy faz um pedido a Hayes:

— Pode ir me atualizando sobre Sluiter? Mesmo que não esteja na Reserva, você me liga?

Hayes assente.

A restauradora é uma jovem alta, talvez tão jovem quanto Judy. Ela usa óculos grandes e macacão branco. Na mão direita, carrega um balde; na esquerda, uma lona de proteção.

O nome dela é Anna, diz. Ela está ali para olhar a pintura.

Judy, sendo a pessoa que teve a ideia, também é a que a supervisiona.

Ela leva Anna para dentro da casa e a guia pelo corredor até o quarto rosa.

Anna, a restauradora, entra no quarto e põe o balde no chão. Observa as paredes muito rosadas, a cama bem arrumada, o tamanho surpreendente do cômodo.

— Alguma ideia de por qual parede devo começar? — pergunta ela.

— Acho que a parede atrás da cama — responde Judy, pensando no desenho que Barbara fez. O plano para o mural.

Anna se move com confiança. Estende a lona no chão. Ajoelha-se e pega seu balde, retirando dele um recipiente de metal com acetona e algo que parece um cotonete grande.

Ela mergulha o cotonete na acetona e o coloca num pequeno ponto no canto.

Quando ela o tira, um pequeno pedaço verde floresce através do rosa.

— Bem — diz Anna. — Isso é um bom sinal. Parece que por baixo é tinta a óleo. O que significa que posso tentar remover a tinta látex

de cima sem danificar a camada inferior.

Ela retorna ao trabalho, tornando o pequeno círculo um pouquinho maior. Sim: há verde e um pouco de preto ao lado.

Anna olha para Judy.

— Você sabe que isso vai levar muito tempo, certo? — pergunta ela. — Quero dizer, dias.

Perto do fim da tarde, um jovem investigador sobe a colina e encontra as mulheres na casa principal. Ele parece nervoso.

— Você é Luptack? — pergunta para Judy.

Ela assente.

— O capitão LaRochelle está no telefone. Ele diz que é urgente.

Quando Judy alcança o telefone no Chalé da Diretoria, ela descobre que Denny Hayes também chegou às imediações. É ele quem segura o telefone. Ao redor dele, uma pequena multidão de curiosos se formou. Ela pega o fone e vira as costas para eles.

— Estou aqui na sala com o sr. Sluiter — diz o capitão, entre o sério e o envergonhado. — Ele gostaria de falar com você. Concordou em me deixar ficar na sala enquanto faz isso.

Ela olha para Hayes, que não faz ideia do que está acontecendo. Como cortesia, Judy cobre o bocal do telefone com a mão. Articula para ele, sem emitir som: *Sluiter está pedindo para falar comigo*.

Ele levanta as sobrancelhas. *A ligação vai ser gravada*, responde o investigador, também sem emitir som.

— Eu sei — fala Judy, em voz alta.

— O que você sabe? — pergunta Sluiter, do outro lado da linha.

* * *

Dessa vez, Jacob Sluiter não fica de conversinha. Fala clara e diretamente.

— Não sei nada sobre Barbara van Laar — diz ele. — Estou falando a verdade.

— Como você sabia o nome dela? — questiona Judy. — Quando perguntei sobre a menina, você disse o nome dela antes de mim.

— Eu vi nos jornais. Que nem todo mundo — responde Sluiter.

Ele está sorrindo, triunfante. Ela consegue ouvir através da linha.

Judy espera. Tem mais, ela pensa, deve ter mais.

Ela consegue ouvir a respiração de Sluiter: um som molhado que revira seu estômago.

Por fim, ele continua.

— Mas sei onde o irmão dela está.

Judy fecha os olhos por um instante.

— Vai me contar? — pergunta ela.

Judy quase consegue sentir o gosto da resposta. Ela quer muito aquela informação.

— Não, não vou.

Fique quieta, diz Judy a si mesma. *Espere*. Pela linha telefônica, ela deseja em silêncio que LaRochelle fique quieto também.

Funciona.

— Mas vou mostrar — diz Sluiter, por fim.

Louise

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Quatro**

Louise abre a porta.

Ela conhece aquela mulher. Não consegue se lembrar de onde.

A mulher usa o cabelo grisalho preso em um longo rabo de cavalo baixo que quase chega à cintura. Veste um longo vestido de algodão. Meias dentro de sapatos de caminhada.

Por um tempo, elas se olham, imóveis.

Então a mulher diz:

— Louise? — E é quando Louise ouve sua voz distinta e grave que percebe quem ela é.

— Sra. Stoddard — diz Louise. — Tudo bem?

* * *

A sra. Stoddard — antiga professora da escola dominical, figura importante na cidade, mãe de Antonia Stoddard, uma das colegas de classe de Louise do jardim de infância até o fim da escola — raramente é vista desde que seu marido morreu.

Por mais de uma década, circularam mais fofocas sobre ela do que fatos.

Assim como a mãe de Louise, dizem que a mulher é uma reclusa. Que teve um "colapso nervoso".

Mas, diferente da mãe dela, a sra. Stoddard tem uma razão clara para sua suposta ruptura com a realidade: ela perdeu o filho e depois o marido num intervalo de tempo cruelmente curto. E seu marido ficou tão desonrado na morte que ela nem sequer teve a oportunidade de viver seu luto direito — em público, pelo menos.

— Posso entrar, Louise? — pergunta a sra. Stoddard.

Louise dá um passo para trás, abrindo caminho. Ela aponta para uma cadeira; a sra. Stoddard aceita a oferta e se senta, apoiando a bolsa no colo, segurando a alça com firmeza, como se tivesse medo de que alguém fosse pegá-la.

— Posso te servir uma bebida? — pergunta Louise. — Chá? — Ela não tem ideia se tem chá na casa.

— Estou bem — diz a sra. Stoddard.

— Como está Antonia? — pergunta Louise.

— Ah, tudo bem — diz a sra. Stoddard. — Todas as meninas estão bem. Já tenho cinco netos.

Ela se senta reta na cadeira, orgulhosa. Mas algo diz a Louise que não deve ficar perguntando sobre a família da sra. Stoddard — que, talvez, elas não sejam tão próximas.

— Você deve estar muito orgulhosa — diz Louise.

— Estou.

— Lembro que Antonia tocava piano muito bem. Cantava bem também.

— É verdade, não? — pergunta a sra. Stoddard.

Um longo e constrangedor silêncio se segue.

De repente, a mulher se inclina para a frente.

— Eu sei o que estão tentando fazer com você — diz ela.

Louise pisca.

— Sabe?

A sra. Stoddard assente. Seus olhos se enchem de lágrimas de repente. Ela estende a mão fina sobre a mesa da cozinha, com a palma para cima, e Louise não tem escolha a não ser colocar sua mão ali, entrelaçando-a com a da mulher.

— Mas não se preocupe — diz ela. — Não vou deixar que façam isso de novo.

Ela abre a bolsa em seu colo e vasculha o interior, procurando por algo.

A sra. Stoddard pega um documento amassado, coloca-o sobre a mesa entre elas e alisa-o com o punho.

— Pronto — conclui ela. — Pegue. É para você.

Com alguma hesitação, Louise puxa um bloco de páginas grampeadas.

A princípio, ela não sabe para o que está olhando. É uma cópia carbono de alguma coisa, a tinta tão fraca que Louise tem que apertar os olhos para entender do que se trata. Não entende o título do documento, que está no topo da página: *Garantia Colateral e Informações*.

Na parte inferior há uma assinatura: *Maryanne Stoddard*.

— Eles disseram que fui eu? — pergunta a sra. Stoddard.

— Quem?

— No gabinete do magistrado. Eles disseram para você que fui eu quem pagou a sua fiança? Coloquei minha casa como garantia — diz a sra. Stoddard, animada, as mãos tremendo de leve. — Olhe. Olhe a próxima página.

Nela há uma nota promissória, o endereço da casa da família Stoddard listado no topo. Na terceira página, uma cópia da escritura.

— Sra. Stoddard — diz Louise. — Você não devia ter feito isso.

— Por que não?

— É muita gentileza sua — diz ela. — Mas é demais.

— Bobagem — diz a sra. Stoddard, enérgica. — Passei os últimos catorze anos da minha vida tentando limpar o nome do meu marido por um crime que ele não cometeu. Nunca que vou deixar os safados fazerem a mesma coisa com outra pessoa.

Louise ainda está olhando a papelada. Examinando a assinatura no final da página.

— Você sabe — diz a sra. Stoddard — quantas horas da minha vida passei na floresta ao redor da montanha Hunt? É praticamente tudo o que fiz. Minhas filhas acham que sou louca. Mas eu penso que se encontrasse alguma coisa… algumas roupas do menino ou… — Ela fica quieta por um instante, ponderando o quanto deve ser honesta. — Ou o próprio menino — diz ela, por fim. — Pobre alma.

Louise está ouvindo com atenção. Tudo o que a sra. Stoddard está dizendo confirma uma teoria que ela formou nos últimos minutos. Ela olha a assinatura com os olhos apertados, analisando-a.

— Sra. Stoddard, não quero ser rude. Mas seu primeiro nome é Maryanne? — pergunta ela.

— É.

— E você passou os anos desde o desaparecimento de Bear van Laar procurando-o na floresta próxima?

Ela assente.

— Desde a morte do meu marido, enquanto ele estava sob custódia da polícia — diz ela. — Para ser mais precisa. Mas sim.

Louise espera. Com medo de perguntar.

— Mary Medonha — diz Maryanne Stoddard. — Pode falar. Ouvi dizer que me chamam assim.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Quatro**

Judy está sentada numa canoa, sendo conduzida através do lago Joan por dois guardas florestais da EnCon que remam em longas braçadas unificadas, silenciosas e calmas, mal agitando a água.

Duas outras canoas ladeiam aquela em que Judy está. Uma delas leva Hayes e um médico-legista de Schenectady.

A outra leva Sluiter e um guarda armado.

Foram necessárias várias rodadas de negociações com o advogado de Sluiter, designado pelo estado, para que essa ação fosse permitida por um juiz do condado. A preocupação, dissera Denny Hayes, era o histórico de fugas do homem. Sua habilidade de manipular as pessoas ao redor.

Por conta disso, Sluiter está algemado pelos tornozelos, e as mãos presas a uma corrente na cintura. Ele e o guarda são impulsionados por guardas florestais sentados na proa e na popa.

Judy se esforça para manter o olhar fixo à frente. Se ela se virar, teme ver Jacob Sluiter a olhando.

* * *

Eles estão indo para a margem oposta do lago Joan, para o pequeno trecho de terra rochosa no centro de uma baía que parece inacessível a pé. Afloramentos rochosos íngremes emergem da água e emolduram a enseada de ambos os lados.

Ao se aproximarem, fica claro que eles terão que vadear. Não há praia, apenas pedras que impedem a entrada na floresta. Um por um, eles desembarcam, segurando cada canoa firmemente enquanto

avançam. Sluiter — mãos amarradas na frente, como se estivesse em súplica — precisa da ajuda do guarda corpulento que o acompanha para sair da canoa. Enquanto caminha em direção à proa, o corpo abaixado, a canoa balança, ameaça tombar. O guarda abre os braços e Sluiter cai sobre eles.

A floresta além das rochas é brutalmente densa. Longe da costa, pouca luz solar atinge a terra.

Caminhando em fila atrás de Jacob Sluiter, o terror de North Woods, Judy examina o chão além de sua figura.

Mais cedo, ao telefone, Sluiter havia descrito o que eles estariam procurando: um moledro. Uma pequena pilha de pedras, uma em cima da outra, destinada a marcar um local.

Judy quer ser a primeira a vê-lo — se Sluiter estiver falando a verdade, o que ainda não dá para saber. Parte dela acredita que ele só queria fazer um passeio: uma última chance de estar ao ar livre antes de ser mandado para uma prisão federal pelo resto da vida.

Depois de vários minutos de caminhada, o silêncio é interrompido pela voz de Sluiter.

— Olhem para cima — diz ele.

Eles olham.

O grupo chegou à face íngreme da rocha que viram da costa. Três metros acima de suas cabeças parece haver uma caverna, uma boca aberta de profundidade pouco clara.

— Olhem para baixo — diz Sluiter, abaixando a cabeça. — Lá está ele.

A seus pés, na terra nua: uma pequena torre de pedras.

Um moledro.

Abaixo daquele marcador, diz Jacob Sluiter, eles encontrarão o menino.

Louise

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Quatro**

Louise está em seu quarto de infância.

Ela o estava evitando. Na noite anterior, dormira no sofá. Louise não gosta de entrar lá, cheio como está dos artefatos da promessa que já foi, da Louise Donnadieu aos dezessete anos, a oradora da Central High com uma bolsa integral para a Union.

Louise, porém, terá que chegar a algum tipo de trégua com o espaço: pode ser que ela precise ficar na casa da mãe por semanas ou meses até sua audiência.

Ela gira num círculo completo e então começa a limpar as paredes de seus adornos. Retira o certificado da National Honor Society; a fotografia em que está, de capelo e beca, apertando as mãos do diretor de sua escola; o último boletim que recebeu, cheio de notas nove e dez.

Foi ela quem os colocou ali. Aos catorze, dezesseis anos. Nenhum adulto em sua vida se importou o suficiente para fazer isso. Constrangedor, pensa ela. Patético.

A fotografia de formatura é a última a sair da parede. Ela sorri, mas suas sobrancelhas estão franzidas, como se estivesse vendo o futuro.

Louise vai jogando toda a papelada em uma pilha no chão; depois a reúne em seus braços. Ela está caminhando até a porta da cozinha para jogá-los no lixo quando ouve Jesse falando com alguém do lado de fora.

Ela acelera o passo.

— Quem quer saber? — pergunta Jesse, mas Louise não ouve a resposta.

Jesse se vira para ela, carrancudo: uma expressão que significa que se trata de um homem.

Ele fecha a porta antes de perguntar.

— Você conhece alguém chamado Lee Towson?

Três minutos depois, Louise está na frente da casa da mãe, encarando Lee Towson em carne e osso. Ela fez Jesse jurar que ficaria dentro de casa; ela nunca teria aquela conversa na frente de uma plateia.

Faz apenas quatro dias que esteve frente a frente com Lee no corredor dos Alojamentos dos Funcionários no acampamento. Parece um mês. Ela ainda ouve a frase de Denny em seu ouvido: *estupro de vulnerável*. Louise olha para o chão quando fala.

— Como me encontrou?

— Lista telefônica — diz ele. — Não há muitos Donnadieu em Shattuck, Nova York.

— Mas como sabia que *eu* estava aqui?

— Tenho amigos na área.

Ela considera o que aquilo significa. Louise sempre detestou ser alvo de fofocas. Mas numa cidade tão pequena quanto Shattuck, ela acha que é inevitável.

— Você sabe que estão procurando por você? — pergunta Louise.

— Ouvi dizer.

— Onde você estava?

— Por aí.

— Você está se escondendo?

— Mais ou menos. De qualquer forma, estou dando o fora.

Louise finalmente olha para ele. Então para além dele. Há apenas duas outras casas naquela ruazinha sem saída, ambas já fechadas para a noite. As ruas laterais de Shattuck não têm postes de luz; ela só consegue ver Lee pelo brilho emitido pela casa de sua mãe.

— Louise?

— O quê?

— Estou com uma coisa na cabeça — diz ele. — Preciso contar para você antes de ir.

O coração de Louise meio que para de bater. Em sua mente, ela faz suposições, todas absurdas.

— Ah, é? — diz ela, tentando soar casual.

— Seu namorado — diz Lee Towson. — Quer dizer, seu noivo.

— O que tem ele?

— Ele estava dormindo com outra.

Louise fecha os olhos.

— Como sabe disso? — diz ela.

— Eu vendi droga para ele. E o vi algumas vezes com outra garota. Sempre a mesma menina.

— Não — diz Louise.

— Não era Barbara. Não. Ele estava na casa. Na praia atrás da Autoconfiança. Com uma garota que ele chamou de Annabel — diz Lee.

* * *

Louise fecha os olhos. O mundo ao seu redor desaparece; sua compreensão com ele. Outras coisas entram em foco: a conversa de Annabel, logo no início, de que seus pais tinham alguém em mente para ela se casar. Os Southworth e os McLellan, amigos de longa data, hospedados juntos na Autoconfiança. A recusa firme de John Paul em levar Louise a qualquer lugar nas proximidades. Sua ausência durante a semana. E — por último, a mais brutal — o sumiço de Annabel no meio do baile do acampamento. Na mesma noite do desaparecimento de Barbara.

— Annabel tem dezessete anos — diz Louise.

— Normalmente, eu cuidaria da minha própria vida. Mas pensei que você precisava saber disso, para o caso… — diz Lee.

— Para o caso de quê?

— Para o caso de isso… ajudar a provar alguma coisa. Caso seja útil. Eu sei as acusações que fizeram contra você. Mas aposto que estão interessados em você por outra coisa. É assim que eles agem.

— Por que se importa com o que acontece comigo? — questiona Louise, abruptamente.

Soa mais amargo do que ela gostaria. Todo mundo, ela acredita, tem um objetivo.

— Bem — diz Lee —, porque gosto de você.

Ela não diz nada. Fecha os olhos de novo.

Uma longa pausa. Então:

— Louise. Por que não vem comigo?

— O quê? — diz Louise, distraída. — Para onde?

— Vou para o Colorado amanhã. Para uma cidade chamada Crested Butte. Um amigo meu mora lá e diz que é o paraíso.

— Não tenho permissão para sair de casa — diz Louise, rigidamente. — Da casa da minha mãe. Estou em liberdade condicional sob fiança. Eles me pegaram por porte de drogas. Por algumas drogas que nem eram minhas.

— Ah — diz Lee. — Bem, lá se vai essa ideia. A menos que você tenha vontade de dar uma de Bonnie e Clyde. Ficar escondida comigo por um tempo, até as coisas esfriarem.

Louise balança a cabeça.

— De qualquer forma — continua ela —, é para lá que acham que você está indo. Então você deveria escolher um lugar diferente.

— Quem acha?

— A polícia.

Lee faz uma pausa, pensando.

No silêncio, Louise diz:

— Me falaram o motivo pelo qual você foi para a cadeia.

Lee inspira e expira. Então, como se estivesse cansado de repente, ele se senta no chão.

— Quem falou isso para você?

— Um amigo da minha mãe. — Ela não está a fim de contar toda a verdade.

Lee dá um longo suspiro.

— Eu tinha dezenove anos — diz Lee. — Ela tinha dezesseis. Era filha da família para a qual eu cozinhava. Um pessoal rico. Tinha uma casa em Catskills, sabe? Não tão legal quanto a casa dos Van Laar, mas algo parecido.

Louise escuta, pensativa.

— O pai dela nos pegou. Ele enlouqueceu. Chamou a polícia. Disse que eu tinha forçado a garota. Ela gritou com o pai, dizendo que não é verdade. Não era verdade.

Louise, ainda de pé, senta-se ao lado de Lee.

— Louise? Você acredita em mim?

— Não sei — diz ela.

E não sabe mesmo: sente que seus instintos são todos errados. Sempre foram. Como, Louise se pergunta, pode consertar seus instintos sobre as pessoas? Sobre os homens?

— Cansei de trabalhar para gente rica — diz Lee. — Ele fala mais para si mesmo do que para ela. — Não acredito que me meti com essa gente de novo. Por isso que me escondi. No minuto em que soube o que tinha acontecido com a garota Van Laar, fugi. Com meu histórico…

Ele faz uma pausa.

— De qualquer forma, tem uma coisa nova acontecendo por aí. Estamos em 1975. Você tem que ir para o Oeste, é o que ouvi falar.

Em sua mão esquerda, Louise ainda segura os papéis e as fotografias que tirou das paredes do quarto. Ela olha para eles. Ouve a voz de outro homem, fazendo-lhe outra promessa que não se tornará realidade. Quantas vezes em sua vida ela disse sim a um garoto ou a um homem só porque era a coisa mais fácil de fazer? Quantas vezes deixou um homem pegar o que queria, em vez de pegar algo para si mesma?

Ela coloca os papéis com delicadeza no chão. Olha de volta para Lee, cujos antebraços e mãos ela sonhou em tocar durante o verão inteiro.

Então o toca. Põe a mão esquerda na parte interna do cotovelo dele. Ele olha para ela, curioso.

— Você quer brincar um pouco? — diz Louise.

Lee não diz nada. Fica sentado muito quieto enquanto Louise vira o corpo para encará-lo, ajoelhando-se diante dele. Ela olha para cima, em direção à casa iluminada; sabe que não será vista ali no escuro. Levanta a blusa sobre a cabeça.

— Jesus — diz ele.

Ele se estica para a frente e coloca as mãos em volta da cintura dela.

— Não — diz ela. — A sua. — Ela tira a camiseta dele e então se inclina, sua pele na pele dele, ficando por cima enquanto ele volta a se deitar.

Ela vai tirar o que quiser dele, um momento de prazer no meio de toda aquela escuridão, uma despedida de John Paul, dos McLellan, dos Van Laar e da casa para a qual nunca será convidada, nunca, por mais que tentasse.

Lee Towson partirá para o Colorado. E ela não irá com ele.

Alice

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Quatro**

Ela foi enviada de volta para Albany. Seus pais — que, durante essa provação, não saíram do quarto — ficaram encarregados de supervisionar seu transporte. De Albany, eles partiram para Manhattan, murmurando que logo Barbara seria encontrada.

Ela está sozinha.

Assim ela fica fora do caminho de todos, pensa, e seus ombros tremem um pouco com uma risada. Como todos os dias, aquele é um dia muito ruim, e então, com a bênção do dr. Lewis, ela pode tomar três comprimidos quando necessário.

Ela os toma, seu cérebro à frente de seu corpo, suspirando de alívio quando os comprimidos saem de seu lugar no frasco de vidro, antecipando o impulso químico. Ela os mastiga para chegar lá mais rápido.

Então fecha os olhos. Sua mente relaxa, levando-a, inesperadamente, de volta ao Instituto Dunwitty.

Para sua irmã Delphine, a única visita por todo o período em que esteve lá.

Sinto muito, disse ela. E falou mais: que estava em queda livre desde a morte de George. Que não tinha sido a primeira vez dela com Peter; que eles também tiveram intimidade quando jovens. Desde quando ela os apresentou em sua festa de debutante.

Apresentar Alice a Peter era apenas uma maneira de Delphine se manter perto dele? Arrumando-o para sua irmãzinha ingênua e estúpida? Fazendo de Alice a égua reprodutora, enquanto Delphine e Peter — parceiros intelectuais — passeavam juntos toda vez que ele ia para Nova York?

— Não é nada como você está imaginando — disse Delphine. Lendo sua mente. — George e eu nos amávamos muito, muito mesmo. Mas nunca nos interessamos por um casamento tradicional. Ele era livre para fazer o que quisesse. Assim como eu. Não sei se você vai se lembrar disso, mas uma vez tentei avisá-la sobre isso — Ela se recostou. — Sobre como você deveria… *se divertir um pouco*, acho que foi o que eu falei. Você já tentou?

Alice não disse nada.

— Foi errado da nossa parte, Alice. De todos nós — disse Delphine. — Nós a tratamos de forma abominável.

Silêncio.

— Você vai deixá-lo, Alice? — disse Delphine. — Você pode fazer isso, sabia?

Silêncio.

— Alice — disse Delphine. — Alice, você está dormindo?

Por fim, Alice sorriu. De certa forma, pensou, estava dormindo. Estava tendo um sonho acordada — o mesmo que sempre tinha.

Neste sonho, ela estava trancada num quarto que não reconhecia enquanto a busca por seu filho desaparecido continuava sem ela. E alguém — ela não sabia quem — estava parado do outro lado da porta.

Em Albany, Alice abre os olhos. Ela não gosta de ficar naquela casa sozinha. Ela é fria no verão, e a cidade parece desolada, abandonada. Os funcionários públicos estão de férias em lugares mais ao norte ou ao sul. Alice se sente de alguma forma como a única sobrevivente de uma praga.

Três comprimidos no sangue. Seu corpo começa a afrouxar.

É assim, é assim que ela o ouve melhor: do outro lado do véu, no outro mundo. Onde Bear vive.

Certa vez, enquanto jogava Dicionário, Alice se deparou com a palavra *deífico*, e essa é a palavra que lhe vem à mente quando pensa no espaço liminar entre a vida e a morte em que seu filho se encontra.

O espaço em que ela se permite reconhecer o que fez é *deífico*. O espaço em que ela não se esforça tanto para impedir os raios de luz e

da memória que a atingem de tempos em tempos, em momentos inesperados, tão bruscamente que ela se sente como se tivesse sido esfaqueada: é *deífico*. Neste mundo, quando essas recordações vêm à tona, ela as aceita, as examina impassivelmente, e se abre para elas em vez de afastá-las.

Alice pisca. Está voltando à vida.

Do lado de fora de uma janela, o sol está se pondo. Há quanto tempo ela está sentada naquela cadeira? Não tem certeza.

Ela se levanta, vai ao banheiro, alivia-se. E então vagueia, em um sonho, em direção ao quarto que tinha sido do filho. Outro espaço deífico.

Estou aqui, diz. *Estou aqui.*

Ela escuta, esperando a resposta dele.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Quatro**

Ela já viu cadáveres. Viu os próprios avós, três deles, em caixões abertos. Viu os recém-falecidos, vítimas de acidentes de carro, em seu período como policial estadual na patrulha rodoviária.

Mas nunca tinha visto um esqueleto.

O legista emite diretrizes enquanto os guardas florestais, com mãos enluvadas, levantam com cuidado um pequeno esqueleto intacto de onde ele ficou por mais de uma década e o colocam numa prancha para observação.

Por respeito aos mortos, Jacob Sluiter já foi levado pelo guarda armado.

Há uma espécie de interesse impassível na voz do legista quando ele começa a falar.

— Eu me perguntei — diz ele — se o esqueleto em si teria se deteriorado. Mas parece que o solo aqui não é muito ácido, provavelmente devido à proximidade com a água.

O homem se ajoelha ao lado da prancha, pega uma fita métrica e a segura em vários pontos de cada osso.

— Eu diria que era uma criança — afirma. — Provavelmente entre sete e onze anos de idade.

— Sabe se é menino ou menina? — pergunta Hayes.

— Em esqueletos imaturos há margem para erros — diz o legista. — Mas, nesse momento, eu diria menino.

De volta ao posto de comando, Denny Hayes segura o dedo sobre um gravador de fita magnética, pronto para ouvir o que ficou gravado da ligação telefônica entre Jacob Sluiter e Judy. Aquela em que ele

indicou onde estava o corpo de Bear van Laar. Uma cópia da ligação foi enviada da sede em Ray Brook, onde Sluiter está sendo mantido, para a Reserva Van Laar.

— Você acreditou nele? — diz Hayes, antes de ouvir. — Acreditou na história que ele contou?

Judy assente. Ela acreditou. Acredita.

— Por quê? — pergunta Hayes. — Ele é um mentiroso. Nunca admitiu nada antes.

— Apenas meu instinto — diz Judy. — Ele não tinha motivo para nos ajudar com isso. Mas ajudou.

Hayes aperta o play. Jacob Sluiter começa a falar, a voz falhando.

Eu sei onde Bear van Laar está, diz Sluiter.

Mas não matei o menino.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Cinco**

Na reunião matinal, LaRochelle confirma: os registros dentários combinam perfeitamente. O esqueleto é de Bear van Laar.

Então ele pede a Hayes para resumir a história de Jacob Sluiter.

— A investigadora Luptack não deveria fazer isso? — diz Hayes. — Já que Sluiter contou a ela?

LaRochelle franze a testa.

— Tanto faz — diz o capitão. — Alguém. Vai.

Relutante, Judy se vira e troca de lugar com o capitão LaRochelle, caminhando para a frente da sala enquanto ele vai para os fundos. Lá, ele mantém o olhar firme em Judy enquanto ela fala.

De acordo com Jacob Sluiter, a Reserva Van Laar é sua terra ancestral.

A família Sluiter — imigrantes holandeses em Albany desde 1700 — se estabeleceu em North Country durante o *boom* da exploração madeireira nos anos 1820. Um ancestral dos Sluiter comprou o pedaço de terra que mais tarde seria a Reserva Van Laar. Ele e seus filhos limparam a floresta, ganhando bem no processo. Mas na década de 1870, quando os políticos começaram a ficar cautelosos com o que a exploração madeireira faria com o suprimento de água no interior do estado — ameaçando proibi-la por completo dentro do futuro Parque Adirondack —, os Sluiter venderam suas terras.

O homem que a comprou — Judy se permite, por um breve momento, fazer uma pausa para efeito dramático — foi Peter van Laar I.

Bisavô de Bear e Barbara.

Não é coincidência, portanto, que cada vez que Sluiter está foragido, ele seja encontrado nesta área. Ele diz que é atraído por ela; seu próprio avô o levava para lá quando Jacob era criança, guiando-o furtivamente até uma propriedade que não era mais deles, apontando com resignação para a casa e o acampamento como evidência de que a fortuna favorece alguns em detrimento de outros. Que eles, os Sluiter, sempre foram amaldiçoados com o pior senso de oportunidade e a má sorte.

A terra tinha um segredo, porém, que nem mesmo os Van Laar pareciam saber.

Na margem oposta do lago Joan — local considerado intransitável pela maioria devido ao terreno inclinado e pedregoso pela densidade de suas árvores —, havia uma série de cavernas naturais. Os Sluiter as descobriram na primeira vez em que exploraram a região, e o conhecimento foi passado de geração em geração; era um lugar para onde o avô de Sluiter ainda o levava, uma maravilha que era preciso ver para crer.

Segundo Sluiter, em seu período de fuga das autoridades em 1961, ele buscou refúgio nessas cavernas durante todo o verão, já que as casas em que passava o inverno estavam ocupadas por seus donos.

Era um lugar perfeito: acessível apenas pela água, escondido por árvores frondosas, abrigado da chuva. Ele nadou de um lado ao outro do lago para chegar ao seu abrigo improvisado; pescou, caçou e buscou comida.

Certa tarde, disse Sluiter, ele acordou em sua caverna com o eco de um som que reconheceu como passos humanos.

No início, temeu ser capturado. Ele sabia que a polícia estava em seu encalço. Mas para seus ouvidos, soou como se apenas um homem estivesse se aproximando. E então, curioso, ele se moveu para a frente da caverna, mantendo-se nas sombras para evitar ser visto.

Por fim, um homem apareceu. Ele carregava algo que Sluiter não conseguiu ver a princípio.

Em algum momento, ficou claro: era uma criança. Um menino. Sem vida nos braços do homem.

O homem se ajoelhou. Chorando, deitou a criança no chão diante dele e começou a cavar.

Sluiter, em silêncio, três metros acima deles em sua caverna, observou tudo.

Judy se cala. Por um momento, a sala fica em silêncio, até que alguém faz a pergunta que ela sabia ser a próxima.

— Como era a aparência do homem? — pergunta alguém, enfim, e todas as cabeças na sala se viram na direção de Goldman, o investigador mais velho, que gritou lá de trás.

— A descrição que Sluiter deu foi genérica — diz Judy. — Alto, cabelos castanhos, meia-idade.

Ela faz outra pausa. Considera suas próximas palavras com cuidado.

— Mas ele disse que o homem parecia ser um morador local, e não alguém da família.

Alguém lá atrás fala.

— O que ele quis dizer com isso? Algo que o homem estava vestindo?

— Ele não explicou — fala Judy.

Outra mão se levanta.

— Por que Sluiter não contou a ninguém quando foi preso pela primeira vez?

— Ele pensou que ninguém acreditaria nele — diz Judy. — Que ele não tinha matado o garoto. Mais tarde, quando ouviu falar do desaparecimento de Bear nos noticiários, juntou dois e dois, e descobriu quem era o menino. Mas ele não tinha incentivo para falar.

Outro instante de silêncio.

— Bem, e então? — pergunta Hayes. — Nós acreditamos nele?

Judy acredita. Mas ela não vai dizer isso em voz alta — ainda não.

— Por que ele nos contou isso agora? — pergunta alguém.

Hayes volta seu olhar para Judy.

— Investigadora Luptack — diz ele. — Alguma ideia?

Judy dá um pigarro. Ela realmente deve responder?

— Vá em frente — diz Hayes.

— Bem — fala Judy. — Ele disse que confiava em mim.

Alguém na sala bufa. Alguém tosse.

— Tudo bem, tudo bem — diz Hayes. — A história toda parece implausível. Certo. Mas há algo que devemos reconhecer: o garoto seria um caso atípico para Jacob Sluiter. Ele é diferente de qualquer outra vítima conhecida de Sluiter, que é um predador sexual, mas seus alvos são mulheres. Mulheres adultas. Garotos nunca foram seu interesse, até onde sabemos. Então, vamos trabalhar essa teoria um pouco. Digamos que Sluiter não matou Bear van Laar. Digamos que ele esteja dizendo a verdade. Então quem matou? Como seu corpo foi parar enterrado naquele lugar?

LaRochelle, no fundo, diz:

— Por que não Carl Stoddard? Ele era um morador local. Se o que Sluiter está dizendo for verdade, ele se encaixaria no perfil.

Hayes faz uma pausa diplomática.

— Talvez. Sim — continua ele. — Mas acho que, neste momento, vale a pena analisar outras ideias, senhor.

— Quais, por exemplo? — diz LaRochelle, irritado.

Por um momento, todos ficam em silêncio.

Então Hayes diz:

— A família foi notificada, senhor? Da descoberta de Bear?

LaRochelle desvia o olhar.

— Sim.

— Posso perguntar como eles reagiram?

LaRochelle franze a testa.

— Falei apenas com o pai de Bear. Ele recebeu a notícia… estoicamente, eu diria. Ele foi para Albany para repassar a informação para sua esposa.

O capitão parece distraído. Então, abruptamente, se endireita.

— Com licença — diz LaRochelle, e sai do chalé, batendo um maço de cigarros na palma da mão.

Hayes chama a atenção de Judy.

O caso será reaberto. Todo mundo sabe disso, inclusive o capitão.

Após a saída de LaRochelle, Hayes se vira para encarar os investigadores que permaneceram na sala.

— Eis o que não entendo — comenta ele. — Por que ninguém da equipe de buscas viu? Um pedaço de terra mexida, do outro lado do lago? Marcado com um moledro, ainda por cima. Uma equipe enorme no local por semanas. É de se imaginar que eles teriam vasculhado os arredores do lago primeiro.

— Talvez eles tenham sido mal direcionados — diz Judy.

Hayes olha para ela.

— Por quem?

— Pela família, eu acho — fala Judy. Então ela se vira para o investigador Goldman. — Foi essa a sensação que você teve? Quando estava trabalhando no caso?

Goldman hesita. Olha para baixo.

— Eu sempre tive a estranha sensação de que eles não queriam encontrá-lo, sim.

— Você acha que alguém da família o matou? — pergunta Hayes.

Mas essa, aparentemente, não é uma afirmação que Goldman está preparado para fazer. Ele fica em silêncio.

— E se foi um acidente? — diz Judy.

— Então por que deixar Carl Stoddard levar a culpa? Mais do que isso, por que indiciá-lo ativamente? — diz Hayes.

Judy olha ao redor, parando para ver se mais alguém vai intervir. Mas, por um momento, novamente, só há silêncio.

— Como Carl Stoddard morreu? — pergunta alguém.

— Infarto — diz Goldman. — Ele teve um infarto e morreu quando estava sob custódia policial, aguardando interrogatório.

Judy está formando uma teoria.

— E se fosse conveniência? — diz ela. — E se fosse mais fácil para a família deixar todo mundo pensar que Stoddard foi o autor do crime? Ele estava morto. Provavelmente pensaram que assim não estavam machucando ninguém.

— Tudo bem — diz Hayes. — Talvez. Mas isso ainda significaria que a família tinha algo para encobrir.

Silêncio.

— Que era? — instiga Goldman.

Judy está olhando para algo na parede.

— Judy? — chama Hayes.

— Investigador Goldman — diz Judy. — Quem comandou a busca por Bear?

— Bem, foi a família — responde Goldman.

— Não — fala Judy. — A pessoa que forneceu a direção. A pessoa que realmente supervisionou a busca.

Goldman olha para o chão, pensativo. Então olha para cima.

— Acho que foi o antigo diretor do acampamento, na verdade — diz ele. — O pai da atual diretora. Vic Hewitt era o nome dele.

Por um momento, Judy fica em silêncio.

Então ela caminha pelo corredor em direção ao quarto que agora sabe ser de Vic.

Quando retorna, mostra a foto do grupo que encontrou para Denny Hayes.

— Olhe — diz ela, apontando para o lápis no verso. *Adeus aos Borrachudos. 1961*. Ela vira a foto para a frente. — Olhe de novo.

Um pequeno grupo de investigadores se reúne e analisa a foto.

Todos na foto estão em trajes formais, crianças e adultos, em vestidos e ternos. As mulheres usam chapéus pequenos. Mesmo em preto e branco, é possível ver o batom e o rímel delas.

Apenas duas pessoas estão vestidas de maneira diferente: T.J., uma jovem adolescente; e seu pai Vic. De meia-idade. Barbudo. Usando um chapéu de pescador com abas largas, uma camisa xadrez enrolada nos cotovelos e calça de veludo cotelê remendado no joelho.

Judy aponta o dedo para a garota.

— Essa é T.J. Hewitt — diz ela. — Certo? Não parece ela?

Hayes assente.

— O que o torna… — continua Judy, e Hayes completa:

— Vic Hewitt.

Ela move o dedo de volta para o grupo maior.

— Eu os descreveria como pessoas vestidas para um evento de verão — diz ela. — Com base nas suas roupas. Mas como você descreveria Vic?

Hayes olha para ela.

— Um morador local — diz ele.

Ele se vira para um investigador. Entrega a ele a fotografia.

— Leve isso para Jacob Sluiter — diz ele. — Pergunte se reconhece alguém nesta foto como o homem que enterrou Bear van Laar.

* * *

Uma batida na porta os interrompe.

Anna, a restauradora, fica parada piscando sob a luz forte do sol, exausta.

LaRochelle, dando as últimas tragadas em seu cigarro, está atrás dela.

— Anna, você chegou a ir para casa? — pergunta Judy.

— Não. Fiquei animada.

Ela se vira e começa a andar na direção da casa. Judy olha por cima do ombro para Hayes, que encara LaRochelle. Então os três a seguem, trotando para acompanhar os passos longos de Anna.

Com os pais de Barbara van Laar de volta a Albany e a maioria dos convidados já tendo ido embora, a casa está quase vazia.

Juntas, Judy e Anna caminham até o quarto rosa. Lá dentro, o mural está à vista de todos.

A primeira reação de Judy é ficar surpresa com a qualidade da arte. Barbara van Laar sabia pintar; isso é certo. A parede está coberta com um conjunto de ícones que Judy não entende: alfinetes de segurança, bandeiras e rostos de aparência estranha com cortes de cabelos ainda mais estranhos. Há também muitas notas musicais.

Um rio corre do canto superior esquerdo da parede até o canto inferior direito.

Judy absorve tudo, examinando rapidamente para ver se algo chama sua atenção.

— Vocês já perceberam? — diz Anna.

O coração de Judy acelera.

— Percebemos o quê? — pergunta o capitão LaRochelle, movendo a cabeça em círculos rápidos enquanto observa toda a parede.

— Não culpo vocês — continua Anna. — A coisa toda é avassaladora. Mas cheguem mais perto.

Judy caminha até o rio. As ondas, ela percebe, não são apenas ondas. São letras.

BVL + JPM.

A maneira como jovens, por décadas ou séculos, representam seu amor.

* * *

— Barbara Van Laar e John Paul McLellan — diz Hayes.

Ele pediu para que todos saíssem do Chalé da Diretoria. Como investigador sênior, ele tem essa autoridade. Judy se senta em frente a ele numa cadeira dobrável, com os cotovelos nos joelhos, o olhar no chão.

— Acho que isso vai servir como evidência sólida — continua Hayes. — Com qualquer juiz. Começaremos o processo para obter um mandado de prisão para ele. A única questão agora é: onde ele escondeu a garota?

— Essa não é a única pergunta — diz Judy.

— Ah, é?

— A outra é: Vic Hewitt matou Bear?

Hayes olha para ela. Então dá um tapa nos joelhos e se levanta.

— Este trabalho é seu, Judy — responde ele. — Esqueça o avô, por enquanto. Esqueça Jacob Sluiter. Sou o responsável por distribuir as funções, e essa é a função que passo a você. Enquanto isso, irei pessoalmente ao hotel em que McLellan está hospedado. Não confio nesses policiais para mantê-lo sob controle.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Cinco**

Ela passa horas procurando algum sinal dos Hewitt. Volta para o Alojamento dos Funcionários, procura no refeitório, onde T.J. deve estar comendo, para ver se consegue encontrá-la. Ela pergunta para a equipe da casa; ninguém a viu e parece que ninguém a conhece bem o suficiente para especular onde ela pode ter ido.

Ou isso, pensa Judy, ou eles não querem falar.

Às dezesseis horas, pouco antes do fim de seu turno, Judy está sentada do lado de fora do Chalé da Diretoria, olhando para o lago, quando o som de um veículo chama sua atenção.

É T.J. Hewitt em sua caminhonete. Ela passa sem virar a cabeça na direção de Judy. Para em frente ao Alojamento dos Funcionários, a pouco menos de cem metros de distância.

A investigadora observa enquanto T.J. tira uma sacola do veículo. Então entra no prédio.

Judy a segue.

Lá dentro, encontra o cadeado da porta destrancado e a porta aberta. Ela bate mesmo assim.

T.J. dá um salto.

— Desculpe te assustar — diz Judy.

— Você não me assustou — responde T.J.

— Tem um minuto?

— Para você? — diz T.J. — Claro.

Ela sorri, e Judy fica desarmada por um instante. Então se recompõe e caminha até a soleira da sala.

— O que foi? — pergunta T.J.

— Por que não me disse que seu pai ainda está vivo? — questiona Judy.

— Não contei?

— Não. Você falou como se ele estivesse morto.

T.J. senta-se na beirada de sua pequena cama.

— Bem — diz ela —, acho que é como eu me sinto. Ele não tem sido ele mesmo nos últimos tempos.

Judy assente. Permanece de pé.

— Onde ele está agora? — pergunta a investigadora.

— Com a família.

— Com a família.

T.J. assente.

— Por quê?

— Vocês precisavam usar nossa casa como quartel-general — diz a diretora. — Eu não tinha um lugar melhor para ele ficar. Ele precisa de cuidados o tempo todo.

Judy olha de volta para o corredor.

— O que não falta são cômodos vazios neste lugar — afirma ela, mas T.J. balança a cabeça.

— Você não entende — diz ela. — Ele não reconhece este lugar. Acabaria se perdendo. Ele precisa ser… cuidado o tempo todo.

T.J. olha pela janela.

— Com qual parente ele está hospedado?

— O quê? Ah — diz T.J. — Com o irmão.

— O irmão?

— Sim.

Por um momento, silêncio. Então Judy pega um cartão e entrega para T.J.

— Srta. Hewitt… T.J. — diz ela. — Não sei por que, mas tenho a sensação de que não está me contando toda a verdade. Se quiser, pode me ligar a qualquer hora.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Noite Cinco**

Judy não consegue dormir. Ela fica deitada em seu quarto no motel, virando-se de um lado para o outro. Ela liga a televisão e em seguida a desliga. Ela rumina sobre os fatos do dia: Vic Hewitt. T.J. Hewitt. Os resultados da análise do sangue no uniforme do carro de McLellan: tipo A positivo. Que corresponde ao sangue de Barbara van Laar, embora isso não seja uma prova conclusiva.

Uma hora se passa. Outra.

Só quando dá meia-noite percebe que não jantou.

Derrotada, Judy se levanta da cama, veste um terno amassado e tira várias moedas de 25 centavos da carteira. Então caminha sob o pórtico em direção ao prédio principal do motel, onde pegará algo nas máquinas de venda automática.

A porta está destrancada, mas não há ninguém na recepção. Sob as lâmpadas fluorescentes do saguão, Judy verifica o que vai escolher. Ela vai pegar uma barra de chocolate Milky Way, decide — a favorita de sua mãe. Mas quando faz sua seleção, a barra fica presa no vidro ao cair.

Judy xinga. Chuta a máquina uma, duas vezes.

Três vezes.

Com a mão, ela bate no vidro.

— Senhorita? — diz alguém, e Judy se vira, ofegante.

É Bob Alcott, o dono do motel.

— Desculpe — diz Judy, duas vezes. — Acordei você?

— Não, não — diz o sr. Alcott. — Eu já estava acordado.

Ele está procurando algo no bolso, e ela vê que é um molho de chaves. O sr. Alcott pega a menor, insere na máquina de venda e abre a porta.

Imediatamente, a barra de Milky Way cai no chão. Judy se abaixa para recuperá-la, sentindo-se idiota.

— Pegue outra — fala o sr. Alcott. — Pegue o que quiser.

— Tudo bem — diz Judy, mas o sr. Alcott já está coletando em silêncio uma pequena variedade de doces e salgadinhos da máquina.

— Aqui — fala ele. — É o mínimo que posso fazer.

Então o homem fecha e tranca a porta.

Judy o observa.

— Sr. Alcott. Você é professor de História, certo?

Ele assente.

— O quanto sabe sobre a história da Reserva Van Laar?

— Ah — diz o sr. Alcott. — Quase tudo o que há para saber.

Ele se endireita. Judy compreende que aquele é o trabalho de sua vida.

— Srta. Luptack, gostaria de entrar para tomar uma xícara de chá? — diz Bob Alcott. — Para acompanhar seu chocolate.

— Não vou atrapalhar sua esposa? — pergunta Judy, e o homem balança a cabeça.

— Ah, não. Ela também está acordada. Nós dois somos notívagos, agora que as crianças cresceram.

— É muito gentil da sua parte — diz Judy.

Então ela pede licença brevemente para pegar seu bloco de notas no quarto.

No apartamento dos Alcott, próximo ao saguão, o casal está sentado em frente a Judy, todos em torno de uma mesa.

Ela deixa a caneta pairar por um momento sobre o papel diante dela. Então começa.

— Sr. e sra. Alcott — diz ela. — Aqui vai minha primeira pergunta. Vocês sabem quando os Hewitt vieram morar na Reserva?

— Ah — diz o sr. Alcott —, essa é fácil. Na mesma época que os Van Laar. Na verdade, foram os Hewitt que os guiaram até a terra.

Dan Hewitt era o pai de Vic. Ele nasceu numa família de guias florestais a cerca de uma hora ao norte, perto de Saranac Lake. O primeiro Peter van Laar o conheceu quando estava procurando terras para sua propriedade. Dan sabia de uma área um pouco mais ao sul que uma família de madeireiros queria vender. Ele apontou o primeiro Peter naquela direção.

— Que família era essa? — pergunta Judy.

— A que vendeu a terra para os Van Laar, você quer dizer?

Ela assente.

— Engraçado você perguntar — diz o sr. Alcott. — Era uma família chamada Sluiter. Você já deve ter ouvido falar do filho deles.

— Sim — diz Judy. — Já.

— De qualquer forma. Peter van Laar… o primeiro, quero dizer… se encantou tanto pela terra que se sentiu em dívida com Dan Hewitt. Trouxe-o para o que se tornou a Reserva Van Laar a fim de trabalhar como guia pessoal da família.

Alcott para. Bebe seu chá.

— Uma década se passou. O primeiro Peter van Laar conheceu e se casou com sua esposa, e juntos eles tiveram um filho: o segundo Peter, vivo até hoje. Dan Hewitt conheceu uma mulher chamada Clara, que lhe deu gêmeos. Mas Clara não viveu muito tempo após o parto, de acordo com a minha pesquisa. Então os meninos foram criados pelo pai até os quinze anos, que foi quando ele morreu também. Eles ficaram órfãos, vivendo na terra da Reserva Van Laar. O sr. Van Laar, o primeiro, foi quem os acolheu. Ele os levou do chalé em que viviam direto para a casa dos Van Laar. Eles até moravam em Albany com a família durante o ano.

Judy considera isso.

— Qual é a diferença de idade — pergunta ela — entre Peter II e os garotos Hewitt? Eles são mais velhos que ele ou mais novos?

— Apenas alguns anos mais novos — responde o sr. Alcott.

— Seis, eu acho — diz sua esposa.

— Seis anos. E os comentários na cidade eram que Peter II nunca gostou dos garotos Hewitt. Seu pai tinha preferência por eles. Levava-os para caminhadas diárias. Deixava-os administrar o lugar. Ele era gentil com Charlie Hewitt. Sempre falava bem dele. Mas era Vic quem

ele realmente amava. Tratava-o como outro filho. Adotou-o, basicamente, embora isso nunca tenha sido oficializado. Em teoria, os garotos Hewitt deveriam ter sido como irmãos para Peter II. Mas ele tinha ciúmes, acho. Ainda tem, talvez.

Judy está escrevendo o mais rápido que pode. Ainda assim, não é rápido o bastante. O sr. Alcott percebe e faz uma pausa.

— O Acampamento Emerson foi ideia de Vic — diz o sr. Alcott, quando Judy volta a olhar para cima. — Foi ele quem fez de tudo para o acampamento existir. Mas Peter I o apoiou desde o início. No final de sua vida, ele descreveu o acampamento como sua maior realização. Peter I o via como uma maneira de ensinar gerações de crianças sobre a importância da natureza. A beleza dela. Ele nunca deu a mínima para o dinheiro que fez como banqueiro… sempre pareceu surpreso com o quanto tinha, na minha opinião. Quando ia para Shattuck, cumprimentava todos pelo nome. Ele era diferente de seus descendentes. Mais como um Hewitt do que como um Van Laar, se quer saber. Porque o restante de sua família sempre viu o Acampamento Emerson como algo sem sentido. Eles não queriam ter nada a ver com ele. Ainda não querem.

A sra. Alcott se levanta. Coloca a chaleira no fogo outra vez.

— Os problemas entre os Hewitt e os Van Laar começaram quando Peter I morreu. Odeio fazer fofoca, e estou lhe dizendo algo que não tenho como provar, mas o boato é que Peter I deixou o Acampamento Emerson e suas operações inteiramente para Vic Hewitt. Dividiu a Reserva ao meio. A casa principal e a fazenda iriam para os Van Laar; o acampamento para os Hewitt. Em teoria, era um plano que poderia ter funcionado. Mas…

— Mas?

— Ele cometeu um erro. Fez do próprio filho, Peter II, o administrador de seu testamento, concedendo-lhe, assim, o poder de distribuir fundos para o acampamento como achasse melhor, até sua morte.

— E depois que ele morrer? — pergunta Judy.

— Então o acampamento será passado para Vic — diz o sr. Alcott. — Ou mais provavelmente para sua filha, Tessie Jo.

A chaleira apita. Judy olha para cima.

— Mas, como eu disse, isso tudo é o que se diz por aí. Especulação. O que, como professor de História, eu não deveria passar adiante.

— Entendo — diz Judy. — Vou investigar isso eu mesma.

Ela se levanta. Agradece à sra. Alcott pelo chá. Na porta, ela se vira.

— Tenho outra pergunta — fala ela.

— Vá em frente.

— O irmão de Vic Hewitt — diz Judy. — Charlie. O que aconteceu com ele?

— Ah, ele morreu há pelo menos dez anos — responde o sr. Alcott.

— Vinte anos — diz a sra. Alcott.

— Vinte anos. Antes de Bear desaparecer. Isso mesmo.

— Como ele morreu?

— Causas naturais — diz o sr. Alcott. — Nada suspeito.

— O que ele fez na Reserva?

O sr. Alcott franze a testa.

— Hum, preciso pensar um pouco sobre isso — diz ele. O homem abaixa a cabeça, como se estivesse se esforçando para lembrar. — Acho que… se me lembro bem, acho que ele administrava a fazenda. Acho que supervisionava a fazenda que antigamente abastecia a casa com todas as suas provisões.

— E ele morava… — diz Judy, embora já saiba o que ele responderá.

Com qual parente ele está hospedado?, ela perguntou a T.J., que respondeu: *Com o irmão*.

— Ele morava em cima do matadouro — diz o sr. Alcott. — Num pequeno apartamento no segundo andar. Se a memória não falha.

Judy agradece. Caminha de volta para seu quarto, para pegar as chaves do carro. E a arma.

Em cinco minutos, ela está dirigindo, faróis apontados para o norte em direção à Reserva.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Noite Cinco**

Ela só esteve naquele lugar à luz do dia. Com o cair da noite, o luar dá à longa estrada de terra um aspecto diferente. Os pinheiros que a margeiam se estendem como gigantes em direção ao céu. Os edifícios da fazenda, no brilho lançado pelo farol de seu carro, parecem ainda mais decrépitas e decadentes.

Judy encosta o carro na entrada de veículos. Desliga o motor. Desliga os faróis também.

Por um momento, ela se mantém sentada na vasta escuridão da Reserva, deixando seus olhos se ajustarem. Estão no mês da chuva de meteoros Perseidas nas Adirondacks, e o céu está brilhante com estrelas.

Ela abre e fecha a porta do seu Fusca o mais gentilmente possível. Abre o porta-malas para pegar a lanterna do seu kit de emergência.

Então, segurando a lanterna à frente, vai em direção ao matadouro.

Ela se aproxima dele da mesma maneira que mergulhava na água fria quando criança. Rápida, confiante, sem pensar muito.

Se ela parar e pensar no que está fazendo, sabe que pode vacilar.

Uma vez lá dentro, vai direto para os fundos, onde uma escada leva ao segundo andar. Ela sobe. O facho da lanterna treme levemente em sua mão.

Na metade do caminho, ela para.

Ouve algo.

Vozes, talvez: uma voz masculina. E então, de repente, música. Ela não consegue entender a letra, mas a música em si é antiga, algo que

acredita que talvez seus avós tivessem ouvido.

Ela continua subindo a escada. No topo, no facho de sua lanterna, Judy vê uma porta fechada. Está trancada por um ferrolho e um cadeado — o mesmo tipo que ela viu no quarto de T.J. Hewitt no Alojamento dos Funcionários.

Ela hesita por um segundo. E então, cuidadosamente, saca sua arma.

Com a outra mão, bate na porta.

— Sr. Hewitt? — diz ela. — O senhor está aí?

O rádio desliga.

— Sr. Hewitt — continua. — Sou a investigadora Judyta Luptack. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

Silêncio.

— Sr. Hewitt? — repete ela.

Ela se sente tão perto da verdade. Seu batimento cardíaco acelera.

— Senhor… — diz ela, e então finalmente o ouve.

— Barbara? — pergunta ele.

Judy estremece um pouco.

— Não, sr. Hewitt. Meu nome é Judyta… — diz a investigadora, mas Vic Hewitt a interrompe.

— Barbara — diz ele. — Você não deveria estar aqui.

— Sr. Hewitt — chama Judy. — Não sou Barbara. Ela está aí dentro com você?

Silêncio.

— Sr. Hewitt?

Ela sente o peso da arma nas mãos. Considera suas opções. Ela poderia recuar; poderia andar ou ir de carro até o Posto de Comando; poderia levar mais uma equipe de policiais para o matadouro. Poderia correr o risco de ser vista como boba mais uma vez.

Em vez disso, ela diz:

— Sr. Hewitt, afaste-se da porta.

Ela aponta a pistola para a lateral do cadeado, garantindo que a bala não vai atravessar a porta. Mantém o braço firme. Atira.

O cadeado cai com um barulho no chão, e Judy abre a porta.

Dentro de um quarto escassamente mobiliado, um velho está deitado numa cama de solteiro. Um cobertor o cobre do queixo aos pés. O corpo é pequeno; a expressão confusa.

— Quem é? — diz ele sem parar.

Na mesma hora, Judy se sente culpada.

— Não estou aqui para fazer mal ao senhor — diz ela. — Só quero fazer algumas perguntas.

Mas Vic Hewitt apenas emite uma série de sons que Judy não consegue compreender, e, por fim, ela reconhece que está numa situação da qual não sabe como sair: com o cadeado quebrado, Judy não tem como trancar a porta de novo; com o estado em que o homem está, ela não tem como levá-lo para fora. E não tem como levar mais gente até ele sem deixá-lo sozinho.

Judy olha para o chão, entre os pés. Talvez, pensa, aquele não fosse o trabalho certo para ela, no final das contas. Talvez tivesse sido melhor ela ter continuado como policial estadual.

Então, na cama, um movimento.

— Ah — diz Vic Hewitt. — Ah. Ah. Acho que você está aqui por causa de Bear.

Sua voz é cheia de remorso — mas também está mais jovem, mais enérgica, como se ele estivesse retornando em sua mente para outro momento de sua vida.

Judy hesita. Ela não tem certeza se declarações de pessoas com *mentes enfermas* — termo que ela aprendeu na academia — são admissíveis no tribunal. Mas sua curiosidade pessoal, nessa situação, vence.

— Sim — diz ela. — Infelizmente estou aqui por causa de Bear.

Vic Hewitt se esforça para se sentar na cama. Judy se curva e coloca uma das mãos em suas costas. Ajuda-o. Então senta-se na beirada da cama. Com as costas retas, Hewitt olha diretamente para ela, e a investigadora percebe que seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Eu só ajudei — diz ele. — Só ajudei.

— Você não o matou? — pergunta Judy.

— *Matei?* Deus, não — diz Vic Hewitt.

— Quem fez isso? — diz Judy.

E então, do lado de fora da porta, o som de passos na escada. Judy fica quieta. Saca a arma. Caminha rapidamente em direção à parede próxima à soleira e gruda as costas nela.

— Ah, não — diz Hewitt. — Ah, não.

A pessoa para do lado de fora da porta. Judy ouve sua respiração. Ela só vai disparar esta arma, diz a si mesma, se for necessário.

Por fim, T.J. Hewitt dá um passo para dentro do quarto, olhando na direção de Judy, como se soubesse que ela estaria ali.

Ela olha a investigadora de cima a baixo. Encara sua arma.

— Eu também tenho uma dessas — diz ela, suavemente. — Mas não a aponto para pessoas.

— No chão — fala Judy. E então acrescenta: — Por favor.

T.J. suspira. Demora. Ela se ajoelha, olhando para Judy o tempo todo como se quisesse demonstrar o ridículo da situação. Então se abaixa, numa flexão lenta, até o chão.

Judy, ainda com a arma em punho, a revista.

— Tudo bem, escute — diz ela. — Você e eu vamos juntas até o Posto de Comando.

— Até a minha casa, você quer dizer — diz T.J.

— Sim.

— Bem, isso não vai dar certo.

— Por quê?

— Não posso deixar meu pai sozinho. Ele não para quieto. A porta tem que ficar trancada.

Judy suspira, exasperada.

— Ele pode vir conosco?

T.J. dá uma risadinha.

— Muito difícil. Olhe para ele. Eu tive que carregar ele escada acima até aqui.

Por um momento, Judy e T.J. se entreolham. Então a diretora diz:

— Amarre a gente.

Judy pisca.

— Com o quê?

— Tem corda lá embaixo. Todo tipo de coisa. Amarre a gente. Eu ajudo.

Ela hesita. Parece uma armadilha, e ainda assim não há outra opção, na mente de Judy, que não envolva deixar pelo menos um dos Hewitt sozinho.

E então ela faz isso: segue T.J. para dentro do matadouro; contorna a lateral em direção a outro prédio, que a mulher chama de celeiro, onde pegam a corda; e quando retornam ao pequeno apartamento acima do matadouro, Judy amarra os Hewitt juntos, de costas um para o outro na cama de Vic Hewitt. Então ela amarra a corda na estrutura da cama.

Quinze minutos depois, ela retorna, com quatro investigadores e cinco policiais estaduais.

Mais trinta minutos, e ela está sentada no banco do passageiro de uma viatura. Os Hewitt estão no banco traseiro.

Victor

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

No Chalé da Diretoria, Vic estava conversando com um garoto teimoso de doze anos, uma criança que fora rejeitada pelos colegas e que recentemente havia transformado seu constrangimento em agressão física.

No meio da conversa, o menino parou de repente e apontou para uma janela próxima.

— O que foi? — disse Vic, virando-se.

— Tem alguma coisa no lago — disse o menino, o tom mudando de amargo para inquieto.

Com certeza: no meio do lago Joan havia um objeto de barriga branca que, a princípio, parecia uma baleia emergindo.

Vic se levantou e foi até a janela.

Era um barco a remo, virado.

— Fique aqui — disse Victor. — Não se levante dessa cadeira.

Vic começou a correr. Uma forte tempestade tinha acabado de cair, fazendo com que monitores e campistas voltassem para os seus chalés, e a grama estava escorregadia com a chuva recente. Ele tropeçou uma vez. Caiu de joelhos. Então voltou a se levantar.

O local parecia vazio. Ele virou a cabeça, mas não viu nenhuma forma humana.

Mesmo no alto da colina, na Autoconfiança, havia uma quietude pela primeira vez naquela semana. Os Van Laar estavam dando sua festa anual — para a qual Victor, que sempre participou dos festejos quando Peter I estava vivo, não era convidado havia anos.

Ao chegar à praia, Vic ficou de pé com as mãos na cintura, observando o barco virado. Um dos hóspedes, pensou ele. Alguém o havia virado e o deixado afundar. Eles estavam sempre aprontando coisas como aquela, palhaçadas bêbadas que resultavam em mais trabalho para a equipe de funcionários. Ele examinou as margens, procurando por movimento, mas não viu nenhum.

Então, suspirando, Vic se virou e correu colina acima, em direção à Autoconfiança.

Ocorreu-lhe que não tinha visto Tessie Jo desde a manhã. Em geral, isso não o teria preocupado muito. Durante todo o verão, ela teve liberdade de correr pelo local — geralmente com Bear em seu encalço. Seu relacionamento com os Van Laar era diferente do de seu pai; eles a aceitavam como companheira de brincadeiras de Bear, como alguém que estava sempre de olho em seu filho aventureiro. Ela entrava e saía livremente da Autoconfiança com o menino; Victor, por sua vez, evitava a casa.

Então ele se recompôs, endireitou os ombros e bateu na porta da casa dos Van Laar.

Ela se abriu de imediato.

Do outro lado estava Peter II, o avô de Bear, que parecia estar de guarda.

Seu rosto estava rígido e pálido. Os cabelos, molhados.

— Tá tudo bem? — disse Victor. — Eu vi um barco…

Peter II o agarrou pelos ombros rapidamente, levando-o para longe da soleira. A porta de tela estalou uma vez enquanto a porta se fechava.

— Me siga — ordenou Peter II. Sua voz era baixa e urgente.

— Preciso encontrar a minha filha — disse Victor. — Preciso ter certeza de que ela está bem.

— Ela está bem — disse Peter II. — Mas Bear não.

Victor olhou para o homem: seu quase irmão ou seu irmão de criação. Seu inimigo. Naquele momento, todo o rosto de Peter II tremia de leve, os lábios curvados para baixo, os olhos esbugalhados no que parecia ser um esforço para não gritar, ou desmaiar, ou chorar.

Ele partiu em direção à casa de barcos. Sem dizer nada, Vic o seguiu.

Na metade do caminho, Vic ouviu um barulho que o fez parar. Ele escutou, alerta, seu corpo todo parado.

Uma raposa, pensou — ele tinha ouvido aquele som durante a noite, um grito assustador e sufocado que arrepiou os pelos de sua nuca.

Mas as raposas eram noturnas; aquele som não vinha de um animal.

Era, ele enfim percebeu, o som de uma mulher chorando.

Victor

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Juntos, os dois homens ficaram na soleira da casa de barcos, olhando para o lago e para o barco a remo que estava virado, afundando.

Foi Peter II quem encontrou Alice. Depois da cena vergonhosa na sala — após a tentativa de fazer o garoto dar um passeio de barco com a mãe obviamente incapacitada —, Peter II saiu da casa e foi para onde dissera ao neto para encontrá-lo antes de saírem para uma caminhada e o garoto não estava lá.

A princípio, pensando que ele tinha seguido para a montanha Hunt, Peter II caminhou na direção dela por um tempo, até que a chuva começou a cair com força, momento em que um pensamento terrível lhe ocorreu.

Talvez o garoto não estivesse na trilha. Talvez no lago, com a mãe. Ele era devotado a ela; talvez tivesse notado a aflição de Alice quando tropeçara na sala lotada e o convidara para passear de barco.

— Então comecei a correr — disse Peter II a Vic Hewitt.

Sua expressão, enquanto olhava para o lago, estava imóvel. Sua formalidade não vacilaria, mesmo naquele momento.

Quando chegou à casa de barcos, a tempestade estava passando. E ali, diante dele, subindo a rampa, uma visão terrível: Alice, encharcada, histérica, gritando incompreensivelmente. Ao longe, o barco a remo, virado.

— Onde está Bear? — perguntou ele, urgente, mas ela não emitiu nenhum som que o homem pudesse entender.

Curvada sobre si mesma, como se sentisse dor física, apenas apontou na direção da água.

Ele observou a água e a praia. Exatamente como estavam fazendo naquele momento. Não tinha visto Bear.

— Fiz com que Alice se sentasse — disse Peter II. — Ordenei que ela ficasse quieta. Então mergulhei.

Ele achou que encontraria o garoto vivo, sob o casco do barco. Estava rezando por isso.

Mas quando chegou ao barco a remo e mergulhou, deparou-se com uma visão terrível: o neto, sem vida.

Suas roupas estavam presas ao tolete do remo.

— Eu o puxei para a praia — disse Peter II. — Já estava sem pulso.

Você fez respiração boca a boca?, Vic queria perguntar. *Fez a massagem cardíaca?* Era uma técnica que seu pai lhe ensinara; que seu avô ensinara ao seu pai.

Fazer essas perguntas em voz alta parecia cruel, então Victor ficou em silêncio.

Peter II também silenciou. Por um tempo, nenhum dos dois falou; Peter II pigarreou várias vezes, e Victor se virou para ele: aquele homem que conhecia desde que nascera. Peter I dissera a Vic, em seu leito de morte, que gostaria que eles se vissem como irmãos. Mas, depois de tantos anos, ele nunca sentira nem sequer um impulso simpático pelo homem, pelo menos até aquele instante.

Timidamente, Vic colocou a mão em seu ombro.

O olhar que Peter II lhe lançou — arrogante, horrorizado — fez com que ele a retirasse rapidamente.

— Alice não pode saber — disse Peter II, após uma pausa curta. — Peter está com ela, tentando acalmá-la. Mas nós dois decidimos que ela não pode saber o que aconteceu.

Vic franziu a testa.

— Onde ela está?

— Numa das construções de fazenda, acho — disse Peter II. — No antigo apartamento do seu irmão. Longe o suficiente para não ser ouvida.

Isso não parecia certo ou útil.

Mas não era, Vic sabia, o bem-estar de Alice que os preocupava. Era o deles. E o do banco.

Ter seu nome publicado nos jornais por qualquer coisa que não fosse sucesso era um anátema para os Peter. E um escândalo como aquele — a mãe de Bear, bêbada, levando o filho para passear de

barco durante uma tempestade — afetaria seus negócios e abalaria a confiança de seus clientes em todo o empreendimento. Bem, eles não deixariam isso acontecer. Isso era óbvio.

Um longo silêncio se seguiu, até que Peter II disse:

— Olhe.

Ele apontou na direção do barco a remo. Apenas um traço tênue estava visível, a costura de sua barriga branca voltada para o céu que clareava.

Juntos, os dois assistiram o barco afundar na água. Até que desapareceu.

Diante de Victor havia dois caminhos claros. Um era discordar dos Peter. Ele poderia dizer a eles que não mentiria; poderia dizer que uma mentira tão grande quanto aquela teria consequências imprevisíveis. Seu próprio pai lhe ensinara isso, quando ele estava aprendendo a guiar: na floresta, cada decisão é irreversível e, às vezes, catastrófica. Uma bússola esquecida. Uma curva errada. Um fogo aceso em desafio a uma seca. Ele poderia dizer a eles que não toleraria mentir e ir embora.

Mas com isso perderia a confiança do supervisor de sua herança. Perderia o acampamento. Seu sustento.

Se Victor estivesse decidindo apenas por si, seguiria este caminho, com certeza. Ele se tranquilizou quanto a isso. Assentindo uma vez, como se para selar o pensamento dentro dele.

Mas não estava decidindo apenas por si mesmo: havia Tessie Jo. Sua filha, que amava a terra tanto quanto ele. Cujo comportamento, aparência e jeito incomuns já atraíam olhares na cidade. Com o acampamento, seu futuro era certo: ela nunca seria obrigada a se casar, se não quisesse. Poderia viver, sem restrições, o que considerava uma vida *não convencional*.

Toda escolha estaria aberta a ela. Era isso que Vic dizia a si mesmo, enquanto dava um passo após o outro no caminho que estava diante dele: esconder a verdade sob o comando dos Van Laar.

— Como posso ajudar? — disse Victor.

Ele pensou no próprio pai, segurando uma bússola na mão, observando ela oscilar e então se acalmar.

Victor

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Juntos, eles levantaram o corpo de Bear do chão da casa de barcos e o colocaram no fundo de uma canoa vermelha. Vic ficou de guarda enquanto Peter II ia até o matadouro para trocar de lugar com o filho. Então Peter III veio, pálido, e pediu um momento a sós.

Do lado de fora da casa de barcos, Vic congelou. De dentro, vinham os sons abafados de um homem adulto chorando. Tentando não ser ouvido.

Cinco minutos se passaram. Dez. E então Peter III surgiu, com o rosto e os olhos vermelhos, encarando a paisagem, evitando o olhar de Victor.

— Faça o que deve ser feito — disse ele.

E então foi embora.

Vic empurrou a canoa para dentro do lago. Lá, sob um cobertor, estava o corpo de Bear van Laar. Ao lado, uma pá.

Ele se sentou na popa, mantendo os olhos à frente, tentando arduamente não olhar para a pequena figura que estava transportando através das águas para um repouso permanente.

Quando o fez, não foi repulsa que sentiu, ou medo, mas ternura.

Ele também amava o garoto.

Com toda delicadeza que pôde, atracou o barco na margem rochosa, no lado oposto do lago Joan. Levantou o corpinho forte de Bear do barco. Era tão estranho vê-lo parado: o garoto estava em movimento, sempre, desde que tinha aprendido a andar. À sombra de Tessie Jo, seguindo-a por todo lugar que a garota ia.

Vic pegou a pá do barco. Embalou o garoto em seus braços. Dez metros adiante na terra, ele deitou o menino em frente a uma rocha íngreme e começou a cavar.

Na Autoconfiança, sabia que os Peter fariam o anúncio aos convidados, que estariam acordando preguiçosamente de um cochilo ou erguendo os olhos dos livros que levaram quando ficou claro que a tempestade manteria todos dentro de casa.

Precisamos de ajuda, diriam eles. *Bear foi dar uma volta com o avô. Aparentemente ele se perdeu.*

Aquele tinha sido o plano criado enquanto, no andar de cima do matadouro, Alice van Laar dormia, entorpecida por uma dose de Valium que beirava a fatal.

Vic Hewitt já está patrulhando a área, diriam, caso alguém o visse na canoa.

Agora vamos chamar os bombeiros, diriam.

O rosto de Victor transparece sua dúvida.

Funcionaria, insistiram os Peter.

Com Bear debaixo da terra, Vic se despediu dele e começou o trabalho de tapar o buraco. Quando terminou, começou a se afastar — e então pensou melhor.

Ele pegou algumas pedras.

Construiu um moledro.

Ele visitaria o garoto de vez em quando. Levaria Tessie Jo, quando tivesse idade suficiente.

Por enquanto, ela não precisava saber a verdade.

Victor

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

O que ele não contava era que Tessie Jo o vira.

A ausência dela naquele dia o fez presumir que Tessie Jo estava se ocupando em algum lugar, terminando um de seus projetos em outra parte da propriedade. E ele estava feliz por isso — feliz por não ter que explicar as coisas para ela, enquanto a filha ainda era tão jovem. Haveria tempo para isso depois, pensou ele.

Mas então — depois que os bombeiros chegaram, depois que ele os persuadira a esperar até de manhã para começar a busca — Tessie Jo saiu correndo da floresta, a boca aberta, o rosto lívido e a longa trança úmida.

Ele conseguiu encurralá-la antes que a filha falasse. Conseguiu empurrá-la por um corredor.

— Tessie Jo — disse ele, quando ficaram sozinhos. — O que foi?

Ela tinha visto o barco a remo virado. Sua curiosidade a levara para o lado sul da garagem náutica. Então ouviu seu pai conversando com os Peter, ouviu o que eles queriam fazer.

Tinha visto o próprio pai remar a canoa vermelha até o outro lado do lago e também o viu retornar.

Ela sabia o que eles tinham feito.

Quando Vic pediu à filha para ficar em silêncio, para sempre, sobre o que tinha visto; para se juntar a ele e aos Peter em sua grande mentira, Tessie Jo olhou para o pai com os grandes olhos estreitados e as sobrancelhas franzidas.

A dúvida dela o deixou hesitante.

Mas uma garota daquela idade não conseguia entender o próprio futuro do jeito que ele entendia. Ela não conseguia entender quão limitadas seriam suas oportunidades se eles desafiassem os Peter e contassem a verdade.

O futuro deles dependia daquela mentira.

— Confie em mim — disse Victor.

Relutantemente, sua filha assentiu.

Victor

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Sua tarefa, durante a noite, era vigiar a sra. Van Laar, em sua residência temporária no matadouro. Era importante mantê-la separada dos outros hóspedes, disseram os Peter, até que ela se acalmasse.

Às duas da manhã, a sra. Van Laar havia, por fim, dormido novamente. Foram necessários quatro comprimidos — o máximo que o autorizaram a administrar de uma vez só.

Ele se sentou numa pequena cadeira em frente a ela, observando-a. Vic não desgostava da sra. Van Laar, embora ela nunca tivesse sido particularmente gentil com ele. Ele a achava digna de pena. Alguém que os Peter identificaram como *útil*.

Essa também era, sem dúvida, a maneira como pensavam nele. Quando não pensavam nele como um fardo.

Quando a sra. Van Laar enfim tivesse permissão para ficar consciente — no momento que os Peter considerassem seguro —, ela ficaria irreparavelmente arrasada ao descobrir o que havia acontecido naquela tarde.

O que ela tinha feito.

Toda vez que acordava — entre as doses —, a sra. Van Laar fazia a mesma pergunta, cada vez mais desesperada: "Onde está Bear?", ela perguntava repetidamente, com as palavras borradas nas bordas.

Para qualquer outra pessoa, era difícil entender o que ela estava dizendo. Mas Victor entendia: era a mesma pergunta, todo dia, sempre que o encontrava na propriedade.

— Onde está Bear? — perguntava ela pela centésima vez, e pela centésima vez Vic respondia o que lhe disseram para falar.

— Ele foi dar uma volta com o avô. Nós o encontraremos em breve.

— Mas o barco… — disse ela.

— Não havia barco. Foi um sonho.

Todas as vezes, o mesmo diálogo. Então ela se aquietava, até que:

— *Onde está Bear?*

Aquela seria a pergunta que a sra. Van Laar faria pelo resto da vida, eternamente em busca do filho. Ao esconder a verdade dela, pensou Victor — a verdade que lhe disseram que ela não conseguiria suportar, que insistiam que a enviaria para uma sepultura precoce —, os Peter estavam tirando a dor da perda e substituindo-a pela dor da incerteza.

Ele percebeu que era exatamente daquilo que estava tentando proteger a própria filha. Vic acreditava, na maioria das vezes, que tinha pouco a dar a ela sem os Van Laar. E então ele se curvara à vontade deles, dizendo a si mesmo que, ao fazer isso, ao menos estava dando à sua estranha e maravilhosa filha a certeza de um trabalho com significado. Uma renda. Liberdade do tipo de vida destinada às mulheres Van Laar ao nascer.

* * *

Ao lado dele, a sra. Van Laar gemia baixinho em seu sono. Uma fina camada de suor pontilhava sua testa. Ele abriu uma gaveta da cômoda. Tirou uma toalha de lá. Gentilmente, colocou-a sobre sua cabeça.

De manhã, ele enfrentaria uma multidão de pessoas procurando Bear.

Ele contaria a mesma história que havia contado aos bombeiros, à sua filha e a si mesmo.

Bear foi dar uma volta com o avô. Ele voltou para pegar um canivete.

E não foi visto novamente.

Alice

Década de 1950 | **1961** | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975

Cada vez que ela acordava, era recebida pelo mesmo conjunto de imagens:

Bear, abrindo a porta da casa de barcos.

E então:

O barco na água.

A tempestade se aproximando.

O céu escurecendo.

O rosto do filho sentado na proa, sorrindo de leve, a pequena testa franzida enquanto ela remava. Como ele olhou para a praia, e então para o céu, e então para sua mãe, buscando sua segurança ao primeiro estrondo do trovão.

A chuva chegou tão rápido que ela a viu se movendo em direção a eles como uma cortina, de leste a oeste pelo lago. Quando os alcançou, encheu o barco que estavam.

Ela tentou tirar a água com as mãos. Ela lutou contra a água.

O barco virou, e os dois caíram.

A borda atingiu algo duro. Uma forma humana.

Ela gritou o nome do filho.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Seis**

— Ela falará em juízo? — pergunta Hayes.

— Sim — diz Judy.

Eles estão do lado de fora de uma sala de interrogatório em Ray Brook — a mesma em que Judy conheceu Jacob Sluiter. Do outro lado do vidro espelhado, eles observam T.J. Hewitt, que está sentada imóvel como pedra, ambas as mãos na mesa diante dela.

— Sabe o que ela me contou? — pergunta Judy. — Sobre aquela vez que ouvi barulhos no andar de cima do matadouro? Ela disse que eram eles que estavam lá. Os Hewitt. Que quando fui embora, T.J. saiu com o pai da propriedade, sabendo que eu voltaria com reforços. Então, quando os policiais subiram as escadas…

— O lugar estava vazio.

— Isso.

— O que eu não entendo é por que ela escolheu este momento para confessar — diz Hayes. — Por que guardar o segredo por catorze anos e revelá-lo agora?

— Tenho uma teoria.

— Aposto que sim.

Eles se calam, observando T.J., que fecha os olhos por tanto tempo que Judy se pergunta se ela está dormindo. Então ela os abre.

— Acho que ela estava com medo de que os Van Laar estivessem prestes a incriminar mais uma pessoa inocente. Como fizeram com Carl Stoddard.

Hayes se vira para ela, franzindo a testa.

— McLellan? — diz ele. — Ela acha que McLellan é inocente?

— Não — diz Judy. — Ela acha que ele é culpado. Mas McLellan, o filho, é afilhado dos Van Laar. Ele assumirá o banco algum dia, de

acordo com a irmã, já que os Van Laar não têm um filho. E McLellan, o pai, tem muita influência sobre a família e o banco. T.J. estava com medo de que os McLellan convencessem a família de que Louise Donnadieu era a culpada.

Hayes faz uma pausa.

— Então os Hewitt se apresentaram para salvar a reputação de Louise Donnadieu?

— E de Carl Stoddard. Todos esses anos depois.

Hayes assente.

— Nunca é tarde demais, imagino — diz ele.

Juntos, eles observam enquanto T.J. Hewitt vira o rosto em direção à única janela na sala de interrogatório. É muito alta para que ela tenha alguma visão dos prédios lá fora, ou mesmo das árvores, mas ainda assim ela a procura, os olhos se movendo rapidamente. T.J. respira fundo, o rosto virado para o céu brilhante.

O que ela fará, Judy se pergunta, se os Hewitt perderem o acampamento? Se os Van Laar os expulsarem, como sem dúvida farão, rompendo o tênue fio que se estendeu por décadas entre os Hewitt e o primeiro Peter?

E ela mesma responde à sua pergunta: eles vão ficar bem. Os Hewitt — como Judy, como Louise Donnadieu, até como Denny Hayes — não dependem de ninguém além deles mesmos.

São os Van Laar, e famílias como aquela, que sempre dependeram dos outros.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Seis**

Tecnicamente, seu turno acabou. Mas como não precisa mais dar satisfações aos pais toda noite, Judy pode ficar o tempo que quiser. Até que seu trabalho de fato termine.

Hayes, por outro lado, precisa voltar para casa e para a família.

Antes de ir embora, ele dá um tapinha no ombro dela.

— Bom trabalho — diz ele. — Estou falando sério.

Após o depoimento dos Hewitt sobre os Van Laar, o investigador Goldman deu início ao processo para obter mandados de prisão para ambos os Van Laar — Peter II e Peter III — e também para o velho John Paul McLellan, sob acusações de conspiração criminosa por mentir para a polícia no afogamento de Bear van Laar em 1961. Vic Hewitt também pode ser formalmente acusado; mas, dado o seu estado de saúde, é improvável que cumpra pena.

Logo mais à noite, numa coletiva de imprensa, o capitão LaRochelle anunciará a descoberta do corpo de Bear van Laar. Ele também anunciará que o caso foi reaberto, e que mais informações serão disponibilizadas ao público assim que puder divulgá-las.

Judy suspeita que em pouco mais de uma semana o nome de Carl Stoddard será limpo publicamente; e sua esposa, Maryanne, poderá enfim parar de assombrar a Reserva Van Laar procurando evidências para restaurar a inocência do marido.

Os Van Laar, por outro lado, finalmente sofrerão as consequências de suas ações.

Todos esses acontecimentos deveriam, em teoria, fazê-la se sentir em paz.

Mas, em vez disso, a sensação que Judy tem é de que há mais trabalho a ser feito — outro caso inteiro a ser resolvido.

Porque Barbara van Laar — ou o corpo de Barbara van Laar — ainda não foi encontrado.

No estacionamento em Ray Brook, ela entra em seu Fusca. Dirige para o sul, em direção a Shattuck. Ela tem raciocinado melhor em seu carro.

A conclusão mais lógica, pensa ela, é que Barbara foi morta por John Paul McLellan. Todas as evidências apontam nessa direção: o uniforme ensanguentado, a mais condenável das provas; mas também o mural, as referências que Barbara fez a um "namorado mais velho"; suas excursões noturnas até a montanha Hunt, as impressões digitais retiradas de garrafas de cerveja que indicam que John Paul estava morando lá há algum tempo.

Dadas todas essas evidências, Judy sente que deveria ter mais certeza da culpa de John Paul.

Mas tem algo errado.

Mais do que isso: sem encontrar Barbara — viva ou não —, eles ainda não podem fazer uma prisão. E isso significa que John Paul McLellan ficará livre.

Ela analisa sem parar as peças do quebra-cabeça, desejando que uma última peça se encaixe.

Mas não encaixa.

Por um tempo, Judy dirige em silêncio, até que seu estômago ronca tão alto que ela dá uma risada.

Na noite anterior, Judy jantou no único restaurante de Shattuck, que mais parecia um bar.

No final da saída da estrada, ela aperta os olhos na escuridão, procurando pela placa.

Lá está: *Driscoll's*.

Judy, ainda com o mesmo traje amassado de um longo dia de trabalho, vira à direita, e depois à direita novamente, na entrada do Driscoll's Pub.

Louise

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Seis**

— Ponha uma camisa — diz Louise. — Uma camisa de verdade.

Com isso ela quer dizer uma camisa com gola. Seu irmãozinho está usando a mesma camiseta do Led Zeppelin, puída de tanto uso, há um ano.

— Eu não tenho — diz Jesse.

Então ela dá a ele a própria camiseta: uma polo branca do Acampamento Emerson, unissex o suficiente para que ele não sinta vergonha.

— Vamos sair para jantar — diz Louise.

No Driscoll's, o ar é enfumaçado e a atmosfera é de abandono.

Vários homens que Louise reconhece vagamente jogam sinuca no meio de uma sala lateral. O salão do restaurante, onde Louise e Jesse estão sentados, está vazio, exceto por uma mulher que ocupa um assento no balcão.

Louise entrega um cardápio a Jesse.

— Peça o que quiser — diz ela.

Jesse a observa.

— Louise, você sabe que eu estou bem, né?

— O que quer dizer com isso?

Ele olha para baixo. Toca cada canto do menu. Mexendo nele.

A garçonete — Connie Driscoll, com oitenta anos, no mínimo — vem anotar os pedidos.

— Peça um bife se quiser — diz Louise.

Jesse pede hambúrguer e batatas fritas.

— Eu quero o bife, por favor, sra. Driscoll — diz Louise. — Mal passado. Obrigada.

Connie Driscoll desaparece na cozinha, seus passos soando baixinho no carpete que cobre o chão.

Jesse e Louise ficam em silêncio.

— O que você estava dizendo? — diz Louise. — Sobre estar bem?

— Ah, sei lá — diz Jesse. — Só sei que você se preocupa comigo. Mas, na verdade, estou bem. A mamãe é um caso sério, mas tenho amigos que cuidam de mim. E metade dos professores da minha escola. Eles gostavam de você e cuidam de mim por isso.

Contra sua vontade, Louise sorri.

— De nada — diz ela.

— Não, estou falando sério — fala Jesse. — Estou bem. Tenho quase doze anos. Posso me cuidar.

— Ah, Jesse, dá um tempo — diz Louise.

— Bom, então deixe a mamãe cuidar de mim para variar — diz ele. — Não precisa ser sempre você.

Louise olha para baixo. Não quer dar a notícia a ele: a mãe nunca cuidará dele. Não do mesmo jeito que Louise. Ninguém cuidará.

— Eu me preocupo com você também, sabia? — diz Jesse. — Se você cuidasse um pouco melhor de si mesma, isso seria bom para mim. Se realmente quiser ajudar, quero dizer.

— Cuidar de mim como?

Connie Driscoll retorna com um drink Shirley Temple para Louise. Uma Coca-Cola para Jesse.

— Por conta da casa — diz ela.

Ele toma um gole.

— Tipo namorando caras mais legais. Para início de conversa. Ou nenhum cara — diz ele, como uma reflexão tardia.

Louise assente. É doloroso ouvir isso, mas é verdade. Quando, ela se pergunta, Jesse se tornou a pessoa que está diante dela? Em sua mente, ela vê a versão de seu irmão ainda pequeno, a criança que, quando se cansava, se deitava sobre ela e colocava dois de seus próprios dedos na boca. O tempo, pensa Louise, se move de forma diferente em Shattuck do que na Reserva.

— E também — diz Jesse — arranjar outro emprego.

— Como o quê?

— Não sei, Lou. Você é muito inteligente. Pode fazer o que quiser. Pode voltar para Union.

— Com o dinheiro de quem? — pergunta Louise.

— Não sei. Pegue emprestado de um banco. Não é isso que as pessoas fazem?

Parece exaustivo. Ela se sente como se estivesse na base de uma montanha, olhando para cima.

Mas ela já escalou outras montanhas. Ela até já escalou montanhas correndo.

Eles comem num silêncio confortável, ouvindo o barulho das bolas de sinuca e a música melodiosa que sai dos alto-falantes.

Connie Driscoll pergunta se eles gostariam de mais alguma coisa, e Louise pede sobremesa. Por que não? Ela tem o suficiente guardado em sua conta bancária para sustentar a si mesma e a Jesse por um tempo.

Nesta noite, pensa, ela está dando um tempo das preocupações — um pequeno descanso enquanto aguarda sua audiência.

Alguém coloca uma moeda de cinco centavos no jukebox, e a música muda. The Everly Brothers, cantando sobre sonhos. Então, sob suas harmonias hipnóticas, Louise ouve o rangido de um banco sendo empurrado para trás. A mulher solitária que estava sentada ali se levanta e pega sua carteira.

Quando ela se vira, Louise vê que a mulher parece familiar, mas não consegue identificá-la. Está usando um terno meio manchado. O cabelo é curto. Ela aparenta ser jovem: da idade de Louise ou poucos anos mais velha.

Também parece, se não bêbada, ao menos como se tivesse colocado duas cervejas num corpo que não está acostumado ao álcool.

Louise sabe, antes de ouvir, o que a mulher vai dizer.

— Com licença?

Mas quando Louise se vira, a mulher não está olhando para ela, mas para Jesse.

— Você frequenta o Acampamento Emerson? — diz a mulher.

Ela está estendendo um dedo na direção de Jesse, apontando para sua camisa polo, que traz o logotipo verde do acampamento.

Jesse repentinamente assustado.

— Não — diz Louise, levantando-se, ficando de pé na frente dele. — Ele não. Mas eu sou monitora lá.

A mulher vira o olhar para Louise.

— Eu me lembro de você — diz ela.

Tracy

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Seis**

Tracy encosta a cabeça na janela do Stutz Blackhawk. O carro do pai dela é o primeiro em que ela anda que tem ar-condicionado. Ele teve um Chevy por muitos anos, uma picape prática de quatro portas que também era forte o suficiente para rebocar um trailer para cavalos.

Ela sente falta do Chevy. Mais do que isso, sente falta da versão do pai que dirigia o Chevy.

A casa em Hempstead está exatamente como Tracy a deixou no começo do verão. Portão da frente prateado, gramado de grama sintética, flores artificiais em floreiras de plástico abaixo de cada uma das duas janelas da frente.

E a mãe dela — a mãe dela está sentada nos degraus da frente, de cabeça erguida, esperando os dois chegarem.

O Blackhawk para bruscamente na entrada da garagem, e Molly Jewell se levanta.

Tracy salta do carro e corre até sua mãe — sua mãe gentil e engraçada, que sempre foi exatamente ela mesma, que não faz tentativa alguma de ser alguém ou algo que não é.

Num sobressalto, Tracy percebe quem ela lembra.

— Ah, Tracy — diz sua mãe. — Sinto muito por sua amiga. Parece que ela era importante para você.

— Sim — diz Tracy.

Como, Tracy se pergunta, ela explicará para a mãe o quanto sua vida mudou por causa de uma pessoa com quem conviveu por dois meses?

O pai dela, depois de descarregar o carro, dá um pigarro desajeitado.

— Bom ver você, Molly — diz ele.

A mãe só assente.

Ele abraça Tracy e vai embora, deixando as duas paradas na entrada da garagem com as malas que trouxe do Acampamento Emerson. É assim, ela entende, que as coisas serão pelo restante de sua adolescência: as duas juntas. As duas sozinhas.

Ela verá o pai novamente em seu casamento com Donna Romano, e nos feriados em que, para cada um dos três anos seguintes, um novo meio-irmão bebê surgirá. Ela puxará assunto. Será educada. Mas eles não serão sua família, não mais. A única família que lhe resta está ao seu lado.

— Mãe — diz Tracy. — Você já ouviu falar de música punk?

— Não — responde a mãe. — Me conta mais sobre isso?

O céu de Hempstead está escurecendo. Tracy pensa em Barbara van Laar. Imagina se ela está viva, se está vendo o mesmo céu, quase quinhentos quilômetros ao norte.

Ela imagina os braços fortes de Barbara, a cabeça firme com queixo levantado, sua habilidade na água e na floresta. Ela imagina Barbara como ela estava na Viagem de Sobrevivência: construindo uma barraca, acendendo uma fogueira, levando comida para eles. Mantendo todos vivos.

E ela sabe — ou acredita, pelo menos — que Barbara ainda está no mundo.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975 | **Setembro de 1975**

Em seu Fusca, Judy entra na garagem da casa de seus pais em Schenectady. Ela permanece sentada por um momento, se preparando.

É sábado, e ela sabe exatamente o que eles estão fazendo: a mãe está passando aspirador enquanto o pai tira o pó. Os irmãos estão trocando lâmpadas ou fazendo outras tarefas estranhas que seus pais pediram. É o que eles fazem todo sábado desde que ela consegue se lembrar. Durante anos, trabalhou ao lado deles, dobrando roupa, arrumando camas. Só que neste sábado, Judy é, pela primeira vez, uma visita.

Faz um mês que ela tirou todas as suas coisas de seu quarto de infância e as levou para um pequeno apartamento alugado a alguns quilômetros da sede em Ray Brook. Não teve ajuda para isso; quando chegou para fazer a mudança, seu pai assentiu uma vez em sua direção e então saiu de casa.

Ela sai do carro. Fecha a porta. O barulho faz com que seu irmão Leonard vá até a porta.

Ao vê-la, ele grita para dentro da casa.

— Mãe.

Judy entra na casa, e Leonard a abraça.

O som do aspirador, cessando.

— O que é? — diz sua mãe.

Leonard sorri.

— A Primeira da Nação retornou.

Dez minutos depois, todos os Luptack estão sentados à mesa da cozinha. A mãe dela preparou o chá. O pai, o último a se sentar, mexe o açúcar na xícara e limpa a garganta. Todos ficam em silêncio, até Leonard dizer:

— Vimos seu nome no jornal de novo.

Judy olha para cima.

— É mesmo?

Leonard assente. Levanta-se da mesa. Retorna com um papel nas mãos: outro artigo recortado do *Times Union*.

Ela o pega de suas mãos e lê.

Van Laar indiciados, diz a manchete. Abaixo dela, um subtítulo: *Suspeito original inocentado postumamente*.

A história continua.

Alice van Laar, que sem dúvida teria sido acusada originalmente de homicídio culposo na morte de seu filho, ficará livre: o crime prescreveu.

Mas Peter II e Peter III serão acusados de conspiração criminosa para obstruir a justiça. As mentiras contínuas para a polícia sobre o destino de Bear — incluindo as feitas após o desaparecimento de Barbara — tornam a acusação oportuna.

No momento, eles estão soltos sob fiança, aguardando julgamento. O advogado deles, observa o jornalista, não será mais John Paul McLellan.

Uma imagem acompanha o artigo.

Nela, a família Stoddard — Maryanne, as três filhas, os genros e os netos — estão juntos, posando formalmente em frente a uma casa elegante em Shattuck, com os rostos solenes e a postura aprumada.

Justiça restaurada, diz a legenda.

Judy devolve o artigo ao irmão, que o entrega ao pai, que por sua vez o dobra nos vincos originais e o guarda no bolso da camisa.

— Você viu seu nome? — diz o pai. — Está logo ali no segundo parágrafo.

Judy sorri.

— Eu vi.

— Eu sempre soube que a família era culpada — diz o pai de Judy. — Desde a época em que aconteceu. Todos sabiam que eles tinham algo a ver com isso. Só não sabíamos exatamente como.

A mãe de Judy, que se mantém em silêncio o tempo todo, de repente pega a xícara da filha. Serve mais chá para ela. Judy é uma visita na casa deles, uma convidada. A percepção faz Judy se sentir orgulhosa e triste ao mesmo tempo.

— E a garota? Barbara — diz Leonard. — Alguma pista?

Sim. Mas ela não pode contar à família — ainda não — e então outra cortina é puxada entre eles.

— Nada substancial — responde Judy.

No caminho de volta para Ray Brook, Judy observa os pinheiros se tornando mais altos e densos. Ela chega à sua saída, vira na 73. Sobe a estrada em seu Fusca.

No carro, ela deixa sua mente vagar novamente para os acontecimentos mais recentes sobre o desaparecimento de Barbara van Laar.

O mais interessante: Annabel Southworth — a monitora em treinamento de Louise — se apresentou com uma confissão. Ela estava com John Paul McLellan na noite do desaparecimento de Barbara van Laar: uma vez às dez da noite, durante o baile; e novamente nas primeiras horas da manhã. Ela lhe deu um álibi; seus pais, Katherine e Howard, comprovaram sua história. As duas famílias — os Southworth e McLellan, ambos bons amigos dos Van Laar — apoiam o novo relacionamento, apesar da pouca idade de Annabel.

Eles são muito compatíveis, disse Katherine Southworth, em seu depoimento assinado.

As outras acusações que tinham contra John Paul — dirigir embriagado e posse criminosa de substância ilícita — foram resolvidas. As roupas ensanguentadas, que John Paul afirma terem sido plantadas, não são admissíveis como evidência sem uma acusação. Ele não cumprirá pena de prisão; em vez disso, foi

condenado a realizar cem horas de serviço comunitário por um juiz que parecia, para Judy, particularmente íntimo do pai de John Paul.

Judy não se surpreende com nada disso: fica apenas um pouco decepcionada com o resultado.

Mas desde então surgiu algo novo. Embora eles não possam acusar John Paul McLellan de nada relacionado ao desaparecimento de Barbara van Laar, poderão acusá-lo de outra coisa: lesão corporal grave.

A vítima: Louise Donnadieu.

Depois de algumas conversas com Judy, Louise concordou em prestar queixa. Melhor ainda: várias pessoas concordaram em testemunhar em favor de Louise. Judy fez o trabalho de rastrear as testemunhas que estavam na república de John Paul, perto do Union College, na noite do ataque: seu colega de quarto, Steven, e as três garotas que Steven nomeou como convidadas naquela ocasião.

Ela pensa nos garotos com quem estudou no Ensino Médio. Nas garotas também. Elas teriam sido tão corajosas? Judy não tem certeza. Mas estamos em 1975, diz ela a si mesma. O mundo mudou.

— Então, qual é a sua teoria? — perguntou seu irmão, na mesa da cozinha. — Se você não pode nos dar novas informações, diga para a gente qual é o seu palpite.

— Sobre o quê?

— Barbara van Laar — disse o irmão, e à sua direita sua mãe fez o sinal da cruz.

— *Aquela pobre criança* — murmurou baixinho.

Judy olhou pela janela.

— Para te dizer a verdade, acho que ela está bem — disse Judy.

Leonard franziu a testa.

— Como você sabe?

— Não sei. É só um pressentimento — disse Judy.

Na noite em que encontrou Louise Donnadieu no Driscoll's Pub, Louise disse uma coisa que ecoou na mente de Judy por semanas.

Por capricho, Judy perguntou a Louise sobre T.J. Hewitt. Porque, apesar de sua crença na inocência de T.J., ela nunca conseguiu esquecer a história que o garoto — Christopher — lhe contara.

Por que razão, pensou Judy, Barbara ia para a barraca de T.J. Hewitt à noite? O que ela estaria fazendo lá, além de algo… inapropriado?

E assim, com duas cervejas na barriga e boa parte de sua inibição diminuída, ela levou essa ideia para Louise Donnadieu, obviamente se certificando de que o irmão dela não as estivessem ouvindo.

Louise riu.

— O quê? — disse Judy.

— Não tem como — disse Louise.

— Por quê?

— Muitas pessoas acham T.J. estranha — disse Louise —, mas ela é inofensiva. Ela é mais do que inofensiva. É uma boa pessoa. Tudo o que quer fazer é caçar, pescar e ficar sozinha. A família dela tem um lugar numa ilha ao norte. Acho que ela se mudaria para lá hoje mesmo se pudesse.

Louise fez sinal para o barman. Pediu uma cerveja para si mesma.

— Ela só precisa juntar um dinheiro para isso — disse Louise.

Judy a observou.

— Onde exatamente? — perguntou.

Louise franziu a testa.

— Onde o quê?

— Fica a ilha. A casa.

— Ah, não sei o nome — respondeu Louise. — Mas ela tem um mapa na parede do Chalé da Diretoria. Da última vez que olhei, havia um alfinete com a localização do chalé.

Ela bebeu novamente.

E então, devagar, olhou para Judy. Percebendo.

* * *

Seria um grande passo na carreira de Judy. Encontrar Barbara van Laar — encontrá-la *viva* — significaria uma promoção. Talvez duas. Isso a colocaria no caminho do sucesso. E resolveria a questão que paira sobre sua cabeça desde que começou seu trabalho como investigadora, aquela que todo investigador homem que ela conheceu pensou ao vê-la. As mulheres servem para esse tipo de trabalho?

O capitão LaRochelle, ela sabe, encontraria Barbara se pudesse. Todo investigador o faria — mas nenhum deles levaria em conta as preferências ou a segurança de Barbara.

Eles sacrificariam o bem-estar de Barbara para melhorar a própria vida.

De fato, foi isso que o capitão LaRochelle fez, de certa forma, quando Bear van Laar desapareceu e quando Carl Stoddard se tornou um suspeito conveniente: ele deixou Stoddard, sem voz na morte, assumir a culpa, e aceitou a promoção que veio com o caso encerrado.

Judy discorda de muitas coisas que seus pais lhe ensinaram, mas há uma coisa pela qual ela os respeita: sua crença em colocar os outros na frente de si mesmos.

Se Barbara van Laar escolheu se esconder na floresta, por vontade própria — se ela está segura, protegida, alimentada e se é autossuficiente —, quem é Judy para obrigá-la a voltar ao mundo que abandonou?

Ainda assim, ela quer ter certeza de que sua teoria está correta.

E então, de seu pequeno apartamento em Ray Brook, Judy faz planos: ela voltará para a Reserva Van Laar, voltará para o Chalé da Diretoria onde passou tantas horas. Seu palpite é que o lugar estará abandonado; os Hewitt, por fim, cortaram os laços com os Van Laar. Ela abrirá a porta, que nunca teve fechadura.

Judy rezará para que o mapa ainda esteja pregado na parede.

Se estiver, ela anotará o local marcado por uma tachinha ou furo: a localização da cabana da família Hewitt, bem ao norte, no meio dos High Peaks das Adirondacks.

Barbara

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975: **Dia Um**

A cama está vazia.

Ao luar, na soleira do chalé chamado Bálsamo, Barbara van Laar dá uma última olhada para trás, dizendo adeus mentalmente a Tracy, às suas companheiras, ao Acampamento Emerson.

Ela está saindo mais tarde do que havia combinado com T.J., que deve estar andando de um lado para o outro em seu chalé, zumbindo de nervoso. Mas as monitoras de Barbara ficaram fora muito mais tempo do que havia previsto; ela teve que esperar que as duas retornassem, uma após a outra, e então esperar um pouco mais, até que o som de seus movimentos se acalmasse, até que o som de suas respirações se estabilizasse.

Então Barbara se levanta o mais silenciosamente possível, e vai na ponta dos pés até a porta.

A bolsa. Ela esqueceu a bolsa que trouxera da casa — aquela que quase a entregara.

O que tem aí?, Tracy perguntara na semana anterior, e ela fingiu não entender.

Lá fora, o ar está fresco, a lua tão brilhante que ela não precisa usar a lanterna.

Suas outras coisas a aguardam na cabana de T.J.: uma mochila carregada de comida fresca que deve ser suficiente por ao menos uma semana, roupas quentes e suas botas, que ela calçará o mais rápido que puder.

Dito e feito: quando pisa no alpendre do Chalé da Diretoria, a porta se abre de imediato. T.J. verifica o relógio de pulso. São quase

três da manhã, diz ela; quase não dá mais tempo.

— Esperamos mais um dia? — pergunta Barbara, mas T.J. balança a cabeça rapidamente.

Aquela é a última noite da festa na colina. É hoje — enquanto a propriedade está cheia de convidados — ou nunca.

E *nunca* significa ser enviada para Élan no outono. *Nunca* significa não ver T.J. ou Vic — sua verdadeira família — por anos.

* * *

Em silêncio, elas vão até a caminhonete de T.J., que já está com uma canoa amarrada ao teto. Tão silenciosamente quanto possível, as duas fecham as portas. Então T.J. liga a caminhonete e elas sobem a colina, passando pela Autoconfiança à direita, passando pelo estacionamento cheio de carros.

— Você conseguiu entrar? — pergunta Barbara, apontando para o Trans Am azul de John Paul McLellan.

T.J. assente.

— As roupas estão no porta-malas — diz ela. — Ele não as verá. Mas a polícia as encontrará quando revistar o carro.

— Por que eles vão revistá-lo?

A diretora sorri.

— Não foi só isso que coloquei no carro — fala ela. — Quando ele for preso, a polícia terá motivos para fazer uma busca.

Quando chegam à estrada, elas ainda viajam por mais uma hora. T.J. dirige o mais rápido que consegue sem arriscar chamar a atenção da polícia: exatamente catorze quilômetros acima do limite de velocidade. Enquanto dirige, ela olha para o céu, que está clareando a cada minuto que passa.

No caminho, T.J. a interroga.

O que você faz com a água?, pergunta ela.

Faço uma fogueira. Fervo. Misturo iodo.

O que você faz se ficar doente?

Uso o guia médico que você colocou na prateleira. Procuro remédios no armário.

As mesmas instruções que elas têm repetido, noite após noite, nas sessões de treinamento que T.J. tem dado a Barbara durante todo o verão. Preparação para a vida na floresta — não para sempre. Só até ela completar dezoito anos — quando terá permissão legal para tomar as próprias decisões.

Então, Barbara poderá fazer o que quiser, sem medo de seus pais imporem regras. Ou punições.

Se em algum momento ela mudar de ideia, tudo o que tem que fazer é aparecer. A decisão é toda de Barbara, diz T.J.

Barbara olha para T.J., observando os contornos de seu perfil, o rosto gentil. Quando Barbara era bebê, uma criança pequena, era T.J. quem mais cuidava dela. T.J. quem a ajudava e a ensinava. A palavra *maternal* não se aplica a T.J. Hewitt, e ainda assim T.J. é a única mãe que Barbara já teve. A dela, embora viva, tem sido inalcançável por toda a vida da garota. Uma concha ambulante.

— Coloquei chá na sua mochila — diz T.J. — Do tipo que você gosta. Um pouco de chocolate também, como uma guloseima noturna.

Então:

— Você terá leitura o suficiente?

Barbara assente.

— Sim — diz ela. — E eu vou escrever se ficar sem coisas para ler.

— Vou te visitar em breve — diz T.J. — Em um mês ou dois. Só preciso ter certeza de que não estarão me seguindo.

Ela olha para Barbara e dá um tapinha em seu joelho.

— Sei que você consegue se virar até lá.

— Eu consigo — diz Barbara, tranquilizando T.J. e a si mesma.

Mas, na verdade, ela se sente pronta. T.J. a preparou. Todo o treinamento, todas as noites, todos os preparativos que fizeram.

A única coisa de que ela sentirá falta é de música: isso, ela teve que deixar para trás.

Ambas caem em silêncio outra vez. E então, pouco antes do sol nascer, T.J. sai da estrada.

Dois faróis iluminam o caminho enquanto elas tiram a canoa do teto e a transportam por cerca de um quilômetro pela floresta.

T.J., Barbara sabe, está ficando ansiosa: todo o plano irá por água abaixo se ela não voltar para o Acampamento Emerson antes que o restante da equipe acorde. Então Barbara acelera o passo, apesar de seus pulmões estarem queimando, apesar do peso da mochila que carrega.

— Estamos quase lá — diz T.J., repetidamente.

O sol surge no horizonte enquanto as duas remam em silêncio pelo lago, em direção a uma ilha no meio. Conforme se aproximam, Barbara consegue ver — um pouco além da linha das árvores — a superfície plana de uma estrutura feita pelo homem.

— Lembre-se de que há veados por aqui — diz T.J., saindo da popa da canoa e indo para a praia. — Você pode caçar veados. Tem duas armas na casa e muitas balas.

Barbara tem um lampejo repentino de sua mãe seguindo-a pela casa como um fantasma e dizendo para ela não comer tanto. Com T.J. era o contrário, durante toda a sua vida ela a alimentara em todas as oportunidades que teve — até mesmo indo à escola de Barbara de vez em quando para entregar pessoalmente casacos, roupas e guloseimas que ela sabia que Barbara gostava.

Para isso, ela entrava e saía furtivamente pela janela.

Isso nunca tinha sido um problema, até a única vez em que foi vista de relance pela inspetora, e Barbara — nervosa, em pânico — disse que T.J. era um rapaz.

A partir daí, as coisas deram muito errado.

— Eu vou lembrar — diz Barbara. — Vou lembrar de tudo o que você me ensinou.

Elas chegam ao seu destino. Por um momento, as duas se entreolham.

— Vá — diz Barbara.

— Você vai ficar bem — diz T.J.

— Eu vou ficar bem — fala a garota.

Barbara está na costa da ilha, observando T.J. se afastar em sua canoa. Ela espera até não conseguir mais ouvir o mergulho do remo no lago, até T.J. desaparecer na floresta do outro lado, virando-se com um último aceno antes de sumir de vista.

Barbara fecha os olhos. Ela escuta, esperando por um sinal: e um tordo-eremita responde com sua bela canção.

Caminha até a cabana que os Hewitt construíram muitas gerações antes. Lá dentro é fresco e sombrio, e o lugar está abastecido com os suprimentos que T.J. vem transportando há meses, em antecipação à sua estadia.

Tem algo novo em um canto: um violão. Um livro de um curso para iniciantes. Uma maneira, Barbara percebe, de fazer a própria música.

Ela coloca a mochila pesada no chão, agradecida. No topo está a bolsa que ela pegara na Autoconfiança.

Barbara abre e tira o único objeto não essencial que se permitiu transportar: uma foto emoldurada de seu irmão, Bear.

Ali também será um lar para ele.

Ela coloca a foto na mesa rústica na qual fará suas refeições.

Você está seguro aqui, diz ao irmão, em sua mente.

Judyta

Década de 1950 | 1961 | Inverno de 1973 | Junho de 1975 | Julho de 1975 | Agosto de 1975 | **Setembro de 1975**

Na beira de um lago a oitenta quilômetros ao norte da Reserva Van Laar, Judy Luptack está de pé, com as mãos na cintura, olhando com atenção uma ilha ao longe. Ela não levou nenhum barco.

Ela está tentando estimar a distância entre a costa e a ilha. Oitocentos metros; talvez um pouco mais. Ela nunca foi uma boa nadadora, mas tira os sapatos e mergulha um dedo do pé mesmo assim, testando a temperatura.

Está congelante. Por um momento, Judy repensa sua decisão. Ela não tem evidências de que encontrará alguma coisa do outro lado. É sábado. Seu dia de folga. Ela poderia ir para casa, voltar para o seu apartamento alugado em Ray Brook; poderia ir ao mercado e comprar comida para o jantar. Ela já está aprendendo os nomes das pessoas na cidade. Ela poderia fazer o que quisesse. Em vez disso — puxada por um palpite do qual não consegue se livrar desde que falou com Louise Donnadieu —, ela tira a roupa e fica de maiô. E mergulha na água fria.

Ela não tem ideia de quanto tempo vai nadar. *Sempre é possível boiar*, diz a si mesma. *Se você se cansar, é só boiar*.

Enquanto nada, ela pensa. Se sua teoria estiver correta — *se* estiver correta, o que ainda precisa ser provado —, ela entende a lógica em cada passo: o uniforme ensanguentado que resultou no que Christopher Muldauer descreveu como o *acidente de Barbara* na Viagem de Sobrevivência. A percepção repentina, para T.J. e Barbara, de como aquilo seria útil. Plantar aquelas roupas no porta-malas de John Paul McLellan serviria a um propósito duplo: não apenas tiraria

os investigadores do rastro de onde Barbara realmente tinha ido —, mas funcionaria como uma forma elegante de justiça. Justiça para Louise Donnadieu, que, ferida por John Paul, ficou na companhia de T.J. depois de procurar abrigo no acampamento. Justiça para Carl Stoddard, que foi incriminado após a morte por duas famílias — os McLellan, os Van Laar — que desejavam preservar suas reputações. Evitar um escândalo, às custas de um homem inocente. Justiça, também, para o próprio pai de T.J. Hewitt, que havia entrado no tipo de acordo que ia contra seu conjunto de ética. Que o reduziu a algo do mesmo nível que os próprios Van Laar.

Com duas ações simples — revelar a verdade sobre Bear e ajudar Barbara a se esconder —, os Hewitt se redimiram. Eles refizeram seus passos até a última curva errada e tomaram um caminho diferente.

É difícil saber quanto tempo se passou desde que Judy deixou a margem oposta. Às vezes, ela segue o próprio conselho e boia, olhando direto para o céu azul de setembro. Ela fecha os olhos. E se deixa embalar pela água. Então continua.

Em algum momento, a costa à sua frente está mais perto do que a costa atrás dela. Ela para, avança na água. Se apertar os olhos, acha que consegue ver um rastro de fumaça subindo para o céu, como se fosse de uma chaminé.

Por fim, ela chega à terra firme. E, à curta distância, vê uma figura espiando por trás de uma árvore.

Barbara van Laar.

Judy a reconheceria em qualquer lugar, embora nunca a tivesse visto pessoalmente.

Da água, Judy levanta a mão no ar, timidamente. Barbara não sabe quem Judy é; ela já estava longe muito antes da polícia chegar ao local. Judy tem a sensação de olhar através de um espelho unidirecional, sabendo muito mais sobre Barbara do que Barbara compreende. Em seu traje de banho, tremendo de frio, Judy deve

parecer um pouco ridícula, amadora: uma andarilha ou campista especialmente aventureira, que não esperava ser vista.

Em frente a ela, Barbara está parada, com as duas mãos ao lado do corpo.

— Você está bem? — pergunta Judy.

— Sim — diz Barbara. — E você?

Judy assente.

— Quer que eu deixe você em paz? — diz Judy.

Por um instante, Barbara hesita.

Então responde, com firmeza:

— Sim.

O nado de volta parece mais longo e lento do que o nado de ida. Judy está com tanto frio que seus dentes batem. Ainda assim, quinze metros depois, ela para e se vira para a ilha para dar uma última olhada.

Lá está ela: Barbara van Laar, de pé, coluna reta e forte. Em casa, em seu corpo, em casa na floresta. Ela tem algo de imortal, pensa Judy: um espírito, uma aparição, mais deusa do que criança.

Judy continua nadando até que, por fim, chega à margem oposta.

Quando olha de volta para a ilha, vê apenas os pinheiros, fechados como uma cortina ao redor da garota.

Agradecimentos

Agradeço a Bob e Kelly Nessle, Kevin Gagan, Kevin Hynes, Kathleen Bower, Anna Serotta, Jean Dommermuth, Max O'Keefe, Rebecca Moore e Steve Williams, por me concederem entrevistas sobre vários assuntos que melhoraram a escrita deste romance. Toda a ficcionalização dos fatos (processuais, médicos, legais, geográficos) é inteiramente minha.

Agradeço aos autores das seguintes publicações, que forneceram informações inestimáveis enquanto eu escrevia: *Woodswoman*, de Anne LaBastille; *Lost Person Behavior*, de Robert J. Koester; *Autoconfiança*, de Ralph Waldo Emerson; *Walden*, de Henry David Thoreau; a revista *Creem*; *Adventures in the Wilderness, or Camp-Life in the Adirondacks*, de William Murray; *Adirondack Album*, volume 2, de Barney Fowler; *Adirondack Explorations: Nature Writings of Verplanck Colvin*, editado por Paul Schaefer; e *At the Mercy of the Mountains*, de Peter Bronski.

Agradeço a Seth Fishman, Rebecca Gardner e à equipe da Gernert; a Sarah McGrath, Alison Fairbrother e à equipe da Riverhead; e a Sylvie Rabineau, Hilary Zaitz Michael e à equipe da WME, por sua orientação profissional e também por sua amizade.

Agradeço a Don Lee, Cara Blue Adams, Jena Osman, Pattie McCarthy, Rich Deeg, a falecida dra. JoAnne Epps e todos os meus colegas e alunos do programa de mestrado em belas artes da Temple University.

Agradeço a Alex Gilvarry, Mac Casey, Christine Parkhurst, Stephen Moore e Rebecca Moore por lerem e discutirem as primeiras versões deste romance.

Agradeço a Murph Casey, Mike Casey, Kelly O'Hara, Abby Bailey, Sarah Lanzone, Jessica Geller, Maggie Casey, Adriana Gomez-Juckett, Asali Solomon, Jessica Soffer, Kiley Reid, Alexandra Kleeman, Scott

Cheshire, Christy Davids, Crossley Simmons e The Claw pelo apoio moral, pela amizade, pelo cuidado com as crianças e pelas muitas longas conversas.

Agradeço aos ancestrais daqueles que fizeram das montanhas Adirondack um lar, sobretudo Cheryl e Gerald Parkhurst.

Agradeço a Mac, Annie e Jack, por me lembrarem por que escrevo e também por me darem a melhor razão do mundo para não escrever o tempo todo. Amo vocês.



© MAGGIE CASEY

LIZ MOORE é a autora de *Longo e claro rio*, best-seller do *New York Times*, romance que foi escolhido pelo Good Morning America Book Club e incluído na lista de livros favoritos de Barack Obama em 2020. Também escreveu os aclamados romances *Heft* e *The Unseen World*. Vencedora do Rome Prize em literatura, ela mora na Filadélfia, Estados Unidos.